

~~2811766240~~

G869.8 D5413 C2 1891
LAC



THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF TEXAS

G869.8
D5413
C2
1891



BRASILIA
BIBLIOTHECA

DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES ANTIGOS E MODERNOS

A. GONÇALVES DIAS

I

DO MESMO AUTOR

OBRAS POSTHUMAS

Precedidas de uma noticia da sua e obras pelo Dr Antonio Henriques Leal. 6 vol.
in-4º enc. 16#000, br..... 10#000

PARNASO BRAZILEIRO

Comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556, época em que foi representado o **Auto de S. Lourenço**, do padre Anchieta, até 1880, pelo Dr Mello Moraes. 2 grossos v. in-8º enc. 10#000, br..... 8#000

O Parnaso brasileiro é sem contestação, a mais completa e notavel collectanea poetica, que até hoje tem sido publicada, e que, abrangendo o largo periodo de 1556 a 1880, apresenta á curiosidade dos homens de letras e amadores, precioso thesouro de produções poeticas, muitas das quaes apezar de valiosas, viviam esquecidas e ineditas.

OBRAS de D. J. G. de MAGALHAENS

VISCONDE DE ARAGUAYA

A alma e o cerebro , estudos de psychologia e de physiologia, 1 v. in-4º	7#000
Commentarios e Pensamentos . 1 v. in-8º enc. (c).....	4#000
Poesias avulsas . 1 v. in-4º.....	6#000
Rica encadernação.....	8#000
Suspiros Poeticos e Saudades . 1 v. in-8º.....	5#000
Rica encadernação.....	7#000
Tragedias : Antonio José, Oligato, Othelo. 1 v.....	6#000
Rica encadernação.....	8#000
A Confederação dos Tamyos . 3ª edição, correcta e acrescentada pelo autor. 1 v.....	6#000
Rica encadernação.....	8#000
Canticos Funebres , 1 v.....	6#000
Rica encadernação.....	8#000
Factos do Espirito Humano , 2ª edição. 1 v.....	6#000
Rica encadernação.....	8#000
Opusculos Historicos e Litterarios , 2ª edição. 1 v.....	6#000
Rica encadernação.....	8#000
Oligato . Tragedia em 5 actos. 1 v. enc. 2#000, br.....	1#600
Urania . Collecção de 100 poesias ineditas. 1 v. nitidamente impresso sob as vistas do autor e elegantemente encadernado.	4#000
Rica encadernação.....	5#000

M. de ARAUJO PORTO-ALEGRE

Colombo , poema, 2 v. in-8º enc.....	8#000
Brazilianas , poesias, 1 v. in-8º enc. 4#000, br.....	3#000

HAVRE. — IMPRIMERIE DU COMMERCE, 3, RUE DE LA BOURSE

POESIAS
DE
A. GONÇALVES DIAS

SETIMA EDIÇÃO

ORGANIZADA E REVISTA

POR

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

E

PRECEDIDA DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR

E SUAS OBRAS

PELO CONEGO DOUTOR FERNANDES PINHEIRO

TOMO I

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, ÉDITOR

71, *Rua do Ouvidor*, 71

PARIS. — VVE ÉMILE MELLIER, 17, rue Séguier

1891

SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

Publicou Gonçalves Dias os seus *Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos* divididos em *Poesias diversas, Poesias americanas, Visões, Hymnos e Sextilhas de Frei Antão*.

Tendo de rever a presente edição, pareceu-me melhor dar-lhe uma fôrma mais methodica, e assim reuni todas as *Poesias diversas* no 1º volume desta collecção, e bem assim os *Hymnos* que se achavão derramados pelos tres sobre-ditos volumes publicados em sua vida. Deixei para o 2º volume as *Visões, as Poesias americanas, os Timbyras* e as *Sextilhas de Frei Antão*, que tambem andavam estramalhadas. Não me atrevi a mais, e conservei-as na ordem em que as collocára o seu illustre auctor e meu saudoso e nunca assaz chorado amigo, e consocio do Instituto historico.

Como a quinta edição, vae esta precedida da noticia que sobre a vida e obras do auctor escreveu o conego doutor Fernandes Pinheiro, que a morte acaba de roubar ás letras brasileiras.

Reproduzirei aqui as palavras com que o auctor preceder as diversas edições de seus *Cantos*.

Eis aqui o prologo da primeira edição dos *Primeiros Cantos* :

« Dei o nome de « *Primeiros Cantos* » ás poesias que agora publico, porque espero que não serão as ultimas.

» Muitas dellas não tem uniformidade nas estrophes, porque menosprezo regras de méra convenção; adoptei todos os rhythmos da métrica portugueza, e usei delles como me parecêrão quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

» Não tem unidade de pensamento entre si, porque forão compostas em épochas diversas — debaixo de céo diverso — e sob a influencia de impressões momentaneas. Forão compostas nas margens viçosas do Mondêgo e nos pincaros ennegrecidos do Gerez — no Doiro e no Tejo — sobre as vagas do Atlantico, e nas florestas virgens da America. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-hei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

» Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para lêr em minha alma, reduzindo á lingoagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano — o aspecto emfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéia com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e sancta — a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

» O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só mereci-

mento deste volume. O Publico o julgará; tanto melhor se elle o despreza, porque o Auctor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta. »

Rio de Janeiro — Julho de 1846.

Reimprimindo os seus *Primeiros Cantos* em Lipsia no anno de 1857, disse :

« A collecção de poesias, que agora reimprimo, vae illustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida litteraria.

» Merecer a critica de A. Herculano, já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples menção do meu primeiro volume, rubricada com o seu nome, desejava-o de certo; mas esperal-o, seria de minha parte demasiada vaidade.

» Ora, em vez da critica inflexivel, que eu devêra, mas não ousava receiar; em vez da simples noticia do apparecimento de um volume, que não seria de todo ruim, pois que teria merecido occupar a sua attenção; o illustre escriptor poz por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para consigo mesmo, — e, benevolamente indulgente, dirigio-me algumas linhas, que me fizeram comprehender quão alto eu reputava a sua gloria na plenitude de contentamento, de que as suas palavras me deixarão possuido.

» O escriptor conhecia-o eu ha muito, mas de nome e pelas suas obras: essas obras que todos nós temos lido, e esse nome que eu sempre ouvira pronunciar com admiração e respeito.

» Se pois, n'aquella occasião, me fosse dado escolher auctor para esse artigo, não podia recahir em outro a minha escolha. Hoje, com mais razão. Tive eusejo de o

conhecer pessoalmente, e a fortuna de encontrar nelle um d'aquelles poucos, d'alta intelligencia, que não perdem em serem admirados de perto, e cuja amizade se pode ambicionar como um thesouro : fortuna, digo, porque o é de certo, quando se admira o escripto, que se possa ao mesmo tempo estimar o escriptor ; e ainda maior fortuna, quando queremos manifestar o nosso reconhecimento, que nos não remorda a consciencia, prevenindo-nos, de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre áquem do que devemos.

» Ahi vae o artigo tal qual o transcreveu e remetteu-me de Lisboa o meu bom amigo Gomes de Amorim :

» Bem como a infancia do homem, a infancia das nações é vivida e esperançosa ; bem como a velhice humana, a velhice dellas é tediosa e melancholica. Separado da mãe patria, menos pela serie de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe attribue a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brazil, imperio vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulencia, a representar um grande papel na historia do novo mundo, é a nação infante que sorri : Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez ; que se lamenta de que os raios do sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem dos horisontes da esperanza, de que um crepe funebre vele a face da terra. Perguntae, porém, ao povo infante, que cresce e se fortifica além dos mares, que se atira ridente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetar inerte e que, encostado na borda do tumulto, deplora, pobre tonto, o mundo que vae morrer !

» Em Portugal, os espiritos que o antigo poeta designou pelo epitheto de *bem nascidos* ; aquelles que ainda tentão esquivar-se no sanctuario da sciencia ou da poesia ao pégo da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegam a illudir a Europa com essas aspi-

rações do futuro, que também nelles não são mais do que uma illusão. As suas tentativas quasi fazem acreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração ; que nas veias varicosas deste corpo semi-cadaver de novo se vae injectar sangue puro ; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortaharmos no estandarte de D. João I ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos enfim repousar no cemiterio da historia. O desengano chega, porém, em breve. O talento que forcejava por fugir do lethargo febril que nos consome, retrocede ao entrar no templo, e volve ao lodaçal onde agonisamos. É que a turba que ali se debate, ou o apupa, ou lhe arroja adiante tropeços, ou o corrompe com dadivas e promessas ; e fallando-lhe ás paixões más, ás ambições insensatas, lhe clama : vem reforcillar-te no lodo. E, desanimado ou tentado, o talento despenha-se, e atufando-se no charco, aceita as lisonjas ou o oiro immundo, que lhe attirão, embriaga-se com os outros perdidos, e renega da missão sacrosanta, que se lhe destinára no ceu.

» Que é feito de tantos engenhos que despontarão nesta nossa terra desde que a imprensa libertada chamou os que sentião chamejar em si um espirito não vulgar ao convívio das intelligencias? Que é feito dessas tres ou quatro épochas em que, nos ultimos quinze annos, a mocidade parecia querer deixar inteiramente aos pequeninos homens grandes do paiz o agitarem-se, o morderem-se, o devorarem-se ácerca dos graves interesses, das profundas questões das bolhas de sabão politicas? Que é feito dessa phalange ardente, ambiciosa de uma gloria pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento ! De tudo isso, de toda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta ? Algum crente solitario, que deplora em silencio a queda de tantos archanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das letras, attirarão-se á arena das facções, e manchados pela baba dos odios civis, cobertos da lama das praças, arroxeados e sanguentos pelas punhadas do pugilato politico,

desbaratando em esforços estereis a seiva interior, lá vão disputando no meio de homens, gastos como a effigie de velha moeda, sobre qual ha de ser a forma do ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadaver de Portugal deve descer á sepultura. Que outra coisa, de feito, ha ali sobre que se dispute ainda?

» Por isso, quando vejo começar a surgir entre nós um novo poeta; quando ouço a primeira harmonia que sussurra nas cordas da lyra noviça, quizera poder chegar-me escondidamente ao descuidado e inexperiente cantor, e dizer-lhe ao ouvido : Cala-te, alma virgem e bella; cala-te, que estás n'um prostibulo! Olha que *elles* não te ouçam! Se o teu hymno reboar por essas torpes alcovas, sabe que pouco tardará a hora de te prostituíres.

» O poeta portuguez d'hoje é a avezinha que enlevada nos seus gorgeios se balança depois do pôr do sol no ramo do ulmeiro pendente sobre o rio. As outras voárão para os seus ninhos, e ella deixou vir a noite, e ficou alli, triste, só, desconsolada, soltando a espaços um doloroso pio.

» Poeta, n'esta terra é noite! Por que não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vae abrigar-te entre os orbes; vae derramar em canções a tua alma no seio immenso de Deos. Ahi é que sempre é dia.

» Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha de frente da meza nas philitias de Esparta, para servir de lição de sobriedade aos mancebos. O Brazil é a moderna Esparta, de que Portugal é a moderna Helos.

» Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma com a leitura de um livro impresso o anno passado no Rio de Janeiro, e intitulado : *Primeiros Cantos : Poesias por A. Gonçalves Dias*. N'aquelle paiz de esperanças, cheio de viço e de vida, ha um ruido de lavor intimo, que sôa tristemente cá, n'esta terra onde tudo acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilisação, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das letras; arroteia os campos da intelligencia; aspira as harmonias dessa natu-

reza possante que a cerca ; concentra n'um foco todos os raios vivificantes do formoso céu que a illumina ; prova forças emfim para algum dia renovar pelas idéias a sociedade, quando passar a geração dos homens *práticos e positivos*, raça que lá deve predominar ainda, porque a sociedade brasileira, vergonhea separada ha tão pouco da carcomida arvore portugueza, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo dessa vergonhea, transplantada da Europa para entre os tropicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decahir tão cedo como nos decahimos!

» É geralmente sabido que o joven imperador do Brazil dedica todos os momentos que pôde salvar das occupações materiaes de chefe do Estado ao culto das lettras. Mancebo, prende-se á mocidade, aos homens do futuro, por laços que de certo as revoluções não hão de quebrar ; porque o progresso social não virá accommettel-o inopinadamente nas suas crenças e habitos. Quando a idéia se encarnar na realidade, o seu espirito, como as outras intelligencias que o rodeião, ter-se-ha alimentado della, e saudará como os seus mais alumiados subditos o pensamento progressivo. Não notaes n'estas tendencias do moço principe um symbolo do presente, e uma prophecia consoladora ácêrca do porvir do Brazil?

» A imprensa na antiga America portugueza, balbuciante ha dois dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi metropole. Ás publicações periodicas, primeira expressão de uma cultura intellectual que se desenvolve, começam a associar-se as composições de mais alento — os livros. Ajuncte-se a este facto outro, o ser o Brazil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será facil conjecturar que no dominio das lettras, como em importancia e prosperidade, as nossas emancipadas colonias nos vão levando rapidamente de vencida.

» Por si sós esses factos provarião antes a nossa decadencia, que o progresso litterario do Brazil. É um mancebo

vigoroso que derriba um velho cachetico, demente e paralitico. O que completa, porém, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brasileiras.

» Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Sancta Cruz que já conta outros no seu seio, póde abençoar mais um illustre filho.

» O auctor, não o conhecemos; mais deve ser muito joven. Tem os defeitos do escriptor ainda pouco amestrado pela experiencia: imperfeições de lingua, de metrificaçã, de estylo. Que importa? O tempo apagará essas maculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas paginas deste formoso livro.

» Quizeramos que as *Poesias Americanas*, que são como o portico do edificio, occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha por via de regra demasiadas reminiscencias da Europa. Esse Novo Mundo, que deu tanto poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand, é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem á sombra das suas selvas primitivas.

» Como argumentó disso, como exemplo da verdadeira poesia nacional do Brazil citarei aqui dous trechos das *Poesias Americanas*: o « Canto do Guerreiro » e um fragmento do « Morro de Alecrim. »

.....
.....
.....

» Abstendo-me de outras citações, que occuparião demasiado espaço não posso resistir á tentação de transcrever das *Poesias Diversas* uma das mais mimosas composições lyricas, que tenho lido na minha vida, *Seus Olhos*:

.....

» Se estas poucos linhas, escriptas de abundancia de co-
ração, passarem os mares, receba o auctor dos *Primeiros Cantos* o testemunho sincero de sympathia, que a leitura do

seu livro arrancou a um homem que o não conhece, que provavelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elogios *encommendados*, nem pedil-os para si.

• Lisboa (Ajuda), 30 novembro 1847.

» A. HERCULANO. »

Servirão as seguintes linhas de *prologo* á primeira edição dos *Segundos cantos e Sextilhas de Frei Antão* :

« O volume de poesias que agora submetto ás provas publicas, é dividido em duas partes. Nada direi sobre a primeira, que não é senão a continuação dos « PRIMEIROS CANTOS ; » é ainda o mesmo estylo, — o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja menosprezada a metrificacão, — e a rima que naturalmente se lhe sujeita, — e o metro que se dobra em todos os sentidos, — e o verso, mas que se accomoda a todos os tons, como instrumento harmonioso, que sempre agrada, mesmo tangido por mãos inexperientes.

» A segunda parte é um ensaio philologico, são sextilhas, em que adoptei por meus a frase e o pensamento antigo, procurando tornar o estylo liso e facil que não desagradasse aos ouvidos de hoje, e dar ao pensamento a côr forte e carregada d'aquelles tempos, em que a fé e a valentia erão as duas virtudes cardeaes, ou antes as unicas virtudes. Colloquei-me no meio d'aquellas épochas de crenças rigidas e profundas — talvez de fanatismo, — e esforcei-me por simplificar o meu pensamento, por sentir como sentião os homens de então, e por exprimil-os na lingoagem que melhor os póde traduzir — a dos Trovadores, — lingoagem simples, mas severa, — rimada, mas facil. — harmoniosa e

valente sem ser campanuda, nem guindada. Variei o rhythmo das sextilhas para que não cançasse ; quiz ver emfim que robustez e concisão havia nessa lingoagem semi-culta, que por vezes nos parece dura e mal soante, e estreitar ainda mais, se for possível, as duas litteraturas — Brazileira e Portugueza, — que hão de ser duas, mas semelhantes e parecidas, como irmãs que descendem de um mesmo tronco e que trajão os mesmos vestidos, — embora os trajem por diversa maneira, com diverso gôsto, com outro porte, e graça differente.

» Sei que ao maior numero dos meus leitores não agradará esta segunda parte : era essa a minha convicção, então quando a escrevia, e agora que a vou publicar. Escrevia a comtudo, porque acceito a inspiração quando e donde quer que ella me venha ; — da imaginação ou da reflexão, — da natureza ou do estudo, — de um argueiro ou de uma chronica, é-me indifferente : publico-as, se me agradão ; rasgo-as, se me desprazem.

» Aquelles criticos porêm que se comprazem com o nascimento de um auctor, que o seguem passo a passo durante a sua vida litteraria — animando-o pelo que nelle vêem de bom, reprovando o que lhes parece máo, franca e imparcialmente — sem amor como sem odio, mas só pelo amor das artes, e talvez porque lhe não desagradará ver a luta do auctor que começa, — a tenacidade do que porfia — a modestia do que triumphá ; — para estes, digo, todo o volume é significativo — toda a obra caracteristica — todo o trabalho proveitoso.

» Numerão os volumes, classificão as obras, aprecião o trabalho ; — de todas as idéias formulão um só pensamento — de todas as côres formão um só quadro — de todos os traços uma só physionomia.

» Quando pois apparece um novo volume de um auctor qualquer, muito ou pouco conhecido, todo o seu trabalho é confrontal-o. Se o pensamento se enerva, se as côres desbotão, se a physionomia se decompõe, — a morte vem proxima ;

a arvore vingou e deixa de vingar, — cresceu e torna-se rachytica, — produziu e torna-se esteril. Mas, se pelo contrario o pensamento se vai tornando mais firme como um nó que se aperta, se o quadro reluz como que o retocassem de novo, — se a physionomia se expande como que mostra ledice, e contentamento, — a vida será longa ; a arvore vingou e continúa a vingar, floresceu e dará novas flôres, produziu e dará novos fructos.

» Para estes não será sem attractivo esta minha publicação, não como arvore de esperançosos fructos, mas como arbusto pouco conhecido, que na sazão das flôres se metamorphoseia, que toma novo aspecto, e por ventura agrada pela sua extranheza.

» Sobre o titulo que dei á primeira parte, bem se vê que não é um verdadeiro titulo, mas um simples numero : são hymnos, visões, poesias lyricas e americanas, composições diversas e variadas, que eu irei publicando enquanto merecerem o favor do publico, se é que se dá o publico destas coisas.

» Quanto ao da segunda parte, só tenho a dizer que era minha intenção publical-a com o pseudonymo de Frei António de Santa Maria de Neiva, cuja vida poderão ler os curiosos na Historia de S. Domingos P. 2.^a L. 3.^o C. 4.^o Mudei de resolução, conservando-lhe todavia o titulo, porque sem elle muitas das sextilhas seriam inintelligiveis. »

Rio de Janeiro, Fevereiro, 1848.

Os *Ultimos Cantos*, tiveram por introdução a seguinte carta, que dirigio o auctor ao seu amigo o Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal :

« Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas forão estalando, muitas aos balanços asperos da desven-

tura, e outras, talvez a maior parte, com as dôres de um espirito enfermo, — ficticias, mas nem por isso menos agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou o espirito, affeito a certa dose de soffrimento, se sobressaltasse de sentir menos pesada a costumada carga.

» No meio de rudes trabalhos, de occupações estereis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado — percorri este primeiro estadio da minha vida litteraria. Desejar e soffrer — eis toda a minha vida neste periodo ; e estes desejos immensos, indiziveis, e nunca satisfeitos, — caprichosos como a imaginação, — vagos como o oceano, — e terriveis como a tempestade ; e estes soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacaveis, renascentes, — ligados a minha existencia, reconcentrados em minha alma, devorados comigo, umas vezes me deixarão sem força e sem coragem, e se reproduzirão em pallidos reflexos do que eu sentia, ou me forçarão a procurar um allivio, uma distracção no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal.

» Se as minhas pobres composições não forão inteiramente inuteis ao meu paiz ; se algumas vezes tive o maior prazer que me foi dado sentir — a mais lisongeira recompensa a que poderia aspirar, — de as saber estimadas pelos homens da arte, d'aquelles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimão, e repetidas por aquella classe do povo, que só de cór as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a comprehendem, porque a sentem, porque a adivinhão — paguei bem caro esta momentanea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martyrio ignorado.

» Melhor que ninguem o sabes : podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciencia, e não te será difficil descobrir o segredo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus ultimos cantos são teus : o que sou, o

que for, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — á aragem bemfazeja da tua amizade sollicita e desvelada, — á tua voz que me animava e consolava, — á tua intelligencia que me vivificava — ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma dellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos unisonos de dons corações, que mutuamente se fallavão, se interpretavão, se respondião sem o auxilio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a esta empreza ; e agora que em parte a tenho concluido, é um dever de gratidão, um dever para que sou attrahido por todas as potencias da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o ultimo que os meus labios pronunciem, se nos paroxismos da morte se puder destacar inteiramente do meu coração.

» Ser-me-hia doloroso não cumprir os teus desejos, — não satisfazer as esperanças, que em mim tinhas depositado, — não realizar a expectação da tua desinteressada amizade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcella da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da gloria ; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fosse das minhas producções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memoria tua e minha. Assim passa a onda sobre um navio que soçobra, e atira a praias desconhecidas os destroços de um mastro embrulhado nas vestes dos navegantes.

» Entrei na luta, e por mais algum tempo continuarei nella, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fé e o enthusiasmo, o oleo e o pabulo da lampada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito ; eu o conheço e o sinto : se pois ainda persisto nesta carreira, é por teu respeito : continuarei — até que, satisfeito dos meus esforços, me digas : basta ! — Então, já t'o hei

dito, voltarei gostoso á obscuridade, donde não devêra ter sahido, e — como um soldado desconhecido — contarei os meus triumphos pelas minhas feridas, voltando á habitação singela, onde me correrão, não felizes, mas os primeiros dias da minha infancia.

» Minha alma não está commigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, envolta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ella ! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a susurrar nos leques das palmeiras : lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre virão, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o páu d'arco coberto de flôres amarellas. Alli sim, — alli está — desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flôres, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve ! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de todos os annos que desperdicei, poderei enxugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim. »

Rio de Janeiro, 7 Agosto, 1850.

Nas *Poesias diversas* achão-se algumas composições suas impressas no *Parnaso maranhense* como *Sobolos Rios*, *Estancias*, *Canção*, *Soneto* e *A' minha filha*.

Do poema *Os Timbyras* não ha mais do que os quatro cantos publicados pelo auctor en Lipsia, no anno de 1857, e dedicados a S. M. o Imperador, que os fez ler no Instituto historico pelos Srs. Porto Alegre (Barão de S. Angelo) e

Dr. Macedo. Consta que lograra concluir tão bello poema, porê m nada mais appareceu depois da terrivel catastrophe de que foi victima.

Illustrão a *Revista trimensal do Instituto historico brasileiro* muitas memorias suas de incontestavel merecimento, e existem na Secretaria do imperio os officios em que deu conta da sua commissão ás provincias do norte quando foi pelo governo encarregado de examinar os archivos, e as escolas de instrucção primaria e secundaria d'aquella parte do imperio.

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA.



NOTICIA

SOBRE A VIDA E OBRAS D'ANTONIO GONÇALVES DIAS

On doit la vérité aux morts....

BOSSUET, *Oraisons funèbres.*

Raiou para Gonçalves Dias o sol da posteridade : cessarão os epinicios e tambem os vetuperios. É um nome historico, uma das maiores glorias da nossa nascente litteratura. *Sine ira et studio*, na expressão do grande annalista romano, emprehendemos esboçar-lhe a biographia e emittir perfunctorio juizo sobre suas principaes obras : possa o nosso trabalho merecer a acceitação do publico.

Dez dias se tinham apenas passado desde que a antiga villa, e hoje cidade de Caxias, abraza suas portas ás forças independentes, ao mando do capitão-mór Filgueiras, quando n'uma humilde choupana do sitio denominado Boa-Vista, terras da fazenda de Jatobá, nasceu o inspirado poeta, cuja prematura morte ainda hoje pranteão as lettras brazilicas (1).

(1) No dia 10 de Agosto do 1823.

Foi seu pai o negociante portuguez João Manuel Gonçalves Dias e sua mãe Vicência Mendes Perreira. Bafejou-lhe a adversidade o berço, porquanto havendo-se tornado seu pai suspeito de sympathisar com a causa defendida pelo sargento-mór Tidié, teve de foragir-se, temeroso das represalias e mesquinhas vinganças que a plebe sóe exercer em taes occasiões.

Não se julgando ainda assás seguro na solidão de Jatobá, resolveu João Manuel embarcar-se occultamente para Portugal, onde foi esperar que os animos se aplacassem e á seu salvo pódesse regressar ao paiz que como segunda patria amava.

Longe das paternaes vistas creou-se a meninice do futuro poeta, que bem cedo encontrou intimas relações com a pobreza, felizmente supportada nessa quadra da vida em que os risos estancão as lagrimas.

Quando as circumstancias politicas da provincia do Maranhão permittirão a João Manuel volver ao seu antigo trafego, chamou elle para sua companhia o menino Antonio, e, mal sondando-lhe a vocação, destinou-o á carreira mercantil.

Ahi deu elle provas de summa perspicacia e revelou tão singulares disposições para as lettras, que, por sollicitações d'amigos e parentes, foi mandado á aula do professor Ricardo João Sabino, que iniciou-o nos rudimentos das linguas latina e franceza.

Adquirida a somma de conhecimentos indispensaveis para matricular-se em estudos superiores, partio em companhia do seu extremoso pai para a cidade de S. Luiz, capital da provincia (em 1837), d'onde não tardou a trasladar-se para Portugal, onde João Manuel ia buscar cura, ou pelo menos allivio, aos seus padecimentos pulmonares.

Não lhe valeu porém tal sacrificio, pois que a 13 de Junho d'esse mesmo anno exhalava o ultimo alento nos braços de seu carinhoso filho, que referindo-se a esse tremendo lance assim se espressava alguns annos depois :

Escutei suas ultimas palavras
Repassado de dor ! Junto ao seu leito
De joelhos em lagrimas banhado
Recebi seus ultimos suspiros :
E a luz funerea e triste que lançavão
Seus olhos turvos ao partir da vida
De pallido clarão cobrio meu rosto ;
No meu amargo pranto reflectindo
O causado porvir que me aguardava (1)

Semelhante infortunio teria mangrado o ridente porvir do esperançoso mancebo, si não lhe viesse em auxilio a munificencia de sua madrastra, que facultou-lhe os meios de poder proseguir em seus estudos, recusando generosamente os subsidios que varias pessoas havião offerecido.

Ignaro da sorte que o aguardava, havia voltado ao Maranhão, d'onde teve de volver a Portugal a 13 de Maio de 1838, em companhia do abastado capitalista Bernardo de Castro e Silva.

Quanto lhe foi penosa essa nova separação dos entes que lhe erão mais caros, exprimio-o elle nos seguintes melancolicos versos :

Parti dizendo adeus á minha infancia
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros
Que eu já no berço conheci — áquelles
De quem máo grado a ausencia, o tempo, a morte
E a incertesa cruel do meu destino,
Não me posso lembrar sem ter saudades
Sem que aos meus olhos lagrimas dispartem
Parti, sulquei as vagas de oceano ;
Nas horas melancolicas da tarde
Volvendo atrás o coração e o rosto,
Onde o sul, onde a esp'rança me ficava,
Misturei meus tristissimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias (2)

(1) Poesias diversas.— SAUDADES.— Á MINHA IRMÃ.

(2) *Idem.*— SAUDADES.

Mas porque encaminhava-se Gonçalves Dias a Portugal, porque ia frequentar a universidade de Coimbra quando já nessa época funcionava o curso juridico d'Olinda, onde com maior facilidade, e quiçá com menor despesa poderia alcançar a laurea academica que ambicionava ? Peçamos a um dos seus mais esmerados biographos, o senhor doutor Antonio Henrique Leal, que nos ministre o fio conductor, a chave d'esse enigma :

« Era a universidade de Coimbra, antes das faceis e rapidas communições estabelecidas pelos paquetes á vapor entre esta e as provincias, em cujas capitaes se achão as nossas faculdades scientificas, o centro quasi exclusivo para onde convergião os Maranhenses que aspiravão a carreira das sciencias, obtendo os mais intelligentes grande proveito d'uma tal frequencia ; por isso que recebião na convivencia e nas palestras dos collegas e professores das diversas materias, que allí se lião, maior somma de conhecimentos e robustecião-se nas que erão proprias de seus estudos, e nas humanidades, ou preparatorios, que são as verdadeiras e solidas bases dos que se presão de saber, principalmente a lingua patria, em que sempre timbrou a mocidade maranhense ; e é ao que se attribue o gosto que tem os filhos d'esta provincia pela leitura dos classicos, tão enthusasticamente manuseados e aproveitados pelo illustre interprete de Virgilio, Manuel Odorico Mendez, e por aquelles que, como João Francisco Lisboa e o senhor Francisco Sotero dos Reis, mais de perto os conversavão : e si da universidade colhião os estudiosos uteis fructos, não menos deliciosos e sasonados obtinhão de Coimbra os predilectos das musas (1). »

N'aula de latim, do então *Collegio das Artes* (2), regida pelo abalisado Luiz Ignacio Ferreira, adquirio Gonçalves

(1) *Biographia d'Antonio Gonçalves Dias*, precedendo a edição das Obras posthumas do mesmo poeta, pag. xxxv e xxxvi.

(2) Hoje convertido em Lyceu.

Dias fóros d'exímio estudante, merecendo que seus condiscipulos o denominassem : *d'esperançoso menino do Maranhão*.

No meio dos seus triumphos escolares, sobreveio-lhe grande desgraça, a interrupção da mesada que lhe fazia sua bondadosa madrastra, em consequencia dos prejuizos que soffrêra com a guerra civil do Maranhão, conhecida pela *Bolaiada*. Vendo-se de novo baldo de recursos, tomou o caminho de Figueira afim de implorar do prestante varão que o acompanhára em sua ultima viagem, os meios indispensaveis para regressar á patria.

Conhecida essa intenção d'alguns estudantes brasileiros, assentarão oppôr-lhes seu *veto*, e fazendo *bolsa commum*, ministrarem ao talentoso mancebo os recursos que lhe faltavão.

Coube a João Duarte Lisboa Serra a iniciativa de tão nobre idéia, sendo calorosamente apoiado pelos senhores Alexandro Theophilo de Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lopez, José Hermenigildo Xavier de Moraes.

Os sentimentos pundonorosos do joven poeta, impellirão-no a recusar a acceitação de semelhante beneficio ; tendo porém de render-se ante as sollicitações tão instantes quão despretenciosas.

Lançando um olhar retrospectivo sobre sua vida d'estudante sirvia-se d'estas magoadas expressões :

« Triste foi a minha vida de Coimbra, que é triste viver fóra da patria, subir degráos alheios, e por esmola sentar-se á mesa estranha. Essa mesa era de bons e fieis amigos, embora ! O pão era alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo (1). »

Comendo d'amigos para apropriar-nos d'uma locução de Diego do Couto, fallando de Camões, transpoz Gonçalves

(1) Carta ao Sr. Dr. Theophilo citada na biographia do Sr. Dr. Leal.

Dias os umbraes dos estudos preparatorios e matriculou-se no curso juridico.

« Operario da intelligencia (diz o sempre citado senhor doutor A. N. Leal), nunca medio o estudo pelo tempo ; largava os livros das mãos só de puro cansaço. Magnifico exemplo para a nossa mocidade que fia a cultura do espirito mais da agudeza ingenita com que o dotou a Providencia, do que do estudo e do trabalho paciente, consciencioso e de todos os instantes ! É a intelligencia como a terra, produz rica mésse de fructos, porém sómente depois de infundir-selle nella muito capital e muito suor. Facilmente conquistou o nosso poeta um dos primeiros lugares entre os mais distinctos condiscipulos, a par de Bruschy, de Cardoso Ave-lino, Salguein, Couto Montein, Beça Correia, Pedroso, Pinto e Nobrega. »

Não era porém só na sciencia de Paschoal de Mello que primava o nosso conterraneo ; a litteratura servia-lhe de jardim onde plantava e colhia as mais rimbosas e fragran-tes flores. Assim, quando Serpa Pimentel (1) fez surgir em 1838 o theatro academico, e quando dois annos depois fundou una revista (2) contou-se Gonçaves Dias entre os mais esforçados lidadores que tão alto levantarão os pen-dões do romantismo, e com tanta galhardia continuarão a obra da regeneração litteraria emprehendida por Garrett, Herculano e Castilho.

• Por um bem entendido patriotismo entendeu que as pri-micias do seu éstro deverão pertencer á patria, e só á muito custo consentio na publicação d'uma poesia intitlada : *A Innocencia* (3) ; recitada n'um festim campestre dado pelos estudantes brasileiros ao chegar a Coimbra a noticia da maioridade do senhor dom Pedro II.

(1) Actualmente visconde de Gouvea.

(2) *A Chronica Litteraria*.

(3) Esta poesia foi impressa no 1º numero do *Trovador*.

Tocava á méta de suas aspirações academicas, não tardaria a ver cingida a frente da laurea doutoral, quando sagrados e imperiosos deveres de familia levarão-no a serra do Gerez, impedindo-lhe o complemento d'essas mesmas aspirações. Já era porém bacharel em sciencias juridicas, e satisfazendo-se com esse modesto gráo deliberou volver aos seus lares, indo exercer a nobre profissão d'advogado em Caxias (em 1845).

Curta e attribulada foi sua residencia nessa cidade, e por experiencia propria convenceu-se de que para talentos da ordem do seu é por demais acanhado o scenario da vida de provincia, e que mais altos destinos o chamavão algures.

Foi no anno de 1846 que pela primeira vez avistou o *Pão d'assucar* que devera depois celebrar na bellissima allegoria do *Gigante de Pedra*. Nesse mesmo anno deu ao prelo os seus *Primeiros Cantos* que lhe valerão honroso e justo louvor d'um dos maiores sabedores de nosso idioma :

« Merecer a critica d'Alexandre Herculano (diz elle no prologo da segunda edição d'esses cantos) já eu consideraria como bastante honrado para mim ; uma simples menção do meu primeiro volume rubricada com o seu nome, desejava-o de certo, mas esperal-o seria de minha parte demasiada vaidade. »

De certo quem conhecer a parcimonia com que o eminente historiador profere seus alvidramentos, convencer-se-ha que grande somma de merecimentos descobrira elle nos primeiros harpejos d'essa musa juvenil.

Saúdada como um verdadeiro acontecimento a publicação d'esse livro, e desde logo destinada a marcar uma epocha em nossa historia litteraria, foi seu auctor alvo d'innumeras attenções e obsequios.

Em quanto enebriavão-lhe os perfumes emcomiasticos sentia rasgar-lhe as carnes os acerados espinhos da pobreza, e foi talvez com referencia a essa quadra da sua tão dramatica existencia que dizia elle num dos seus mais lindos sonetos :

Pensas tu, bella Armia, que os poetas
Vivem d'ar, de perfumes, d'ambrosia,
Que vagando por mares de harmonia,
São melhores que as proprias borboletas?

No profundo estudo que do latim fizera, encontrou meios de subsistencia, e por espaço de quatro annos exerceu com notável aptidão o magisterio d'essa lingua no Lyceu Provincial que então existia na cidade de Nictheroy.

Os curtos lazeres que lhe deixava o fiel e exacto cumprimento de seus deveres, consagrava-os elle ao ameno tracto das musas, dando á estampa em 1847 o melhor de seus dramas intitulado *Leonor de Mendonça*, e no anno seguinte as *Sextilhas de frei Antão*, monumento d'erudição philologica.

Bem curioso é o historico d'essas *Sextilhas*, e seja o senhor doutor Leal quem no-lo transmitta :

« Apresentára Gonçalves Dias ao exame e critica do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro outro drama, *Beatriz de Cenci*, sem nome d'autor e por lettra estranha. Desfechárão os censores os mais desapiedados golpes contra o pobre escripto desapadrinhado, e o reprovárão, assacando-lhe primeiramente *erros crassos de linguagem*, e isto num *portuguez de contrabando*. O poeta, que sabia e manejava a lingua como mestre, sentio-se d'affronta : e jurando para si tomar vingança dos censores, compoz as *sextillas de frei Antão*, provando d'est'arte, que além d'escrever como Castilho Herculano, quando queria tambem o fazia n'uma linguagem particular e privativa d'uma epocha determinada. Foi nobre o desforço, e a resposta cabal e satisfactoria ! »

Rompêra o nome de Gonçalves Dias o nevoeiro que sóe obumbrar ainda os mais esperançosos talentos, começava a ser reconhecida e apreciada a sua mestria e o collegio de Pedro II ambicionou-o para seu professor, confiando-lhe as cadeiras de latinidade e historia patria. Nesse estabelecimento normal deixou elle bem gratas recordações, e muitos

dos que tiverão a fortuna d'ouvir-lhe as lições, commemo-
rão saudosos os arroubos d'eloquencia que lhe manava dos
labios quando o assumpto lh'o permittia.

Do onus professoral distrahi-o o governo imperial em
1851, confiando-lhe a importantissima missão d'estudar prac-
ticamente o estado da instrucção publica em varias provin-
cias do norte indicando ao mesmo tempo os meios conducent-
es a melhora-la. Recommendava-lhe, outrosim o mesmo
governo que colligisse nos archivos publicos e particulares
quaesquer documentos uteis á nossa historia no periodo an-
terior á independencia. Do modo porque desempenhou tal
incumbencia, pôdem servir d'abono os relatorios que por
essa occasião escreveu e que nos consta jazerem desprezados
na secretaria do imperio, e as noticias e apontamentos exa-
rados nas paginas da *Revista Trimensal do Instituto Historico
e Geographico Brasileiro*.

De volta de sua excursão ao norte do imperio, foi despa-
chado official da secretaria d'estado dos negocios estrangei-
ros (em 1852); e nesse mesmo anno contrahio matrimonio
com a senhora D. Olympia da Costa, filha do estimavel e
venerando D. Claudio Luiz da Costa. Desse matrimonio re-
sultou apenas una menina que falleceu em tenra idade.

Por tão bem servido se dera o governo imperial com o
desempenho da tarefa encarregada a Gonçalves Dias, que
confiou-lhe outra identica ampliando-lhe as proporções. Em
1855 partia elle para a Europa incumbido d'estudar nos
principaes paizes d'essa região os methodos mais seguidos e
melhor adoptaveis ás nossas circumstancias locaes.

Escolhendo Portugal para começo de suas pesquisas,apro-
veitou utilmente sua estada na antiga metropole afim de
manusear curiosamente os archivos de Lisboa, Porto, Coim-
bra e Evora, extrahendo copias e apontamentos de tudo o
que de mais interessante offerecião para a nossa historia co-
lonial.

Reservando para mais tarde ulteriores indagações deixou
a patria de seus maiores para percorrer successivamente

França, Inglaterra e Allemanha, examinando com esmero todos os estabelecimentos d'educação e instrucção, e remetendo minuciosos e lucidos relatorios que parece tiverão a sorte dos primeiros.

Achando-se em Leipzig proporcionou-se-lhe ensejo d'entreter amigaveis relações com o muito conceituado livreiro Brockhaus, que suggirio-lhe a idéia d'uma edição de seus *Cantos*, que forão dados a lume com o titulo de *Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos*. Por esse mesmo tempo (1857) confiou aos typos o seu *Diccionario da lingua Tupy, chamada lingua geral dos Indigenas do Brazil*; e os quatro primeiros cantos d'uma epopéa americana denominada : *Os Tymbiras*.

Regressando ao Rio de Janeiro, não encontrou ahi o repouso de que tanto necessitava massim novo appello no seu nunca desmentido patriotismo. Por indicação do Instituto Historico e Geographico, resolvêra o então ministro do imperio Sr. Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz (hoje barão do Bom Retiro), nomear uma commissão scientifica afim d'explorar e catalogar as riquezas que com tão prodiga mão doou a Providencia a este uberrimo sólo.

Dividida em cinco secções coube a d'ethnographia ao nosso poeta, que na composição do seu *Diccionario da lingua Tupy*, tão amplos conhecimentos revelára na sciencia dos Montoyas e Figueiras. A coordinação e redacção da viagem ficarão tambem a cargo do mesmo individuo.

Não nos pertence averiguar as causas que fizerão mallograr essa generosa tentativa de proseguir nas investigações scientificas dos Ferreiras, Camaras, Bettencourts, Coutos, Feijóse alguns outros benemeritos brazileiros, que, ainda sob o regimen colonial, inventariarão nossos naturaes thesouros.

Deixando a provincia do Ceará, escolhida pela commissão como base de suas operações, fez Gonçalves Dias uma curta visita aos seus amigos do Maranhão (em fins do anno de 1860) dirigindo-se d'ahi ás duas mais septentrionaes provincias do imperio. Nas margens do caudaloso Amazonas,

pensava elle encontrar a solução dos grandes problemas ethnographicos e linguisticos que tanto tem preocupado os sabios do antigo e novo continente.

Nessas pesquisas consumio cerca de seis mezes, e ao cabo d'esse tempo achou-se com a saúde tão deteriorada, que forçoso lhe foi tomar o caminho do Rio de Janeiro, onde aportou em principios do anno de 1862.

Por tal forma se aggravárão seus chronicos padecimentos hepaticos e pulmonares, que, por conselho dos medicos, resolveu-se a tornar a Europa, abandonando a idéia que a principio concebêra d'esperar dos patrios ares a recuperação de sua saúde.

Na travessia de Pernambuco para o Havre, a bordo do navio francez *Condé*, occorreu uma circumstancia que proporcionou-lhe o invejavel prazer d'ouvir na propria vida o juizo que a nosso respeito terá d'emittir a posteridade.

Foi o caso que, havendo fallecido no referido navio um passageiro, divulgou-se logo a noticia que fôra elle, o illustre poeta brasileiro, que tão gravemente enfermo se embarcára. A empresa dos paizes que fallão o idioma portuguez, pranteou-lhe a morte sem distincção de matizes politicos : o Instituto Historico suspendeu a sua sessão ao saber de tão lamentavel occurencia ; na capital e nas demais cidades e povoações do imperio, celebrárão-se missas e officios funebres, e a familia do poeta cubrio-se de pesado lucto. Não tardou em ser desmentida a infausta nova por cartas do proprio Dias, que soube tirar partido da eventualidade para chistosas facecias.

Momentanea foi porém a satisfação dos seus amigos e admiradores ; progredia a fatal moléstia frustrando a sciencia e solicitude dos mais abalisados médicos. Debalde mudava de clima : a morte seguia-lhe as pégadas, semelhante ao animal que a ligeira seta de destro indio ferio em sua vertiginosa carreira.

Um como sinistro presentimento advertia-o de seu proximo e tragico fim. Poucos dias antes de deixar as plagas

européas, endereçou elle estas linhas ao seu particularissimo amigo o senhor doutor Leal.

« Amigo Antonio Henriques : — Persuadido que uma longa viagem por mar me ha de ser d'algum proveito, resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre. Dizem-me que ha um navio a sahir no dia 10 do corrente (setembro de 1864); si ha, vou nelle. Em principios d'outubro devo lá estar, *si não ficar no mar...*

» No caso d'alguma catastrophe, *quod absit*, os retratos ficão para a bibliotheca. Os manuscriptos (copias) manda para o Instituto.

» Tenho, não sei porque, ainda esperanças que a viagem me fará bem, mas quando mesmo me não dê mal, e muito mal, é mais que provavel que tenha ainda o prazer de te dar um abraço.

» Adeus. Lembranças a Theophilo, Rego, Pedro, e mil saudades do teu do coração, — GONÇALVES DIAS. »

Firme no proposito annuciado embarcou-se a 14 d'esse mez e anno na barca *Ville de Boulogne*, com destino ao Maranhão, e quando soffregos aguardavão-lhe a vinda amigos, parentes e affeioados, souu a luctuosa noticia de sua morta occorrida no naufragio da mencionada barca.

Eis como narrou essa catastrophe o correspondente do *Correio Mercantil do Rio de Janeiro* :

« Começarei esta missiva por uma noticia tristissima : o doutor A. Gonçalves Dias, morreu no dia 3 do corrente (novembro de 1864) em o naufragio da barca franceza *Ville de Boulogne*, nas immediações do pharol d'Itacolumy.

» Vinha o navio com quarenta e tantos a cincoenta dias de viagem do Havre, onde o illustre poeta embarcou, persuadido de que um longo trajecto maritimo lhe havia de fazer bem, e desejava melhorar, ou morrer e ser enterrado na terra do seu berço. Lá em cima, estava previsto o contrario.

» O poeta peorou consideravelmente na viagem. Contão as pessoas da tripulação da barca, que alguns dias antes do

naufragio, já o doente não se podia levantar, nem tomar alimento. Fumou charutos até quanto pôde, e quando nem isso mesmo lhe foi mais possível fazer, dizem que pedia á alguém que fumasse a seu lado e lhe soprasse á boca o fumo. Estava sem carnes, sem voz, sem vida.

» O capitão da barca, affirma que, quando o navio bateu nos baixios, já Gonçalves Dias tinha morrido (1). Acreditasse, porém, que estando o illustre poeta á morte, a trepulação o abandonou, deixando-o encerrado no camarote, do qual não podia sahir por lhe faltarem as precisas forças. Veja que morte afflicta e angustiada estava á espera do desditoso poeta!

» Achava-se o navio a umas oito legoas do porto da capital.

» Dizem os practicos da barra, e consta que o naufragio parece ter sido intencional, porque no lugar em que elle se deu, só bate o navio que quer bater. Combina-se isto com a noticia de que o capitão não quiz receber no Havre passageiro algum, admittindo o doutor Gonçalves Dias, depois de muitas instancias, persuadido naturalmente de que o passageiro, gravemente enfermo, não aguentaria a viagem.

» Logo que se soube do naufragio, sua Excellencia o senhor Presidente da Provincia, o senhor doutor Chefe de policia interino, tomarão e expedirão todas as providencias, recommendando muito a procura do cadaver, e dos bahús pertencentes á bagagem do illustre poeta. O segundo, d'accordo com o primeiro, offereceu um premio á pessoa que encontrasse o corpo. Outro premio e para o mesimo fim foi

(1) N'uma noticia publicada no *Jornal do Recife* lê-se « que logo o navio bateu e o capitão o vio perdido correu á camara para ir buscar o D^r Dias, porém o mastro grande da embarcação, que o choque derribára, cahindo desgraçadamente sobre a camara esmagára o infeliz poeta dentro do camarote em que estava deitado. »

offerecido por varios amigos do doutor Dias, em cujo numero se conta o doutor Antonio Henriques Leal (1). »

Alludindo ao mallogro de suas tentativas assim se exprime o referido senhor doutor Leal :

« Por mais diligencias que empregámos os amigos e admiradores do poeta, não conseguimos descobrir o cadaver de quem, para dobrado infortunio, não chegou a dar o ultimo alento nos braços d'amizade, ou logrou que seus restos repousassem na terra da patria, e nem se quer temos podido obter até hoje (Janeiro de 1868) os escriptos que comsigo trazia, e que parão, segundo estou convencido, na cidade d'Alcantara em poder de quem pretende, talvez, um dia aproveitar-se com elles (2). »

Apagada a ultima scintilha da esperança d'encerrar os restos mortaes do festejado poeta em modesto e decente jazigo, voltárão-se as vistas dos amigos para a idéia da erecção d'uma estatua que transmittisse aos posteros seu glorioso nome. Abraçada com enthusiasmo essa idéia tem sido sua realisação apenas retardada pelas criticas circumstancias do paiz, e tambem pela grave enfermidade que accommetteu a um dos seus principaes promotores, o senhor doutor Antonio Henriques Leal.

Gonçalves Dias é inquestionavelmente o nosso primeiro poeta lyrico : nenhum melhor do que elle comprehendeu e executou as leis d'esse difficilimo genero de composição. A bella alma do poeta espelha-se em seus inspirados carmens, e jamais deixou de revelar nelles os generosos impulsos que o guiavão. Como os peixes nadão, os passaros voão, os animaes andão ou correm, assim poetava G. Dias, satisfazendo a uma imperiosa necessidade do seu organismo, isto sem o menor calculo, sem a minima ostentação.

(1) O premio offerecido pelo governo montava em trezentos mil reis, e o dos amigos do poeta num conto de reis.

(2) Prologo das *Obras posthumas* d'A. Gonçalves Dias.

Eis como o apreciava um estimado critico contemporaneo :

« Antonio Gonçalves Dias, nas suas *Poesias Americanas*, avantajou-se aos seus predecessores, deixando ficar atrás de si o proprio Araujo Porto Alegre, que, em suas *Brazilianas* lhe mostrára o caminho que cumpria seguir. Não satisfeito de descrever *subjectivamente* a impressão que lhe causavão as particularidades da natureza e dos costumes brasileiros, elle conseguiu identificar-se *objectivamente* com as idéias e as expressões dos indigenas. Tão depressa o vemos como um vate indiano (*piaga, ou payé*) explicar ou conjurar as visões, tão depressa entoar canticos guerreiros, como cantar sacrificios, e combates sanguinolentos. Ora chorar como um *marabá*, os destinos d'essa raça mestiça, desprezada pelos indigenas, ora transformado em menino indio fallar dos encantos da *mãe d'agua*, que, semelhante as sereias, o attrae para seu leito humido. Em uma palavra, Gonçalves Dias aproxima-se da *ballada* ; acha-se no melhor caminho para crear uma poesia verdadeiramente *nacional* e revestida de forma apropriada ao gosto do nosso tempo. Não é pois para admirar que as suas *Poesias Americanas* tenham adquirido no Brazil uma grande popularidade (1). »

Não foi só no Brazil que as *Poesias Americanas* grangearão subidos louvores ao nosso auctor : o vulto mais proeminente da litteratura portugueza contemporanea assim se expressou n'outro escripto justamente celebre (2)

« Quizera que as *Poesias Americanas*, que são como o portico do edificio (3) occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha, por via de regra, demasiadas reminiscencias da Europa. Esse novo mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assás rico para im-

(1) O senhor Fernando Wolf na sua obra intitulada : *Brésil littéraire*.

(2) *Futuro litterario de Portugal e do Brazil*, pelo senhor Alexandre Herculano.

(3) Referia-se aos *Primeiros Cantos*, impressos pela primeira vez no Rio de Janeiro.

perar e nutrir os poetas que crescerem á sombra de suas selvas primitivas.

Cedendo a taes conselhos e exhortações, consagrou-se Gonçalves Dias ao estudo da theogonia dos nossos indigenas, pesquisou-lhes as crenças e usanças, e nesse ponto levou as lampas (como muito bem observa Wolf) ao proprio senhor Portò-Alegre, *que lhe mostrára o caminho*. No colorido porém dos quadros, na plastica representação da esplendida natureza tropical ficou muito abaixo de seu émulo.

Seguindo a trilha dos senhores Magalhães e Porto Alegre, logrou Gonçalves Dias desd'a sua primeira apparição no scenario da litteratura nacional, ser contemplado entre seus principaes chefes, excedendo-lhes ainda em popularidade. A razão d'essa sobre excellencia cumpre buscar no fanatismo com que a juventude segue todas as innovações, e nessa especie de *feitico* operado pelo vocabulario indigena que o poeta naturalisou em seus Cantos. A excepção d'um, ou d'outro termo, indispensavel para exprimir idéias que desconhecia a velha linguagem de nossos pais, cremos desnecessarios semelhantes neologismos, e no nosso pensar mal inspirado andou o poeta dando-lhes tanta voga e innoculando na nova e esperançosa geração, o virus da logomachia.

Não era só em versos que sabia escrever o distincto litterato : a prosa tambem mereceu-lhe particular esmero e nas paginas da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, achão-se registradas Memorias suas de reconhecido merecimento. D'entre ellas avantajão-se pela importancia dos assumptos e mestria d'execução as intituladas *As Amazonas* e o *Brazil e a Oceania*.

No primeiro d'esses trabalhos investiga o gráo de credibilidade que merece a tradição das amazonas na Scythia e na Lybia, e os motivos que tiverão Orellana e Christovão da Cunha para suppôr a sua existencia nas margens do magestoso rio que d'ellas tomou o nome. Ao cabo d'erudita e lucida discussão, propende o auctor pela negativa e affirma que jamais existirão semelhantes creaturas em parte alguma do mundo.

O Brazil e a Oceania, é um estudo d'ethnologia que abundantes luzes derrama sobre as intrincadas questões das origens das autóchthones das novas regiões reveladas á Europa pela impavidez de seus nautas. Fazendo passar pelo esmeril de sua delicada critica as varias opiniões dos sabios que largamente se occuparão da materia, revelou uma proficiencia scientifica que não era dado esperar de quem tão avesado estava aos arroubos da imaginação.

Antes de concluirmos esta rapida apreciação das obras de Gonçalves Dias, digamos duas palavras acerca dos *Tymbiras*. Consideramo-lo como soberbo peristylo de colossal templo, cuja architectura cyclopica fusta-se ao compasso de Vetrúvio e Vignola. É porém uma obra inacabada, onde nem se quer se póde rastrear a traça que o auctor pretendia dar-lhe, sendo portanto impossivel aferir lhe o merito.

As *Obras Posthumas*, piedoso sarcophago erguido pelas mãos d'amizade encerrão as reliquias litterarias do mallogrado poeta. Como sóe acontecer em taes publicações o ouro, as perolas e as pedras preciosas, brillão ao lado das lentijoulas e das stalactites; producções ephemerass, ou mirando alvos mal conhecidos, sentem-se vexadas e confusas, tendo de comparecer no *agora* da imprensa. Representão outras esses periodos de transição, essas aspirações vagas e indefinidas, que os auctores, semelhantes aos pintores d'antiguidade, escondem cautelosamente ás vistas profanas.

Pelo que dissemos, vê-se que Gonçalves Dias nascêra poeta, como nasceu Camões e Bocage; o estudo aprimorou-lhe o éstro: e si mais vivesse, e lhe fosse dado lançar retrospectivo olhar para seus escriptos, temos fé que d'elles apugaria algumas nodoas, e castigando-os com a lima d'Horracio, legaria á posteridade irreprehensiveis e invejaveis exemplares de bom gosto e castiça linguagem.

Nova-Friburgo, 20 janeiro 1870.

J. C. FERNANDES PINHEIRO.

3

Coube a Gonçalves Dias o Oceano por seu derradeiro leite, e no somno do morte o ambalão as ondas o acalentando com o seu marulho : sussurrão-lhe as suas canções as brisas marinhas.

Não pôde a terra natal guardar os seus preciosos restos, mais ergueu-lhe condigno monumento em uma das praças da cidade de S. Luiz, onde o marmore attestará ás gerações que ahi vem o primeiro exemplo de consideração dado pela terra de Santa Cruz a um de seus melhores filhos, e que tão alto fez soar o seu nome.

Dedicou-lhe a capital do imperio a denominação de uma de suas ruas, popularizando o seu nome commemorando a stua residencia, e o Instituto historico, que tanto apreciou o seu raro talento, fez collocar na sala de suas sessões o seu busto ao lado dos bustos de seus fundadores.

Já que lhe faltárão na vida os dons da fortuna, os risos da ventura, as honras e os titulos sociaes a que tinha jus pelas producções de seu immenso talento, sobrem-lhe ao menos estes testemunhos de veneração, se bem que o seu verdadeiro monumento somente o ergueu elle, e são os seus cantos immortaes.

Nictheroy, 31 Maio 1876.

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

POESIAS DIVERSAS

O SOLDADO HESPAÑHOL

Un soldat au dur visage.

V. HUGO.

I.

Oh ! qui révélera les troubles, les mystères
Que ressentent d'abord deux amants solitaires
Dans l'abandon d'un chaste amour ?

ED. TURQUETY. — *Amour et Foi.*

O céu era azul e tão meigo e tão brando,
A terra tão erma, tão quieta e saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céu era azul, e na côr semelhava
Vestido sem nódoa de pura donzella ;
E a terra era a noiva que bem se arreiava.
De flôres, matizes ; mas vária, mas bella.

Ella era brilhante,
Qual raio do sol ;
E elle arrogante,
De sangue hespanhol.

E o hespanhol muito amava
A virgem mimosa e bella ;
Ella amante, elle zeloso
Dos amores da donzella ;
Elle tão nobre e folgando
De chamar-se escravo della !

E elle disse ; — Vês o céo ?
E ella disse : — Vejo, sim ;
Mais polido que o polido
Do meo véo azul setim. —
Tornar-lhe elle... (oh ! quanto é doce
Passar-se uma noite assim !)

— Por entre os vidros pintados
D'igreja antiga, a luzir,
Não vês luz ? — Vejo. — E não sentes
De a veres, meigo sentir ?
— É doce ver entre as sombras
A luz do templo a luzir !

— E o mar, além, preguiçoso
Não vês tu em calmaria ?
É bello o mar ; porém sinto,
Só de o ver, melancholia.
— Que mais o teu rosto enfeita
Que um sorriso de alegria.

— E eu também acho em ser triste
Do que alegre, mais prazer ;
Sou triste, quando em ti penso,
Que só me falta morrer ;
Mesmo a tua voz saudosa
Vem minha alma entristecer.

— E eu sou feliz, como agora,
 Quando me fallas assim ;
 Sou feliz quando se riem
 Os labios teos de carmim ;
 Quando dizes que me adoras,
 Eu sinto o céu dentro em mim.

— És tu só meo Deos, meo tudo,
 És tu só meo puro amar,
 — És tu só que o pranto podes
 Dos meos olhos enxugar. —
 Com ella repete o amante :
 — És tu só meo puro amar ! —

E o céu era azul, e tão meigo e tão brando,
 E a terra tão erma, tão só, tão saudosa,
 Que a mente exultava, mais longe escutando
 O mar a quebrar-se na praia arenosa !

II.

Ainsi donc aujourd'hui, demain, après encore,
 Il faudra voir sans toi naître et mourir l'aurore !

V. HUGO.

E o hespanhol viril, nobre e formoso,
 No bandolim
 Seos amores dizia mavioso,
 Cantando assim :

« Já me vou por mar em fóra
 Daqui longe a mover guerra,
 Já me vou, deixando tudo,
 Meos amores, minha terra,

« Já me vou lidar em guerras,
Vou-me á India Occidental ;
Hei de ter novos amores....
De guerras.... não temas al.

« Não chores, não, tão coitada,
Não chores por t'eu deixar ;
Não chores, que assim me custa
O pranto meo soffrear.

« Não chores! — sou como o Cid
Partindo para a campanha ;
Não ceifarei tantos louros,
Mas terei pena tamanha. »

E a amante que assim o via
Partir-se tão desditoso,
— Vae, mas volta, lhe dizia :
Volta, sim, victorioso.

« Como o Cid, oh ! crua sorte !
Não me vou nesta campanha
Guerrear contra o crescente,
Porém sim contra os d'Hespanha !

« Não me atterrão ; porém sinto
Cerrar-se o meo coração,
Sinto deixar-te, meo anjo,
Meo prazer, minha affeição.

« Como é doce o romper d'alva,
É me doce o teo sorrir,
Doce e puro, qual d'estrella
Da noite — o meigo luzir.

« Erão meos teos pensamentos,
Teo prazer minha alegria,
Doirada fonte d'encantos,
Fonte da minha poesia.

« Vou-me longe, e o peito levo
Rasgado de acerba dor,
Mas commigo vão teos votos,
Teos encantos, teo amor!

« Já me vou lidar em guerras,
Vou-me á India Occidental;
Hei de ter novos amores....
De guerras.... não temas al.»

Era esta a canção que acompanhava
No bandolim,
Tão triste, que de triste não chorava,
Dizendo assim

III

O Conde deo o signal da partida :
— A caça ! meos amigos.

BURGER.

« Quero, pagens, sellado o ginete,
Quero em punho nebris e falcão,
Qu' é promessa de grande caçada
Fresca aurora d'amigo verão.

« Quero tudo luzindo, brilhante
— Curta espada e venab'lo e punhal,
Cães e galgos farejem diante
Leve odor de sanhudo animal.

« E ai do gamo que eu vir na coutada,
 Corça, onagro, que eu primo avistar!
 Que o venab'lo nos ares voando
 Lhe ha de o salto no meio quebrar.

« Eia, avante! — Dizia folgando
 O fidalgo mancebo, loução:
 — Eia, avante! — e já todos galopão
 Trás do moço, soberbo infanção.

E partem, qual no arco arranca e vôa
 Nos amplos ares, mais veloz que a vista,
 A plumea seta da entesada corda. —
 Longe o echeo rebôa; — já mais fraco,
 Mais fraco ainda, pelos ares vôa.
 Dos cães dubio o latir se escuta apenas,
 Dos ginetes tropel, rinchar distante
 Que em lufadas o vento traz por vezes.
 Já som nenhum se escuta.... Que! — latido
 De cães, incerto, ao longe? Não, foi vento.
 Na torre castellã batendo acaso,
 Nas seteiras acaso sibilando
 Do castello feudal, deserto agora.

IV

Vois à l'horizon
 Aucune maison?
 — Aucune.

V. HUGO.

Já o sol se escondeo; cobre a terra
 Bello manto de frouxo luar;
 E o ginete, que esporas atracão,
 Nitre e corre sem nunca parar.

Da coutada nas invias ramagens
Vae sósinho o mancebo infânciao ;
Vae sósinho, afanoso trotando
Sem temores, sem pagens, sem cão.

Companheiros da caça ha perdido,
Ha perdido no acceso caçar :
Ha perdido, e não sente receio
De sósinho, nas sombras trotar.

Corno eburneo embocou muitas vezes,
Muitas vezes de si deo signal ;
Bebe attento a resposta, e não ouve
Outro som responder-lhe ; — inda mal !

E o ginete que esporas atracão,
Nitre a corre sem nunca parar ;
Já o sol se escondeo, cobre a terra
Bello manto de frouxo luar.

V

De rosée
Arrosée,
La rose a moins de fraîcheur.
HENRIQUE IV.

Silencio grato da noite
Quebrão sons d'uma canção,
Que vae dos labios de um anjo
Do que escuta ao coração.

Dizia a lettra mimosa
Saudades de muito amar ;
E o infânciao enleiado,
Attento, pôz-se a escutar.

Era encantos voz tão doce,
 Incentivo essa ternura,
 Gerava delicias n'alma
 Sonhar d'havel-a a ventura.

Queixosa cantava a esposa
 Do guerreiro que partio,
 Largos annos são passados,
 Missiva delle, não vio.....

Parou !... escutando ao perto
 Responder-lhe outra canção !...)
 Era terna a voz que ouvia,
 Lisongeira — do infânciao :

« Tenho castello soberbo
 N'um monte, que beija um rio,
 De terras tenho no Doiro
 Geiras cem de lavradio ;'

« Tenho lindas haquenéas,
 Tenho pagens e matilha,
 Tenho os melhores ginetes
 Dos ginetes de Sevilha ;

« Tenho punhal, tenho espada
 D'alfageme alta feitura,
 Tenho lança, tenho adága.
 Tenho completa armadura.

« Tenho fragatas que cingem
 Dos mares a lympha clara,
 Que vão preiando piratas
 Pelas roças de Megára.

« Dou-te o castello soberbo
E as terras do fertil Doiro,
Dou-te ginetes e pagens
E a espada de pomo d'oiro.

« Dera a completa armadura
E os meos barcos d'alto-mar,
Que nas rochas de Megára
Vão piratas captivar.

« Falla de amores teo canto,
Falla de accessa paixão...
Ah ! senhora, quem tivera
Dos agrados teos condão !

« Eu sou mancebo, sou Nobre
Sou nobre moço infância ;
Assim podesse o meo canto
Algemar-te o coração,
Ó Dona, que eu dera tudo
Por vencer-te essa isenção ! »

Attenta escutava a esposa
Do guerreiro que partio ;
Largos annos são passados,
Missiva delle não vio ;
Mas da lettra que escutava
Delicias n'alma sentio.

VI

Si tu voulais, Madeleine,
 Je te ferais châtelaine ;
 Je suis le comte Roger : —
 Quitte pour moi ces chaumières,
 A moins que tu ne préfères
 Que je me fasse berger.

V. HUGO.

E n'outra noite saudosa
 Bem junto della sentado,
 Cantava brandas endechas
 O gardingo namorado.

« Careço de ti, meo anjo,
 Careço do teo amor,
 Como da gota d'orvalho
 Carece no prado a flôr.

« Prazeres que eu nem sonhava
 Teo amor me fez gozar ;
 Ah ! que não queiras, senhora,
 Minha dita rematar.

« O teo marido é já morto,
 Noticia delle não sôa ;
 Pois desta gente guerreira
 Bastos ceifa a morte á tôa.

« Ventura me fôra ver-te
 Nos labios teos um sorriso,
 Delicias me fôra amar-te,
 Gozar-te meo paraíso.

« Sinto afflicção, quando choras ;
 Se te ris, sinto prazer ;

Se te ausentas, fico triste,
Que só me falta morres.

« Careço de ti, meo anjo,
Careço do teu amor,
Como da gota d'orvalho
Carece no prado a flôr.

VII

L'époux, dont nul ne se souvient,
Vient ;
Il va punir ta vie infâme,
Femme !

V. HUGO.

Era noite hibernal ; girava dentro
Da casa do guerreiro o riso, a dança,
E reflexos de luz, e sons, e vozes,
E deleite, e prazer : e fóra a chuva,
A escuridão, a tempestade, e o vento,
Rugindo solto, indomito e terrível
Entre o negror do céu e o horror da terra.
Na geral confusão os céos e a terra
Horrenda sympathia alimentavão.

Ferve dentro o prazer, reina o sorriso,
E fóra a tiritar, fria, medonha,
Marcha a vingança pressurosa e torva.
Traz na dextra o punhal, no peito a raiva,
Nas faces pallidez, nos olhos morte.

O infanção extremoso enchia rasa
A taça de licor mimoso e velho,
Da usança ao brinde convidando a todos
Em honra da esposada : — Á noiva ! exclama.

E a porta range e cede, e franca e livre
Introduz o tufão, e um vulto assoma
Altivo e colossal. — Em honra, brada,
Do esposo deslembrado ! — e a taça empunha ;
Mas antes que o licor chegasse aos labios,
Desmaiada e por terra jaz a esposa,
E a dextra do infanção maneja o ferro,
Porque tão grande affronta lave o sangue,
Pouco, bem pouco para injuria tanta.
Debalde o fez, que lhe golfeja o sangue
D'ampla ferida no sinistro lado,
E ao pé da esposa o assassino surge
Co' o sangrento punhal na dextra alçado.

A flôr purpurea que matiza o prado,
Se o vento da manhã lhe entorna o calix,
Perde aroma talvez ; porém mais bello
Colorido lhe vem do sol nos raios.
As fagueiras feições d'aquelle rosto
Assim forão tambem ; não foi do tempo
Fatal o perpassar ás faces lindas.

Nota-lhe elle as feições, nota-lhe os labios,
Os curtos labios que lhe derão vida,
Longa vida de amor em longos beijos ;
Qual jamais não provou ; e as iras todas
Dos zelos vingadores descancarão
No peito de soffrer cançado e cheio,
Cheio qual na praia fica a esponja,
Quando a vaga do mar passou sobre ella.

N'um relance fugio, minaz no vulto :
Como o raio que luz um breve instante,
Sobre a terra baixou, deixando a morte.

A LEVIANA

Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'y fie.

FRANCISCO I.

Es engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mez d'Abril ;
Es como a nuvem doirada
Deslisada,
Deslisada em céos d'anil.

Tu es vária e melindrosa,
Qual formosa
Borboleta n'um jardim,
Que as flôres todas afaga,
E divaga
Em devaneio sem fim.

Es pura, como uma estrella
Doce e bella
Que treme incerta no mar ;
Mostras nos olhos tua alma
Terna e calma,
Como a luz d'almo luar.

Tuas fórmás tão donosas ;
Tão airosas,
Fórmás da terra não são ;
Pareces anjo formoso,
Vaporoso,
Vindo da ethérea mansão.

Assim, beijar-te receio,
 Contra o seio
 Eu tremo de te apertar ;
 Pois me parece que um beijo
 É sobejo
 Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas que es só minha !
 Passa azinha
 A vida, como a ventura,
 Que te não vejão brincando,
 E folgando
 Sobre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora
 Bella aurora
 De fulgores radiante ;
 Tal a vaga maripôsa
 Brinca e pousa
 D'um cadaver no semblante.

A MINHA MUSA

Gratia, Musa, tibi ; nam tu solatia præbes.

OVIDIO.

Minha Musa não é como nympha
 Que se eleva das agoas — gentil —
 Co'um sorriso nos labios mimosos,
 Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe pouza nas faces redondas
 Dos fagueiros anhelos a côr ;

N'esta terra não tem uma esp'rança,
N'esta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,
Não habita um palacio encantado,
Quer em meio de matas sombrias,
Quer a beira do mar levantado.

Não tem ella uma senda florida,
De perfumes, de flôres bem cheia,
Onde vague com passos incertos,
Quando o céo de luzeiros se arreja.

Não é como a de Horacio a minha Musa :
Nos soberbos alpendres dos Senhores
 Não é que ella reside ;
Ao banquete do grande em lauta mesa,
Onde gira o falerno em taças d'oiro,
 Não é que ella preside.

Elle ama a solidão, ama o silencio,
Ama o prado florido, a selva umbrosa
 E da rola o carpir.
Ella ama a viração da tarde amena,
O susurro das agoas, os accentos
 De profundo sentir.

D'Anacreonte o genio prazenteiro,
Que de flôres cingia a fronte calva
 Em brilhante festim,
Tomando inspirações á doce amada,
Que leda lh'enflorava a eburnea lyra :
 De que me serve, a mim ?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta
Nas cordas magoadas me não pousão
Da lyra de marfim.

Correm meos dias, lacrimosos, tristes,
Como a noite que estende as negras azas
Por céu negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste
O sincero verter d'amargo pranto
D'orfã singela;

É triste como o som que a brisa espalha,
Que cicia nas folhas do arvoredo
Por noite bella.

É triste como o som que o sino ao longe
Vae perder na extensão d'ameno prado
Da tarde no cahir,

Quando nasce o silencio envolto em trevas,
Quando os astros derramão sobre a terra
Merencorio luzir.

Ella então, sem destino, erra por valles,
Erra por altos montes, onde a enchada
Fundo e fundo cavou;

E pára; perto, jovial pastora
Cantando passa — e ella scisma ainda
Depois que esta passou.

Além — da chóça humilde s'ergue o fumo
Que em risonha espiral se eleva ás nuvens
Da noite entre os vapores;

Muge solto o rebanho; e lento o passo,
Cantando em voz sonora, porém baixa,
Vêm andando os pastores;

Outras vezes também, no cemiterio,
Incerta volve o passo, soletrando
 Recordações da vida ;
Róça o negro cipreste, calca o musgo,
Que o tempo fez brotar por entre as fendas
 Da pedra carcomida.

Então corre o meo pranto muito e muito
Sobre as humidas cordas da minha Harpa,
 Que não resôão ;
Não choro os mortos, não ; choro os meos dias,
Tão sentidos, tão longos, tão amargos,
 Que em vão se escôão.

Nesse pobre cemiterio
 Quem já me dera um logar !
Esta vida mal vivida
 Quem já m'a dera acabar !

Tenho inveja ao pegureiro,
 Da pastora invejo a vida,
Invejo o somno dos mortos
 Sob a lage carcomida.

Se qual pegão tormentoso,
 O sopro da desventura
Vae bater potente á porta
 De sumida sepultura ;

Uma voz não lhe responde,
 Não lhe responde um gemido,
Não lhe responde uma prece,
 Um ai — do peito sentido.

Já não têm voz com que fallem,
 Já não têm que padecer ;

No passar da vida á morte
Foi seo extremo soffrer.

Que lh'importa a desventura?
Ella passou, qual gemido
De brisa em meio da mata
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como elles!
Quem me dera descansar!
Nesse pobre cemiterio
Quem me dera o meo logar,
E co'os sons das Harpas d'anjos
Da minha Harpa os sons casar!

DESEJO

E poi morir.

METASTASIO.

Ah! que eu não morra sem provar ao menos
Siquer por um instante, n'esta vida
Amor igual ao meo!
Dá, Senhor Deos, que eu sobre a terra encontre
Um anjo, uma mulher, uma ombrã tua,
Que sintã o meo sentir;
Uma alma que me entenda, irmã da minha,
Que escute o meo silencio, que me siga
Dos ares na amplidão!
Que em laço estreito unidas, juntas, presas,
Deixando a terra e o lodo, aos céos remontem
N'um extasis de amor!

SEOS OLHOS

Oh ! rouvre tes grands yeux dont la paupière tremble,
 Tes yeux pleins de langueur ;
 Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble !
 Rouvre-les ; ce regard manque à ma vie, il semble
 Que tu fermes ton cœur.

TURQUETY. — *Amour et Foi.*

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
 De vivo luzir,
 Estrellas incertas, que as agoas dormentes
 Do mar vão ferir ;

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
 Tem meiga expressão,
 Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta
 De noite cantando, — mais doce que a frauta
 Quebrando a soidão.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
 De vivo luzir,
 São meigos infantes, gentis, engraçados,
 Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
 Em jogo infantil,
 Inquietos, travêssos ; — causando tormento,
 Com beijos nos págão a dôr de um momento,
 Com modo gentil.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
 Assim é que são ;
 Às vezes luzindo, serenos, tranquillos,
 Às vezes vulcão !

Às vezes, oh! sim, derramão tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes fallece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
Desperta a chorar ;
E mudo e sisudo, scismando mil coisas,
Não pen. — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante
Às vezes do céu
Cáe doce harmonia d'uma Harpa celeste,
Um vago desejo ; e a mente se véste
De pranto co'um véo.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da patria melhor ;
Eu amo seos olhos que chórão sem causa
Um pranto sem dôr.

Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros,
De vivo fulgor ;
Seos olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que fallão de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são ;
Eu amo esses olhos que fallão de amores
Com tanta paixão.

INNOCENCIA

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.

SAINTE-BEUVE.

Ó meo anjo, vem correndo,
Vem tremendo
Lançar-te nos braços meos;
Vem depressa, que a lembrança
Da tardança
Me aviva os rigores teos.

Do teu rosto, qual marfim,
De carmim
Tinge um nada a côr mimosa;
É bello o pudor, mas choro,
E deploro
Que assim sejas tão medrosa.

Por innocente tens medo
De tão cedo
De tão cedo ter amor;
Mas sabe que a formosura
Pouco dura,
Pouco dura, como a flôr.

Corre a vida pressurosa,
Como a rosa,
Como a rosa no corrente.
Amanhã terás amor?
Como a flôr,
Como a flôr fenece a gente.

Hoje ainda es tu donzella
Pura e bella,
Cheia de meigo pudor ;
Amanhã menos ardente
De repente
Talvez sintas meo amor.

PEDIDO

Hontem no baile
Não me attendias!
Não me attendias,
Quando eu fallava.

De mim bem longe
Teo pensamento!
Teo pensamento,
Bem longe errava,

Eu vi teos olhos
Sobre outros olhos!
Sobre outros olhos,
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste
Com tal sorriso
Com tal sorriso,
Que apunhalava.

Tu lhe fallaste
Com voz tão doce!
Com voz tão doce,
Que me matava.

Oh! não lhe falles,
Não lhe sorrias,
Se então só qu'rias
Exp'rimentar-me.

Oh! não lhe falles,
Não lhe sorrias,
Não lhe sorrias,
Que era matar-me.

O DESENGANO

Já vigílias passei namorado
Doces horas d'insomnia passei,
Já meos olhos, d'amor fascinado,
Em vêr só meo amor empreguei.

Meo amor era puro, extremoso,
Era amor que meo peito sentia,
Erão lavas de um fogo teimoso,
Erão notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,
Era ver seo sorriso harmonia ;
E os seus modos e gestos e ditos
Erão graças, perfume e magia.

E o que era o teu amor, que me embalava
Mais do que meigos sons de meiga lyra?
Um dia o decifrou — não mais que um dia —
Fingimento e mentira !

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia,
Como uma flôr!
Porque tão cedo o talisman quebraste
Do nosso amor?

Porque n'um só instante assim partiste
Essa annosa cadeia?
De bom grado a soffreste! essa lembrança
Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza,
Qual em ondas de areia movediça
Na mulher, não achei!
E da esp'rança, que eu via tão donosa
Sorrir dentro em minha alma, as longas azas
Doido e nescio cortei!

E tu vais caprichosa proseguindo
Essa esteira de amor, que julgas cheia
De flôres bem gentis;
Pódes ir, que os meos olhos te não vejam;
Longe, longe de mim, mas que em minha alma
Eu sinta qu'es feliz.

Pódes ir, que é desfeito o nosso laço,
Pódes ir que o teu nome nos meos labios
Nunca mais soará!

Sim, vai; — mas este amor que me atormenta,
Que tão grato me foi, que me é tão duro,
Commigo morrerá!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia
Como uma flôr!
Oh! que bem cedo o talisman quebraste
Do nosso amor!

MINHA VIDA E MEOS AMORES

Mon Dieu, fais que je puisse aimer !
SAINTE-BEUVE.

Quando, no albor da vida, fascinado
Com tanta luz e brilho e pompa e gallas,
Vi o mundo sorrir-me esperançoso :
— Meo Deos, disse entre mim ! oh ! quanto é doce,
Quanto é bella esta vida assim vivida ! —
Agora, logo, aqui, além, notando
Uma pedra, uma flôr, uma lindeza,
Um seixo da corrente, uma conchinha
A beiramar colhida !

Foi esta a infancia minha ; a juventude
Fallou-me ao coração : — amemos, disse,
Porque amar é viver.
E esta era linda, como é linda a aurora
No fresco da manhã tingindo as nuvens
De rosea côr fagueira ;
Aquella tinha um quê de anhelos meigos
Artifice sublime ;
Feiticeiro sorrir dos labios della
Prendeo-me o coração ; — julgei-o ao menos.

Aquella outra sorria tristemente,
Como um anjo no exilio, ou como o calix
De flôr pendida e murcha e já sem brilho.
Humilde flôr tão bella e tão cheirosa,
No seo deserto perfumando os ventos.
— Eu morrêra feliz, dizia eu d'alma,
Se podesse enxertar uma esperança

N'aquella alma tão pura e tão formosa,
E um alegre sorrir nos labios della.

A fugaz borboleta as flôres todas
Elege, e liba e uma e outra, e foge
Sempre em novos amores enlevada :
N'este meo paraíso fui como ella,
Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo e firme e eterno,
Como o mar em bonança meigo e doce,
Do templo como a luz perenne e sancto,
Não, eu nunca o senti ; — sómente o viço
Tão forte dos meos annos, por amores
Tão facéis quanto indi'nos fui trocando.
Quanto fui louco, ó Deos ! — Em vez do fructo
Sasonado e maduro, que eu podia
Como em jardim colher, mordi no fructo
Putrido e amargo e rebuçado em cinzas,
Como infante glotão, que se não senta
 Á mesa de seos paes.

Dá, meo Deos, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão,
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meo coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto della,
Sua voz murmurou nos meos ouvidos,
— Eu te amo ! — Ó anjo, que não possa eu crer-te !
Ella, certo, não é mulher que vive
Nas fezes da deshonra, em cujos labios
Só mentira e traição eterno habitão.
Tem uma alma innocente, um rosto bello,
E amor nos olhos.... — mas não posso crêl-a.

Dá, meo Deos, que eu' possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão ;
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meo coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei : — Sonhei contigo !
Ineffavel prazer banhou meo peito,
Senti delicias ; mas a sós commigo
Pensei — talvez ! — e já não pude crê-la.

Ella tão meiga e tão cheia de encantos,
Ella tão nova, tão pura e tão bella....
Amar-me ! Eu que sou ?
Meos olhos enxérgão, emquanto duvida
Minha alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou.

Máo grado meo, crer não posso,
Máo grado meo que assim é ;
Queres ligar-te commigo
Sem no amor ter crença e fé ?

Antes vai collar teo rosto,
Collar teo seio nevado
Contra o rosto mudo e frio,
Contra o seio d'um finado.

Ou supplica a Deos commigo
Que me dê uma paixão ;
Que me dê crença minha alma,
E vida ao meo coração.

RECORDAÇÃO

Nessun maggior dolore...

DANTE.

Quando em meo peito as afflicções rebentão
Eivadas de soffrer acerbo e duro :
Quando a desgraça o coração me arrocha
Em circulos de ferro, com tal força,
Que delle o sangue em borbotões golfeja ;
Quando minha alma de soffrer cançada,
Bem que affeita a soffrer, siquer não póde
Clamar : Senhor, piedade ! — e os meos olhos
Rebeldes, uma lagrima não vertem
Do mar d'angustias que meo peito opprime :

Volvo aos instantes de ventura, e penso
Que a sós contigo, em pratica serena,
Melhor futuro me augurava, as doces
Palavras tuas, sôfregos, attentos
Sorvendo meos ouvidos, — nos teos olhos
Lendo os meos olhos tanto amor, que a vida
Longa, bem longa, não bastará ainda
Porque de os ver me saciasse ! O pranto
Então dos olhos meos corre espontaneo,
Que não mais te verei. — Em tal pensando
De martyrios calar sinto em meo peito
Tão grande plenitude, que a minha alma
Sente amargo prazer de quanto soffre.

TRISTEZA

Que leda noite ! — Este ar embalsamado,
Este silencio harmonico da terra
Que sereno prazer n'alma cançada
Não expreme, não filtra, não diffunde ?
A brisa lá susurra na folhagem
D'espessas matas, d'arvores robustas,
Que velão sempre e sós, que a Deos elevão
Mysterioso côro, que do Bardo
A crença quasi morta ainda alimenta.
É esta a hora magica de encantos,
Hora d'inspirações dos céos, descidas,
Que em delirio de amor aos ceos remontão.

Aqui da vida as lastimas infindas,
Do myrrado egoismo a voz ruidosa
Não chegão ; nem soluços, risos, festas,
— Hilaridade vã de turba incauta,
Nescia de ruim futuro ; ou queixa amarga
Do decrepito velho, enfermo, exangue,
Nem do mancebo os ais doidos, preso
Ao leito do soffrer na flôr da vida.

Aqui reina o silencio, o religioso,
Morno socego, que povôa as ruinas,
E o mausoléo soberbo, carcomido,
E o templo magestoso, em cuja nave
Suspira ainda a nota maviosa,
O derradeiro arfar d'orgão solemne.
Em puro céo a lua resplandece,
Melancolica e pura, semelhando

Gentil viuva que pranteia o extincto,
O bello esposo amado, e vem de noite,
Vivendo pelo amor, máo grado a morte,
Ferventes orações chorar sobre elle.

Eu amo o céo assim, sem uma estrella,
Azul sem mancha, — a lua equilibrada
N'um céo de nuvens, e o'frescor da tarde,
E o silencio da noite adormecida,
Que imagens vagas de prazer desenha ;
Amo tudo o que dá no peito e n'alma
Tregoa ao recordar, tregoa ao pranto,
A v'hemencia da dôr, á pertinacia
Tenaz e acerba de crueis lembranças ;
Amo estar só com Deos, porque nos homens
Achar não pude amor, nem pude ao menos
Signal de compaixão achar entre elles.

Menti ! — um inda achei ; mas este em ocio
Feliz descança agora, emquanto aos ventos
E ao cru furor das verde-negras ondas
Da minha vida a barca aventureira
Insano confiei ; em céo diverso
Luzem com luz diversa estrellas d'ambos.
Ai ; triste, que houve tempo em que eu julgava
As duas uma só, — c'o o mesmo brilho
Uma e outra nos céos meigas brilhavão !
Hoje scintilla a d'elle, emquanto a minha
Entre nuvens, sem luz, se perde agora.
Meo Deos, foi bom assim ! No immenso pégo
Mais uma gotta d'amargor que importa ?
Que importa o fel na taça do absyntho,
Ou uma dôr de mais onde outras reinão ?

O TROVADOR

Elle cantava tudo o que merece de ser cantado ; o que ha na terra de grande e de sancto — o amor e a virtude. —

N'uma terra antigamente
Existia um Trovador ;
Na Lyra sua innocente
Só cantava o seo amor.

Nenhum saráo se acabava
Sem a Lyra de marfim,
Pois cantar tão alto e doce
Nunca alguém ouvira assim.

E quer donzella, quer dona,
Que sentira commoção
Pular-lhe n'alma, escutando
Do Trovador a canção ;

De jasmins e de açucenas
A fronte sua adornou ;
Mas só a rosa da amada
Na Lyra amante poisou.

E o Trovador conheceo
Que era trahido — por fim ;
Poz-se a andar, e só se ouvia
Nos seos labios : ai de mim !

Enlutou de negro fumo
A rosa de seo amor,
Que meia occulta se via
Na gorra do Trovador ;

Como virgem bella morta
Da idade na linda flôr,
Que parece, o dó trajando,
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seo caminho
Gentil donzella encontrou :
Canta — disse ; e as cordas d'oiro
Vibrando, o triste cantou.

« Teo rosto engraçado e bello
« Tem a lindeza da flôr ;
« Mas é risonho o teo rosto ;
« Não tens de sentir amor !

« Mas tambem por esse dia
« Que viverás, como a flôr,
« Mimosa, engraçada e bella,
« Não tens de sentir amor !

« Oh ! não queiras, por Deos, homem que tenha
« Tiginda a larga testa de pallor ;
« Sente fundo a paixão, — e tu no mundo
« Não tens de sentir amor !

« Sorriso jovial te enfeita os labios,
« Nas faces de jasmim tens rosea côr :
« Fundo amor não se ri, não é corado . . .
« Não tens de sentir amor ;

« Mas, se queres amar, eu te aconselho,
« Que não guerreiro, escolhe um trovador,
« Que não tem um punhal, quando é trahido,
« Que vingue o seu amor. »

Do Trovador pelo rosto
Torva raiva se espalhou,
E a Lyra sua, tremendo,
Sem cordas d'oiro ficou.

Mais além no seo caminho
Donzel garboso encontrou :
Canta — disse; e argenteas cordas
Pulsando, o triste cantou.

« Aos homens da mulher enganão sempre
« O sorriso, o amor;
« É este breve, como é breve aquelle
« Sorriso enganador.

« Teo peito por amor, Donzel, suspira,
« Que é de jovens amar a formosura,
« Mas sabe que a mulher, que amor te jura,
« Dos lindos labios scos cospe a mentira !

« Já frenetico amor cantei na lyra,
« Delicias já sorvi n'um seo sorriso,
« Já venturas fruí do paraiso,
« Em terna voz de amor, que era mentira !

« O amor é como a aragem que murmura
« Da tarde no cahir — pela folhagem ;
« Não volta o mesmo amor á formosura,
« Bem como nunca volta a mesma aragem.

« Não queiras amar, não ; pois que a'sperança
« Se arroja além do amor por largo espaço.
« Tu tens, brilhando ao sol, a forte lança,
« Tens longa espada scintillante d'aço.

- « Tens a fina armadura de Milão,
 « Tens luzente e brilhante capacete,
 « Tens adága e punhal e bracelete
 « E, qual lúcido espelho, o morrião.
- « Tens fegoso corsel todo arreiado,
 « Que mais veloz que os ventos sorve a terra ;
 « Tens duellos, tens justas, tens torneios,
 « Que os fracos corações de medo cerra ;
 « Tens pagens, tens varletes e escudeiros
 « E a marcha afoita, apercebida em guerra
 « Do luzido esquadrão de mil guerreiros.
- « Oh ! não queiras amar ! — Como entre a neve
 « O gigante volcão borbulha e ferve
 « E sulfurea chamma pelos ares lança,
 « Que após o seo cahir torna-se fria ;
 « Assim tu acharás petrificada,
 « Bem como a lava ardente do volcão,
 « A lava que teo peito comsumia
 « No peito da mulher — ou cinza ou nada —
 « Não frio, mas gelado o coração ! »

E o Trovador despeitoso
 De prata as cordas quebrou,
 E nas de chumbo seo fado
 A lastimar começou.

- « Que triste que é n'este mundo
 « O fado d'um Trovador !
 « Que triste que é ! — bem que tenha
 « Sua Lyra e seu amor.
- « Quando em festejos descanta,
 « Rasgado o peito com dôr,

- « Mimoso tem de cantar
« Na sua Lyra — o amor !
- « Como a um servo vil ordena
« Um orgulhoso Senhor,
« Canta, diz-lhe : quero ouvir-te ;
« Quero descantes de amor !
- « Diz-lhe o guerreiro, que apenas
« Lidou em justas de amor :
« — Minha dama quer ouvir-te,
« Canta, truão trovador ! —
- « Manda a mulher que nos deixa
« De beijos murchada flôr :
« — Canta, truão, quero ouvir-te,
« Um terno canto de amor !
- « Mas, se a mulher, que elle adora
« Atraçôa a seo amor ;
« Embalde busca a seo lado
« Um punhal — o Trovador !
- « Se escuta palavras della,
« Que a outros jurão amor ;
« Embalde busca a seo lado
« Um punhal — o Trovador !
- « Se vê luzir de alguns labios
« Um sorriso mofador ;
« Embalde busca a seo lado
« Um punhal — o Trovador !
- « Que triste que é n'este mundo
« O fado d'um Trovador !
« Pezar lhe dá sua Lyra,
« Dá-lhe pezar seo amor ! »

E o Trovador n'este ponto
 A corda extrema arrancou ;
 E n'um marco do caminho
 A Lyra sua quebrou :
 Ninguem mais a voz sentida
 Do Trovador escutou !

AMOR ! DELIRIO — ENGANO

Y el llanto que en su cólera derrama,
 La hoguera apaga del antiguo amor !

ZORRILLA.

Amor ! delirio — engano.... Sobre a terra
 Amor tambem fruí; a vida inteira
 Concentrei n'um só ponto — amal-a, e sempre.
 Amei! — dedicação, ternura, extremos
 Scismou meo coração, scismou minha alma,
 — Minha alma que na taça da ventura
 Vida breve d'amor sorveo gostosa.
 Eu e ella, ambos nós, na terra ingrata
 Oásis, paraíso, eden ou templo
 Habitámos uma hora; e logo o tempo
 Com a foíce roaz quebrou-lhe o encanto,
 Doce encanto que o amor nos fabricára.

E eu sempre a via !... quer nas nuvens d'oiro,
 Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,
 Ou quer na branca nuvem que velava
 O circulo da lua, — quer no manto
 D'alvacenta neblina que baixava
 Sobre as folhas do bosque, muda e grave
 Da tarde no cahir; nos céos, na terra,
 A ella, a ella só, vião meos olhos.

Seo nome, sua voz — ouvia eu sempre;
 Ouvia-os no gemer da parda rola,
 No trépido correr da veia argentea,
 No respirar da brisa, no susurro
 Do arvoredó frondoso, na harmonia
 Dos astros ineffavel; — o seo nome
 Nos fugitivos sons de alguma frauta,
 Que da noite o silencio realçavão,
 Os ares e a amplidão divinizando,
 Ouviaõ meos ouvidos; e de ouvil-o
 Arfava de praez meo peito ardente.

Ah! quantas vezes, quantas! junto d'ella
 Não senti sua mão tremer na minha;
 Não lhe escutei um languido suspiro,
 Que vinha lá do peito á flor dos labios
 Deslisar-se e morrer?! Dos seos cabellos
 A magica fragrancia respirando,
 Escutando-lhe a voz doce e pausada,
 Mil venturas colhi dos labios d'ella,
 Que instantes de prazer me futuravão.
 Cada sorriso seo era uma esp'rança,
 E cada esp'rança enlouquecer de amores.

E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens
 Saber que amor, á ingrata, havia eu dado;
 Que affectos melindrosos, que em meo peito
 Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte!
 Oh! não, — morra commigo o meo segredo;
 Rebelde o coração murmure embora.

Que de vezes, pensando a sós commigo,
 Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,
 Da minha vida que farei, se acaso
 Faltar-me o teo amor um só instante;

— Eu que só vivo por te amar, que apenas
 O que sinto por ti a custo exprimo?
 No mundo que farei, como estrangeiro
 Pelas vagas crueis á praia inhóspita
 Exanime arrojado? — Eu, que isto disse,
 Existo e penso — e não morri, — não morro
 Do que outr'ora senti, do que ora sinto,
 De pensar nella, de a revêr em sonhos,
 Do que fui, do que sou e ser pódia!

Existo; e ella de mim jaz esquecida!
 Esquecida talvez de amor tamanho,
 Derramando talvez n'outros ouvidos
 Frases doces de amor, que dos seus labios
 Tantas vezes ouvi, — que tantas vezes
 Em extasis divino aos céos me alçarão,
 — Que dando á terra ingrata o que era terra
 Minha alma além das nuvens transportarão.
 Existo! como outr'ora, no meo peito
 Férvido o coração pular sentindo,
 Todo o fogo da vida derramando
 Em queixas mulheris, em molles versos.
 E ella!... ella talvez nos braços d'outrem
 Com sua vida alimenta uma outra vida,
 Com o seu coração o de outro amante,
 Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.
 Ella, que eu respeitei, que eu venerava
 Como a reliquia sancta! — a quem meus olhos,
 Receiando offendel-a, tantas vezes
 De castos e de humildes se abaixarão!
 Ella, perante quem sentia eu presa
 A voz nos labios e a paixão no peito!
 Ella, idolo meo, a quem o orgulho,

A força d'homem, o sentir, vontade
 Propria e minha dediquei, — sugcita
 A voz de alguém que não sou eu, — desperta,
 Talvez no instante em que de mim se lembra,
 Por um osculo frio, por caricias
 Devidas d'um esposo !...

Oh ! não poder-te,

Abutre roedor, cruel ciume,
 Tua funda raiz e a imagem d'ella
 No peito em sangue espedaçar raivoso !

Mas tu, cruel, que es meo rival, n'uma hora,
 Em que ella só julgar-se, has de escutar-lhe
 Um quebrado suspiro do imo peito,
 Que d'éras já passadas se recorda.
 Has de escutal-o, e ver-lhe a côr do rosto
 Enrubecer-se ao deparar contigo !
 Preza serás tambem d'átros cuidados,
 Terás ciume. e soffrerás qual soffro :
 Nem menor que o meo mal quero a vingança.

DELIRIO

Quando dormimos o nosso espirito véla.

ESCHYLO.

A noite quando durmo, esclarecendo
 As trevas do meu somno,
 Uma ethérea visão vem assentar-se
 Junto ao meu leito afflicto !
 Anjo ou mulher ? não sei. — Ah ! se não fosse
 Um qual véo transparente,
 Como que a alma pūra alli se pinta
 Ao travéz do semblante,

Eu a crêra mulher. . . . — E tentas, louco,
Recordar o passado,
Transformando o prazer, que desfructaste,
Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, porque derramas
Sobre o meo rosto pallido
A luz de um longo olhar, que amor exprime
E pede compaixão?

Porque teo coração exhala uns fundos,
Magoados suspiros,
Que eu não escuto; mas que vejo e sinto
Nos teos labios morrer?

Porque esse gesto e morbida postura
De macerado espirito,
Que vive entre afflicções, que já nem sabe
Desfructar um prazer?

Tu fallas! tu que dizes? este accento
Esta voz melindrosa,

N'outros tempos ouvi, porém mais leda;
Era um hymno d'amor.

A voz, que escuto, é magoada e triste,
— Harmonia celeste,

Que á noite vem nas azas do silencio
Humedecer as faces

Do que enxerga outra vida além das nuvens.
Esta voz não é sua;

É accorde talvez d'harpa celeste,
Cahido sobre a terra!

Balucias uns sons, que eu mal percebo,
Doridos, compassados,

Fracos, mais fracos; — lagrimas espontão
Nos teos olhos brilhantes...

Choras! tu choras!.... Para mim teos braços
 Por força irresistivel
 Estendem-se, procurão-me; procuro-te
 Em delirio afanoso.
 Fatidico poder entre nós ambos
 Ergueo alta barreira ;
 Elle te enlaça e prende... mal resistes....
 Cêdes emfim... acórdo !

Acórdo do meo sonho tormentoso,
 E chóro o meo sonhar !
 E fecho os olhos, e de novo intento
 O sonho reatar.
 Embalde ! porque a vida me tem preso ;
 E eu sou escravo seo !
 Acordado ou dormindo, é triste a vida.
 Desque o amor se perdeo.
 Ha comtudo prazer em nos lembrarmos
 Da passada ventura,
 Como o que educa flôres vicejantes
 Em triste sepultura.

EPICEDIO

Passa la bella donna e par che dorma.
 TASSO.

Seo rosto pallido e bello
 Já não tem vida nem côr!
 Sobre elle a morte descança,
 Envolta em baço pallor.

Cerrárão-se olhos tão puros,
Que tinham tanto fulgor ;
Coração que tanto amava
Já hoje não sente amor ;

Que o anjo bello da morte
A par desse anjo baixou !
Trocárão brandas palavras,
Que Deos sómente escudou.

Ventura, prazer, ledice
D'uma outra vida cantou ;
E o anjo puro da terra
Prazer da terra engeitou.

Depois co'as azas candentes
O formoso anjo do céo
Roçou-lhe o face mimosa,
Cubrio-lhe o resto co'um véo,

Depois o corpo engraçado
Deixou á terra sem vida,
De tenue pallor coberto,
— Verniz de estatua esquecida.

E bella assim, como um lírio
Murcho da sésta ao ardor,
Teve a innocencia dos anjos,
Tendo o viver d'uma flôr.

Foi breve ! mas a desgraça
A testa não lhe enrugou,
E aos pés do Deos que a creára
Alma inda virgem levou.

Sáe da larva a borboleta,
 Sáe da rocha o diamante,
 De um cadaver mudo e frio
 Sáe uma alma radiante.

Não choremos essa morte,
 Não choremos casos taes ;
 Quando a terra perde um justo,
 Conta um anjo o céo de mais.

SOFFRIMENTO

Meo Deos, Senhor meo Deos, o que ha no mundo
 Que não seja soffrer ?
 O homem nasce, e vive um só instante,
 E soffre até morrer !

A flôr ao menos, nesse breve espaço
 Do seo doce viver,
 Encanta os ares com celeste aroma,
 Querida até morrer.

È breve o romper d'alva, mas ao menos
 Traz comsigo prazer ;
 E o homem nasce e vive um só instante :
 E soffre até morrer !

Meo peito de gemer já está cançado,
 Meos olhos de chorar !
 E eu soffro ainda, e já não posso allivio
 Sequer no pranto achar !

Já farto de viver, em meia vida,
Quebrado pela dôr,
Meos annos hei passado, uns após outros,
Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,
Que nunca pude achar,
Que em balde procurei, na flôr, na planta,
No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu ? — Pallido espectro,
Que da campá fugio ;
Flôr ceifada em botão ; imagem triste
De um ente que existio...

Não escutes, meo Deos, esta blasfemia ;
Perdão, Senhor, perdão !
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto
Bater-me o coração.

Quando roja meo corpo sobre a terra,
Quando me afflige a dôr,
Minha alma aos céos se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flôr.

E eu bemdigo o teo nome eterno e sancto,
Bemdigo a minha dôr,
Que vai além da terra aos céos infindos
Prender-me ao creador.

Bemdigo o nome teo, que uma outra vida
Me fez descortinar,
Uma outra vida, onde não ha só trevas,
E nem ha só penar.

CONSOLAÇÃO NAS LAGRIMAS

Las lágrimas ouras que entónces se vierten,
Acaso divierten
En vez de doler.

ZORRILLA.

Como é bello á meia noite
O azul do céu transparente,
Quando a esphéra d'alva lua
Vagueia mui docemente,
Quando a terra não ruidosa
Toda se cala dormente,
Quando o mar tranquillo e brando
Na areia chora fremente !

Como é bello este silencio
Da terra todo harmonia,
Que aos céos a mente arrebatada
Cheia de meiga poesia !
Como é bella a luz que brilha
Do mar na viva ardentia !
Este pranto como é doce
Que entorna a melancolia !

Est' aragem como é branda
Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
Sem nas folhas susurrar !
Os sons d'aéreo instrumento
Quizera agora escutar,
Quizera magoas pungentes
Neste silencio olvidar !

O azul do céu, nem da lua
 A doce luz reflectida,
 Nem o mar beijando a praia,
 Nem a terra adormecida,
 Nem meigos sons, nem perfumes,
 Nem a brisa mal sentida,
 Nem quanto agrada e deleita,
 Nem quanto embelleza a vida ;

Nada é melhor que este pranto
 Em silencio gotejado,
 Meigo e doce, e pouco e pouco
 Do coração despegado ;
 Não sôro de fel, mas sancto
 Frescor em peito chagado ;
 Não espremido entre dôres,
 Mas quasi em prazer coado !

CANÇÃO

Yo no soy mas que un poeta,
 Sin otro bien que mi lira.

ZORRILLA.

Tenho uma harpa religiosa,
 Toda inteira fabricada
 De madeira preciosa
 Sobre o Libano cortada.
 Foi o Senhor quem m'a deo,
 De sanctas palmas coberta,
 Que as notas suas concerta
 Aos sons do salterio hebreo !

Tenho alaúde polido
 Em que antigos Trovadores
 Em tom de guerra atrevido,
 Cantavão trovas de amores.
 Mas chegando a Sancta Cruz,
 De volta do meo desterro,
 Cortei-lhe as cordas de ferro,
 Cordas de prata lhe puz.

Tenho tambem uma lyra
 De festões engrinaldada,
 Onde minha alma afinada
 Melindres d'amor suspira.
 Nas grinaldas, nos festões,
 Nas rosas com que s'inflora,
 Goteja o orvalho da aurora,
 Dictámo dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzella,
 Só harpa, alaúde e lyra ;
 Nem vejo sorte mais bella,
 Nem coisa que lhe eu prefira.
 Votei assim ao meo Deos
 A minha harpa religiosa,
 A ti a lyra mimosa,
 O grave alaúde aos meos!

LYRA

Cœur sans amour est un jardin sans fleur.

L. HALLEVY.

Se me queres a teos pés ajoelhado,
 Ufano de me ver por ti rendido,

Ou já em mudas lagrimas banhado ;
 Volve, impiedosa,
 Volve-me os olhos ;
 Basta uma vez !

Se me queres de rojo sobre a terra,
 Beijando a fimbria dos vestidos teos,
 Calando as queixas que meo peito encerra,
 Dize-me, ingrata,
 Dize-me : eu quero !
 Basta uma vez !

Mas, se antes folgas de me ouvir na lyra
 Louvor singelo dos amores meos,
 Por que minha alma ha tanto em vão suspira ;
 Dize-me, ó bella,
 Dize-meu : eu te amo !
 Basta uma vez !

AGORA E SEMPRE

Pome me pigris ubi nulla campis.
 Arbor æstiva recreatur aura.

Dulce ridentem Lalagen amabo,
 Dulce loquentem.

HORACIO. OD.

Ponhão-me embora na crestada Libia,
 Ou lá nas zonas em que o gelo mora,
 Alli tua alma viverá commigo,
 Alli teo nome !

Ponhão-me em terras que leões só crião,
Nas altas serras que o condor habita ;
Alli ainda viverá contigo
 Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta :
Co'os pés em sangue de esfarpada estilha,
Cortado o rosto do gelado vento,
 Mádida a coma :

Alli aos urros do leão sedento,
Aos crebros gritos do condor alpestre,
Ardendo em chamas deste amor sem termo.
 Direi : Eu te amo !

Duros ferrolhos de prisão medonha
Escute embora sepultar-me em vida ;
Embora sinta roxear-me os pulsos
 Ferreas algemas ;

Embora malhos de tortura infame
Quebrem-me os ossos no medroso equileo :
Agudos dentes de tenaz raivosa
 Mordão-me as carnes :

Nas feias sombras da cruel masmorra,
Nos duros tratos da tortura bruta,
Quer só commigo, quer em meio ás gentes
 Direi : Eu te amo !

Mas nunca o gelo, nem a frágua ardente,
Nem brutas feras, nem crueza humana
Farão que eu soffra mais agudas dôres,
 Nem mais penadas !

Reclina-se outro em teo nevado seio,
 Cinge-te o corpo em divinaes caricias,
 Beija-te o collo, beija-te o sorriso,
 Goza-te e vive!

E eu no entanto extorso-me com dôres !
 Praguejo o inferno que nos poz tão longe,
 Louco bravejo, misero soluço...
 Desejo e morro!

A VIRGEM

— Tiene mas de vaporosa sombra,
 De inefable vision que de mujer.

ZORBILLA.

Linda virgem semelha a linda rosa,
 Que se abre ao romper d'alva ;
 Encapellão-se as petalas mimosas,
 Lacradas de pudor com rubro sello :
 Cego mortal só lhe respira o incenso ;
 Mas della a abelha extrahe seo mel mais puro.

Seo nobre coração é como um templo,
 Onde só Deos habita ;
 Alli reina o misterio envolto em sombras
 E maga placidez envolta em cantos ;
 Só vê isto o profano ; mas o antiste
 De Deos a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lagó de marmoreo leito
 Sua alma ingenua e bella :
 No fundo não se enxerga o verde limo,
 E a lisa face nos amostra os astros.

E onde o humilde pastor só vê luzeiros,
Os anjos lá dos céos contemplão mundos.

E se eu a vejo nos saráos ruidosos

C'roada de belleza,

E a sombra da tristeza irresistivel

Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso ;

Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,

Que as azas d'oiro, que perdeo, lamenta !

Então como que sinto arrebatat-me

Sympathica attracção !

Quizera doces carmes de ternura

Nas mais delgadas cordas da minha Harpa

Cantar-lhe, e assim dizer-lhe : « Um canto aomenos,

O acerb● exilio teo torne mais brando ! »

Baldado empenho ! Começado apenas,

Afrouxa-se-me o canto ;

Debaixo dos meos dedos mal palpita

A corda melindrosa da minha Harpa ;

E como em espaço, que até d'ar carece,

Tangida, o extremo som morre sem echo !

ROSA NO MAR

Rosa, rosa de amor purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa !

GARBETT.

Por uma praia arenosa,

Vagarosa

Divagava uma Donzella ;

Dá largas ao pensamento,

Brinca o vento

Nos soltos cabellos della.

Leve ruga no semblante
Vem n'um instante,
Que n'outro instante se alisa;
Mais veloz que a sua ideia
Não volteia,
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
Arfa o seio,
Pranto ao riso se mistura;
Doce rir dos céos encanto,
Leve pranto,
Que amargo não é, nem dura.

Nesse logar solitario,
— Seo fadario, —
De ver o mar se recreia;
De o ver, á tarde, dormente,
Docemente
Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
Divagava
Em seo pensar embebida;
Tinha no seio uma rosa
Melindrosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
Quando a rosa
Do seio no chão lhe cahe:
Vem um'onda bonançosa,
Qu'impiedosa
A flôr comsigo retrahe.

A meiga flôr sobrenada ;
De agastada,
A virge' a não quer deixar !
Bóia a flôr ; a virgem bella,
Vai trás ella,
Rente, rente — á beiramar.

Vem a onda bonançosa,
Vem a rosa ;
Foge a onda, a flôr tambem.
Se a onde foge, a donzella
Vai sobre ella !
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
De enfadada
Não quer deixar de insistir ;
Das vagas menos se espanta,
Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

N'isto o mar que se encapella
A virgem bella
Recolhe e leva comsigo ;
Tão fallaz em calmaria,
Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas agoas alguns instantes,
Fluctuantes
Nadárão brancos vestidos :
Logo o mar todo bonança,
A praia cança
Com monotonos latidos.

Um doce nome querido
 Foi ouvido,
 Ia a noite em mais de meia :
 Toda a praia perlustrarão,
 Nem acharão
 Mais que a flôr na branca areia.

O AMOR

Amare amabam.

S. AGOST.

Amor! enlevo d'alma, arroubo, encanto
 Desta existencia misera, onde existes ?
 Fino sentir ou magico transporte
 (O quer que seja que nos leva a extremos,
 Aos quaes não basta a natureza humana)
 Sympathica attracção d'almas sinceras
 Que unidas pelo amor, no amor se apurão,
 Por quem suspiro, serás nome apenas ?

A inutil chamma reseccou meos labios,
 Mirrou-me o coração da vida em meio,
 E á terra fez baixar a mente errada
 Que entre nuvens, amor, por ti bradava!
 Não te pude encontrar! en vão meos annos
 No louco intento esperdicei; gelados,
 Uns após outros a cahir precipites
 Na urna do passado os vi; eu triste,
 Amor, por ti clamava; — e o meo deserto
 Aos meos accentos reboava embalde.

Em vão meo coração por ti se fina,
Em vão minha alma te compr'hende e busca,
Em vão meos labios soffregos cubição
Librar a taça que aos mortaes off'reces!
Dizem-na funda, inexgotavel, meiga,
Emquanto a vejo rasa, amarga e dura!
Dizem-na balsamo, eu veneno a sorvo;
Prazer, doçura, — eu dôr e fel encontro!

Dobrei-me ás duras leis que me impozeste,
Curvei ao jugo teo meo collo humilde,
Feri-me aos teos ardentes passadores,
Prendi-me aos teos grilhões, rojei por terra...
E o lucro?... forão lagrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,
Desbotada a illusão e a vida exhausta!

Celeste emanção, gratos effluvios
Das roseiras do céu; bater macio
Das azas auri-brancas d'algum anjo,
Que roça em noite amiga a nossa esphera,
Centelha e luz do sol que nunca morre;
Es tudo, e mais do qu'isto: — es luz e vida,
Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,
Peregrinas essencias trescalando!...
Tambem passas veloz, — breve te apagas,
Como d'uma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando á flôr de um lago!

SEMPRE ELLA

Per noctem quæsiui, *quam* diligit
anima mea, et non inveni *illam*.

CANT. CANT.

Fu amo a doce virgem pensativa,
Em cujo rosto a pallidez se pinta,
Como nos céos a matutina estrella !
A dôr lhe ha desbotado a côr das faces,
E o sorriso que lhe roça os labios
Murcha ledo sorrir nos labios d'outrem.

Tem um timbre de voz que n'alma echôa,
Tem expressões d'angelica doçura,
E a mente do que as ouve, se perfuma
De amor profundo e de piedade sancta,
E exhala effluvios d'um odor suave
De áloes, de myrrha ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente afflicta,
De dôr occulta remordida, aneia
Desabrochar-se em confidencia amiga,
« Neste mundo o que sou ? — triste clamava ;
« Pérsica envolta em pó, entre ruinas,
« Erma e sósinha a resolver-me em pranto !

« Flôr desbotada em hastea já roída,
« De cujo tronco as outras amarellas
« Já rójão sobre o pó, já murchas pendem !
« É sentir e soffrer a minha vida ! »
Merencoria dizia, erguendo os olhos
Aos céos d'um claro azul, que lhes sorrião.

Náda o mudo alcyon por sobre os mares,
E proximo a seo fim desata o canto ;
A rosa do Sarão lá se despenha
Nas agoas do Jordão : e como a rosa,
Como o cysne, do mar entre os perfumes,
Aos sons d'uma Harpa interna ella morria !

Como o pastor que avista a linda rosa
Nas agoas da corrente, e como o nauta
Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado
Sobre as agoas do mar, cantando a morte ;
Eu tambem a segui — a rosa, o cysne,
Que lá se foi sumir por clima estranho.

E depois que os meos olhos a perdêrão,
Como se perde a estrella em céos infindos,
Errei por sobre as ondas do oceano,
Sentei-me á sombra das florestas virgens,
Procurando apagar a imagem della,
Que tão inteira me ficára n'alma !

Embalde aos céos erguendo os olhos turvos
Meo astro procurei entre os mais astros,
Qu'outr'ora amiga sina me fadára !
Com brilho embaciado e luz incerta
Nos ares se perdeo antes do occaso,
Deixando-me sem norte em mar d'angustias.

MIMOSA E BELLA

De anno em anno se torna mais formosa,
E novo brilho, novas graças cria.

CALDAS.

I

Tão bella es, tão mimosa,
Qual viçosa
Fresca rosa,
Que em serena madrugada,
Despontada,
Rorejada
Foi pelo orvalho do céu ;
E a aurora que tudo esmalta,
Brilha reflexos de prata
No orvalho que alli prendeo.

II

Quando um penar afflictivo,
Sem motivo,
D'improviso
Tua alma occupa e entristece,
Que padece,
Que esmorece
Com aquelle imaginar ;
Augmenta a tua belleza
Languido véo de tristeza,
Pallor de quem sabe amar.

III

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquivia ;

Assim perde o colorido
Por um toque irreflectido,
Mal sentido :
Assim vai o nenuphar,
Como que soffre e tem magoas,
Esconder-se em fundas agoas,
Té que o sol torne a brilhar.

IV

Mas tambem a flôr brincada,
Perfumada,
Debruçada
Sobre a tranquilla corrente;
Logó sente
Vir a enchente
Longe, longè a rouquejar,
Que a pobrezinha desfolha,
Sem lhe deixar uma folha,
Sem deixal-a em seo logar.

V

Não consintas pois que as magoas,
Como as agoas,
Que das fragas
Furiosas vem tombando,
Vão tomando,
Vão levando
A flôr do teu coração !
Ha na vida u' amor sómente,
Um só amor innocente,
Uma só firme paixão.

VI

Sê antes flôr bemfadada,
 Suspirada,
 Bafejada

Pela brisa que a namora,
 Pela frescura da aurora :
 Que a colora ;
 Á luz do sol se recreia,
 E de noite se retrata
 Da fonte na lisa prata,
 Quando o céu de luz se arceia.

AS DUAS AMIGAS

. Vivamos juntas
 N'um só logar !
 N'um só logar, ou sejam mansos ares,
 Se alli te exaltas ;
 Ou sejam campos, se é alli que a relva
 De pranto esmaltas.

V. HUGO. TRAD.

Já vistes sobre a flôr de manso lago
 Duas aves brincando solitarias,
 Já pousadas na lisa superficie,
 Já levantando o vôo ?

Já vistes duas nuvens no horisonte,
 Brancas, orladas com listões de fogo,
 A deslumbrante alvura cambiando
 Ao pôr de sol estivo ?

Já vistes duas lindas mariposas,
 Abrindo ao romper d'alva as longas azas,
 Onde reflecte o sol, como em um prisma.
 Bellas, garridas côres ?

Nem as pombas que vagão solitarias,
Nem as nuvens do occaso, nem as vagas
Borboletas gentis que adejão livres
Em valle ajardinado ;

Tanto não prazem, como doces virgens,
Airosas, bellas, com sorrir singelo,
Da vida negra e má duros abrólhos
Impróvidas calcando.

Quanto ha no mundo d'illusões fagueiras,
De perfume e de amor, guardão no peito,
Quanto ha de luz no céu mostrão nos olhos,
Quanto ha de bello — n'alma.

Como um jardim seo coração se mostra,
Seos olhos como um largo transparente,
Sua alma como uma harpa harmoniosa,
Seu peito como um templo !

Mas um fraco arruido espanta as aves,
Uma brisa ligeira as nuvens rasga,
E uma gota de orvalho ensopa as azas
Das leves mariposas.

Desgarradas voando as aves fogem,
Dos castellos dos céos perdem-se as nuvens,
Nem mais adejão borboletas vagas
Sobre o esmalte das flôres.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?
Depois que derramou grato perfume
Sobre as azas dos ventos que a bafejão,
A flôr também definha.

Mas um nobre sentir que se enraiza
 No peito da mulher, que menos ame,
 É como essencia preciosa e grata,
 Que se lacrou n'um vaso.

Repassa-o : depois embora o esgotem ;
 Leves emanações, gratos effluvios
 Ha de eterno verter da mesma essencia,
 Talvez porêem mais doces.

SONHO

Ah ! frown not, sweet lady, unbend your soft brow
 Nor deem me too happy in this !
 If I sin in my dream, I atone for it now,
 Thus doom'd but to gaze upon bliss.

BYRON.

Sonhava esta noite, Donzella formosa,
 Já quando as estrellas tombavão no mar,
 Que eu via a meu lado uma esbelta figura
 Divina e mimosa...
 Sonhar é ventura ;
 Deixai-me sonhar !

Divina e mimosa, co'um véo se cobria
 D'estrellas fulgentes de brilho sem par ;
 O rosto era vosso, era vossa a estatura,
 E o anjo dizia...
 Sonhar é ventura ;
 Deixar-me sonhar !

E o anjo dizia co'um geito celeste :
 « Affectos que em outro não pude encontrar
 « Por fim me rendêrão, — paixão lisa e pura,

« Que tanto soffreste... »

Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

« Pois tanto soffreste, não devo impiedosa
« Fineza tão grande por fim mal pagar ! »
Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura
E uns labios de rosa...

Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

E uns labios de rosa cobrirem-me a fronte
Com tepidos beijos de férvido amar !
Prazer tão subido após tanta amargura,
Não sei como o conte !...
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

Não sei como o conte ! — nos labios de rosa
Vivi encantado sem ver, nem pensar,
Emquanto apertava a ligeira cintura,
Cintura mimosa...
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

Cintura mimosa ! — depois vos tecia
Grinalda que a fronte vos fosse adornar,
E um cinto de amores com bróche esmaltado
De meiga poesia !...
Quem tão bem fadado
Vivêra a sonhar !

De meiga poesia, meo bem, minha amada
Já pago de quanto me fazeis penar,
Então vos tangia descantes na lyra,

Na lyra afinada !
 O sonho é mentira ;
 Não quero sonhar !

SOLIDÃO

Solo e pensoso i più deserti campi
 Vo misurando a passi tardi e lenti
 E gli occhi porto per fuggire intenti
 Ove vestigio human l'arena stampi.

PETRARCA. — *Sonetti.*

Se queres saber o meio
 Porque as vezes me arrebatá
 Nas azas do pensamento
 A poesia tão grata ;
 Porque vejo nos meos sonhos
 Tantos anginhos dos céos ;
 Vem commigo, ó doce amada,
 Que eu te direi os caminhos,
 Donde se enxérgão anginhos,
 Donde se trata com Deos.

Fujamos longe das villas,
 Das cidades populosas,
 Do vegetar entre as vagas
 Destas côrtes enganosas ;
 Fugamos longe, bem longe,
 Deste viver cortesão !
 Fujamos desta impureza ;
 Só vês cordura por fóra ;
 Mas nunca o vicio que mora
 Nas dobras do coração !

Fujamos ! que nos importa
Rodar do carro que passa,
Esta orgulhosa vã gloria,
Que se resolve em fumaça ?
Estas vozes, estes gritos,
Este viver a mentir ?

Fujamos, que em taes logares
Não ha prazer innocente,
Só ategria que mente,
Só labios que sabem rir !

Fujamos para o deserto ;
Vivamos alli sósinhos,
Sósinhos, mas descuidados
Destes cuidados mesquinhos ;
Tu o azul do espaço olhando
E eu só a rever-me em ti !

Quando depois nos tornarmos •
Á terra serena e calma,
Aqui acharei tua alma,
E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano
Que d'immenso a vista cança ;
Dormirei no teu regaço
Quando o tempo for bonança,
Quando o batel for jogando
Em leve ondular sem fim.

Mas nos roncós da procella,
Nossos olhos encontrados,
Nossos braços enlaçados,
Hei de cantar-te, inda assim !

Ou se mais te praz, zombemos
 Das setas que arroja a sorte ;
 Vivamos nas minhas selvas,
 Nas minhas selvas do norte,
 Que gemem nenias sentidas
 No seio da escuridão.

Não tem doçura o deserto,
 Não têm harmonia os mares,
 Como o rugir dos palmares
 No correr da viração !

Tu verás como a luz brinca
 Nas folhas de côr sombria ;
 Como o sol, pintor mimoso,
 Seos accidentes varia ;
 Como é doce o romper d'alva,
 Como é fagueiro o luar !

• Como alli sente-se a vida
 Melhor, mais viva, mais pura,
 N'aquella eterna verdura,
 N'aquelle eterno gozar !

Vem commigo, oh ! vem depressa ;
 Não se esgota a natureza ;
 Mas desbota-se a innocencia,
 Divina e sancta pureza,
 Que dá vida aos objectos,
 Feituras da mão de Deos !

Vem commigo, ó doce amada,
 Que são estes os caminhos,
 Donde eu enxergo os anginhos,
 Que tu vês nos sonhos meos.

A UM POETA EXILADO

Il accuse et son siècle, et ses chants et sa lyre,
 Et la coupe enivrante où, trompant son délire,
 La gloire verse tant de fiel,
 Et ses vœux, poursuivant des promesses funestes,
 Et son cœur, et la Muse, et tous ces dons célestes,
 Hélas ! qui ne sont pas le ciel !

V. Hugo.

Tambem vaguei, Cantor, por clima estranho,
 Vi novos valles, novas serranias,
 Vi novas astros sobre mim luzindo ;
 E eu só ! e eu triste !

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo
 Pedi inspirações, — e o Doiro e o Tejo
 Do misero proscripto repelirão
 Sentidos carmes.

Repetio-mos o placido Mondego ;
 Talvez em mais de um peito se gravarão,
 Em mais de uns meigos labios murmurados,
 Talvez soarão.

Os filhos de Minerva, novos cysnes,
 Que a fonte dos amores meigos cria,
 E alguns de Lysia sonorosos vates,
 Sisudos mestres ;

Ouvindo aquelle canto agreste e rudo
 Do selvagem guerreiro, — e a voz do piága
 Rugindo como o vento na floresta,
 Prenhe d'augurios ;

Benignos me olhárão, e aos meos ensaios
 Talvez sorrirão ; porém mais predeio-me,
 Quem soffrendo como eu, chorou commigo ;
 Quem me deo lagrimas !

Eu pois, que nesta vida hei aprendido
 Só cantar e soffrer, não vejo embalde
 Ao canto a dôr unida, — e os repassados
 Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,
 Choro e digo entre mim ; « Pobre Canario
 Que fado máo cegou, porque soltasse
 Mais doce canto ;

Pobre Orpheo, nestes tempos mal nascido,
 Atraz d'um bem sonhado pelo mundo
 A vagar com lyra — um bem que os homens
 Não podem dar-te !

Sequer esta lembrança a dôr te abrande :
 A vida é breve, e o teo cantar semelha
 Vagido fraco de menino enfermo,
 Que Deos escuta.

PALINODIA

O céo não te dotou de formosura,
 De attractivo exterior, e a natureza
 Teo peito inficionou co' a vil torpeza
 D'ingrata condição fallaz e impura !

BOCAGE.

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,
 Ápezar da aversão que tenho ao crime,
 Inteiro me embucei nos seos andrajos,
 Em tremedal de vicios ;

Se só por vós descri do que era nobre,
Porque envolto em torpeza immunda e feia,
As vestes da virtude immaculada
Rebolquei-as no lôdo ;

Se só por vos persegue-me o remorso,
Que os dias da existencia me consome,
E entre angustias crucis minha alma aneia,
— Ludibrio dos meos erros :

Consenti que a moral os seos direitos
Reivendique uma vez, e que a minha alma
Das lições que bebo na pura infancia
Uma hora se recorde !

Agora, agro censor, hão de os meos labios,
Duras verdades trovejando em verso,
Fazer de vós, o que a razão não pôde,
— Mulher ou estatua !

Mentistes quando amor tinheis nos labios,
Mentistes a compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto..
Fostes bem falsa !

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ella não sente,
E o rosto offrece a osculos vendidos,
Ao sigillo da infamia.

Quantas vezes, Senhora, não cahistes
Humilhada, a meos pés, desfeita em pranto,
Chorando — e que choraveis ? — ajurar-me ...
— Que juraveis então ?

Se pois sentistes compaixão amiga
A cahir gota a gota dos meos labios
No que eu suppunha cicatriz recente,
E que era ulcera funda :

Se me vistes os olhos incendidos,
Sangrar-me o coração no peito afflicto
Ao fel das vossas dôres, que azedaveis
Co'o pranto refalsado.

Ouvi ! — não ereis bella, — nem minha alma
Vos amou, que um modelo de virtudes,
— Um sublime ideal — amou sómente;
Vós o não fostes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,
Aos negros vicios mais que muito affeita,
Já feia, já corrupta, já sem brilho...
Amal-a eu, Senhora !

Deitar-me sob a cópa traioeira,
Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;
Recostar-me no seio onde outros dormem,
Que por ninguem palpita !

Beijar faces sem vida, onde se enxerga
Visgo nojento d'oscuros comprados ;
Crêr no que dizem olhos mentirosos,
Em prantos de lourcira !

Antes curvar o collo envilecido
Ao jugo vil da escravidão nefanda ;
Beijar humilde a mão que nos offende,
Que nos cobre de opprobrio !

Antes, possosso d'imprudencia estúpida,
Brincando remecher no açafate,
Onde por baixo de mimosas flôres
O aspide se esconde !

Mas eu, nos meus accessos de delirio,
Voz importuna de continuo ouvia,
Cá dentro em mim, a repr'hender-me sempre
De vos amar... tão pouco !

Assim o cego idolatra se culpa,
Nos espasmos d'ascetica virtude,
De não amar assaz o vão phantasma,
De suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,
Cóspe affronta e desdem, e á chamma entrega
O cepo vil, que não merece altares,
Nem d'offrendas é digno !

Releva-se a imprudencia feminina,
Inda um erro, uma culpa se perdôa,
Se a desvaira a paixão, se amor a cega
No mar de escolhos cheio.

O Deus, que mais perdôa a quem mais ama,
Talvez da vida a negra mancha apaga
A quem as azas de algum anjo orvalha
De lagrimas contritas.

Mas não áquella, em cujo peito móra
Torpeza só, — onde o amor se cobre
De vicios — a nutrir-se d'impurezas,
Como vermes de lôdo.

Te porém te aproveita o meu conselho,
 A quem, mais do que a mim, tens offendido,
 Que entre os risos do mundo, vê tua alma
 Elê teus pensamentos ;

Se não crês n'outra vida além da morte,
 Roga sequer a Deos que te não rompa
 Á luz do sol divino da Justiça
 A mascara d'enganos !

Que a rainha da terra inamolgavel,
 — A dura opinião — te não entregue,
 Sósinha, e núa, e d'irrisão coberta,
 Á popular vindicta !

OS SUSPIROS

Mucha pena ¿ verdad ? mucha amargura
 Guardaba allá en sus senos escondida
 A despedir-te el alma dolorida,
 Hijo de su cariño y su ternura.

ROMEA.

Muitas vezes tenho ouvido,
 Como languidos gemidos,
 Frouxos suspiros partidos
 D'entre uns labios de coral :
 A fina tez lhes deslustrão,
 Bem como o alento que passa
 Sobre o candor d'uma taça
 De transparente crystal.

Ouvido os tenho mil vezes
Do coração arrancados,
Sobre labios desmaiados
Susurrando esvoaçar!
 Como flôr submarinha
 Da funda gleba arrancada,
 De vaga em vaga arrastada,
 Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vezes,
Emquanto a lúá fulgura,
Quando a virgem d'alma pura
Fita seus olhos no céu:
 Notas de mundo longinquo
 Repassadas de harmonia,
 Diamante que alumia,
 A tela de um fino véo!

Tu, virgem, porque suspiras?
Quando suspiras, que scismas?
Em que reflexões te abysmas?
— Do passado ou do porvir;
 Mas não tens *passado* ainda,
 Tudo é flôres no presente,
 Brilha o porvir docemente,
 Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, porque suspiras?
— Murmura trépida a fonte,
De relva se cobre o monte,
As aves sabem cantar;
 O ditoso tem sorrisos,
 O desgraçado tem pranto,
 A virgem tem mais encanto
 No seu vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,
 É da alma a voz primeira,
 A expressão mais verdadeira
 Da sina e do fado teu !

Vago, incerto, indefinido,
 Tem um quê de inexplicavel,
 Como um desejo insondavel,
 Como um reflexo do céu.

Eu amo ouvir teus suspiros,
 Ó doce virgem mimosa,
 Como nota harmoniosa,
 Como um cantico de amor !

Mais do que a flôr entre as vagas
 Sem destino fluctuando,
 Fólgo de os ver expirando
 Em labios de rubra côr.

Mais que a longinqua harmonia,
 Que o alento fraco, incerto,
 Que o diamante coberto.
 Scintillando almo fulgor ;

Fólgo de ouvir teus suspiros,
 Ó doce virgem mimosa,
 Como nota harmoniosa,
 Como um cantico de amor !

QUEIXUMES

Onde estás, meu senhor, meus amores?
 A que terras — tão longes ! — fugiste?
 Onde agora teus dias se escoão ?
 Porque foi que de mim te partiste ?

Não te lembras! quando eu te rogava
Não te fosses de mim tão azinha,
Prometteste-me breve ser minha
Tua vida, que o mar me roubava.

Tão amigo do mar foste sempre,
Porque amigos talvez não achaste!
Nem carinhos, nem prantos te ameigão?
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

Vejo além o lugar onde estava
Tua esbelta fragata ancorada,
Mal soffrida jogando afagada
Do galerno que amigo a chamava.

Da partida era o funebre instante,
Breve instante de afflictos terrores,
Quando o mar traiçoeiro, inconstante,
Me roubava meus puros amores!

Inda chóro essa noite medonha,
Longa noite de má despedida!
Teu amor me deixaste nos braços,
Nos teus braços levaste-me a vida!

Oh! cruel, que então foste commigo,
Que te hei feito que punes-me assim?
Teu navio que tantos levava,
Não podia levar mais a mim?

Mas a mim! — que importava que eu fosse?
Não me ouvira a tormenta chorar,
E morrer me seria mais doce
Junto a ti, — que o meu triste penar!

Junto a ti me era a vida bem cara,
Oh ! bem cara ! — se ledo sorrias,
Se pensavas sósinho e profundo,
Se agras dôres contigo curtias ;

Eu te amava, senhor ! — Nem podia
Dentro em mim, convencer-me que fosse
Outra vida melhor, nem mais doce,
Nem que o amor se acabasse algum dia !

Mas o mar tem lindezas, que encantão,
Tem lindezas, que o nauta namora,
Tambem dizem que vozes descantão
No silencio pacato d'esta hora !

São de nymphas os mares pejados,
Tambem dizem, que sabem magia,
Que suscitão cruel calmaria,
Só d'em torno dos seus namorados !

Alta noite, bem perto, apparece,
Como leiva juncada de flôres,
Ilha fertil em faceis amores,
Onde o nauta da vida se esquece !

Não te esqueças de mim ! — Por Sevilha
Quando o peito de branco marfim
Perceberes na preta mantilha,
Sombreado por leve carmim ;

Quando vires passar a Andaluza
Pelos montes, com ar magestoso,
Decantando nas modas de que usa
As loucuras do Cid amoroso ;

Quando vires a molle Odalisca
De belleza e de extremos fadada,
Respirando perfumes da Arabia,
Em sericos tapizes deitada ;

Quando a vires co'a fronte bem cheia
De riquezas, de graças ornada,
Pelo andar do elefante embalada,
Que alta escolta de eunuchos rodeia ;

Quando vires a Grega vagando
Pelas Ilhas de Cós ou Megára,
Em sua lingua, tão doce, cantando
Seus amores que o Turco roubára ;

Quando a vires no Carro de Homero,
Bella e grave e sisuda lavrando,
Pelos montes mellifluos do Hymeto
A parilha de bois aguilhando ;

Não te esqueção meus duros pezares,
Não te esqueças por ellas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim !

Se eu fosse homem, tambem desejára
Percorrer estes campos de prata,
E este mundo, na tua fragata,
Co'uma esteira cingir d'onda amara.

Qu'ria ver a andorinha coitada
Nos meus mastros fugida poisar,
E achar no convez abrigada,
Quando o vento começa a reinar !

Ver o mar de toninhas coberto,
Ver milhares de peixes brincar,
Ver a vida nesse amplo deserto
Mais valente, mais forte pular!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,
Sem que o seu curso o mesmo rumo leve,
Assim dos homens a paixão se move,
Fallaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre
O mesmo que ao principio ardente amava:
Oxalá não diga eu que me enganava,
Que teu peito julguei constante e nobre!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

AO ANNIVERSARIO DE UM CASAMENTO

A MRS. A. N. V. DA G.

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao solo brasileiro!
Bem vinda seja ás margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Patria ao longe,
Que vejas incessante
As memorias, os templos, os palacios
Da Cidade gigante?

A patria é onde quer que a vida temos
Sem penar e sem dôr ;
Onde rostos amigos nos rodeião,
Onde temos amor ;

Onde vozes amigas nos consolão
Na nossa desventura,
Onde alguns olhos chorarão doridos
Na erma sepultura ;

A patria é onde a vida temos presa :
Aqui tambem ha sol !
Tambem a brisa corre fresca e leve
Da manhã no arrebol !

Aqui tambem a terra produz flôres,
Tambem os céus têm côr ;
Tambem murmura o rio, e corre a fonte,
E os astros têm fulgor !

Aqui tambem se arrelva o prado, o monte,
De mimoso tapiz ;
Nas azas do silencio desce a noite
Tambem sobre o infeliz !

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao solo brasileiro ;
Bem vinda seja ás margens florescentes
Do Rio hospitaleiro !

Compridos annos e folgados viva
 Neste ditoso clima,
 E veja a par dos filhos seus queridos
 Crescer do esposo a estima!

Possa eu tambem do seu feliz consorcio
 De novo em cada anno
 Soltar um hymno de amizade extreme,
 Um canto mais que humano!

24 de Março.

CANTO INAUGURAL

▲ MEMORIA DO CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA (1)

Onde essa voz ardente e sonora,
 Essa voz que escutámos tantas vezes,
 Pólida como a lamina d'um gladio,
 Essa voz onde está?

No róstro popular severa e forte,
 No pulpito serena, amiga e branda,
 Pelas naves do templo reboava,
 Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,
 Onde um vulcão de idéias borbuhlava,
 E o generoso ardor de uma alma nobre
 — Onde párão tambem?

(1) Recitado na sessão do Instituto historico brasileiro de 6
 abril 1848.

Novo Colombo audaz por novos mares,
A sonda em punho, os olhos nas estrellas,
Co'as bronzeas quilhas retalhando as vagas
Do inhospito elemento ;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os tropheos da liberdade sacra,
Os destinos da Patria !

Nocturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te foste, quando o sol roxeia
Nuvens de um céu mais puro ?

Seccou-se a voz nas fauces resequidas,
Parou sem força o coração no peito,
Quando sómente um pé firmava a custo
Na terra promettida !

E a mão cansada fraquejou... pendeu-lhe,
Inda a vejo pendente, sobre as paginas
Da patria historia, onde gravou seu nome
Tarjado em letras d'oiro.

Pendeu-lhe... quando a mente escandecida
Talvez quadro maior lhe affigurava
Que a luta acerba do Titan brioso,
Ultima prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel válido,
Que nos retrata o cataclysmo horrendo,
Que elle — poeta — não achou nos combros
Da ignivoma Tessalia !

Inveja !... mas ás formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero ; — e o cego Bardo
Da verde Erin, entre os heróes famosos
Prazenteiro o recebe !

Dorme, ó lutador, que assaz lutaste !
Dorme agora no gelido sudario ;
Foi duro o afan, asperrima a contenda,
Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teu sòmno eterno ;
Mas sobre a louza do sepulchro humilde,
Como na vida foi, surja o teu busto
Austero e glorioso.

Columna inteira em combros derrocados,
Rolo encerado, que já beija as praias
Do remoto porvir, — seguro e salvo
Dos naufragios d'um seculo ;

Dorme ! — não serei eu quem te desperte,
Meus versos... não serão : — palmas sem graça,
Ou pobre rama d'arvore funerea,
Pyramidæl cypreste.

São flôres que desfolha sobre um tumulo
Singelo, entre um rosal, quasi fagueiro,
Piedosa mão de peregrino extranho,
Que alli passou acaso !

NENIA

À MORTE DO PRINCIPE IMPERIAL O SENHOR D. PEDRO

A SUA MAJESTADE O IMPERADOR

I

Morreste, como a folha verde e linda,
Que não vio murcho o esmeraldino encanto :
Bem como um ai que melindroso finda,
Emquanto as faces não roreja o pranto !

Bem como a flôr inda em botão cortada,
Emquanto aromas recendia pura ;
Bem como a onda quando, mal formada,
Nos brancos frisos de areal murmura !

Bem como a aurora timida que morre,
Emquanto os céus de rosicler matiza ;
Bem como o sopro de ligeira brisa,
Que entre os olores da manhã discorre :

Mimosa esp'rança do Brazil, batendo
Às ferreas portas da existencia, viste
O mundo afflicto e a humanidade triste
Seu negro fado e sua dôr soffrendo !

Cheio de compaixão atraz voltaste
Do horrifico espectaculo, tapando
Com as azas do anjo o rosto brando,
E no seio do Eterno te asylaste.

Morreste ! como aurora sem poente,
Como flôr, que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda, que apenas se formava !

Morreste ! como a folha verde e bella
N'um tronco forte a despontar louçã,
Não arrancada á sanha da procella,
Mas leve sôlta aos beijos da manhã.

Morreste ! como lampada brilhante,
Inda virgem, sem dar mystica luz ;
Ou turiõ'lo d'incenso crepitante,
Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste ! e os anjos da eternal morada
Levarão entre palmas e capellas
Tua alma, como uma harpa não tocada,
Áquelle, cujo throno é sobre estrellas.

Morreste ! como aurora sem poente,
Como flôr que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,
Emquanto no horizonte apavonou-se,
A brisa em vendaval não transtornou-se,
A folha em cinza, nem a onda em vaga.

II

Não ouviste, ó bello anginho,
Na hora do passamento
Para abrandar teu tormento

Do berço teu ao redor,
Dos teus irmãos a phalange
Com opas de luz brilhante,
Nas harpas de diamante
Cantar hosanna ao Senhor ?

Teu espirito innocente
Tocado da luz divina,
Que a fraca mente illumina
Dos resplendores de Deus,
Não antevio outros gozos,
Não correu nos frouxos ares,
Não foi roçar nos palmares,
Nas rosas puras dos céus ?

Viste-os, sim ; porêm voltando
Outra vez á vida escassa,
Tua alma triste esvoaça
Sobre os teus restos mortaes ;
E entre os rostos que divisas,
Que a tua vida pranteião,
Entre quantos te rodeião,
Tu não enxergas teus paes !

Corres então a traxer-lhes
Nas meigas azas brilhantes
Dos teus ultimos instantes
O teu alento final ;
E em redor delles choraste
De não ter deixado a vida,
Por extrema despedida,
N'um amplexo paternal !

Vai, ó anjo, sobe, vòã,
 Deixa a terra ingrata e rude ;
 Vai onde móra a virtude,
 E premio a innocencia tem ;
 Mas nos divinos prazeres,
 Mas no celeste cortejo,
 Terás o materno beijo,
 Não serás orphão tambem ?

III

Desprega tuas azas de côres suaves,
 Adeja no espaço, procura o teu Deus :
 O aroma das flôres, o canto das aves,
 O que ha de mais puro se entranha nos céus.

Oh ! fuge da terra, bem como a neblina
 Que em rolos de neve, que espuma figura,
 Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,
 Qual nuvem d'incenso, do céu se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos
 Na grávida concha dos nossos peccados
 Sumir-se no abysmo : dos raios divinos
 Os golpes apára nos contos dourados.

Não cáia do Eterno a justa inclemencia
 No povo, que soube teu berço guardar ;
 Ampara-o nas azas da tua innocencia,
 Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas azas de côres suaves,
 Adeja no espaço, procura o teu Deus :
 O aroma das flôres e o canto das aves
 E o que ha de mais puro se perde nos céus.

IV

SENHOR, se na afflicção que te consome,
 Na dôr immensa, que teu peito acanha,
 Póde erguer-se do bardo a voz sentida
 E aos teus soluços misturar seu pranto :
 Se a dôr do pae não absorve inteiro
 O peito augusto do Monarcha excelso,
 Enxuga as tristes lagrimas que vertes !
 Melhor, talvez, que o throno é ver chorando
 Um povo inteiro em torno de um sepulchro,
 Um vácuo berço de seu pranto enchendo !
 A sorte pois te curva, e á lei d'aquelle
 (Envolta em seus reconditos designios)
 A quem aprouve nivelar, cortando
 Co'o mesmo golpe as esperanças de ambos,
 — A dôr de um pae e as afflicções de um povo ! —

Janeiro, 10, de 1850.

 OLHOS VERDES

Elles verdes são :
 E tem por usança,
 Na côr esperança,
 E nas obras não.

CAM., *Rim.*

São uns olhos verdes, verdes,
 Uns olhos de verde-mar,
 Quando o tempo vai bonança ;
 Uns olhos côr de esperança,

Uns olhos por que morri;
Que ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguaes na fórma e na côr,
Tem luz mais branda e mais forte,
Diz uma — vida, outra — morte;
Uma — loucura, outra — amor
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São verdes da côr do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflammão,
Tão meigamente derramão
Fogo e luz do coração;
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
Que podem tambem brilhar;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da côr do prado,
Mas verdes da côr do mar.
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como se lê n'um espelho
Pude lêr nos olhos seus!

Os olhos mostram a alma,
Que as ondas postas em calma
Tambem reflectem os céus ;
Mas ai de mi !
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi !

Dizei vós, ó meus amigos,
Se vos perguntão por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos côr de esperança,
De uns olhos verdes que vi !
Que ai de mi !
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi !

Dizei vós : Triste do bardo !
Deixou-se de amor finar !
Vio uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da côr do mar :
Erão verdes sem esp'rança,
Davão amor sem amar !
Dizei-o vós, meus amigos,
Que ai de mi !
Não pertenco mais á vida
Depois que os vi !

CUMPRIMENTO DE UM VOTO

As' Sras. de Itapacorá, que abrilhantarão a festa
do Illm. Sr. A. J. RODRIGUES TORRES.

Porto das Caixas, 25 agosto 1850.

Se ao misero cantor vos praz mandar-lhe
Cantar voltas de amor a graça tanta
Será mudo o cantor, nem ha de aos echos
A cythara incivil fallar de amores ?
Mandaes, que sois, senhoras, minhas musas ;
Quando a senhora manda, o escravo cumpre
E ás supplicas da musa o vate cede !
Afinada por vós a lyra humilde,
Já desafeita aos sons que o peito abrandão,
A nova esphera se remonta agora.
O frescor juvenil dos vossos annos,
E as, que vos ornão, deleitosas graças,
Hão de ameigar-lhe as cordas, perfumal-as,
Dictar-lhe os faccis, inspirados carmes.

A estrella, que fulge no céu anilado,
Com placido brilho de noite s'inflamma ;
Na fonte e no prado
Reflexos luzentes espargue e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocio
As aves descantão á luz da alvorada,
E a meiga toada
Repetem aos echos do bosque sombrio.

Na gleba virente, do sol bafejada,
Recende perfumes a flôr matutina,
Que á luz da alvorada
Ao sopro da brisa de leve s'inclina.

A flôr que trescala perfumes suaves,
A estrella que brilha no céu anilado,
E o canto das aves,
Que sôa no bosque virente e copado ;

Se cântão, perfumão, despedem fulgores,
É tal o seu fado : — vós sois qual são ellas,
Sois como as estrellas,
Na graça e no canto, sois aves, sois flôres.

Como ellas, pagai-vos de ver quão fugaces
Encurtão-se as horas de nosso viver,
De ver como as faces,
Que tendes em torno, resumbrão prazer.

Estes versos na mente susurrarão
Do vate, cuja lyra merencoria
Foi por vós, de festões engrinaldada ;
Por vós, cujo sorriso mavioso
Melhor perfume exhala, do que as notas
Concertadas com arte : dai um riso
Dos vossos, um volver dos brandos olhos,
Aos alegres convivas ; e um reflexo
Do vosso meigo olhar e brando riso
Venha morrer na lyra do poeta,
Como do astro-rei, quando no occaso
Doura no campo as folhas mais humildes.

LYRA QUEBRADA

Ah ! ya agostada
 Siento mi juventud, mi faz marchita,
 Y la profunda pena que me agita
 Ruga mi frente de dolor nublada.

HEREDIA.

Pede cantos aos ledos passarinhos,
 Pede clarão ao sol, perfume ás flôres,
 Ás brisas suspirar, murmurio aos ventos,
 Doces querelas ao correr das fontes ;

E o sol, a ave, a flôr, a brisa, os ventos
 E as fontes que murmurão docemente,
 Na festa da tua alma hão de seguir-te,
 Como um som pelos echos repetido.

Mas não peças á lyra abandonada
 Um alegre cantar, — já murchas pendem
 As grinaldas gentis, de que a toucárão
 Donzeis louçãos, enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,
 Que amargo pranto distendeo sem custo ;
 Quem ha que se não dóe de ouvir cantados
 Uns versos de prazer entre soluços ?

Não peças pois um hymno ao triste bardo !
 Verde ramo d'uma arvore gigante
 O raio no passar queimou-lhe o viço,
 Deixando-o por escarneo entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,
 Um querer sem motivo, um tedio á vida
 Sem motivo tambem, — caprichos loucos,
 Anhelo d'outro mundo e d'outras coisas ;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
Correr após um bem logo esquecido,
Sentir amor e só topar frieza,
Scismar venturas e encontrar só dôres ;

Fizerão-me o que vês : não canto, soffro !
Lyra quebrada, coração sem forças
De poetico manto os vou cobrindo,
Por disfarçar desta arté o mal que passo.

Mas se inda tens prazer á luz da aurora,
Se te ameiga fitar longos instantes,
Sentada á beiramar, na paz de um ermo,
Uma flôr, uma estrella, os céus e as nuvens ;

Pede cantos aos ledos passarinhos,
Á brisa, ao vento, á fonte que murmura ;
Mas não peças canções ao triste bardo,
A quem té para um ai já falta o alento.

A PASTORA

Forão as trevas fugindo,
E luzindo
Nasce o sol sobre o horizonte ;
Quando a pastora formosa
E mimosa
Já caminho vai do monte !
A relva tenra e molhada,
Orvalhada,
Que de noite despontou,
Se levanta melindrosa,
Mais viçosa
Depois que o sol a afagou !

Nos ramos cantão, trinando
E saltando,
As aves seu casto amor ;
Aqui, alli, scintillante
E brilhante
Desabrocha a linda flôr.

E a pastorinha engraçada,
Bem fadada,
Na fresca manhã de abril,
Vai cantando maviosa,
E saudosa
Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez
Toca a rez,
Toca a rez, gentil pastora ;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora.

Vai pastora, vai depressa,
Já começa
O sol no valle a brilhar ;
Vai, que as tuas companheiras,
Galhofeiras,
Lá 'stão com elle a folgar !

Pela aldeia entre os pastores
Vão rumores
De que tens uma rival,
Nessa Alteia, a tua antiga,
Doce amiga,
Que te quer hoje tão mal !

Tu não sabes que os amores
São traidores,
Que o homem não sabe amar ;
E que diz : Esta é mais bella ;
Mas aquella
É que me sabe agradar !

Tenho d'Alteia receios,
Que tem meios
De prender um coração ;
É viva, bella, engraçada,
Festejada
Nos cantares do serão.

Como a neve em seus labores,
Nos amores
Que caprichosa não é !
Zomba d'elle quando o topa,
E o provoca
De mil maneiras, á fé !

Té dizem — será mentira —
Que lhe atifa
Seus motetes muiã vez ;
Dizem mais, que ha prendas dadas
E trocadas :...
Não sei ; mas será talvez !

Triste de ti, se assim fôra,
O pastora,
Triste de ti, sem amor !
Foras alvo dos festejos,
Dos motejos,
E do canto mofador !

Cheia de pudico medo,
 Ao folguedo
 Do domingo festival,
 Não irias, ó formosa,
 Vergonhosa
 Dos olhos d'uma rival !
 Para as serras do Gerez
 Toca a rez,
 Toca a rez, gentil pastora ;
 Lá te aguarda o bom pastor,
 Teu amor,
 Que te chama encantadora !

GEREZ...

A INFANCIA

A M^{lle} E. PICOT

I

Bello raio do sol da existencia,
 Meninice fagueira e gentil,
 Doce riso de pura innocencia
 Sempre adorne teu rosto infantil.
 Sempre tenhas, anginho innocente,
 Quem se apresse a teus passos guiar,
 E uma voz que o teu somno acalente,
 E um sorriso no teu acordar.
 Enlevada nos sonhos jucundos,
 Voz etherea te venha fallar,
 E visão d'outros céus, d'outros mundos,
 Venha amiga tua alma encantar.

Leda infancia gentil! e quem não te ama?
Quem tão de pedra o coração não sente
Aos teus encantos meigos mais tranquillo?
Quem não sente memorias d'outras eras
Travarem-lhe da mente, ao recordar-se
Aquelle gozo puro e suavissimo
De vida, que jámais não tem logrado?
Recordações de um mundo adormecido
Lá lhe estão dentro d'alma esvoaçando,
Como harpejos de musica longinqua!
E a mente nos seus quadros embebida,
Por magica illusão enfeitçada,
Como outr'ora, talvez sómente veja
Na terra — um chão de flores estrellado,
E nos céus — outro chão de flôres vivas!

II

Afagada e bem vinda e querida,
Travessuras scismando infantis,
Nos caminhos floridos da vida
Vai mimosa, imprudente e feliz!

É-lhe a vida continuo festejo,
Sonhos d'oiro só sabe sonhar,
Toda ella um afan, um desejo
D'outros jogos contente brincar.

Puro riso o semblante lhe adorna,
Logo pranto começa a verter,
E depois outro riso lhe torna,
E depois outro pranto a correr.

Tão perto jaz a fonte da amargura
Da fonte do prazer! — porém tão doces

Essas lagrimas são! — tão abundantes,
Tão sem causa e sympathicas gotejão
N'uma tez de carmim, n'um rosto bello!
Quem a vê, que sorrindo as não enxuga?
Mas não todo consumas o thesouro
Unico e triste, que ao infeliz sobeja
Nas horas do soffrer; no tempo amargo,
No qual o rosto pallido se enruga,
E os olhos seccos, aridos chammejão,
Será talvez bem grato refrigerio
Uma lagrima só, em que arrancada
Á força de afflicção dos seios d'alma.
Mas tu, feliz, sorri, emquanto a vida
Como um rio entre flôres, se deslisa
Macio, puro e recendendo aromas.

III

Bello raio do sol da existencia,
Flôr da vida, mimosa e gentil,
Fonte pura de meiga innocencia,
Leve gozo da quadra infantil!

Quem fruir-te outra vez não deseja,
Quando vê sobre a veiga formosa
A menina travessa e ruidosa,
Borboleta, que alegre doudeja?

A menina é uma flôr de poesia,
Um composto de rosa e jasmim,
Um sorriso que Deus alumia,
Um amor de gentil serafim!

Folga e ri no começo da existencia,
Borboleta gentil! a flôr dos valles,

Dá noite á viração abrindo o calix,
O puro orvalho da manhã te guarda;
Inda perfumes dá que te embriagaõ;
Inda o sol quando aquece os vivos raios,
Nas azas multicores scintillando,
Com terno amor de pae, em torno esparge
Pó subtil de rubins e de saphiras.
Folga e ri no começo da existencia,
Humano seraphim, que esse perfume
São das azas do anjo, que s'impregnão
Dos aromas do céu, quando atear-se,
Roaz fogo de vida começando,
Quanto havemos de Deus consome e apaga.

IV

Porêm tu, afagada e querida,
Com requebros donosos, gentis,
Vai contente caminho da vida,
Bello anginho, mimoso e feliz!

E do bardo a canção magoada,
Quando a possas um dia escutar,
Ha de ser como rota grinalda,
Que perfumes deixou de exhalar!

E esta mão talvez seja sem vida,
E este peito talvez sem calor,
E memoria apagada e sumida,
Talvez seja a do triste cantor!

Rio de Janeiro, 1848.

URGE O TEMPO

Move incessante as azas incansaveis
O tempo fugitivo ;
Atraz não volta !

A. DE GUSMÃO.

Urge o tempo, e os annos vão correndo,
Mudança eterna os seres afadiga !
O tronco, o arbusto, a folha, a flôr, o espinho,
Quem vive, o que vegeta, vai tomando
Aspectos novos, nova fôrma, enquanto
Gyra no espaço e se equilibra a terra.

Tudo se muda, tudo se transforma ;
O espirito porém, como centelha,
Que vai lavrando solapada e occulta,
Até que emfim se torna incendio e chammas,
Quando rompe os andrajos morredouros,
Mais claro brilha, e aos céos comsigo arrasta
Quanto sentio, quanto soffreu na terra.

Tudo se muda aqui ! sómente o affecto,
Que se gera e se nutre em almas grandes,
Não acaba, nem muda ; vai crescendo,
Co' o tempo avulta, mais augmenta em forças,
E a propria morte o purifica e alinda.
Semelha estatua erguida entre ruinas,
Firme na base, intacta, inda mais bella
Depois que o tempo a rodeou de estragos.

SOBRE O TUMULO DE UM MENINO

25 Outubro 1848.

O envolucro de um anjo aqui descança,
Alma do céu nascida entre amargores,
Como flôr entre espinhos; — tu, que passas,
Não perguntes quem foi. — Nuvem risonha
Que um instante correu no mar da vida;
Romper da aurora que não teve occaso,
Realidade no céu, na terra um sonho!
Fresca rosa nas ondas da existencia,
Levada á plaga eterna do infinito,
Como off'renda de amor ao Deus que o rege;
Não perguntes quem foi, não chores : passa.

MENINA E MOÇA

Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux !

CHÉNIER.

É leda a flôr que desponta
Sobre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em flóreo tapiz;
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz!

É bella a virgem risonha
Com seus musicos accents,

Com seus virgens pensamentos,
Com seus mimos infantis ;
Como quanto enceta a vida,
Que á luz sorri da existencia,
Que tem na sua innocencia
Da mocidade o verniz.

Vinga a flôr a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor :
De cada gota de orvalho
Extrahe celeste perfume,
E do sol no raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem mimosa,
Pouco e pouco, noite e dia,
Mais viva flôr de poesia
Do rosto lhe tinge a côr ;
E um anjo nos meigos sonhos,
Do seu peito na dormencia
Derrama o odor da innocencia,
Um doce raio de amor !

Porque tudo, quando nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flôr ;
Tem mais amor, tem mais vida,
Como celeste feitura,
Que sahe melindrosa e pura
D'entre as mãos do Creador.

28 de Julho.

COMO EU TE AMO

Como se ama o silencio, a luz, o aroma,
O orvalho n'uma flôr, nos céus a estrella,
Nó largo mar a sombra de uma vela,
Que lá na extrema do horizonte assoma ;

Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta,
As canções saudosissimas do nauta,
Quando em mollé vai-vem a não fluctua ;

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombras e do dia as côres,
Um céu com luzes, um jardim com flôres,
Um canto quasi em lagrimas sumido ;

Como se ama o crepusculo da aurora,
A mansa viração que o bosque ondeia,
O susurro da fonte que serpeia,
Uma imagem risonha e seductora ;

Como se ama o calor e a luz querida,
A harmonia, o frescor, os sons, os céus,
Silencio, e côres, e perfume, e vida,
Os paes é a patria e a virtude e a Deus :

Assim eu te amo, assim ; mais do que podem
Dizer-t'o os labios meus, mais do que vale
Cantar a voz do trovador cançada :
O que é bello, o que é justo, sancto e grande
Eu amo em ti. — Por tudo quanto soffro,
Por quanto já soffri, por quanto ainda

Me resta de soffrer, por tudo eu te amo.
O que espero, cobiço, almejo, ou temo
De ti, só de ti pende : oh ! nunca saibas
Com quanto amor eu te amo, e de que fonte
Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo !
Esta occulta paixão, que mal suspeitas,
Que não vês, não suppões, nem te eu revelo,
Só pode no silencio achar consolo,
Na dôr augmento, interprete nas lagrimas.

De mim não saberás como te adoro ;
 Não te direi jámais
Se te amo, e como, e a quanto extremo chega
 Esta paixão voraz !
Se andas, sou o echo dos teus passos ;
 Da tua voz, se fallas ;
O murmurio saudoso que responde
 Ao suspiro que exhalas.
No odor dos teus perfumes te procuro,
 Tuas pegadas sigo ;
Velo teus dias, te acompanho sempre,
 E não me vês contigo !
Occulto e ignorado me desvelo
 Por ti, que me não vês ;
Aliso o teu caminho, esparjo flôres,
 Onde pisão teus pés.
Mesmo lendo estes versos, que m'inspiras,
 Não pensa em mim, dirás :
Imagina-o, si o podes, que os meus labios
 Não t'o dirão jámais !

Sim, eu te amo ; porêm nunca
Saberás do meu amor ;
A minha canção singela
Traçoeira não revela
O premio sancto que anhela
O soffrer do trovador !

Sim, eu te amo ; porêm nunca
Dos labios meus saberás,
Que é fundo como a desgraça,
Que o pranto não adelgaça,
Leve, qual sombra que passa,
Ou como um sonho fugaz !

Aos meus labios, aos meus olhos
Do silencio imponho a lei ;
Mas lá onde a dôr se esquece,
Onde a luz nunca fallece,
Onde o prazer sempre cresce,
Lá saberás se te amei !

E então dirás : « Objecto
Fui de sancto e puro amor :
A sua canção singela,
Tudo agora me revela ;
Já sei o premio que anhela
O soffrer do trovador.

« Amou-me como se ama a luz querida,
Como se ama o silencio, os sons, os céus,
Qual se amão côres e perfume e vida,
Os paes e a patria, e a virtude e a Deus ! »

AS DUAS CORÔAS

Hermosa, en tu linda frente
El laurel sienta mejor,
Que con su regio esplendor
Corona de rey potente.

G. Y S.

Ha duas c'rôas na terra,
Uma d'ouro scintillante
Com esmalte de diamante,
Na frente do que é senhor ;
Outra modesta e singela,
C'rôa de meiga poesia,
Que a frente ao vate alumia
Com a luz d'um resplendor.

Ante a primeira se curvão
Os potentados da terra :
No bojo, que a morte encerra,
Sobre a liquida extensão,
Levão náos os seus dictames
Da peleja entre os horrores ;
Vis escravos, crús senhores,
Preito e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira
Sobre esta terra maldicta,
Ninguem a voz lhe acredita,
Mas riem dos cantos seus :
Os anjos não ; porque sabem
Que essa voz é verdadeira,
Que é dos homens a primeira,
Emquanto a outra é de Deus !

Se eu fôra rei, não te dera
Quinhão na regia amargura;
Nem te qu'ria, virgem pura,
Sentada sob o docel,
Onde a dôr tão viva anceia,
Tão cruel, tão funda late,
Como no peito que bate
Sob as dobras do burel.

Não te quizera no throno,
Onde a mascara do rosio,
Cobrindo o interno desgosto,
Ser alegre tem por lei;
Manda Deos, sim, que o rei chore;
Mas que chore occultamente,
Porque, se o soubera a gente,
Ninguem quizera ser rei!

Mas o vate, quando soffre,
Modula em meigos accents
Seus doridos pensamentos,
A sua interna afflicção;
E das lagrimas choradas
Extrahe um balsamo santo,
Que vale estancar o pranto
Nos olhos do seu irmão.

Se eu fôra rei, não quizera
Roubar-te á senda florida,
Onde corre doce a vida
No matutino arrebol;
Gozas o sopro das brisas
E o leve aroma das flôres,
E as nuvens, que mudão côres
No nascer, no pôr do sol.

Gozão disto as que repousão
 Em táboas de vis grabatos ;
 Não quem vive entre os ornatos
 D'um throno d'ouro e marfim !
 No solio triste, sentada,
 Não viras um rosto amigo,
 Nem mais vivêras contigo,
 Fôras escrava — por fim !

Vive tu teu viver simples,
 Mimosa e gentil donzella,
 D'entre todas a mais bella,
 Flôr de candura e de amor !
 C'rôa melhor eu t'offreço,
 D'ouro não, mas de poesia,
 C'rôa que a fronte alumia
 Com a luz d'um resplendor !

HARPEJOS

Sweetest music !...

SHAKSPEARE.

Da noite no remanso
 Minha alma se extasia,
 E praz-me a sós commigo
 Pensar na solidão ;
 Deixar arrebatár-me
 De vaga phantasia,
 Deixar correr o pranto
 Do fundo coração

Tudo é silencio harmonico
E doce amenidade,
E uma expansão suave
Do mais fino sentir;
Existo ! e no passado
Só tenho uma saudade,
Desejos no presente,
Receios no porvir !

Como licor que mana
De cava, humida rocha,
Que o sol nunca evapora,
Nem limpa amiga mão;
A dôr que dentro sinto
Minha alma desabrocha ;
Que livre o pranto corre
Da noite na soidão !

Attendo ! ao longe escuto
D'umà harpa os sons queixosos,
Attendo ! e logo sinto
Minha alma se alegrar !
Attendo ! são suspiros
De seres vaporosos,
Que mil imagens vagas
Me fazem recordar !

Tu que eras minha vida,
Que foste os meus amores,
Imagem grata e bella
D'um tempo mais feliz,
Que tens, que assim chorosa
Suspiras entre as flôres ?
Teu sou, — do juramento
Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,
Teus mudos passos sigo,
Enquanto, leve sombra,
Fugindo vais de mi'!
Unido ás notas da harpa
Percebo um som amigo,
Que me recorda o timbre
Da voz que já te ouvi!

Na brisa que soluça,
Na fonte que murmura,
Nas folhas que se movem
Da noite á viração,
Ainda escuto os echos
D'uma fugaz ventura,
Que assim me deixou triste
Em mesta solidão.

Prosegue, harpa ditosa
Nas doces harmonias,
Que da minha alma sabes
A mágoa adormecer;
Prosegue! e a doce imagem
Dos meus primeiros dias
Veja eu ante os meus olhos
De novo apparecer!

Ai, forão como a virgem
Que em sitio solitario
Acaso um dia vimos
Sósinha a divagar!
Memoria bemfazeja,
Que o gelido sudario,
Que a morte em nós estende,
Só vale desbotar.

TRISTE DO TROVADOR

E ella era esbelta e bem proporcionada ;
sua alma era como a sensitiva, e suas
palavras são doces e tinham um per-
fume, que se não pôde comparar.

Duas noites de luar.

E ella era como a rosa matutina
Formosa e bella,
Como a estrella que á noite ao mar se inclina,
Saudosa era ella.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,
Era delicias vel-os ;
E co' a alvura do rosto contrastava
A côr dos seus cabellos.

Quando alguém lhe fallava, então fallava
Com voz macia,
Que triste dentro d'alma nos filtrava
Doce alegria.

E o seu timbre de voz movia as fibras
Do coração,
Como sons que a mudez da noite quebrão
Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava
No rosto ameno ;
Nuvemzinha da tarde, que se enxerga
Em céu sereno.

Topou-a acaso pensativa, errante,
O trovador :
« Feliz, disse elle, quem gozára os mimos
Do seu amor ! »

E ella deu-lhe do seio uma saudade
 Murcha, e no emtanto bella :
 E elle um cuito votou, scismando extremos,
 Á pallida donzella.

Como fosse, porêm, breve a sua vida
 Como uma flôr,
 Em breves dias era mudo e triste
 O trovador.

Se alguma vez cantava ; — então dizia
 Ao seu anjo do céo, que lá morava,
 Que de ter junto d'elle só pedia
 A vida sua, que tão erma estava.

VELHICE E MOCIDADE

Eu levo á sepultúra, uns após outros,
 A donzella gentil, o velho enfermo
 E o mancebo que folga descansado
 Á sombra da ventura.

« Minha filha, mais depressa,
 Mais depressa um pouco andemos,
 E da aurora que desponta
 Saudavel frescor gozemos !

« Senta-me em baixo do chorão, que dobra
 A verde rama sobre a campa núa
 De um ser de peito bom, de rosto bello,
 Que foi minha mulher, que foi mãe tua !

« O sol nascendo apenas, vem primeiro
 Seus raios nessa campã dardejar,
 E á cançada velhice é bem faguciro
 Esses restos da vida desfructar. »

Um cégo e triste velho que tremia
 Á força dos invernos que passarão,
 Á filha nova e bella, assim dizia,
 Á filha que os amores cubiçarão.

E tinha o velho pae nos hombros della
 A mão crestada e morta e já rugosa,
 E ella ao pae, sollicita, extremosa,
 Guiava como um anjo e alva e bella.

« Nem sempre o que ora vês teu pae tem sido,
 Oh filha da minha alma, oh meu thesouro,
 Tambem um tempo foi que entretecido
 Tive o fio vital de seda e d'ouro!

« Tambem meus olhos se expriarão longe,
 Pela vasta extensão destas campinas;
 Tambem segui a tortuosa veia
 Desta linda corrente que se perde
 Além, por entre penhas;
 E a esmeraldina côr, de que se arreia
 A relva destes prados, destas brenhas,
 Meus olhos juvenis encheu de gozo,
 Que agora os olhos teus tambem recreia!
 « E que prazer tão grande! o sol nascia
 N'um mar de luz brilhante!

Levantava-se mais, brilhava, ardia,
No prado verdejante,
Na fonte e na deveza;
E o mundo e a natureza
De puro amor enchia !

Destoucavão-se os montes de neblina,
Que meiga e adelgada
Pendia, como um véo de gaza fina
Da celeste morada,
Quando n'um mar formoso o sol nascia !

« O mundo era então luz — hoje é só trevas !
O céu de puro azul via tingido,
Via a terra de côres adornada,
E na immensa extensão d'agua salgada
Via a esteira de luz do sol luzido !

« Breve as horas passei de ser ditoso
Aqui, neste lugar, ledo escutando
Tão amavel tua mãe, tão carinhosa,
Qu' instantes curtos me teceu fallando !

« Hoje existo sómente porque existes,
Desfructo outro viver que não vivia,
Quando escutão-te a voz os meus ouvidos,
Como sons de celeste melodia.

« Oh falla, falla sempre. — É doce ao velho
Sons d'argentina voz, que as fibras todas
Do semivivo coração abalão,
Como d'uma harpa antiga
As deslembradas cordas,
Que á mão experta e amiga
Do trovador, n'um canto alegre estalão.

« É doce ao solitario a voz de um anjo
Na sua solidão ;
E ao velho pai a voz da casta filha,
Que falla ao coração.

« É doce, qual perfume matutino,
Que a flôr exhala,
Que pelo peito da mulher amante
S'interna e cala ;

« É doce, como a luz que se derrama
Pela face do mar,
Quando brando luar, da noite amigo,
Vem nelle se espelhar.

« Falla, bem sei que amarga é tua vida,
Que amargo é teu penar ;
No silencio da noite tenho ouvido
Teu peito a soluçar !

« Oh falla, tu bem vês que, se a tormenta
Tetrica sôa,
Ao ninho de seus paes o passarinho
Rapido vôa. »

— Oh meu pai, como eu quizera
Meus pezares te esconder ;
Mas tua filha, coitada,
Em breve tem de morrer !

— Sinto que alento me falto,
Que longe foge de mim ;

Sinto minha alma rasgar-se
 Por te deixar só assim ;
 Meu bom pai, como está breve
 Da tua filha o triste fim !

— Alta noite, ouvi em sonhos,
 A chamar-me um seraphim ;
 Tinha alegria no rosto,
 Mas chorava sobre mim ;
 Meu bom pai, como está breve
 Da tua filha o triste fim !

— Etu cá ficas sósinho,
 E tu cá ficas sem mim !
 Oh que n'alma só me peza
 Por te deixar só assim ;
 Meu bom pai, que é já chegado
 De tua filha o triste fim ! —

E o velho, baixo fallando,
 Tristemente assim dizia :
 « Já fui feliz, já fui novo,
 Já fui cheio de alegria !

« Eu tive paes extremosos,
 Irmãos que m'idolatrarão,
 Eu tive castos amores,
 Que antes de mim se acabarão !

« Eu tive tantos no mundo
 Quantos se póde chorar :
 Perdi todos, tudo ; ai, triste,
 Só eu não pude acabar !

« Ao sopro da desventura
Só eu me não abalei,
Que a todos — novos e velhos —
A campa todos levei !

« Minha filha me restava !
Eu já fantasma impotente,
Sobre os torrões tropeçava
Da cova aberta recente!

« Anjo de amor e bondade,
Porque me deixaste assim !
Tu morta, e na sepultura
Que eu tinha aberto p'ra mim !

« Deos, Senhor, quanto foi longo
O vaso em que fel traguei !
Findo o julguei ; restão fezes,
As fezes esgotarei. »

E sobre a rosea face, ora amarella,
A aurora sempre bella radiava,
E o pai, ancião, que a dôr rasgava,
Cingia ao corpo seu o corpo della.

Nem pranto nos seus olhos borbilhava,
E nem nos labios seus a dôr gemia,
E sua alma, qual vaso em calmaria,
Entre vida e morrer n'um ponto estava.

O beijo paternal, por fim, estampa
Na filha, que prazeres só lhe dera ;
E filha e pensamento — alguém dissera
Ter juntos sepultado a mesma campa !

Nos céos não tens, Senhor, bastantes anjos,
 Porque os venhas assim buscar á terra ?
 Brilhe a virtude, quando reina o crime,
 O crime impune e vil, que ás tontas erra.

AS FLORES

Ao Snr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO (*)
 Simples tributs du cœur, vos dons sont chaq e jour
 Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.

DELILLE. *Les Jardins.*

Tu que com tanto afan, com tanto custo,
 Estudando, inquirindo, e meditando,
 De estranhos climas transplantaste aos nossos
 As flores varias no matiz, nas fórmãs,
 Modesto horticultor, dos teus desvelos
 Este só galardão recebe ao menos !
 Recebe-o : tambem eu gosto das flôres,
 Folgo tambem de as ver n'um campo estreito
 De estranhas terras revelando os mimos
 E as galas d'outros céos : — aqui perfumãc
 Nossos jardins de peregrina essencia !
 Melhorão-se talvez, q e as não constrictã o
 Raios tibios do sol, nem tarvos ares,
 Nem do inverno o furor lhes cresta o brilho.

Meigas flôres gentis, quem vos não ama ?
 Em vós inspirações o bardo encontra,

(*) Incançavel Botânico-florista, a quem devemos a introdução no paiz das mais bellas e curiosas especies de flôres, que já-mais aqui se virão.

Devaneios de amor a ingenua virgem,
A abelha o mel, a humanidade encantos,
Odores, nutrição, balsamo e côres.
Meigas flôres gentis, quem vos não ama ?

Linda virgem no albor da vida incerta,
No meio das vivaces companheiras,
Em fôrma de capella as vai tecendo
Para cingir com ella a fronte e a coma,
Que os annos no passar não enrugarão,
Nem as cans da velhice embranquecêrão.
Resplendor d'innocencia, onde casados
A açucena, e os jasmims aos brancos lirios
Um só perfume grato aos céos envia ;
Meiga c'rôa d'angelica pureza,
Ornamento da vida — que se rompe
Ou quando os membros delicados vestem
O grosseiro burel da penitencia,
Ou do noivado as galas ! — lá se acaba
Por fim aos pés do thalamo ou n'um tumulto !
Meigas flôres gentis, quem vos não ama ?

Quantas vezes, nas horas da ventura,
A fallaz sensação d'um peito ingrato
Não julgamos eterna, immensa, infinda !...
Alli nossos anhelos se concentração,
Nossa vida alli jaz : — cifra-se inteira
N'um brando volver d'olhos, n'um accento,
Que a ternura repassa, inspira, exhala !
Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto,
Valem thronos, e mais, — o mundo e a vida !
Mas esvae-se a paixão !... que fica ? Apenas
Um saudoso lembrar d'éras passadas,
De scismadas venturas, não fruidas,

Ás vezes uma flôr !.... — Flôr dos amores,
Quando extincta a paixão porque inda existes ?
Espinhos de uma rosa emmurchecida,
Porque sobreviveis ás folhas d'ella ?
Mais firme, mais leal, mais vivedoura
Que a voluvel paixão, a flôr mimosa
Talvez irrita a dôr, talvez a acalma.
Emblemas do prazer, do soffrimento,
Mensajeiras do amor ou da saudade,
Meigas flôres gentis, quem vos não ama ?

Geme a fresca odalisca entre ferrolhos,
Importuna presença a voz lhe tolhe
Do não piedoso eunucho ; — e estatua negra
Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos :
Chora a guzla mourisca ao som dos ferros,
Lastima-se a cadeia ao som dos passos,
E a humana flôr definha entre as mais flôres ;
Mil ouvidos a voz lhe escutão sempre,
E cingidos de ferro, crús soldadòs
D'entorno ao mésto harem velão sanhudos !
Ruge, fero soldão ! triplica os bronzes
Da masmorra cruel : — a planta humilde,
E a escrava que recatas tão cioso,
Zombão dos feros teus ! Muda e singela,
Ao través das prisões, dos teus soldados
Passa a modesta flôr ! Vai n'outro peito,
Mysterios não sabidos relatando,
Contar do infausto amor as provas duras,
Os martyrios da ausencia, as tristes lagrimas
Que chora — ao reiterar protestos novos !
Bem-fadadas do sol, do amor bemquistas,
O orvalho as cria, as lagrimas as murchão :
Meigas flôres gentis, quem vos não ama ?

Quem tem o coração a amor propenso,
 Quem sente a interna voz que dentro falla,
 Delicado sentir d'um brando peito,
 Alma virgem que os homens não mancharão :
 Quem soffre ou tem prazer, ou ama, ou 'spera
 E vive e sente a vida, esse vos ama :
 Encantos da existencia enquanto vivos
 Do revés, do triumpho companheiras,
 No berço, no docel, no mudo esquite,
 Sempre amigas ficis vos encontramos.
 Meigas flôres gentis, quem vos não ama ?

Modesto horticultor, dos teus desvelos
 Este só galardão recebe ao menos ;
 E paga-te sequer de ver mais bella,
 Mais vaidosa, melhor, do sol na terra,
 A flôr modesta, producção sublime
 De estranhos climas transplantada ao nosso.

Rio, 29 janeiro 1849.

O QUE MAIS DÓE NA VIDA

I cannot but remember such things were,
 And were most dear to me.

SHAKSPEARE.

O que mais dóe na vida não é ver-se
 Mal pago um beneficio,
 Nem ouvir dura voz dos que nos devem
 Agradecidos votos,
 Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,
 Que as devêra beijar !

Não ! o que mais dóe não é do mundo
A sangrenta calumnia,
Nem ver como s'infama a acção mais nobre,
Os motivos mais justos,
Nem como se deslustra o melhor feito,
A mais alta façanha !

Não ! o que mais dóe não é sentir-se
As mãos d'um ente amado
Nos espasmos da morte resfriadas,
E os olhos que se turvão,
E os membros que entorpecem pouco e pouco,
E o rosto que descora !

Não ! não é ouvir d'aquelles labios,
Doces, tristes, compassivas,
Sobre o funereo leito soluçadas
As palavras amigas,
Que tanto custa ouvir, que lembrão tanto,
Que não s'esquecem nunca !

Não ! não são as queixas amargadas
No triumphar da morte ;
Que, se se apaga a luz da vida escassa,
Mais viva a luz rutila ;
Luz da fé què não morre, luz que espanca
As trevas do sepulchro.

O que dóe, mas de dôr que não tem cura,
O que afflige, o que mata,
Mas de afflicção cruel, de morte amara,
É morrermos em vida
No peito da mulher que idolatramos,
No coração do amigo !

Amizade e amor ! — laço de flôres,
 Que prende um breve instante
 O ligeiro batel á curva margem
 De terra hospitalcira ;
 Com tanto amor se ennastra, e tão depressa,
 E tão facil se rompe !

Á mais ligeira ondulação dos mares,
 Ao mais ligeiro sopro
 Da viração — destrança-se as grinaldas ;
 E o baixel se afasta,
 Veleja, foge, até que em plaga estranha
 Naufragado soçobre !

Talvez permite Deos que tão depressa
 Estes laços se rompão,
 Porque nos peze o mundo, e os seus enganos
 Mais sem custo deixemos :
 Sem custo assim a brisa arrasta a planta,
 Que jaz solta na terra !

FLOR DE BELLEZA

Não vejas !... se a vires... — Eu sei porque o digo :
 Tu morres de amor.

MACEDO.

Se fosse rainha aquella
 Em cuja frente singela,
 Como em tela delicada
 Luz da belleza o condão,
 Fôras rainha adorada ;
 Mas rainha seductora,
 Que exige preitos n'uma hora
 E n'outra hora adoracão.

Fôras rainha! e ditosos
Teus vassallos extremosos,
Que a renderem-te seus peitos
Beijárão-te a nivea mão.
Pedes amor e respeitos!
Quem não ama a formosura,
Quem não respeita a candura
D'um sincero coração?

Mas antes que nos curvemos
Ante a belleza que vemos,
Tua angelica bondade
Conquista a nossa affeição :
Não es mulher, mas deidade,
Uma fada seductora,
Que nos pede amor agora,
Logo mais — adoração.

Quando pois, cheia de graças,
Entre a turba alegre passas,
Entre a turba sequiosa
De beijar-te a nivea mão;
Dizem uns : quanto é formosa !
Eu porém sei que es mais bella
Nos dotes da alma singela,
Nas prendas do coração.

Passa rapida a belleza,
Como flôr que a natureza
Cria em jardim melindroso,
Ou n'um agreste torrão ;
Passa como um som queixoso,
Como felizes instantes,
Como as juras dos amantes,
Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,
Exhala essencia divina,
Que avigora e fortifica
O dorido coração ;
Morto o corpo, ainda fica,
Como em rosal arrancado,
Leve aroma derramado
Dos espaços na extensão.

O ANJO DA HARMONIA

Respira tanta doçura
O teu canto, que por certo
Abranda a penha mais dura.

BOCAGE.

Revela tanto amor, tão branda sôa
A tua doce voz canora e pura,
Que o homem de a escutar sente no peito
Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,
O mundo, a vida, o soffrimento esquece,
E embalada n'um ether deleitoso,
Como Alcyon nas aguas, adormece!

Da noite a placidez é menos grata
A quem sósinho e taciturno vela,
Quando, perdido n'outros mundos, nota
A meiga luz de fugitiva estrella.

Sensações menos doces, menos vagas,
Desperta o barco leve, que se avista
Ao pôr do sol, na extrema do horizonte,
Quando n'um mar de luz nos foge á vista.

Das aves o cantar é menos fresco.
É menos triste a fonte que serpeia,
Menos queixoso o mar que enternecido
Beija na praia a scintillante areia.

Vagas na terra, suspiroso archanjo,
Derramando torrentes de harmonia
Sobre as chagas mortaes, — balsamo sancto
Que as mais profundas mágoas allivia.

Vagas na terra, merencoria e bella;
Mas quando d'este mundo ao céu tornares,
Juntarás teus ternissimos accentos
Aos puros sons dos mysticos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,
Encostados ás harpas diamantinas,
Folgarão de te ouvir celestes carmes
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão : — Nunca ás plagas do infinito
Subio mais terna voz, mais fresca e pura!
Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso
Onde o incenso de Deos se afina e apura.

A HISTORIA

The flow and ebb of each recurring age.

BYRON.

Triste lição de experiencia deixão
Os evos no passar e os mesmos actos
Renovados sem fim por muitos povos,
Sob nomes diversos se encadeião :
Aqui, além, agora ou no passado,
Amor, dedicação, virtude e gloria,
Baixeza, crime, infamia se repctem,
Quer gravados no socco de uma estatua,
Quer em vil pelourinho memorados.
Eis a historia ! — rainha veneranda,
Trajando agora sedas e velludos,
Depois vestindo um sacco desprezível,
D'immunda cinza apovilhada a fronte.

Se as virtudes do pobre não tem preço,
Tambem dos vicios seus a nodoa exigua
Não conspurca as nações ; mas ai dos grandes,
Que trilhão senda errada, a cujo termo
Se levanta a barreira do sepulchro,
Onde se quebra a adulação sem força.
Se virtuoso, as gerações passando
As cinzas lhe beijarão ; se malvado,
Cospem-lhe affrontas na vaidosa campa,
Jámais de amigas lagrimas molhada.
E qual do Egypto nos festins funereos,
Maldizem bons e máos sua memoria,
Lançando á face da real mumia
Dos crimes seus a lacrymosa historia.

Talvez, porêm, um infortunio grande,
Um exemplo sublime de virtude,
Cobre dourada pagina, que aos olhos
Pranto consolador sem custo arranca.

Eis a historia ! um espelho do passado,
Folhas do livro eterno desdobradas . . .
Aos olhos dos mortaes; — aqui sem mancha,
Além golfeja sangue e súa crimes.
Tal foi, tal é : retrato desbotado,
Onde se mira a geração que passa,
Sem côr, sem vida, — e ao mesmo tempo espelho,
Que ha de ser nova copia á gente nova,
Como os annos aos annos se succedão :
Ondas de mar sereno ou tormentoso,
As mesmas na apparencia, que se quebrão
Sobre as d'areia fluctantes praias.

A CONCHA E A VIRGEM

Linda concha que passava,
Boiando por sobre o mar,
Junto a uma rocha, onde estava
Triste donzella a pensar ;
Perguntou-lhe : — Virgem bella,
Que fazes no teu scismar?
— E tu, pergunta a donzella,
Que fazes no teu vagar?
Responde a concha : — Formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Nem sei onde vou parar!

Responde a virgem sentida,
Que estava triste a pensar :
— Eu tambem vago na vida,
Como tu vagas no mar!

Vais d'uma a outra das vagas,
Eu d'um a outro scismar ;
Tu indolente divagas,
Eu soffro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,
Eu, onde me leva Deos :
Buscas a vida, — eu a morte ;
Buscas a terra, — eu os céos!

SEI AMAR

Amor amore.

Proverbio.

Sei amar com paixão ardente e fida,
Como o nauta ama a terra, como o cégo
A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar ; porêm do immenso pégo
D'uma existencia misera e cançada,
Quero uma hora, um instante de socego.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
A um peito de mulher que me entendesse,
Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porém, que fosse minha, e que eu soubesse
 Que os lábios que beijei são meus sómente,
 Nem pensa em outro, nem de mim se esquece;

Nem vai de prompto derramar demente
 N'outros ouvidos a palavra, o accento,
 Que em extasis de amor criei fervente;

Nem corre o seu volátil pensamento,
 Quando fallo, a pensar n'outros amores,
 N'outra voz, n'outros sons, n'outro momento.

Demais, acostumado a teus rigores,
 Não me queixo, bem vês, mas despedaç
 A prisão vil, embora occulta em flôres.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
 Como senhor campeia — ao mais querido
 Cedo o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Não me contenta um coração partido,
 Um só amor que a dous pertence, — um peito,
 Que bate por dous homens, fementido.

Se eu unico não sou, — vil, não aceito
 Ser segundo em amor; — inteiro é nobre,
 Vale um throno; — partido, é dom tão pobre,
 Qu'eu pobre, como sou, de altivo engeito.

ÁMANHÃ

Ámanhã! — é o sol que desponta,
 É a aurora de roseo fulgor,
 É a pomba que passa e que estampa
 Leve sombra de um lago na flôr

Ámanhã! — é a folha orvalhada,
É a rôla a carpir-se de dôr,
É da brisa o suspiro, — é das aves
Ledo canto, — é da fonte o frescor.

Ámanhã! — são acasos da sorte;
O queixume, o prazer, o amor,
O triumpho que a vida nos doura,
Ou a morte de baço pallor.

Ámanhã! — é o vento que ruge,
A procella d'horrendo fragor;
É a vida no peito mirrada,
Mal soltando um alento de dôr.

Ámanhã! — é a folha pendida,
É a fonte sem meigo frescor,
São as aves sem canto, são bosques
Já sem folhas, e o sol sem calor.

Ámanhã! — são acasos da sorte!
É a vida no seu amargor,
Ámanhã! — o triumpho, ou a morte;
Ámanhã! — o prazer, ou a dôr!

Ámanhã! — o que val', se hoje existes!
Folga e ri de prazer e de amor;
Hoje o dia nos cabe e nos toca,
De ámanhã Deos sómente é Senhor!

POR UM AI

Se me queres ver rendido,
De joelhos, a teus pés,
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dê;

Se queres ver o meu peito
Rugindo como um vulcão,
Estourar, arder em chammas,
Ferver de amor e paixão;

Se me queres ver sujeito,
Curvado e preso á tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos obre os teus olhos,
Meu coração a teus pés;
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dê:

Oiça, feliz, dos teus labios
Esta só palavra — amor! —
Estrella cortando os ares,
Abelha sobre uma flôr.

Então verás dos meus olhos,
Que o pezar me não cegou,
Rebentarem de alegria
Prantos, que a dôr estancou;

Então verás o meu peito
Como outra vez se incendia:
Era a folha verde e fresca,
Onde o sol se reflectia!

Murcha e triste pende agora;
Cahio, jaz solta, está só :
Exposta ao fogo, arde em chammas,
— Deixai-a, desfaz-se em pó!

Hei de sentir outra vida,
Outra vez meu coração
Escutarei palpitando
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça,
Tal fui, tal me vês agora!
Mas venha o orvalho celeste
Venha o bafejo da aurora;

Venha um raio de alegria
Dar-lhe ás raizes calor;
Revive de novo, e brota
Folhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado
Outra vez se dependurão
Mil flôres, — alli mil aves
Nos seus gorgeios se apurão.

Não quero palavras falsas,
Não quero um olhar que minta,
Nenhum suspiro fingido,
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno,
Uma só prova, — e verás
Minha alma, presa em teus labios,
Como de amor se desfaz!

Ver-me-has rendido e sugeito,
 Captivo e preso á tua lei,
 Mais humilde que um escravo,
 Mais orgulhoso que um rei!

PROTESTO

IMITAÇÃO DE UMA POESIA JAVANEZA

Ainda quando os homens te odiassem,
 E anath'ma contra ti bradasse o mundo,
 Por ti sentira amor, te amára sempre,
 Te amára eternamente.

Este affecto jámais ha de alterar-se ;
 Embora gemeos sóes ardão no espaço,
 Ou gemeas noites, em cegueira etérna,
 Me roubem o prazer de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, hei de afundar-me ;
 Passa ao travez do fogo, irei contigo ;
 Aos céos remonta, hei de seguir te sempre,
 Ver-me has sempre a teu lado.

De ti não póde a força desprender-me,
 Nem separar-me o fado. Em ti só vivo ;
 E quem dos dias teus souber o termo,
 Que a vida me deixou tambem conheça.

Quando nas azas da esperanza corro,
 Onde me acenas, onde amor me aguarda,
 Parece-me que vôo aos ledos campos,
 Onde a esperanza mora.

Não ha que possa comparar-se aos extasis,
Que tanto ao vivo meu amor revelão ;
Um gesto, um som dos labios teus mimosos
Mil vezes na minha alma se repete.

Quer irritada contrã mim te mostres,
Quer do teu seio irosa me repillas,
Teu rosto na minha alma se retrata,
E eu te amo sempre !

Quer durma, quer descance, ou vele ou soffra,
Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,
Risonha tua imagem me apparece,
E eu julgo sempre que te fallo e escuto.

Seja eu longe da patria infindas legoas,
A distancia de um mundo entre nós corra,
Emquanto além divago, preso fica
Meu coração contigo.

Se pois souberes que os meus dias findão,
Não creias que o destino inexoravel
M'os corta — antes me tem, antes me julga
Morto por ti de amores !

FADARIO

Procura o iman sempre
Do pólo a firme estrella,
De viva luz o insecto
Se deixa embellezar ;

E a nave contrastada
Das furias da procella,
Procura amigo porto,
No qual possa ancorar.

O iman sou constante,
A nave combatida,
O insecto encandeado
Com fulgido clarão ;
E tu — a minha estrella,
A luz da minha vida,
O porto que me acena
Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,
Severa no semblante,
No olhar, na voz — de balde
Me opprime o teu rigor ;
Se fujo dos teus olhos,
Se mostro-me inconstante,
Na ausencia e no desterro
Me vai crescendo o amor !

Assim o insecto volta
Á luz que o já queimára,
E o iman na tormenta
Procura o norte seu ;
Assim a nave rota,
Que o vento contrastára,
Entrando o porto, esquece
Que males já soffreu.

Debalde pois tua alma,
Que a minha dôr enxerga,

Se mostra aspera e dura
Á voz do meu penar ;
Aquelle verde ramo,
Que facilmente verga,
Resiste ao peso, enquanto
Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cança
De o ver revel contigo,
Do tronco seu virente
Separa-o do uma vez :
Mais qu'elle venturoso
Me julgo, se consigo
Morrer vendo os teus olhos,
Cahir junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,
Se finda o meu tormento,
Que nem lembrança minha
Terás de conservar ;
A nave, que não toca
No porto a salvamento,
Talvez os rolos mastros
Atira á beira-mar.

Assim, quando jazendo
Me achar na campa fria,
Talvez tenhas remorsos
Da tua ingratidão ;
Talvez que por mim sintas
Alguma sympathia ;
Que em lagrimas desfeita
Me dês amor então.

O ASSASSINO

Pero una sola lágrima, un gemido
 Sobre sus restos á ofrecer no van,
 Que es sudario d'infames el olvido...
 Bien con su nombre en su sepulcro están !

ZORRILLA.

Eil-o ! seu rosto pallido se encova ;
 Incerto, mais que os vãos d'um morcego,
 Seu andar, ora lento, ora apressado,
 Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,
 Semelha luz de tocha mortuaria
 A luz que os olhos seus despedem torvos.
 Ha momentos em que seu rosto fero
 De tal arte s'enruga e se transtorna,
 Que os seus proprios amigos o fugirão
 E a propria mãe temêra unil-o ao seio !
 Quando os labios descerra, só murmura
 Frases, cujo sentido não se alcança,
 Ou blasfemias a Deos, que o soffre em vida !
 O que amou n'outro tempo, agora odeia ;
 Despreza o que estimou ; evita, fuge
 Quanto afanoso procurava outr'ora ;
 Receia a luz do sol, da noite as trevas,
 A voz do crime, da innocencia o grito !

A cholera de Deos cahio tremenda
 Sobre o seu peito, e o coração lhe opprime,
 De cuja interna chaga em jorros salta
 O sangue e a podridão : horrenda e fero,
 A victima das furias do remorso,

Terrível e cobarde, e ao mesmo tempo
Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,
Emquanto a Deos maldiz, blasfema, irrita,
D'uma voz, d'uma sombra se amedronta.

Não póde supportar seus pensamentos
A sós comsigo, e aborrecendo os homens,
De os ver e de os não ver soffre martyrios.
Na cidade, suspeita esposa, amigos,
A mãe e os filhos ; — um terror, um pasmio,
Cuja causa recondita se ignora,
Na voz, no rosto e gesto o denunciação
Como escravo do crime ou da miseria.

No ermo a propria voz o sobressalta !
O som dos passos, do seu corpo a sombra,
Das fontes o correr por entre 'as pedras
Da brisa o suspirar por entre as folhas,
Quanto vê, quanto escuta o intimida.
Minaz lhe brada a natureza inteira,
Soluça um nome, que lhe errica a coma
E o frio do terror lh'immerge n'alma.

O mar nas ondas crespas, que se enrolão,
Batidas pelo açoite da procella,
Troveja o mesmo nome ; as vagas dizem-no,
Quando passão, cuspindo-lhe o semblante ;
E Deos, o proprio Deos no espaço o grava
Nos fuzis que os relampagos centelhão.

Tem pavor, quando sonha e quando vela.
Deixando o leito em seu suor banhado,
No silencio da noite — a horas mortas,
Levanta-se medonho á voz do crime !
Nas mãos convulsas um punhal aperta
E a lamina buida e os olhos torvos

Agoureiro clarão despedem juntos.
 Soltando roucos sons com voz-sumida,
 Apalpa cauteloso as densas trevas,
 E vai... caminha... attende... de repente
 Apunhala um phantasma! — solta um grito,
 Larga o punhal convulso e arrepiado!
 N'um ferrete de sangue lê seu fado,
 Um ferrete, que a dôr não desfáz nunca,
 Nem lava o pranto, nem consome o tempo.

Miseravel, provando o fel da morte,
 Ante o passo medonho se horroriza ;
 Odeia o mundo que fugir não póde
 Regeita a religião que o não consola,
 Odeia e teme a Deos, — teme a justiça
 De quem na frente vil do fratricida
 Nodoa eterna gravou do crime infando.

A UNS ANNOS

14 — Janeiro.

No segredo da larva delicada
 A borboleta mora,
 Antes que veja a luz, que estenda as azas,
 Que surja fóra !

A flôr, antes de abrir-se, se recata ;
 No botão se resume.
 Antes que mostre o colorido esmalte,
 Que espalhe o seu perfume.

E a flôr e a borboleta, após a aurora
 Breve — da curta vida,
 Encontrão nas manhãs da primavera
 A luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem
 Da vida no verdor,
 Semelha a borboleta melindrosa,
 Semelha a linda flôr.

Tudo se alegra e ri em torno della,
 Tudo respira amor,
 Que é a virgem formosa semelhante
 Á borboleta e á flôr.

Mas p'ra estas o sol breve se esconde,
 Passão prestes os dias ;
 Emquanto a cada sol e nova quadra
 Tu novas graças crias !

QUANDO NAS HORAS

And dost thou ask, what secret woe
 I bear, corroding joy and youth ?
 And wilt thou vainly seek to know
 A pang e'en thou must fail to soothe.

BYRON.

I

Quando nas horas que contigo passo,
 Do amor mais casto, do mais doce enlevo,
 Sentido um raio d'esperança amiga,
 Que as densas trevas da minha alma aclara.

Teus meigos olhos sobre os meus se fitão,
Sorvo o perfume que tua alma exhala,
Gozo o sorriso que os teus labios vertem
E as doces notas que o prazer m'entranhão ;

Tu me perguntas porque um riso amargo,
Funebre e triste me descora os labios ;
Porque uma nuvem de pezares grávida
Tolda o meu rosto ;

Porque um suspiro de abafada angustia,
Um aido peito, que exhalar não ousou,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra
N'um breve instante !.

Raio de amor, que sobre mim respandes,
Ou sol que bates n'um profundo abysmo,
E a verde-negra superficie tinges
De côr chumbada com reflexos d'oiro ;

Se vês luzente a superficie amiga,
E á luz que espalhas aclarar-se o abysmo,
Sol bemfazejo, que te importão fezes,
Se lá no fundo adormecidas jazem ?

Talvez se as viras, encobrando os olhos,
De horror fugindo ao temeroso aspecto,
Os brandos lumes, d'onde amor distillas
Breve apagáras.

Não me perguntes porque soffro triste,
Porque da morte o negro espectro invoco,
Porque, cansado desta vida, almejo
A paz dos tumulos.

Nem ver procures a cráera hiante
 Do pei o meu, qu'inda fumeça em cinzas,
 Do peito meu, onde crueis travárão
 Pleitos; não crimes, mas paixões que abra-ão

Dá que nas horas que contigo passo
 Do amor mais casto e do mais doce enlevo,
 Durma o passado e do porvir m'esqueça,
 E o meu presente de te amar se ameigue.

II

Se algum suspiro de abafada angustia,
 Se um ai do peito que exhalar não ousa,
 O meigo encanto dos teus sonhos quebra ;
 Tu me perdôa.

Cansado e triste de viver soffrendo,
 Da morte amiga o negro espectro invoco,
 Affiz-me ás dôres, e só tôrva idéia
 Me apraz agora.

Talvez na pedra d'um sepulchro frio
 Melhor folgára de me ver deitado,
 Sentir nos olhos estancado o pranto
 E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgára minha sombra triste,
 Vagando em torno d'uma campa lisa,
 De vêr-te as fórmas, de contar teus passos,
 E de escutar tua oração piedosa.

Talvez folgára, quanto pranto amargo
 Dos olhos teus me rorejasse a campa,
 Dos meigos labios, onde amor temperas,
 Meu nome ouvindo !

Oh! sim, folgára de sentir a brisa
Correndo em torno ao moimento meu,
E tu sósinha no sepulchro humilde,
Guardando os tristes deslembados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leito,
Onde os teus restos junto aos meus descancem;
E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa
Juntos nos veção.

E quando o anjo espedaçar as campas
Ao som da trompa de fragor horrendo,
Que ha de o lethargo despertar dos mortos
Na vida eterna;

Primeiro em ti se fitarão meus olhos:
Hei de alegrar-me de te ver commigo,
E as nossas almas subirão reunidas
Á eterna face do juiz superno.

E deste amor, por que ambos nós passamos,
O galardão lhe pediremos ambos:
Viver unidos na mansão dos justos,
Ou nos tormentos da eternal gehenna!

III

No emtanto a vida supportar já devo,
Soffrer o peso da existencia ingloria,
E revolvendo o coração chagado,
Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,
Um echo surdo que entre as fragas dorme,
Ou como a fonte que entre as pedras corre,
Ou como a folha sob os pés calcada;

Uma alma em pena, que procura os restos
Não sepultados, — uma fiôr que murcha,
D'uma harpa a corda que por fim rebenta,
Ou luz que morre.

Prazer não acho de avistar lua
Pallida e bella na soidão do espaço ;
Nem vivos astros, nem perfumes gratos
Me dão consolo.

Nada percebo nos confusos roncros
Do mar, que vate as solitarias praias ;
Nem nos gemidos da frondosa selva,
Que o sopro amigo de uma aragem move.

Conviva infausto d'um festim, que odeio,
Às proprias galas que vaidosa ostenta
A natureza — não se ri minha alma,
Nem de as notar meu coração se alegra.

E sinto o mesmo que sentira o frio,
Mudo cadaver dos festins do Egypto,
Se ver pudesse, contemplando o nada
Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sobre mim pousaste,
Teus meigos olhos, donde o amor lampeja ;
Pois que os teus labios para mim se abrião,
Teus meigos labios ;

Já que o perfume da tua alma d'anjo
Embalsamou-me o coração de aromas ;
Já que os prazeres da eternal morada
De longe, em sonhos, antevi contigo :

Já posso a vida supportar, já devo
 Soffrer o peso da existencia inutil;
 Já do passado e do porvir me esqueço,
 E o meu presente de te amar se ameiga.

RETRACTAÇÃO

Son reo, non mi difendo
 Puniscimi, se vuoi !

METASTASIO.

Perdôa as duras frases que me ouviste :
 Vê que inda sangra o coração ferido,
 Vê que inda luta moribundo em ancias
 Entre as garras da morte.

Sim, eu devêra moderar meu pranto,
 Soffrear minhas iras vingativas,
 Deixar que as minhas lagrimas corressem
 Dentro do peito em chaga.

Sim, eu devêra confranger meus labios,
 Mordel-os té que o sangue espadanasse,
 Afogar na garganta a ultriz sentença,
 Apagal-a em meu sangue.

Sim, eu devêra comprimir meu peito,
 Conter meu coração, que não pulsasse ;
 Apagado volcão, que inda fumege,
 Que faz, que jorra cinzas ?

Que m'importava a mim teu fingimento,
Se uma hora fui feliz quando te amava,
Se ideei breve sonho de venturas,
Dormido em teu regaço ;

Luz mimosa de amor, que apagaste,
Ou gota pura de crystal luzente
Filtrando os poros de uma rocha a custo,
Cahida em negro abysmo !

Devêra pois meu pranto borrifar-te
Amigo e bemfazejo, como aljofar
De branco orvalho em perolas tornado
N'um calice de flôr ;

Não converter-se em pedras de saraiva,
Em chuva de granizo fulminante,
Que em chão de morte as petalas viçosas
Desfolhasse entre-abertas.

Feliz o doce poeta,
Cuja lyra sonora
Resoa como a queixosa,
Trépida fonte a correr ;
Que só tem palavras meigas,
Brandos ais, brandos accentos,
Cuja dôr, cujos tormentos
Sabe-os no peito esconder !

Feliz o doce poeta,
Que não andou em procura
De terrena formosura
Nem as graças lhe notou !

Que lhe não deu sua lyra,
Que lhe não deu seus cantares,
Que lhe não deu seus pezares,
Nem junto della quedou !

Antes na mente escaldada
Forma um composto divino
De algum ente peregrino,
De algum dos filhos dos céus ;
E ante essa imagem creada,
Que vê sempre noite e dia,
Dobra as leis da phantasia,
Acurva os desejos seus.

É d'ella quando se carpe,
É d'ella quando suspira,
É d'ella quando na lyra
Entoa um canto feliz :
D'ella acordado ou dormido,
D'ella na vida ou na morte,
Tenha alegre ou triste sorte,
Seja Laura ou Beatriz !

Que talvez a doce imagem,
Á scismada fantasia
Ha de o poeta algum dia
Junto de Deos encontrar ;
E que havendo-a produzido
Antes do mundo formado,
Dê-lhe um sonhar acordado
Por um viver a sonhar.

ANHELO

No lago interior d'um peito virgem,
Que os ventos das paixões não agitarão,
Hei de em cifras de amor gravar meu nome,
Onde as nuvens do céu desenhão côres.

Nos meigos olhos, que embelleza o mundo,
De corrosivas lagrimas enxutos,
Meu pensamento gravarei n'um beijo,
Onde as luzes do céu reflectem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa
Noite e dia seus canticos afina,
Hei de a vida entornar em doces carmes,
Onde imagens do céu sómente brilhão.

Que outra c'rôa melhor, que outra mais pura,
Que uma c'rôa d'amor em fronte virgem ?!
Não pesa sobre a fonte, não esmaga,
Não pnge o coração, — é toda amores !

Que outra c'rôa melhor, que outra mais bella
Que a aureola, que Deos concede aos vates ?
Com sorriso de amor, talvez com pranto,
Cede-a o vate á mulher que mais o inspira !

Eu t'a cedo, eu t'a dou ! C'rôo-te imagem
Resplendente, invejada entre as mulheres ;
Um beijo só de amor tu me concedas,
Um suspiro sequer do peito exhales.

QUE ME PEDES?

Tu pedes me um canto na lyra de amores,
Um canto singelo de meigo trovar?!
Um canto fagueiro já — triste — não pôde
Na lyra do triste fazer-se escutar.

Outr'ora coberto meu leito de flôres,
Um canto singelo já soube trovar;
Mas hoje na lyra, que o pranto humedece,
As notas d'outr'ora não posso encontrar!

Outr'ora os ardores que eu tinha no peito
Em cantos singelos podia trovar;
Mas hoje, soffrendo, como hei de sorrir-me,
Mas hoje, trahido, como hei de cantar?

Não peças ao bardo, que afflicto suspira,
Uns cantos alegres de meigo trovar;
Á lyra quebrada só restão gemidos,
Ao bardo trahido só resta chorar.

9 março 1849.

O CIUME

Oh! quanta graça e formosura adorna
Teu rosto eloquente e vivo!
Se a sombra de um sorrir te afrouxa os labios,
Prestes outro sorrir dos meus rebenta;

Se vejo os olhos teus, que chorar tentão,
Debalde o pranto meu represso engulo;
Se do teu rosto as rosas se esvaecem,
Eu sinto de temor bater meu peito;
E quando os olhos teus nos meus se fitão
Nem pezares, nem dôres me dominão;
Mas sinto que o meu peito se enternece,
Sinto o meu coração bater mais livre,
Sinto o sorriso, que me ri nos labios,
Sinto o prazer, que me transluz no rosto,
Sinto delicias n'alma!

Quanta belleza tens! — quer dessas graças,
Que o amor inveja — n'um saráa brilhante
No meio de bellezas, que supplantas,
Prazer e galas de as mostrar ressumbres;
Quer estejas sósinha e pensativa,
Quer viva e folgazã prazer incites:

Ou n'um corsel em páramos extensos,
Correndo afoita e louca, e o pé mimoso
Da carreira no afan por sob as vestes
Transparecer deixando;

Ou balançada n'um ligeiro barco,
Que de um lago tranquillo as aguas frisa,
Soltando a voz ás brisas namoradas,
Que de te ouvir suspirão;

Ou n'uma bronca penha descalsada
O mar e os céos contemples pensativa,
E a redeas sôltas do pensar divagues
Nos campos do infinito;

Es sempre bella: já teus olhos brilhem
 Luz que fascina, ou morbidos reflexos,
 Teus labios entre-abertos sempre exhalão
 . Calor, que incendio ateia.

Oh ! que bella tu es, quando assentada
 No teu balcão, ao refulgir da lua,
 Manso te apoias em coxins de seda,
 E o bello azul dos céos triste encarando
 Pensas em Deos, — talvez no teu futuro,
 Talvez nos teus pezares, — que na fonte
 De limpha pura, crystallina e fresca,
 Aquatica serpente usa occultar-se !
 Mas como es bella assim ! co'a mão sem força
 Tirando sons perdidos, sons que encantão,
 Sons qu'infundem prazer, sons d'harpa tristes !
 Mas como es bella assim ! — quando o teu peito
 Entre a gaza subtil de leve ondeia !
 Como a onda do mar pausada e fraca
 Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega
 Á doce praia, onde os seus ais se quebrão,
 Assim teu peito bate, e nos teus labios
 Do extremo palpitar morre um suspiro.
 Como d'harpa afinada a corda sôa,
 Mal desfere seus sons outro instrumento,
 Assim tambem minha alma se entristece,
 Assim tambem meu peito arqueira e pula !

Eis porque amor me liga aos teus destinos,
 Porque sou teu escravo, — bem que saiba
 Que se a tua alma a belleza
 Tem de um anjo a formosura,
 Não tens de um anjo a candura,
 Nem tens delle a singeleza !

Eis porque ardo por ti, porque padeço
Do inferno crus tormentos!
Porque dos zelos mancha o fel minha alma
De negros pensamentos!

Mas que importa este amor que me consome?
Eu quero sentir dôr;
Quero labios que entornem nos meus labios
Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,
Quero um corpo cingir que eu sinta arder,
Quero beijos só teus, caricias tuas,
Que dão morrer!

Que importa ao edificio que scintilla,
De roaz fogo tomado,
Ser por um raio abrasado
Ou por ignobil favilla?
É sempre ardor, sempre fogo,
Sempre d'incendio o clarão,
Sempre o amor que estúa e ferve
Como um gigante vulcão.

A NUVEM DOIRADA

A nuvem doirada se espraia no occaso,
Roçando co'as franjas o throno de Deos;
A aguia arrojada seus vôos levanta,
Traçando caminhos nos campos dos céos!

Exhala perfumes a flôr do deserto,
Embora dos ventos o sopro fatal
Embrace-lhe as côres, — e o mar orgulhoso
Suspira queixoso — no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos
Imitão as nuvens no incerto vagar :
Vão sós como as aguias, — exhalão perfumes.
Suspirão queixumes — das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito
Cantar-lhe das lyras a lyra melhor,
Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantão
Saudades. perfumes, enlevos e amor!

SONHO DE VIRGEM

A. D. A. C. G. A.

I

Que sonha a donzella,
Tão vaga, tão linda,
Bemquisto e bemvinda
Na terra e no céu?
Que scisma? que pensa?
Que faz? que medita,
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéo?

Que fallaz a donze,
Se lagrimas quentes
Das faces ardentes
Lhe queimão a tez?
Que sonna a donzella,
Se um riso fagueiro,
Donoso e ligeiro
Nos labios lhe vês?

Que faz a donzella,
Que scisma, ou medita,
Talvez lá cogita
Fruir algum bem;
Então porque chora?
Se curte agras dôres
D'ingratos amores,
O riso a que vem?

Semelha a donzella,
Que ri-se e que chora,
A limpida aurora,
Que orvalha dos céus;
Não luz mais brilhante,
Não chora mais prantos,
Não tem mais encantos,
Que um riso dos seus.

II

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
Aventar teus angelicos desejos,
Saber de quantas ledas fantasias,
De quantos melindrosos pensamentos

Um suspiro se nutre, um ai se gera!
 Virgem, virgem de amor, que vais boiando
 A flôr da vida, como rosea folha
 Que aragem branda sacudio nas aguas;
 Que genio bom a magica vergasta
 Em troco de um sorriso te concede?
 Que poderosa fada te embalsama
 A vida e os sonhos? — que celeste archanjo
 Embala, agita as creações que idéas,
 Como em raio do sol dourados átomos
 Com que invisivel ser brincar parece?
 Virgem, virgem de amor, quaes sãs teus sonhos?

III

Talvez quando o sol nasce, lá divisas
 Na liquida extensão do mar salgado
 Correr com mansas brisas
 Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de setim brancas de neve
 Rutilão d'entre as flammulas e côres,
 E o barco airoso e leve
 Nos remos voga de gentis amores.

Não formão rijos sons celeuma dura,
 Nem a companha entre bulções desmaia;
 Aragem fresca e pura
 Doces carmes de amor conduz á praia.

Sonhas talvez nas orlas do occidente,
 De um regato sentada á branda margem,
 Ver surgir de repente
 De uma cidade a caprichosa imagem!

Soberbas construcções fantasiando,
Vês agulhas subtis cortando os céos,
E a luz do sol doirando
Rutilos tectos, altos corucheos.

Sonhas talvez palacios encantados,
Espaçosos jardins, fontes de prata,
Vergeis de sombra grata,
Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas innocente Armida,
Passar a facil quadra dos amores,
Tendo em laço de flôres
Preso de quem mais amas peito e vida!

IV

Quem me dera saber quaes são teus sonhos?
Aventar teus mais intimos desejos,
E ser o genio bom que t'os cumprisse!

V

Nem só prazeres medita,
Nem só pensa en bellas flôres;
Muitas ha que almeirão dôres,
Como outras buscão amor :
É que as punge atra amargura,
Que o peito anceia e fatiga;
É sêde que só mitiga
Talvez afflicção maior.

Quasi gozão, quando vertem
Um pranto cançado e lento ;
Quando um comprido tormento
Lhes derrete o coração :
Não é martyrio de sangue,
Como nas eras passadas ;
Mas ha lagrimas choradas,
Que tambem martyrio são.

Ha dôres que melhor ralão
Que provas d'agua ou de fogo,
Que ver apinhado o povo
N'um banquete canibal ;
Que sentir no amphitheatro
As vivas carnes rasgadas
Pelas presas navalhadas
De um fero lobo cervical.

VI

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
Aventar teus mais fundos pensamentos,
E ser o genio bom que t'os cumprisse,
Quando fossem de amor teus meigos sonhos !

VII

Mas donde mana essa fonte
De inexplicavel ternura,
Que os golpes da desventura
Não podem nunca estancar ;
Essa vida toda extremos,
Esse ardor de todo o instante,
Esse amor sempre constante,
Que nunca e vê mingoar ?

Quizera, virgem donosa,
 Saber a origem divina
 Dessa fonte peregrina
 De tanta luz e calor;
 Então pudera em meus cantos,
 Tratar dos teus meigos sonhos,
 Formar uns quadros risonhos
 De quanto sentes de amor.

Roubando as côres do Iris,
 Das estrellas os fulgores,
 O aroma que tem as flôres,
 O vago que tem o mar;
 Talvez pudera os mysterios,
 As douradas fantasias,
 As singelas alegrias
 D'um peito virgem cantar.

MEU ANJO, ESCUTA

Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve,
 Je n'en puis comparer le lointain souvenir
 Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève
 Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.

MUSSET.

Meu anjo, escuta : quando junto á noite
 Perpassa a brisa pelo rosto teu,
 Como suspiro que um menino exhala;
 Na voz da brisa quem murmura e falla
 Brando queixume, que tão triste cala
 No peito teu?
 Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes luctuosa imagem
 D'afflicto pranto com sombrio véo,
 Rasgado o peito por acerbos dôres ;
 Quem murcha as flôres
 Do brando sonho? — Quem te pinta amores
 D'um puro céo?
 Sou eu, sou eu, sou eu !

Se alguém te acorda do celeste arroubo,
 Na amenidade do silencio teu,
 Quando tua alma n'outros mundos erra,
 Se alguém descerra
 Ao lado teu
 Fraco suspiro que no peito encerra ;
 Sou eu, sou eu, sou eu !

Se alguém se afflige de te ver chorosa,
 Se alguém se alegra co'um sorriso teu,
 Se alguém suspira de te ver formosa
 O mar e a terra a enamorar e o céu ;
 Se alguém definha
 Por amor teu,
 Sou eu, sou eu, sou eu !

OS BEIJOS

Amo uns suspiros quebrados
 Sobre uns labios nacarados
 A gemer, a soluçar ;
 Como a onda bonançosa,
 Que n'uma praia arenosa
 Vem tristemente expirar !

Amor ouvi uma voz pura,
Uns accentos de ternura,
Que trazem vida e calor;
Que se derramão a medo,
Como temendo o segredo
Revelar do occulto amor!

Amo a lagrima que chora
Terna virgem que descora,
Presas d'interna afflicção;
Amo um riso, um gesto vivo,
Um olhar honesto, esquivo,
Que alvoroça o coração.

Porém mais que o olhar honesto,
Mais que o riso e brando gesto,
Mais do que o pranto a correr,
Mais que a voz, quando amor jura,
Que um suspiro de ternura
Que vem aos labios morrer;

Amo o leve som de um beijo,
Quando rompe o véo do pejo,
Mal sentido a murmurar:
É viva flor de esperança,
Que nos promete bonança,
Como a flôr do nenuphar.

Mente o olhar, mesmo em donzella,
Mente a voz que amor assella,
Mente o riso, mente a dôr;
Mente o cançado desejo;
Só não mente o som de um beijo,
Primicias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas,
São duas almas unidas,
Que o mesmo fogo consume :
São laço estreito de amores ;
Porque são os labios flôres
De que os beijos são perfume!

Beijos que são? — Ai do peito,
Sello breve, laço estreito
D'um cançado bem querer ;
Saibo dos gozos divinos,
Que nos labios femininos
Quiz Deos bondoso verter.

Já por feliz me tivera,
Triste de mim! se eu pudera
Dizer o que os beijos são :
Sei que inspirão luz e calma,
Sei que dão remanso á alma,
Que trazem fogo á paixão.

Sei que são flôr de esperança ;
Que nos promettem bonança,
Como a flôr do nenuphar :
Quem fruio um ledo beijo,
Ter não póde outro desejo,
Nada já póde gozar.

Sei que delles não se esquece
Triste velho, que esmorece
Á mingoa de coração :
Viva estrella em noite escura,
Viva braza em cinza pura,
Em neve algente um vulcão.

Sei que fruil-os uma hora
 De ventura seductora,
 É subir em vida aos céos,
 E fugir da vida escassa,
 Roubar ao tempo que passa
 Um dos momentos de Deos.

Sei que são flôr de esperança,
 Que nos promettem bonança,
 Como a flôr do nenuphar !
 Quem os fruio, o que espera ?
 Já gozou, já não tem era,
 Já não tem mais que esperar.

DESESPERANÇA

Antes d'espírar el dia,
 Vi morir á mi esperança.

ZARATE.

Que m'importa do mundo a inclemencia
 E esta vida cruel, amargada ?
 Des'que os olhos abri á existencia
 Um vislumbre de amor não achei !
 Nem uma hora tranquilla e fadada,
 Nem um gozo me foi lenitivo ;
 Mas no mundo maldicto, em que vivo,
 Quantas ancias, meu Deos, não provei !

Já bastante lutei com meu fado !
 Quando outr'ora corri descuidoso

Traz de um bem, não real, mas sonhado,
Transbordava de sonhos gentis :
Eu julgava que a um peito brioso
Ou que a uma alma, que facil s'inflamma
Por virtudes, por gloria, ou por fama,
Era facil aqui ser feliz.

Via o mundo ao travez dos meus prantos
A sorrir-se p'ra mim caroavel,
Reflectindo celestes encantos,
Que era visto d'um prisma ao travez :
Hoje trevas em manto palpavel
Me circumdão, — nem já por acerto
Vejo triste nos prantos, que verto,
Luz do céo reflectida outra vez !

Que me resta na terra ? — Estas flôres,
Afacadas do sopro da brisa,
Disputando do sol os fulgores,
Balançadas no debil hastil ;
Estas fontes de prata, que frisa
Brando vento, — estas nuvens brilhantes,
Estas selvas sem fim, susurrantes,
Estes céos do gigante Brazil ;

Nada já me renova a esperança,
Que jaz morta, qual flôr resequida ;
Só me resta a querida lembrança
Que o martyrio se acaba nos céos :
Foge pois, ó minha alma, da vida ;
Foge, foge da vida mesquinha,
Leva timida esp'rança, caminha,
Té parar na presença de Deos !

Qu'estes gozos de ethereos prazeres,
 Que esta fonte de luz que illumina,
 Que estes vagos phantasmas de seres
 Que scismando só posso enxergar ;
 Que os amores de essencia divina
 Que eu concebo e procuro e não vejo,
 Que este fundo e cançado desejo,
 Deos sómente t'ós póde fartar.

Vai assim a medrosa donzella,
 Pura e casta na ingenua belleza.
 Buscar luz á remota capella,
 Branca cera na pallida mão :
 Tudo é sombra, silencio e tristeza !
 Mas ao toque do fogo sagrado,
 Arde em chammas o cirio apagado,
 Já rutila brilhante clarão.

SE QUERES QUE EU SONHE

Sur mon front, où peut-être s'achève
 Un songe noir qui trop longtemps dura,
 Que ton regard comme un astre se lève,
 Soudain mon rêve
 Rayonnera.

V. Hugo.

Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido
 Conheça alegrias, desfructe prazeres,
 Que nunca provei;
 Que ao menos nas azas de um sonho mentido,
 Perdido — arroubado, tambem diga : amei !

Tu queres que eu sonhe ! — não sabes que a vida
Me corre perloosa, — que amarga por vezes

A propria illusão !

No pallido riso d'uma alma affligida,
Qu'invida — ser leda que dôres não vão !

Se o pranto, que os olhos cançados inflamma,
Nos olhos de estranhos sympathico brilha ;

Mais agro penar

Do triste o sorriso nos peitos derrama,
Se a chamma — revela, que almeja occultar.

Sonhando, percebo na mente agitada
Um mar sem limites, areias fundidas

Aos raios do sol ;

E um marco não vejo perdido na estrada
Cançada, — não vejo longinquo farol !

E queres qu'eu sonhe ! — Nas aguas revoltas
O nauta, ludibrio d'horrenda procella,

Se póde dormir,

As vagas cruzadas, em sustos envoltas,
Ás soltas — escuta raivosas bramar.

Talvez porê m sonha que as ondas mendaces
O levão domadas á terra querida,

Qu'entrou em seus lares !...

E triste desperta que os ventos fugaces
Nas faces — a espuma lhe atirão dos mares.

Se queres que eu sonhe. — que alguma alegria
Dormido conheça, que frúa prazeres

D'um placido amor ;

Vem tu como estrella da noite sombria,
Que enfia — seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos. — Então socegado,
Scismando prazeres, que n'alma s'entranhão;

D'um riso dos teos

Coberto o meu rosto, — fugíra o meu fado
Quebrado — aos encantos de um anjo dos céos.

Vem junto ao meu leito, quando eu fôr dormido,
Que eu sinta os perfumes que exhalas passando;

Não soffro — direi :

E ao menos nas azas de um sonho mentido,
Perdido — arroubado, talvez diga : — amei! —

O BAILE

Sonemos gozando
Fortuna tan vana,
Y el sol de mañana
Que vea al salir
Que al son de la orquesta
Danzando en la fiesta,
No es carga funesta
La vida feliz.

ZORILLA.

As salas vão-se enchendo, as luzes brilhão

Nos prismas de crystal repercutidas,

Emquanto as flôres

Dos bufetes nas jarras coloridas

Acres odores

Soltão ; ao mar de luzes misturando

D'innocente perfume outro mar brando.

Com requébros e amor gentis donzellas,

Em riso e festa,
Medindo os passos
Aos sons da orchestra,
Pendem dos braços
Do namorado, lepido galan!
Esta risonha, aquella pensativa,
Outra menos esquivã,
Attenta ás vozes, que o prazer lhe entranhão,
E á fraze cortezã
Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos;
Vão descuidosas,
Nos labios risos,
Nas faces rosas,
Dando fé a protestos fementidos.
Triunfo ás bellas! o prazer começa :
Correm nas taças vinhos espumosos,
Gratos licores ;
Tangida pela mão dos Trovadores
Desfaz-se a lyra em sons melodiosos,
Em cantico de amores.
Soltão mais viva luz as brancas velas,
Melhor perfume as flôres.
Activa-se o prazer; triunfo ás bellas!
Aqui, alli, além, mil rostos meigos,
Da walsa ao gyro rapido se mostram,
De gemmas ennastrados os cabellos;
E o peito que anhelante
Palpita entumecido
Nas ondas de prazer ebrifestante;
D'um leve colorido
Banha o semblante,
Que mais e mais co'a noite se enrubece :
Triunfo ás bellas, — o prazer recresce!

Perdido emtanto neste mar de luzes,
Mar de amor, de perfumes, que me inunda,
Contemplo indiferente
Quanto em redor diviso :
E entre tanto ruído e tanta gente,
Nem um sorriso
Verdadeiro, innocente!
Nem um sincero raio de alegria,
Nem um peito contente
Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim : — Talvez aquella,
Que tem melhores côres,
Que mais leda se mostra,
Que mais feliz no gesto se revela,
Sente mais finas dôres ;
O intimo desgosto,
A febre que a devora
Lhe dá calor ao rosto,
E no silencio chora,
Presa de uma afflicção devoradora.

Uma tristeza funda, inexprimivel
O coração me aneia ;
E triste e solitario n'um recanto,
Nunca mais solitario, nem mais triste
Do que entre a multidão que me rodeia,
Não encontro maior, mais doce encanto
Que deixar-me arrastar por uma ideia,
Que me avassalla a mente.
Que m'importa esta gente,
Estes restos que vejo e não conheço,
E o riso a que mil outros dão apreço ?

Esta fingida alegria
 Esta ventura que mente,
 Que será dellas ao romper do dia?
 Destas virgens louçãs as mais mimosas
 Mortas serão talvez antes que murchem
 Do branco rosto as encarnadas rosas!
 Grinaldas festivaes, que a morte espalha
 No lugubre terreiro;
 O pó as enxovalha,
 Murchas aos pés do esqualido coveiro!

DESALENTO

Without a hope in life.

CRABBE.

Nascer, lutar, soffrer! — eis toda a vida :
 D'esperança e de amor um raio breve
 Se mistura e confunde
 As cruas dôres d'um viver cançado,
 Como raio fugaz que luz nas trevas
 Para as tornar mais feias !

Da verde infancia os sonhos melindrosos,
 Nobres aspirações da juventude,
 Amor de gloria estulto,
 Com que mais alto a mente se extasia;
 São vãos phantasmas, que produz a febre,
 São illusões que mentem !

São as folhas virentes arrancadas
 D'um arbusto viçoso, antes que brotem
 Da primavera as flôres ;
 A pennugem que nasce antes das azas,
 Um esteril botão que não dá flôres
 Ou flôr que não dá fructos !

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo !
 Como areias d'um páramo deserto,
 Resequido, abrasado,
 Provoca o teu soffrer, teu pranto espreita,
 Sedento almeja as lagrimas, qu'entornas
 Nos areaes da vida.

S'inda tens coração, hão de esmagar-te ;
 As setas da calumnia irão cravar-t'o
 Na parte mais sensível :
 Se tens alma, se electrico palpitas
 De patria e de virtude aos nomes sanctos,
 Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, n'um accesso doloroso,
 Ás mãos ambas ferindo o peito credulo
 Exclamar delirante :
 « Minha patria onde está ? — Onde estes homens,
 » Que a par de meus irmãos amar devêra,
 » Da mesma patria filhos ?
 » E a virtude tambem, onde hei de achal-a ?
 » Se é mais que nome vão, onde é que existe ?
 » Onde é que se pratica ?
 » Se os modernos Catões a graça esmolão
 » Do rei — ou, cortezãos da populaça,
 » .Rojão por terra ignobeis !

- » Se a mão do poderoso, a mão dourada
- » Do crime impune — esbofeteia as faces
 - » Do homem vil, que a beija!
- » Oh! meus irmãos não são, não são os filhos
- » Desta patria que eu amo; — torce o rosto
 - » De os vêr a humanidade. »

Despe-se a vida então dos seus encantos,
 E o homem na lembrança revivendo
 O percorrido estadio,
 Tem por marcos de estrada o monumento,
 Com que os mais fortes laços se desatão,
 — A pyramide e a campa!

Do sonho juvenil murchas as côres,
 Sem illusões, sem fé — nublado, escuro
 O presente e o porvir,
 No crepe d'abortadas esperanças
 S'envolve — os olhos tesos no sepulchro,
 A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido
 Pela face da terra! — amigo lume
 Não me convida ao longe;
 E ao sentar-me na mesa dos estranhos,
 Digo : — longe serei antes do occaso; —
 E a divagar prosigo.

Mal aceito conviva me despeço!...
 As calumnias que soffro, a dôr que passo,
 Não me ferem profundas;
 Bem como a rôla que das matas desce,
 E nas azas recebe o pó da estrada,
 Que voando sacode.

Minha hora derradeira sôe em breve,
 A só esperança que aos mortaes não falha!
 Eu morrerei tranquillo ;
 Bem como a ave, ao pôr do sol, deitando
 Debaixo d'aza a timida cabeça,
 Da noite o somno aguarda.

A QUEDA DE SATANAZ

TRADUÇÃO

Eis que tomba da abobada celeste
 O archanjo audaz, o seraphim manchado,
 Desenrolando o corpo volumoso,
 Despenhado precipite, — qual mundo
 Dos eixos arrancado, — como um vivo
 Dos céos fragmento enorme, eil-o cahindo !
 Cahia lá d'aquelles céos brilhantes,
 Onde inda seus iguaes lançavão raios ;
 Cahia ! — e a cerviz no espaço ardendo
 As espheras dos sóes de côr de sangue,
 Passando, avermelhava.

Eil-o, o maldicto, o archanjo da blasfemia,
 Rival do Creador ! — té o imo peito
 Pelas frechas da anáthema varado,
 Como n'um turbilhão, desce rodando ;
 Ondas d'um mar de fogo o vem cercando,
 E elle occulta a cabeça,
 Como que procurasse
 Nas entranhas da noite
 Esconder seu desdoiro.

Clamavão — longe — os mundos com voz forte :
 « Que insensato ! onde vae ? Nesse arrojado,
 Frenetico voar, que vento o impelle,
 Que de astro em astro vae, d'um céu em outro ?
 Vêde como é sombrio !

Oh ! tão outro que está d'aquelle archanjo
 De tão bello semblante,
 Lucifer radiante;

Cujo sopro era como o romper d'alva,
 Que as portas da manhã nos céos abria,
 Trazendo consigo a aurora
 Que o seu alento accendia !
 Acaso o reconheceste ?

Era hontem brilhante, novo e bello ;
 E hoje é feio e nu e descalvado,
 Nas azas da tormenta balouçado,
 Nas azas dos bulcões ;
 E os seus olhos fulminados
 Já sem pupillas fumegão,
 Quaes crateras de vulcões ! »

O archanjo os escutava, ameaçando-os
 Co'o olhar fulminante ;
 Que cheio d'impio orgulho já sentia
 Uma c'rôa de rei cingir-lhe a fronte.
 Todos os astros que no espaço gyrão
 Seus olhos d'irritados fascinavão :
 E os astros todos de terror tremião,
 Saudando a coruscante realza.

E já os céus sem fim, estrellas mundos
 Traz delle se perdêrão ;

E nas profundas solidões do espaço
 O archanjo abandonado apenas via
 A noite, e sempre a noite !
 Tem medo, olha, procura... — Um astro ! um astro
 Transviado nos céus ! — O archanjo o avista !
 Estende a mão convulsa arrepellando-o :
 Segura, arrasta-o, e d'um só pulo hardido
 Tral-o potente ao limiar do inferno,
 Alentando açodado.

O errante cometa duas vezes
 Ao tetro boqueirão levou comsigo,
 E duas vezes, como um negro abutre,
 Lutando corpo a corpo, de canção
 Sentio-se esmorecer.
 Duas vezes tambem a astro victima,
 Supplicando medroso, as ignaes azas
 Bateu, sublime grito aos céus mandando :
 O nome do Senhor por duas vezes,
 O rebelde venceu, — elle sósinho
 Cahio no fundo abysmo.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL

TRADUÇÃO

Maria, porque me foges,
 Porque me foges, donzella ?
 Minha voz ! o que tem ella,
 Que te faz estremecer ?
 Tão temivel sou acaso ?
 Sei amar, cantar, soffrer.

E quando ao travez dos troncos
Descubro d'altos coqueiros,
Junto ás margens dos ribeiros,
A sombra tua a vagar ;
Julgo vêr passar um anjo,
Que os meus olhos faz cegar.

E dos labios teus se escuto
Deslisar-se a voz, Maria,
Cheio de estranha harmonia
Pulsa o peito meu queixoso,
Que mistura aos teus accentos,
Tenue suspiro afanoso.

Tua voz ! eu quero ouvir-t'a
Mais do que as aves cantando,
Que vem da terra voando,
Em que eu a vida provei ;
Da terra onde eu era livre,
Da terra onde eu era rei !

Liberdade e realza,
Hei de perder da lembrança ;
Familia, dever, vingança...
Té a vingança m'esquece,
Fructo amargo e deleitoso,
Que tão tarde amadurece !

Es, Maria, qual palmeira,
Altiva, esbelta, engraçada,
No tronco seu balançada
Por leve brisa fagueira ;
No teu amante a rever-te,
Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — Do deserto
A tempestade valente
Corre as vezes de repente
Por acabar apressada
Com seu halito de fogo
A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!
Sente a verdura sumir-se
A palmeira, e contrahir-se
A palma sua ao redor,
Que de cabellos dava ares,
De c'róa tendo o 'splendor.

D'Hespaniola ó branca filha,
Teme por teu coração;
Teme a força do vulcão
Que vai breve rebentar!
Que, depois, amplo deserto
Só poderás contemplar!

Talvez que então te arrependas
De me haveres desdenhado,
Porque houveras encontrado
Salvação no meu amor;
Como o kathá leva á fonte
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas,
Não, Maria, não o sei:
Que d'entre as fontes humanas
Entre as fontes soberanas,
Levanto a fronte; sou rei.

Sou preto, sim, tu es branca ;
 Mas qu'importa ? Junto ao dia
 A noite o poente cria
 E cria a aurora tambem ,
 Que mais luzentes bellezas,
 Mais doces do que ambos tem.

AGAR NO DESERTO

*Et abiit, sedit que e regione procul quantum
 potest arcus jacere : dixit enim : non videbo
 morientem puerum : et sedens contra, le-
 vavit vocem suam et flevit.*

Genesis, cap. 21, 16.

Pallido o rosto e queimado
 Pelo sol do Egypto ardente,
 Sahia a escrava innocente
 Co' o filho innocente ao lado
 Da tenda patriarchal.
 A pobresinha chorava !
 Alguns pães e um frasco d'agoa
 E um peito cheio de magoa !...
 Vê, contempla, ó triste escrava,
 Teu sepulchro no areal.

Abrahão se compadece ;
 Mas debalde o sollicita
 Piedade sancta, — de afflictã
 Sem queixar-se, lhe obedece
 A triste escrava do amor.
 Quizera talvez detel-a...

Porêm que ? — Sarai lh'implora,
Deus lhe ordena : — vae-te embora,
Vae-te, escrava ; e a tua estrella
Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia
Sobre as tendas alvejantes ;
E n'outros pontos distantes
Combros d'areia feria,
Outr'ora leito d'um mar ;
 Esse caminho procura,
Que nas ondas do deserto
Talve ache por acerto
Patria, abrigo, amor, ventura
A prole infausta d'Agar.

Vae, caminha ; mas ao passo
Que no deserto s'entranha,
Arde o sol com furia estranha,
Racha a areia o pé descalço,
Cresta o vento os labios seus ;
 E ao lado o filho innocente
Soltava tristes gemidos,
Co'os olhos humedecidos
Fitando a mãe ternamente,
Que os olhos tinha nos céus !

Procura terras do Egypto ;
Porêm debalde as procura :
Vae a triste, sem ventura,
Lento o passo, o rosto afflicto,
Pela inculta Bersabé.
 Seu Ismael desfallece ;

No deserto immenso, adusto,
Não enxerga um só arbusto:
Jehovah delles s'esquece!
Cresce a dôr, e mingua a fé.

Pede sombra o triste infante;
Não ha sombra: — agoa supplica;
Exhaurido o vaso fica,
Pede mais d'istante a instante...
Pobre escrava, oh! quanto dó!
Pudesse rasgar as veias,
Tornar agoas innocentes
Tuas lagrimas ardêntes;
Mas só vês d'um lado areias,
D'outro lado areias só.

Pois não ha quem o proteja,
Diz a escrava lá comsigo,
Vendo o fado seu imigo,
Meu filho morrer não veja,
Bem qu'eu tenha de morrer.
A um tiro d'arco distante
Se arrasta com lento passo,
Tomba o corpo enfermo e lasso,
E amargo pranto abundante
Deixa dos olhos correr.

Deus porê m ouvirã a prece
Da escrava, da mãe coitada,
E da celeste morada
Librado um archanjo desce
Nas azas da compaixão.
Expirã em torno ar de vida,

Um aroma deleitoso,
 E n'um sonho aventureoso
 Agar seus males olvida,
 Olvida a sua afflicção.

Dorme e sonha, ó triste escrava,
 Deus senhor sobre ti vela !
 Dorme e sonha : — a tua estrella
 Nasce como um romper d'alva
 Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha,
 Que te vexa, — esquece tudo ;
 Deus senhor é teu escudo ;
 Já não es serva, es rainha
 D'outro reino d'Israel.

Como quando elevados nas alturas
 Descobrimos incognitas paisagens,
 Densas florestas, aridas planuras
 E de rios caudaes virentes margens ;
 Assim da vida o sonho te arrebatá,
 Rasgando o véu do tempo e do infinito,
 E uma scena vistosa te retrata,
 Que vai da Arabia ao portentoso Egypto.
 Vê como o filho teu, feroz guerreiro,
 Nos prainos do deserto eleva as tendas,
 E, posto a seus irmãos sempre fronteiro,
 Provoca e trama asperrimas contendás !
 São doze os filhos — doze reis potentes —
 Com elles Ismael tudo avassalla ;
 Sua espada é a lei das outras gentes,
 Seus decretos os campos da batalha.

A sorte seus designios favoneia,
Segue seus passos a benção divina,
Povôa-se l'aran, surge d'areia
De Meca o templo, os paços de Medina.

Crescem, domínio ; largo reino ingente
Mesquinha habitação presta a seus netos,
Convertida em nação a grei potente,
Que opprime a cerviz mobil dos deserto.:

Mas entre os filhos seus de nomeada,
Sup'rior dos heroes á grande altura,
Na sinistra o alkorão, na dextra a espada,
A effigie tôrva de Mahomet fulgura.

Curva-se a Arabia emtanto, a Palestina
Á sua lei, da Persia o reino antigo ;
Escutão Asia e Africa a doutrina
Do embusteiro que em Meca achou jazigo :

Mensageiro divino se declara
Aquelle que illudido o mundo adora ;
Agar é mãe, — pela vergontea cara,
Entre orgulhosa e triste, a Deus implora.

Peccou ; porêm da gloria que o circunda
A roxa luz, que o meteoro imita,
De vivo resplendor a fronte inunda,
Commove o peito á misera proscripta.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,
Inda cubiça a Europa o Ismaelita ;
E em frente á cruz, o pallido crescente
Apparece nas torres da mesquita.

Oh ! quanto humano sangue derramado !
Que de prantos e lagrimas vertidas !
Entre irmãos o combate é porfiado,
A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar esse quadro tão medonho,
Embora no porvir todo escondido,
A escrava tenta orar ; porém no sonho
Resume a prece em languido gemido.

Geme de vêr em furia carniceira
A esposa de Mahomet desrespeitada,
E do seu genro a dynastia inteira
Por duro azar de guerra contrastada.

Sucedem-se os Omíades valentes !
Do seu ultimo rei, oh dôr ! se coalha
O sangue na mesquita ; entre essas gentes
Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então, não poucas vezes,
Chegando á bocca a taça corrompida,
Exp'rimenta os tristissimos revezes
De quem sobre os trophéos exhala a vida !

Tudo é silencio e luto : — um só evita
O negro olvido,—ao templo da memoria
Vôa Al-Reschid,—unindo á gloria avita
O louro da sciencia e o da victoria.

Com seu vizir á noite, pelas ruas
Escuta dos estranhos mercadores
A gloria d'outros reis, menor que as suas,
E espreita do seu povo occultas dôres !

Se ouviu a narração d'uma desgraça,
Se o pobre vê curvado á prepotencia,
Se o convidão a entrar, quando elle passa,
No abrigo do infortunio e da innocencia,

Entrou e vio ! mas o fulgor crastino
Ri-se mais brando aos peitos soffredores ;
Passa o rei, como orvalho matutino,
E, por onde passou, rescendem flôres !

Mudado o sonho, a fugitiva escrava
Estranhos povos nota, estranhas terras,
Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,
Nadando em sangue de cruentas guerras.

Quem foi que as altas portas
Abrio d'Hespanha aos mouros ;
Que poz os verdes louros,
Dos reis godos conquista,
Ás plantas do infiel ?
De tantos males causa
Du foste, ó rei Rodrigo,
Tornando infesto, imigo,
O nobre conde, outr'ora
Vassallo teu fiel.

Debalde o affecto encobres
Do refalsado peito,
Se vais furtivo ao leito
Da virgem, que se mostra
Rebelde ao teu amor :

Qu'es godo e rei t'esqueces !
E o nobre resentido
Da offensa que ha soffrido,
No teu exemplo aprende
A ser tambem traidor.

Emquanto pois devassas,
Com torpes pensamentos,
Os regios aposentos
Da nobre moça, — a c'rôa
Te cáe da frente ao chão ;
E o pae, que a affronta punge,
Turbado, ardento em ira,
Aos pés do mouro a atira.
O rei, que planta crimes,
Recolha vil traição.

Ah ! sus, ó rei, ás armas !
Empunha a larga espada,
E a frente sombreada
Co'o negro elmo — deixa
Tingir-se em nobre pó :
D'encontro ás alas densas
Da barbaro inimigo
Debalde, ó rei Rodrigo,
Te arrojás ! — vence a força,
Foges vencido e só !

Vai só ; mas occultando
No manto d'um soldado
O rosto demudado,
Emquanto passo o campo,
Escasso leito aos seus :

Ai ! triste rei cahido !
 Na solitaria ermida,
 Que abriga a inutil vida,
 No pó collada a fronte,
 Lembra-te emfim de Deus.

Lembrem-te os muitos erros
 E o crime grave, emquanto
 As mães godas em pranto
 O nome teu maldizem,
 E ao céu clamando estão ;
 Emquanto pela Iberia
 O arabe audaz e forte
 Espalha o susto, a morte,
 Por onde quer que solta
 Ao vento o seu pendão.

Passão avante, calcão
 Dos Pyrenêos as serras,
 Levando cruas guerras
 Ao dilatado imperio
 Do intrepido gaulez.
 Debalde o grande Carlos
 Oppõe-se-lhes, — que a historia
 Nos traz inda á memoria
 Dos tristes Roncesvalles
 O misero revez.

Porêm do largo imperio
 De Cordova e Granada
 A c'rôa cahe pesada
 Na fronte amollecida
 Do moço Boabdil.

O fraco teme os echos
Ouvir da accessa guerra,
E perde a nobre terra,
Ganhada em mil batalhas,
Com pranto feminil.

Depois, inda outros quadros
Enxerga no futuro;
Mais é um ponto escuro,
São fórmias vagas, postas
Em duvidosa luz.

Já naves são, já hostes,
Tropel de varia gente,
Que parte do occidente,
Em cujos peitos brilha
De Christo a roxa cruz.

Agar emfim acorda!

Sustendo o filho caro,
Pelo deserto avaro
S'entranha novamente,
Mais solto o coração.

Parece que já sente
No rosto ao bello infante
A gloria radiante,
Que espera os descendentes
Da forte geração.

E como Deus lhe ha dito,
Seus filhos são guerreiros,
Que a seus irmãos fronteiros
Cruentos prelios movem :
Temidos são ; porêm

As filhas desses bravos,
 Da vida sequestradas,
 Escravas são coitadas,
 Que da materna origem
 Recordão-se no Harem.

Vai, caminha, oh triste escrava,
 Deus Senhor sobre ti vela;
 Vai, caminha: a tua estrella
 Nasce como um romper d'alva
 Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha
 Que te vexa, esquece tudo;
 Deus Senhor é teu escudo:
 — Já não es serva, es rainha
 D'outro reino d'Israel.

LAGRIMAS SEM DÔR — E DÔR COM LAGRIMAS

Sumio-se além o sol envolto em raios,
 E do lado fronteiro a branca lua
 Levanta a fronte pallida entre montes,
 E nas águas do limpido regato
 Estampa a face inteira.

E eu irei sentar-me junto ás margens
 Da limpido regato;
 Irei scismar sósinho, a sós co'a noite,
 Nas minhas penas crúas.

Quero sentir da tarde o fresco orvalho
Nos meus cabellos ;
Quero escutar nas folhas o susurro
Da mansa brisa ;

Quero escutar o som da lympha clara
Por sobre as pedras ;
Quero escutar do passaro o gemido
De sob as ramas ;

Quero vêl-a tambem, que ha tempos ando
Scismando n'ella,
Que ha tempos sempre a encontro triste e muda
Junto á ribeira.

Eil-a sentada alli entre os salgueiros,
Pallida a fronte,
Loiros cabellos sobre testa eburnea,
Candida a veste.

Anjo — encanto — mulher, que es tu na terra ?
Quem n'alma te gravou scismar tão triste,
Tão triste pallidez quem te ha gravado
No semblante formoso ?

Oh ! se minha alma afflicta inda prazeres
Sentir pudesse — se inda amar amasse,
Se os meus olhos pisados não vertessem
A fio agra corrente ;

Anjo — encanto — mulher, fôras meu nume,
Fôras meu sangue, meu prazer, minha alma,
Minha estrella d'amor, meu anjo e vida,
Pensamento e querer.

Na flôr da mocidade, quando a vida
Por entre flôres, recendendo aromas,
Risonha e festival, sem medo corre
D'agoireiro futuro;

Porque em vez de nutrir brandos amores
Definhas sem brilhar em festa, em jogos,
Sem um meigo sorrir nos curtos labios,
Sem côr nas alvas faces?

Anjo — encanto — mulher, porque o teu pranto
Corre agora espontaneo sobre as aguas
Do limpido regato, como lagrimas
De Náyade gentil?

Porque choras assim? — Trahida amante,
Vens de enganado amor as penas crúas
Curtir na soledade?

Mas quem tão negro feito perpetrára?
Quem ha que, se os teus olhos lhe sorrissem,
Não morrêra de amores?

Não o fizera, não, — que tal façanha
Não a faz coração d'homem, que sente,
Que vê taes graças;

Que visse uma só vez, qual vejo agora,
Co'os estrellas do céo pleitear brilho
Teus olhos tão mimosos.

Morreu-te acaso a mãe? — Erma e sósinha,
Vens d'amor filial durante a noite
Pagar tributo amargo?

Mas eil-a que alli vem, terna, anciada
Por te vêr, por te ouvir, por esse pranto
Seccar co'um doce beijo.

Ah ! chora sempre e sempre ; — corre o pranto
Espontaneo e fagueiro n'essa idade,
 Como orvalho da noite ;
Emquanto o máu blasphema, o bom soluça,
Alma do céo, folga em chorar sósinha
 N'este exilio da terra.

Ah ! chora sempre e sempre, que esse pranto
No seio maternal hoje se entorna,
 Que não em serra sáfara ;
Doido por muito amar, por ser amado,
Gentil mancebo ha de ámanhan sorver-t'ó
 N'um osculo de amor.

Mas eu quando em silencio as fontes abro
D'este meu coração, cîmbalde os labios
 — Donzella ou mãe — solução ;
Pelo meu rosto em fio se deslisa
Meu triste pranto, e alvissimo se expande
 Na pedra d'um sepulchro.

MISERRIMUS

Quando o inverno chegou, — por sobre a terra
O robre secular espalha a coma,
Que o rábido tufão cortou de morte.
Despida e núa jaz a flôr mimosa,
Agora hástea sómente ; e o sol brilhante
Despede a custo a luz que mal penetra
As nuvens trovejadas que o circumdão.

Mas o inverno passou ! — De novo assume
Vivente rama o robre gigantesco,
A flôr formosa e bella vem brotando,
E o sol, rei do horizonte, já rutila
Em céu de puro azul auri-brilhante.

Mas quando o desengano, qual tormenta
Que por desertos só valente reina,
Do quente coração arranca, esmaga
Esp'ranças que o amor enfeitiçava,
Em vão a natureza ufana brilha,

Em vão de puro orvalho a flôr se arreia,
Em vão dardeja o sol seus quentes raios,
Em vão !... que o coração jaz frio e murcho,
E não mais viverá ! — que a alma sentida
Conhece que o amor é só mentira,
Que é mentira o prazer, mentira tudo !

Um dia appareceu um recém-nado,
Como a concha que o mar á praia arroja ;
Cresceu, qual cresce a planta em terra inculta,
Que ninguem educou — a chuva apenas.
Infante, vio de roda sepulturas,
Em que não attentou ; — sonhos mimosos,
Acordado ou dormindo, lhe doiravão
A infancia leve, d'innocencia rica.
Vio bello o ar, e terra, e céos, e mares,
Vio bella a natureza, como a noiva
Sorrindo em breve dia de noivado !
Então sentio brotarem na sua alma
Sonhos de puro amor, sonhos de gloria ;
Sentio no peito um mundo d'esperanças,
Sentio a força em si — patente o mundo.

Forte se levantou! correu feroso ;
Qual aguia que nas azas se equilibra,
Começou a trilhar da vida a senda.
Um monte além topou ; mais vagaroso
Subio, vingou mais lento! — Inda mais outro,
Colossal, descalvado, ingreme e liso,
Costeou ; mas cansou, que era sósinho!
Sentou-se, mudo, e fraco, e pensativo,
A borda do caminho, e sobre o peito
A cabeça inclinou, cruzando os braços.
Minha mãe! — soluçou ; e um echo ao longe
Minha mãe! — respondeu. Sentio que a fome
Dolorosa as entranhas lhe apertava,
E sêde intensa a resequir-lhe as fauces ;
Fome e sêde curtio como n'um sonho.
Do rosto nas maçãs descoloridas
— Filtro do coração — sentio que o pranto
Ardente escorregava a tez queimando.
Muda era a sua dôr, — d'homem que soffre,
Que chora isente de vergonha ou crime.

Encontrou mais além no seu caminho,
Bella na sua dôr, sósinha e fraca,
Figura virginal que alli jazia.
Esqueceu-se de si pensando n'ella ;
Nova força creou, — novo incentivo,
Coragem nova o seu amor creou-lhe.
Lavou-lhe os curtos pés, contra o seu peito
Do frio a protegeu, tomou nos braços
A carga tão mimosa! — E ella co'os olhos,
Que o amor vendava um pouco, agradecia.
E ella pôde viver : — disse que o anava,
Que era o seu coração d'elle — e só d'elle :

Disse, e mais de uma vez, com peito e labios
No peito e labios d'elle; — era mentira!

E elle o conheceu! — por precipicios
Descrido se arrojou, sentindo a morte,
Seu berço entre sepulchros procurando.

Aqui — alli — além erão sepulchros;
E o nome de sua mãe sequer não pôde
Dos nomes conhecer de tantos mortos!

E só no seu morrer, qual só na vida,
Na terra se estendeu; nem dôr, nem pranto
Tinha no coração que era já morto!

E alguem que alli passou, vendo um cadaver
De sanie e podridão comido e sujo,
Co'o pé n'um fosso o revolveu — e terra
Cahida acaso o sepultou p'ra sempre.

Amizade! — illusão que os annos somem;
Amor! — um nome só, bem como o nada,
A dôr no coração, delicias n'alma,
Nos labios o prazer, nos olhos pranto
— Tudo é vão, tudo é vão, excepto a morte!

O DONZEL

Onde vais, ó cavalleiro?

— Vêr quem de amor me matou.

— Vês este cadaver? — Vejo.

— E vais á entrevista? — Vou.

FREIRE DE SERPA.

I

Já tremúla sobre o occaso
Do sol o disco fulgente:
Já se ergueu a lua inteira
Lá das partes do oriente;
Ergueu-se a brisa fagueira,
Ergueu-se a voz da corrente.

Ergueu-se tenue e macio
Perfume de linda flôr ;
Erguêrão as densas matas
O seu leve arfar de amor ;
Ergueu a voz do oceano
O seu hymno ao Creador.

II

Eis que donoso mancebo
Que brancas telas vestia,
Por senda patente e clara
Em seu ginete corria.

Não vê no trepido occaso
 Do sol o disco fulgente,
 Nem da lua alvi-nitente
 O deleitoso fulgor ;
 Não escuta o arfar dos bosques,
 Nem das aves o carpido,
 Nem das vagas o rugido ;
 Nem da tarde almo frescor
 Sentir póde ! — corre a brisa,
 Ouve-se extranha harmonia ;
 Mas na accessa fantasia
 Ferve inquieto, immenso amor !

III

Praticando n'outros tempos
 Alguns velhos encontrou :
 Louco ! louco ! — murmurarão.
 Sorrio-se o moço e passou.

 Velhos que a vida vivêrão,
 Que já não sabem viver,
 Que sobre a terra dos vivos
 Não têm de que ter prazer

 Uns aos outros se perguntão,
 Quando em paz descançarão !
 Já vivestes vossa vida,
 Já não tendes coração !

 Tendes o corpo alquebrado,
 Tendes morto o coração,
 Tendes a alma desmaiada,
 Nem sentis uma affeição.

Afeição, ledice, amores...

Sobre as cans não vinga o amor,
 Como sobre a rocha dura
 Não cresce mimosa flôr.

IV

Mais além — gentis donzellas
 Brincando se divertião,
 Embebidas nos folgares
 Lubricas danças tecião.

— Onde vais, gentil mancebo,

— Nesse correr afanoso ?

— Onde vais ? detem-te, espera,

— Não nos fujas pressuroso !

« Vou-me longe inda esta noite,

« Vou revêr os meus amores ;

« Já de mais hei sopeado

« Meu desejo e meus ardores.

« A vossa vida é ventura,

« Vosso sorriso innocencia,

« Vossa alma formosa e pura

« Não soffre de crúa ausencia !

« Vosso amor, e só desejo

« É o sorriso da aurora,

« O arbusto, e a flôr do prado,

« E a corrente sonora. »

Disse e passou : eis renascem

Leves danças na clareira,

Ledos gritos pelo bosque,

Leda scena feiticeira !

V

E não pára, e prosegue, e devora
Toda a senda o fogoso corssel ;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se o vulto do nobre Donzel.

Entrevêm-se os vestidos luzentes,
Entrevê-se o corssel a fugir ;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se a pluma da gorra luzir !

Que lh'importa que a noite o convide
A sereno e tranquillo pensar?
Que lh'importa o frondoso arvorêdo,
Que lh'importa agoureiro piar ?

Que lh'importa a belleza da terra,
Que lh'importão estrellas ou mar ?
Que lh'importa? — o mancebo não póde
Mais que a ella no mundo enxergar.

Ella é pura, é celeste, é mimosa,
É feitiço do nobre Donzel ;
Ella o ama, assim disse, ella o espera...
Ledo o moço esporeia o corssel !

— Temerario, onde vais pressuroso,
Porque buscas na terra prazer ?
Insensato, prazer n'este mundo...
Só no triste que almeja morrer !

Porque affectos, ledice e ventura,
Porque extremos de accesa paixão,
São delirios que o tempo consome,
São caprichos de amarga illusão !

E veneno de flôr que não cheira,
Que a existencia amargûra cruel!...
— Esta vida e festejo de amores,
É de flôres — clamava o Donzel!

E não pára, e prosegue, e devora,
Toda a senda, e se apeia, — inda mal!
Eis um vulto, eil-o corre — já sente
Penetrar-lhe no peito um punhal!

Nesse instante de acerba agonia,
Nesse instante de louca paixão,
Nesse instante... pezou-se de extremos
Tão mal pagos, de tanta traição.

VI

Virgem! virgem! que o amor recompensas
Por tal arte, tão dura e cruel,
Nunca sintas amor em tua vida,
Nunca extremos de nobre Donzel!
Nunca escutes a meiga lingoagem
De sincera, infinita paixão;
E nas vascas da morte impiedosa
Do que estimas te colha a traição!

HARMONIAS

PRIMEIRA VOZ.

Quando da noite o denso véo se estende,
E a lua pallida entre nuvens gira,

E d'entre as folhas uma voz suspira
Que diz prazer e doce amor accende ;

Ao par amante, que innocente vaga,
Sou eu quem prendo em derretido enleio :
— Seccura ou fogo, ardente devaneio
Que dá morte á paixão, que sempre afaga.

Sou eu que ás folhas dou verter frescura,
Que fallo amores no correr da brisa,
Que deslustro a paixão sincera e lisa
Aos torpes beijos da lascivia impura.

SEGUNDA VOZ.

Eu porém no peito amante
Sou quem fomento a paixão,
Amor na virgem mimosa,
No joven dedicação.

Quem lhes ponho risos n'alma,
Quem fallo nos sonhos seos,
Prazeres envergonhados
— Tão puros, como nos céos.

Dou-lhes palavras sublimes
Nunca ouvidas por ninguem,
E gozos nunca fruidos,
E prantos que fazem bem.

Dou-lhes extremos e arrojos,
Talvez subida amargura,
Donde sahe o amor provado
Á prova da desventura.

PRIMEIRA VOZ.

E eu dessa paixão nobre e singela,
Ao meigo joven, que de amor doudeja,
Dou-lhe fastio, que nem mais deseja
Que apagar seu amor nos braços della.

Eu os conduzo mais fallaz que humano,
Ella adornada de belleza e flôres,
Elle mal suffocando seus ardores,
Ao templo, onde os espera o desengano!

Satisfeita a paixão, vem logo o frio,
O gelo que lhes lavra em todo o peito ;
Já se nota um defeito, e outro defeito,
Já cresce em ambos o pezar tardio !

SEGUNDA VOZ.

Talvez ambos se arrependem,
Talvez se nota o defeito,
Tardo pezar que não dura
Talvez lavra em todo o peito ;
Mas soando a desventura
Dar-lhes-hei nova paixão,
— Centelha viva, não cinza
Na frágua do coração.

Sou eu que o somno afugento
Quando vela a casta esposa
Junto ao leito, onde repousa
O esposo que mal padece ;
Quizera ser em vez delle,
Quando a morte o ameaça ;
Té de si mesma se esquece,
Té de quanto soffre e passa.

PRIMEIRA VOZ.

Vela meigo-sorrindo a casta esposa,
 Vela no leito onde a afflicção descança ;
 Mas talvez lhe suggiro uma lembrança
 Triste, importuna que expulsar não ousa.

Se compõe um sorriso honesto e brando,
 Se amciga a voz, a doce coma esparsa,
 Sorriso e voz fino punhal disfarça,
 Que vai no peito incauto a furto entrando.

Ah ! quantas vezes ! quantas ! não transuda
 O leito conjugal banhado em sangue,
 E elle ou ella, atraído, exangue,
 Já quasi morto, a traição vil desnuda ?!

SEGUNDA VOZ.

Talvez ciumenta esposa,
 Talvez cioso marido,
 Irado, o punhal buido
 Levanta... mas n'esse instante
 Mostro-lhe o meigo semblante
 Do filho seu que descança,
 Como que o somno lhe traga
 Sonhos que traz na lembrança.

A tal vista se enternece,
 Á supposta injuria esquece,
 A coragem lhe fallece,
 E o punhal lhe cahe da mão ;
 E onde o ferro traiçoeiro,
 Devêra d'entrar primeiro,
 Beijando por derradeiro
 Pede chorando o perdão.

A DESORDEM DE CACHIAS

1839

— Le crime est immortel ! —

— Ainsi que le remord.

A. BARBIER.

Que feios sons de surda e rouca trompa !
 Echôa a bronzea tuba as duras vozes,
 Que hão de os valles cobrir de miserandos,
 Insepultos guerreiros !

Sobre as cordas da tua Harpa
 Pousa, ó Musa, a nivea mão,
 Que com taes sons se não casão
 Os sons do teu coração !

Que triste soluçar, que triste pranto,
 Que amargas queixas, que doridas preces !
 Penosas vascas de sangrenta morte
 No extremo agonizar !

Musa minha desditosa,
 Dos cabellos despe o loiro,
 Da tua Harpa malfadada
 Despedaça as cordas d'oiro !

Ó Musa, Musa minha ! os sons que ouviste
 Foi perpassar dos teus, — dos teus que amavas,
 Agora sombras vãs, que inultas vagão
 • A deshoras na terra !

Do misero cantor que elles amárão,
 Talvez em vida, — possa agora ao menos
 O triste canto, a suspirada nenia,
 Sympathico applacal-as !

Foste até qui lympha pura
 Que mansamente serpeia,
 Entre flôres e verdura,
 Por sobre um leito d'areia.

E o sol do inverno derreteu-lhe a neve
 Lá da nascente ;
 Eis o regato que já corre undoso,
 Como a torrente !

Acorda, acorda, ó Musa ! assaz cantaste
 Teu doce amor,
 Serena, em ocio, como ao pé da fonte
 Descança a flôr.

II

Como, quando o vulcão prepara a lava
 Nas entranhas da terra, e á noite lança,
 Pela sangrenta rúbida cratéra,
 Mais viva chamma em turbilhão de fumo,
 Encandece-se o ar, cala-se a terra,
 Nem gyra a brisa, ou só tufão de vento
 Com horrído fragor sacode os troncos ;
 Assim tambem, quando abafadas rosnão
 Sanhas do povo, antes que em furias rompão,
 Propaga-se confuso borbórinho,
 Cresce a agitação n'aquelle e neste,
 E um quê de febre lhes transtorna o siso. .
 Tremulos todos, homens e mulheres,
 Infantes e anciãos — de mãos travadas,
 Turvado o rosto, os olhos lacrimosos,
 Lá vão terras do exilio demandando !

Um passo apenas dão, que os alumia
 Do vulcão popular a lava ardente.
 Sob os trépidos pés soluça a terra,
 Sobre as cabeças pávidas volteia
 Ou rocha em brasa, ou condensada nuvem
 De pó desfeito, que reseca os ares.
 E d'entre aquelle fumo e aquellas chammas,
 N'aquelle horror e mêdo, estatuas vivas,
 Sinistro lampejar d'armas descobrem :
 Descobrem longe os tectos abrasados,
 A pouco e pouco esmorecendo em cinzas ;
 Escutão gritos de uma voz querida,
 De um ser que expira, e que em soccorro os chama !
 E alli pregados no terreno ingrato
 Nem da morte impiedosa fugir sabem,
 Nem força tem que lhes escude a vida.
 São alli sem acção, sem voz, sem força,
 Como que mã sezão lhes tolhe os membros,
 Ou os suffoca horrivel pesadêlo.
 Mudos, fracos, sem luta os colhe a morte ;
 E nós, sangrentos, insepultos jazem !

III

Turbida reina a bacchanal de sangue !
 E rei do atroz festim, brinco do vulgo,
 Um só campeia ! um só, que mal se achega
 Á lauta meza, onde se enfrasca o vulgo
 De carniça e ralé, tocando apenas
 O sangue e o vinho, que alimenta o brodio ;
 Derruba-o logo a popular vindicta,
 E fólga ultriz em torno aos vis despojos,
 Que nem de amigas lagrimas se molhão,
 Neri de talhadas lápidas se cobrem.

IV

Maldictos sejais vós ! maldictos sempre
Na terra, inferno e céos ! — No altar de Christo,
Outra vez a paixões sacrificado.
Impios sem crença e precisando têl-a,
Assentastes um idolo doirado
Em pedestal da movediça areia ;
Uma estatua incensastes — culto infame ! —
Da politica, sordida manceba
Que aos vestidos, outr'ora reluzentes,
Os andrajos cerzio da vil miseria !
No antropophago altar, madido, impuro
Em holocausto correu d'hostia innocente
Humano sangue, fumegante e rubro.
Insensível á dor, ao pranto, ás preces,
Insensível ás cans, á verde infancia
Tudo sorveu a rábida quadrilha !
A treda mente maquinou supplicios,
Torpe vingança ! meditou cruenta
Nos requintes da dôr ébria fartar-se,
E lascivia immoral dos labios d'elles
Em frontes virginaes cuspio veneno.
 Affrontas cáião sobre tanta infamia !
E se a vergonha vos não tinge o rosto,
Tinja o rosto do ancião, do infante
Que em qualquer parte vos roçar fugindo
Da consciencia a voz dentro vos punja,
Timorato pavor vos encha o peito,
E farpado punhal a cada instante
Sintais no coração fundo morder-vos.
Dos que matastes se vos mostre em sonhos

A chusma triste, supplicante, inerme...
Sereis clementes... mas que a mão rebelde
Brandindo mil punhaes lhes córte a vida :
E que então vossos labios confrangidos
Se descerrem sorrindo — crú sorriso
Entre dôr e prazer, — qu'então vos prendão
A póste vergonhoso, e que a mentira
O vosso instante derradeiro infame!
Bradem : Não fomos nós! — e a turba exclame :
Covardes, fostes vós! — e no seu póste
De vaias e baldões cobertos morrão.

V

Mas cantar tão cruel e tão feio,
Donde páрте soando ruidoso :
Da minha Harpa nas cordas quem vcoio
Sons tão rudes, tão roucos tirar ?
Póde acaso o christão impiedoso
Do que soffre avivar o tormento,
Póde acaso dizer-lhe cruento :
Teu supplicio não quero acabar ?

Póde acaso com torva alegria
Sobre os restos do triste finado
Levantar a cruel voz impia :
Homicida feroz, maldicção?
Não tem elle sequer um peccado ?
Como pois poderá penitente
Exclamar n'outra vida : Ó clemente,
Senhor Deos, tem de mim compaixão ?

Réo não sou da cruel impiedade,
Bem que o sangue por elles vertido
Fosse meu ; bem que amarga saudade
Sinta eu desses, que a morte ceifou !
Não irei ao sepulchro esquecido
Insultar o mesquinho finado ;
Miserando ! foi duro o seu fado,
Que um amigo sequer não deixou !

Mas as vítimas tristes, cruentas,
Que hoje dormem na campa florida
Nas funéreas mortalhas sangrentas
Envolvidas, irei visitar :
Lindas flôres na aurora da vida !
Murchas flôres p'ra terra inclinadas !
Ah ! por todas no pó desfolhadas
Ao Senhor compassivo hei de orar !

VI

E como apparecem n'um sonho ditoso
Phantasticas fórmas, composto formoso
Da noite que morre e do sol a raiar ;
Eu vi muitas sombras, com ar magoado
Chorando e passando : eu estava acordado,
Ouvi ; mas par'ceu-me que estava a sonhar !

Passavão mostrando no peito a ferida ;
Celeste ventura no rosto envolvida
Se lia da morte ao cruel padecer !
E d'esta e d'aquella, de quantas eu via
O nome, as feições e a voz conhecia !...
Meu peito arquejava co'o interno soffrer.

Com triste sorriso nos labios pousado,
Chamavão-me todas ao tum'lo gelado,
E á paz dos sepulchros, e á vida do céu!
O anjos soffrestes martyrio anciado;
Ao céu remontastes, ficastes ao lado
Do martyr divino que á terra desceo;

Como hei de seguir-vos no ethéreo caminho
Se preso a esta vida, cançado e mesquinho,
Meu longo martyrio não posso acabar?
Não posso seguir-vos; mas vós, meus amores,
Da noite nas sombras, do sol nos fulgores
Ah! vinde meus sonhos de flôres juncar.

AO ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DE CACHIAS

1 de Agosto.

Cachias bella flôr, lyrio dos valles,
Gentil senhora de mimosos campos,
Como por tantos annos foste escrava,
Como a indocil cerviz curvaste ao jugo?
Oh! como longos annos insoffriveis,
Rainha altiva, destoucada e bella,
Trajando negro dó em negras vestes,
Rojaste aos pés de um régulo soberbo?
Á mingoa definhaste em negro carcer,
Onde um raio de sol não penetrava;
Em masmorra cruel, donde não vias
Scintillar o clarão d'amiga estrella...

Oh ! não, que a luz da espr'ança tinhas n'alma,
E o sol da liberdade um dia viste,
De gloria e de fulgor resplandecente,
Em céo sem nuvens no horizonte erguido.
Eis o som do tambor atrôa os valles,
O clangor da trombeta, os sons das armas,
A terra abalão, despertando os échos.
— Eia ! oh bravos, erguei-vos, — á peleja,
Á fome, á sêde, as privações, — erguei-vos !
Tu, Cachias, acorda, — tu, rainha,
Lamina d'aço puro, envolta em ferro,
Ao sol refulgirás ; — flôr que esmoreces,
Á mingoa d'ar, em carcere de vidro,
Em ar mais livre cobrarás alento,
Graça, vida e frescor da liberdade.

Antemural do lusitano arrojo,
Ultimo abrigo seu, — feros soldados,
Veteranas cohortes nos teus montes
Cravão bellicas tendas ! — Um guerreiro,
O nobre Fidié, que a antiga espada
Do valor portuguez empunha hardido,
No seu mando as retém : de balde, oh forte,
Expões teus dias ! teu esforço inutil
Não susta o sol no rapido declive,
Que immerge áquem dos Andes orgulhosos
D'Africa e d'Asia os desbotados louros !

Eia ! — o bronzeo canhão rouqueja, estoura,
Ribomba o ferreo som d'um écho em outro,
Nuvens de fumo e pó lá se condensão...
Correi, bravos, correi !... mas tu és livre,
És livre como o arbusto dos teus prados,

Livre como o condor que aos céos se arroja ;
És livre! — mas na accesa phantasia
Debuxava-me o espirito exaltado
Frágoas cruas de morte, o horror da guerra
Descobrir, contemplar. — Oh ! fôra bello
Arriscar a existencia em pró da patria,
Regar de rubro sangue o patrio solo,
E sangue e vida abandonar por ella !

Longe, delirios vãos, longe, phantasmas,
De ardor febricitante!
Á gloria d'este dia comparar-se
Póde acaso visão, delirio ou sonho ?
Ao fausto anniversario
Da nossa independencia ?
Acclamações altisonas
Corram nos lares da immortal Cachias :
Seja padrão de gloria entre nós outros
Sanctificada aurora
Que os vis grilhões de escravos vio partidos.

1845.

SAUDADES

A MINHA IRMÃ

J. A. DE M.

I

Eras criança ainda: mas teu rosto
De ver-me ao lado teu se espanejava
Á luz fugaz de um infantil sorriso!
Eras criança ainda; mas teus olhos
De uma brandura angelica, indizível,
De sympathicas lagrimas turbavão-se
Ao ver-me o aspecto merencorio e triste;
E amigo refrigerio me sopravão,
Um balsamo divino sobre as chagas
Do coração, que a dôr me espedaçava!
A luz de uma razão que desabrocha,
As leves graças, que a innocencia adornão,
Os infantis requebros, as meiguices
De uma alma ingenua e pura — em ti brilhavão.

Eu, gasto pela dôr antes de tempo,
Conhecendo por ti o que era a infancia,
Remoçava de ver teu rosto bello.
Pouco era vel-o! — em ti me transformava ;
Bebendo a tua vida em longos tragos,
Todo o teu ser em mim se transfundia :
Meu era o teu viver, sem que o soubesses,
Tua innocencia, tuas graças minhas :
Não, não era ditoso em taes momentos,
Mas de que era infeliz me deslembrava!

E tinhas sobre mim poder immenso,
Indizível condão, e o não sabias!
Assim da tarde a brisa corre á terra,
Embalsamando o ar e o céu de aromas :
Enreda-se entre flôres suspirosa,
Geme entre as flôres que o luar prateia,
E não sabe, e não vê, quantos queixumes
Apaga — quantas magoas alivia!
Assim, durante a noite, o passarinho
Em moita de jasmíns derrama occulto
Merencorias canções nos mansos ares ;
E não sabe, o feliz, de quantos olhos
Tristes, mas doces lagrimas, arranca!

II

Perderão-te os meus olhos um momento!
E na volta o meu rosto transtornado,
As vestes luctuosas, que eu trajava,
O mudo, amargo pranto que eu vertia,
Annuncio triste foi de uma desdita,
Qual jámais sentirás : teus tenros annos

Pouparão-te essa dôr, que não tem nome,
 De quando sobre as bordas de um sepulchro
 Anceia um filho, e nas feições queridas
 D'um pai, d'um conselheiro, d'um amigo
 O sello eterno vae gravando a morte!
 Escutei suas ultimas palavras,
 Repassado de dôr! — junto ao seu leito,
 De joelhos, em lagrimas banhado,
 Recebi os seus ultimos suspiros.
 E a luz funerea e triste que lançarão
 Seus olhos turvos, ao partir da vida,
 De pallido clarão cobrio meu rosto,
 No meu amargo pranto reflectindo
 O cançado porvir que me aguardava!

Tu nada viste, não; mas só de vêr-me,
 Flôr que sorrias ao nascer da aurora
 No denso musgo dos teus verdes annos,
 A procella imminente presentiste,
 Curvaste o leve hastil, e sobre a terra
 Da noite o puro aljofar derramaste.

III

O encanto se quebrára! — duros fados
 Inda outra vez de ti me separavão.
 Assim dois ramos verdes juntos crescem
 N'um mesmo tronco; mas se o raio os toca,
 Lascado o mais robusto cahe sem graça
 De rojo sobre o chão, emquanto o outro
 Da primavera as galaş pavoneia!
 Já não ha quem de novo unil-os possa,
 Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus á minha infancia,
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros,
Que eu já no berço conheci, — áquelles
De quem, máo grado a ausencia, o tempo, a morte
E a incerteza cruel do meu destino,
Não me posso lembrar sem ter saudades,
Sem que aos meus olhos lagrimas despontem.
Parti! sulquei as vagas do oceano;
Nas horas melancolicas da tarde,
Volvendo atraz o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
Misturei meus tristissimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias!

Revolvido e cavado o negro abysmo,
Rugia indomito a meus pés : sorvia
No fragor da procella os meus soluços.
Vago triste e sósinho sobre os mares,
— Dizia eu entre mim, — na companhia
De crestados, de rispídos marujos,
Mais duros que o seu concavo madeiro!
Ave educada nas floridas selvas,
Vim da praia beijar a fina areia.
Subitaneo tufão arrebatou-me,
Perdi a verde relva, o brando ninho,
Nem jámais casarei doces gorgeios
Ao saudoso rugir dos meus palmares;
Porêm a branca angelica mimosa,
Com seu candor enamorando as aguas,
Florece ás margens do meu patrio rio.

IV

Largo espaço de terras estrangeiras
E de climas inhospitos e duros
Interpoz-se entre nós! — Ao ver nublado
Um céu d'inverno e as arvores sem folhas,
De neve as altas serras branqueadas,
E entre esta natureza fria e morta
A espaços derramadas pelos valles,
Triste oliveira, ou funebre cypreste,
O coração se me apertou no peito.
Arrasados de lagrimas os olhos,
Segui no pensamento as andorinhas,
Nos invejados vôos! — procuravão,
Como eu tambem nos sonhos que mentião,
A terra que um sol calido vigora,
E em frouxa languidez estende os nervos.
Patria da luz, das flôres! — nunca eu veja
O sol, que adoro tanto, ir afundar-se
Nestes da Europa revoltosos mares;
Nem tibia lua, envolta em nuvens densas,
Luzindo mortuaria sobre os campos.
De frios sues queimados. — Ai! dizia,
Ai d'aquelle que um fado aventureiro,
Qual destroço de misero naufragio,
A longinqua e remota plaga arroja!
Ai d'aquelle que em terras estrangeiras
Corta nas azas do desejo o espaço,
Emquanto a realidade o vexa entorno
E oppresso o coração de dôr estala!
Onde a pedra, onde o seio em que descance?
Que arbusto ha de prestar-lhe grata sombra

E olentes flôres derramar co'a brisa
 Na frente encandecida? Peregrino,
 Em toda a parte forasteiro o chamão!
 Insensível á dôr, na sua marcha,
 Não, não attende ao termo da jornada;
 Mas volta atraz o rosto, — e entre as sombras
 Confusas do horizonte — enxerga apenas
 O debil fio da esperança teso,
 E da ingrata distancia adelgado!

E todavia amei! pude um momento
 Vêr perto a doce imagem debruçada
 Nas aguas do Mondego, — ouvir-lhe um terno
 Suspiro do imo peito, mais ameno,
 Mais saudoso que as auras encantadas,
 Que entre os seus salgueirae morão loquaces!
 Foi um momento só! — talvez agora
 Nas mesmas aguas se repete imagem
 Dos meus sonhos de então! — talvez a brisa,
 Nas folhas dos salgueiros murmurando,
 Meu nome junto ao seu repete aos echos,
 Que eu, triste e longe della, escuto ainda!

Sim, amei; fosse embora um só momento!
 Meu sangue, requeimado ao sol dos tropicos,
 Em vivas labaredas conflagrou-se.
 Feliz n'aquelle incendio ardeu minha alma,
 Um anno, talvez mais! Qual foi primeiro
 A soltar, a romper tão doces laços,
 Não pudera dizel-o, em que o quizesse.

Tão louco estava então, — dôres tão cruas,
Magoas tantas depois me acabrunharão,
Que desse meu passado extincta a idéa,
Deixou-me apenas um soffrer confuso,
Como quem de um máo sonho se recorda!
Assim, depois de arder um denso bosque
Dos ventos á mercê revôa a cinza
N'um páramo deserto! Nada resta;
Nem sequer a vereda solitaria,
A cuja extremidade o amor velava!

V

Rôtos na infancia os laços de familia,
Os fados me vedavão reatal-os,
Ter a meu lado uma consorte amada,
Rever-me na affeição dos filhos caros,
Viver nelles, curar do seu futuro
E neste empenho consumir meus dias;
Mas ao menos, pensava, — ser-me-ha dado
Animar e suster nos meus joelhos
Da minha irmã querida a tenra prole,
Inclinal-a á piedade, e ao relatar-lhe
Os successos da minha vida errante,
Inocular-lhe o dom fatal das lagrimas!
Essa mesma esperança não me illude;
Ave educada nas floridas selvas,
Um tufão me expellio do patrio ninho.
As tardes dos meus dias borrascosos
Não terei de passar, sentado á porta
Do abrigo de meus paes, — nem longe d'elle,
Verei tranquillo aproximar-se o inverno,
E vôr do sol dos meus cançados annos!

O HOMEM FORTE

Impavidum ferient...

HORAT.

O modesto varão constante e justo
 Pensa e medita nas lições dos sábios
 E nos caminhos da justiça eterna
 Gradua firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia
 A luz do sol, nem do carvão se tisna;
 Morre pelo dever, austero e crente,
 Confessando a virtude.

Póde a calúnia denegrir seus feitos,
 Negar-lhe a inveja o merito subido;
 Póde em seu damno conspirar-se o mundo
 E renegal-o a patria!

Tão modesto no paço de Lucullo
 Como encerrado no tonel do Grego,
 Nem o transtorna a aragem da ventura,
 Nem a desgraça o abate.

A tyrannos preceitos não se humilha,
 Ante o ferro do algoz não curva a fronte,
 Não faz calar da consciencia o grito,
 Não nega os seus principios.

Antes, seguro e firme e confiado
 No tempo, vingador das injustiças,
 Co'os pés no cadafalso e a vista erguida
 Se mostra imperturbavel.

Com mão robusta ainda retem os élos
Da cadeia do tempo, enquanto a outra
Da vida o livro volumoso sèlla
Com sete bronzeos sellos. Deos offeso
Tira os olhos do mundo, e o mundo ha sido!

Quem pudera pintar as discordancias
Em que labora a natureza ! Crescem
Da terra igneos vapores, suffocando
O que respira, o que tem vida ; os montes
Em crateras se rásão, que vomitão
Fumo e lava incessante ; o mar s'empola
E em furia ardendo, arroja aos altos cimos
Cruzados vagalhões, qual se tentára
Sôvertel-os ; os ventos se contrastão !
Novos prodigios, novos monstros surgem !
O mar se torna em sangue, o sol em fogo,
O Universo em mansão d'afflictas dôres ;
O homem soffre, blasphema e desespera,
E vendo os mundos desabar precípites,
Um grito sólta d'horroroso transe,
Como de náo, que em alto mar s'afunda
E rola os restos n'amplidão das aguas.

Satisfiez-se o Senhor. Que resta? — O cháos,
O horror, a confusão, o vulto enorme
Do tempo, que escurece o fundo abysmo,
Onde por todo o sempre jaz captivo ;
E da morte o cadaver gigantesco
Quasi occupando a superficie inteira
D'um mar de chumbo, escuro e sem rumores.
Da gloria do Senhor um raio apenas,
Lá dos confins do espaço despedido,
Fere da morte o rosto macilento,
De tudo quanto foi, e quanto existe !

ESPERA !

Quem ha no mundo que afflicções não passe,
Que dôres não suporte ?

Mais ou menos d'angustias cabe a todos
A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras
E de longo soffrer :

Semelha a noite ; mas fagueiros sonhos
Póde de noite haver.

Porque então maldiremos este mundo
E a vida que vivemos,
Se nos tornamos do Senhor mais dignos,
Quanto mais dôr soffremos ?

Quantos cabellos temos, elle o sabe ;
Elle póde contar

As folhas que ha no bosque, os grãos d'areia
Que sustentão o mar.

Como pois não será elle comnosco
No dia da afflicção ?

Como não ha de computar as dôres
Do nosso coração ?

Como ha de ver-nos, sem piedade, o rosto
Coberto d'amargura ;

Elle, senhor e pae, conforto e guia
Da humana creatura ?

Se o vento sopra, se se move a terra,
Se iroso o mar fluctúa ;

Se o sol rutila, se as estrellas brilhão,
Se gyra a branca lúá ;

Deus o quiz, Deus que mede a intensidade
Da dôr e da alegria,
Que cada ser comporta — n'um momento
D'arroubo ou d'agonia !

Embora pois a nossa vida corra
Alheia da ventura !
Além da terra ha céus, e Deus protege
A toda creatura !

Viajor perdido na floresta á noite,
Assim vago na vida ;
Mas sinto a voz que me dirige os passos
E a luz que me convida.

A SAUDADE

Saudade, ó bella flôr, quando te falte
Coração ou jardim, onde tu cresças ;
Ah ! vem, vem ter commigo ;
Deixa os que te não seguem ;
Terás em peito amigo
Lagrimas, que te reguem,
Espaço, em que floresças.

Das pegadas da ausencia tu despontas,
Entre as memorias cresces do passado,
Quando um objecto amado,

Quando um lugar distante, noite e dia,
 Nos enluta e apouquenta a fantasia.
 Vem, ó Saudade, vem
 A mim também.

Consolar de gemidos suspirosos
 E de partidos ais !
 Oh ! seja a punição dos insensíveis
 Não te sentir jamais !

Propicia Deosa, e se não fosse a esp'rança,
 Deosa melhor da vida ; qu'insensato,
 A quem mitigas turbidos pezares,
 Haverá tão ingrato
 Que te não queime incenso em teus altares ?
 O *presente* o que é ? — Breve momento
 D'incommodo ou desgraça
 Ou de prazer, que passa
 Mais veloz que o ligeiro pensamento.
 Véu escuro,

Que nem sempre a illusão nos adelgaça,
 Nos encobre os caminhos do futuro.
 O que nos resta pois ? — Resta a saudade,
 Que dos passados dias
 De mágoas e alegrias
 Balsamo sancto extrahe consolador !
 Resta a saudade, que alimenta a vida
 Á luz do facho que adormenta a dôr !

Hera do coração, memoria d'elle,
 Ó Saudade, ó rainha do passado,
 Semelhas a romantica donzella
 De roupas alvejantes

Nas ruínas de castello levantado;
Grinaldas fluctuantes,
Que das fendas brotarão,
Movem-se do nordeste
Ao sopro agudo e frio,
Emquanto vendo-o ao longe o senhorio,
De posses decahido,
D'invernos alquebrado,
Recorda triste os annos que passárão !
Em que plagas inhospitas e duras
Não me tens sido companheira e amiga ?
Em que hora, em que instante
De fólga ou de fadiga
Já deixei de sentir o penetrante
Espinho teu, a repassar-me todo
D'um prazer melancholico e suave ?
Pois nasces nos desertos da tristeza,
Ó Saudade, ó rainha do passado !
Quando te falte gleba, onde tu cresças,
Vem, sim, vem ter commigo ;
Deixa os que te não seguem,
Terás em peito amigo
Lagrimas, que te reguem,
Espaço, em que floresças !
Entra em meu coração, occupa-o todo,
Fibra por fibra enlaça-te com elle,
Desce com elle á sepultura ; e quando
Jazer eu na eternidade,
Minha flôr, minha saudade,
Tu procura a aura celeste,
Rompe a terra, transforma-te em cypreste,
Qu'enlute o meu jazigo ;

E ao meneio das ramas funerarias,
 Meu derradeiro amigo,
 Descance morto quem viveu contigo.

NÃO ME DEIXES !

Debruçada nas aguas d'um regato
 A flôr dizia em vão

Á corrente, onde bella se mirava...

« Ai, não me deixes, não !

« Commigo fica ou leva-me contigo

« Dos mares á amplidão :

« Limpido ou turvo, te amarei constante ;

« Mas não me deixes, não ! »

E a corrente passava ; novas aguas

Após as outras vão ;

E a flôr sempre a dizer curva na fonte :

« Ai, não me deixes, não ! »

E das aguas que fogem incessantes

Á eterna successão

Dizia sempre a flôr, e sempre embalde

« Ai, não me deixes, não ! »

Por fim desfallecida e a côr murchada,

Quasi a lambar o chão,

Buscava ainda a corrente por dizer-lhe

Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-a do seu torrão ;
A afundar-se dizia a pobrezinha :
« Não me deixaste, não ! »

ZULMIRA

Sonhara-te eu na veiga de Granada,
Tapetada de flôres e verdura,
Onde o Darro e Xenil no lento gyro
Volvem a lympha pura.

Alli te vejo em leda comitiva
Dos gentis cavalleiros do oriente,
Quando, deposta a malha do combate,
Vestem da paz a seda reluzente.

Alli te vejo n'um balcão sentada,
Grande preço da maura architectura,
Pejando as azas das nocturnas brisas
D'um canto de ternura.

Alli te vejo, sim ; mas mais me agrada
O que se m'afigura n'outro instante,
Ver-te em vistosa tenda d'ouro e sedas,
Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o sequito pomposo
D'eunuchos a teu gesto vacillantes
Em cujas fronteiras negras se destacão
Alvissimos turbantes.

E pergunto quem es? — Então me dizem
Ciosos de guardar o seu thesouro,
Nome tão doce aos labios, que parece
Escrever-se em setim com letras d'ouro.

A UMA POETIZA

— Donde vens, viajor? —
— De longe venho.
— Que viste?
— Muitas terras.
— E qual dellas
Mais te soube agradar?
— São todas bellas;
Fundas recordações de todas tenho.
— E admiraste o que?
— Ah! onde as flôres
Cada vez a manhã tornão mais linda,
Onde gemeu Paraguassú de amores
E os echos fallão de Moema ainda;
Alli, Sapho christã, virgem formosa,
A vida aos sons da lyra dulcifica:
D'escutar a sereia harmoniosa
Ou de vel-a, a vontade presa fica!

Bahia, 1852.

Tem, que te chamo e te aguardo,
Vem apertar-me em teus braços,
Estreitar-me em doces laços,
Vem pousar no peito meu !
Que, se amor me deu que eu lêsse
Nos teus olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rôla, que o esposo perdeu.

AINDA UMA VEZ — ADEOS !

Emfim te vejo ! — emfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto soffri.
Muito penei ! Crúas ancias,
Dos teus olhos afastado,
Houverão-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti !

D'um mundo a outro impellido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz !
Baldão, ludibrio da sorte
Em terra estranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz !

Louco, afflicto, a saciar-me
D'aggravar minha ferida,
Tomou-me tedio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esp'rança,
Tu me vieste á lembrança:
Quiz viver mais e vivi!

Vivi; pois Deos me guardava
Para este logar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e fallar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a afflicção quanto póde,
Sei quanto ella desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

Nem uma voz me diriges l...
Julgas-te acaso offendida?
Déste-me amor, e a vida
Que m'a darias — bem sei;
Mas lembrem-te aquelles feros
Corações, que se metterão,
Entre nós; e se vencerão,
Mal sabes quanto lutei!

Oh! se lutei!... mas devêra
Expôr-te em publica praça,
Como um alvo á populaça,
Um alvo aos dicterios seus!
Devêra, podia acaso
Tal sacrificio ~~ac~~ccitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

Devêra, sim; mas pensava
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavão; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deos me acceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dôr!

Que me enganei, ora o vejo;
Nadão-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime;
Não te esqueci, eu t'o juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e gloria por te amar!

Tudo, tudo; e na miseria
D'um martyrio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
« Ella é feliz (me dizia)
» Seu descanso é obra minha. »
Negou-m'o a sorte mesquinha...
Perdôa que me enganei!

Tantos encantos me tinham,
Tanta illusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a illusão dos meus sonhos?
Tantos projectos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

Enganei-me!... — Horrendo cháos
Nessas palavras se encerra,
Quando dô engano, quem erra,
Não póde voltar atraz!
Amarga irrisão! reflecte:
Quando eu gozar-te pudera,
Martyr quiz ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
'Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausencia do mal.

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outra fôra;
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deos *ab eterno* a fizera,
No meu caminho a puzera...
E eu! eu fui que a não quiz!

Es d'outro agora, e p'ra sempre!
Eu a misero desterro
Vólto, chorando o meu erro,
Quasi descrendo dos céos!
Dóe-te de mim, pois me encontras
Em tanta miseria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deos!

Dóe-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão! de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dôr que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

Adeos qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meos;
Negou-me n'esta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz commovida
Soluçar um breve Adeos!

Lerás porêm algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos; — e então
Confio que te commovas,
Que a minha dôr te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão.

O SOMNO

Nas horas da noite, se junto a meu leito
Houveres acaso, meu bem, de chegar,
Verás de repente que aspecto risonho
Que toma o meu sonho,
Se o vens bafejar!

O anjo, que ao somno preside tranquillo,
Ao anjo da terra não ceda o logar;
Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meu leito,
Unir-me a seu peito,
D'amor offegar.

As notas que exhalão as harpas celestes,
Os gozos, que os anjos só podem gozar,
Talvez tambem frúa, se ao meu peito unida
T'encontro, ó querida,
No meu acordar!

SE EU FOSSE QUERIDO !

Se eu fosse querido d'um rosto formoso,
Se um peito extremoso — pudesse encontrar,
E uns labios macios, que expirão amores
E abrandão as dôres — de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,
Votára-lhe a vida — que Deos me quiz dar :

Constante a seu lado, seus sonhos divinos
Aos sons dos meus hymnos — quizera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa
Da amante extremosa — meus dias privar,
De funda saudade minha alma rendida
Votára-lhe a vida — que Deos me quiz dar.

A FLÔR DO AMOR

Já lento o passo, no cahir da tarde,
Lá nos desertos d'abrasada arcia,
Que o vento agita, porêrn não recreia,
Da caravana o conductor parou.
Armão-se á pressa tendas alvejantes,
Rumina placido o frugal camêlo ;
Porêrn a nuvem d'arabes errantes
Se achaga á presa, que de, longe olhou.

E já, tomada a refeição nocturna,
Junto a fogueira, que derrama vida,
Descanção todos da penosa lida
Á voz canora, que o cantor alçou !
Confuso o ouvido um borbórinho alcança,
As armas toma o arabe prudente ;
Mas logo pensa, regitando a lança :
« Foi o grunhido que o chacal soltou. »

Ouvidos todo e curioso enlevo,
Torna de novo a retomar seu posto ;
Pela fogueira alumiado o rosto,

Bebendo as vozes que o cantor soltou ;
Semelha a terra, quando aberta em fendas,
Da noite o orvalho sequiosa espera ;
E o corsel arabe encostado ás tendas
Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

» Algures cresce (o trovador cantava)
Sempre fresca e virente e sempre bella,
Por influxo e poder de maga estrella,
Mimosa, pura e delicada flôr !
Jazendo em sitio escuso e solitario,
Esforços é mister p'ra conhecel-a,
Que diz a forte lei do seu fadario
Que a não descubra acaso o viajor.

» Alva do albor dos lirios odorosos,
Tem a modestia da violeta esquivã,
E o prompto retrahir da sensitiva,
Que parece vestir-se de pudor !
Assim, á luz da cambiante aurora,
Mudando um pouco a resplendente alvura,
De uns toques de carmim s'esmalta é córa
A graciosa e pudibunda flôr.

» Faz-se mais puro o ar, mais brando o clima,
Onde cresce ; amenizão-se os logares,
Tornão-se menos agros os pezares
E menos viva, e quasi nulla a dôr ;
Fresca e branda alcatifa o chão matiza,
Com doce murmurio as aguas correm,
E o leve sopro do correr da brisa
Volupia embebe em magico frescor !

» Feliz aquelle que a encontrou na vida,
Que onde ella nasce timida e fagueira
Não s'ennovela a mó d'atra poeira,
Tangida pelo s'úmiu' abrasador!
Alli sorri-se oásis venturoso,
Qu'entre deleites o viver matiza,
E ao que vai triste, afflicto e sem repouso
Chama a descanso do comprido error!

» Feliz e mais que se, perdido, achára
Confôrto e auxilio no kathá, seu guia,
Que o leva a fonte perennal e fria
Onde se apaga o sitibundo ardor.
Tão feliz, qual talvez se o precedesse
Nos desertos a benção do propheta,
Que por fanal nocturno lhe accendesse
Maga estrella do limpido fulgor.

» Ai! porém do que a vê, e a não conhece,
Do que a suspira em vão, e a em vão procura,
Ou que achando-a, desiste da ventura
Por não entrar no oásis seductor.
Essa flôr descoberta por acerto
Nunca mais a verás! colhe, insensato,
Colhe abrolhos da vida no deserto;
Pois desprezaste a que produz o amor! »

Assim cantava o trovador; e todos
Ouvem-no com prazer de dôr travado,
Que mais do que um talvez terá deixado
Atraz de si a pudibunda flôr!
No emtanto a nuvem d'arabes errantes
Chega-se á presa, que avistou de longe;
E dos corseis, que alentão offégantes,
Precede a marcha turbido pavor!

E, nado o sol, aquelle que passava
Pelos desertos d'abrasada areia,
Que o rubro sangue de cruor roxeia,
A um lado o rosto, pallido, voltou !
Ninguem as mortes lastimaveis chora,
Ninguem recolhe os restos insepultos,
E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,
Sem borrifal-os, no areial ficou !

Quem saberá do seu destino agora ?
Ninguem ! Sómente em climas 'apartados
Miseranda mulher lastima os fados
De filho ou esposo que jamais tornou !
Talvez porê, traz de montões d'areia,
Nobre corsel sem cavalleiro assoma,
E alonga a vista, de pezares cheia,
Té onde a vida seu senhor deixou !

A SUA VOZ

Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida,
CAMÕES. — Canç. X.

Ouvi-a ! A sua voz me despertava
Tudo quanto de bom conservo n'alma.
Retratado o pudor tinha no rosto,
E um suave dizer, um timbre doce
De voz, uma piedade extreme e sancta,
Que as mais profundas chagas animava,
D'ambrozia e de mel lhe ungia os labios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,
 Mais impressiva que o cantar das aves!
 A aragem qu'entre flôres se deslisa
 E mal remeche a timida folhagem,
 A veia de chrystal que triste sôa,
 O saudoso arrulhar de mansas pombas,
 Às proprias notas d'um cantar longinquo
 Ou de instrumento a conversar co'a noite,
 Menos que a sua voz impressionavão!

Menos que a sua voz! — Os dois mais fortes,
 Os dois mais puros sentimentos nossos
 — A saudade e o amor, — as mais profundas
 Das merencorias solidões de terra
 — As florestas e o mar, — um scismar vago,
 Um devaneio, uns extasis sem termo
 D'alma perdida por um céu de amores,
 Tanto como a sua voz não arroubavão!

Tanto como a sua voz! — sómente o forão
 Dulias notas de mysticos salterios
 Té nós de um astro em outro repetidas.
 Foi isto o que senti, quando a escutava,
 Fluente, harmoniosa, discorrendo, —
 Em pratica singela, sobre assumptos
 Diversos, sobre flôres, menos bellas
 Do que o seu rosto, e céos, como ella, puros.
 Mas quem n'a ouvira conversar de amores,
 Trouxera n'alma como uma harpa eolia,
 Dia e noite vibrando,
 Como um cantar dos anjos
 Do coração a estremecer-lhe as fibras!

SE SE MORRE DE AMOR !

Meere und Berge und Horizonte zwischen den Liebenden — aber die Seelen versetzen sich aus dem staubigen Kerker und treffen sich im Paradiese der Liebe.

SCHILLER. — *Die Räuber.*

Se se morre de amor! — Não, não se morre,
Quando é fascinação que nos surprende
De ruidoso saráu entre os festejos ;
Quando luzes, calor, orchestra e flôres
Assomos de prazer nos raião n'alma,
Que embelezada e solta em tal ambiente
No que ouve, e no que vê prazer alcança !

Symphaticas feições, cintura breve,
Graciosa postura, porte airoso,
Uma fita, uma flôr entre os cabellos,
Um quê mal definido, acaso podem
N'um engano d'amor arrebatat-nos.
Mas isso amor não é ; isso é delirio,
Devancio, illusão, que se esvaece
Ao som final da orchestra, ao derradeiro
Clarão que as luzes no morrer despedem ;
Se outro nome lhe dão, se amor o chamão,
D'amor igual ninguem succumbe á perda.

Amor é vida ; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao bello ; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes !
Compr'hender o infinito, a immensidade,

E a natureza e Deos ; gostar dos campos ;
D'aves, flôres, murmurios solitarios ;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa ;
E á branda festa, ao riso da nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo ;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o miserrimo dos entes :
Isso é amor, e desse amor se morre !

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos ;
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra ; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, esses thesouros
Inexgotaveis, d'illusões floridas ;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
Compr'hender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Seguil-a, sem poder fitar seus olhos,
Amal-a, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogal-a em mil abraços :
Isso é amor, e desse amor se morre !

Se tal paixão porêm emfim transborda,
Se tem na terra o galardão devido
Em reciproco affecto ; e unidas, uma,
Dois seres, duas vidas se procurão,
Entendem-se, confundem-se e penetrão
Juntas — em puro céo d'extasis puros :
Se logo a mão do fado as torna extranhas,

Se os duplica e separa, quando unidos
A mesma vida circulava em ambos;
Que será do que fica, e do que longe
Serve ás borrascas de ludibrio e escarneo?
Póde o raio n'um pincaro cahindo,
Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos;
Póde rachar o tronco levantado
E dois cimos depois verem-se erguidos,
Signaes mostrando da alliança antiga;
Dois corações porêm, que juntos batem,
Que juntos vivem, — se os separão, morrem;
Ou se entre o proprio estrago inda vegetão,
Se apparencia de vida, em mal, conservão,
Ancias crúas resumem do proscripto,
Que busca achar no berço a sepultura!

Esse, que sobrevive á propria ruina,
Ao seu viver do coração, — ás gratas
Illusões, quando em leito solitario,
Entre as sombras da noite, em larga insomnia,
Devaneando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca a appetecida imagem;
Esse, que á dôr tamanha não succumbe,
Inveja a quem na sepultura encontra
Dos males seus o desejado termo!

A MORTE É VARIA

TRADUÇÃO

A morte é vária e multiforme, e múda
De trajas e de mascarar mais vezes
 Qu'uma cançada actriz :
Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro
D'ironico sorriso e brancos dentes,
 E d'horrido cariz.

Nem todos seus vassallos são poeira
No resalto de pedra adormecidos
 Por sob as arcarias ;
A pallida libré nem todos vestem,
Nem sobre todos jaz murada a porta
 Nas cryptas sombrias!

Diversa a natureza é d'outros mortos :
Nestes que a sanie e podridão consomem,
 Vê-se o nada palpavel ;
Vê-se o enojo, o horror, a sombra espessa
E o esfaimado esquife, abrindo as fauces,
 Qual monstro insaciavel !

Cabe a outros porêm que sem dôr vemos
Passar, gyrar no turbilhão dos vivos,
 De carne inda vestidos,
O nada inda encuberto ; cabe a interna
Morte, que ninguem sabe, ninguem chóra,
 Nem mesmo os mais queridos !

Pois, se vamos a ver nos cemiterios
 As campas, ou illustres ou sem nome,
 De marmore ou torrão ;
 Ou tenhamos alli amiga palpebra,
 Ou não, — do teixo á sombra descansada,
 Quer choremos, quer não :

« Jazem » dizemos. — Nomes desaparecem
 Sob a relva ; o verme nesses olhos
 Enrêda a teia crúa !
 Por entre as pranchas do caixão desponta
 Hirto cabelo, e em pó funereo envolta
 Branqueja a ossada núa.

Os herdeiros não temem que mais vólte ;
 Esquecerão-n'o já : seus cães se lembrão,
 Soltando uivos de dôr !
 Acama-se a poeira em seus retratos :
 Já não tem mais rivaes, não tem amigos,
 Nem odios, nem amor !

Da morte o anjo, em lagrimas de pedra
 Vemos sósinho e mudo a pranteal-o,
 Estatua da afflicção :
 A cova toma o corpo, o olvido o nome,
 Tem por lençóes seis pés d'humida terra...
 Mortos, bem mortos são !

E dos olhos talvez se vos deslise
 O pranto sobre a relva, pelo orvalho
 E chuva humedecida ;
 Que na triste mansão os regozije,
 E por essa oblação enternecidos
 Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguém os chóra,
Ninguém, se a um destes vê, lhe diz piedoso ·
 « Seja o Senhor contigo. »
Curão do morto, lavão-lhe as feridas ;
Mas a alma estala sem que alguém se dôa,
 Nem mesmo o mais amigo !

Ha contudo pungentes agonias
Nunca sabidas, dôres horrorosas
 Mais do que se não crê ;
Almas ha que tem cruz e passamento,
Sem aureola d'ouro e a mulher pallida
 E desgrenhada — ao pé.

DO ESPANHOL DE LOPE DA VEGA

Junto ás margens dos rios
De Babilonia — a descantar sentados
 Passados desvarios,
Escravos, affligidos e cansados,
 Choramos ternamente
Com a memoria de Sião ausente.

Os doces instrumentos,
Que o senhor das batalhas já louvarão
 Em tempos mais contentes
E que nossas victorias celebrarão ;
 Quando presos ficámos,
Aos salgueiros extranhos pendurámos.

Nossos donos por dita,
Ou por curiosidade ou por vingança
Ou porque em tal desdita
Tambem piedade ao vencedor alcança,
« Cantai, cantai » disserão :
Com que mais nossas lagrimas crescerão.

E os que conduzião
Captivos — nossos filhos e mulheres,
Os hymnos nos pedião,
Que augmentavão por lá nossos prazeres ;
E em casos tão adversos,
Os cantos de Sião, — os tristes versos !

Mas, em resposta, nós
A seus rogos, chorando, respondemos :
« Como pretendeis vós
Que, a rojar ferros, miseros cantemos
Nesta infeliz cadeia
Versos da patria amada em terra alheia ?

« Se de ti me olvidar,
Doce Jerusalém e agora ou logo
Longe de ti cantar,
Myrrre-se, pois cedeu á força ou rôgo
A mão que as cordas toca,
Quando tal sorte lagrimas provoca.

» E se, cantando, der
Signal de que perdi toda a memoria ;
Emquanto assim viver,
Cidade sancta, ausente dessa gloria
A lingua se me apegue
Em a garganta, e respirar me negue.

» Nem justo é que se diga
Que eu possa haver jamais contentamento
Entre gente inimiga ;
Antes prefiro a todo o sentimento
E até á vida cara,
Ver-te feliz, Jerusalém preclara !

» No entanto, ó rei divino,
O castigo prepara ao Idumêo,
Que sendo-nos vizinho,
Não acudio-nos, — antes ao Chaldêo
Auxiliou — no dia
Em que a triste cidade nos rendia.

» E com voz arrogante,
Mostrando em nosso mal seu odio injusto
Ia a bradar diante :
— Arrasai, destruí, sem dó, sem susto :
Nem deixe vossa espada
Pedra, que torne a ser edificada !

» Tu, Babilonia, agora
Triumphas!... — Deos marcará teu dia !
Abençoada a hora
Em que pagues tão barbara ousadia !
Ditoso quem viver
E o capitão que tal vingança houver !

» E qual já nos fizestes,
Das mães os tenros filhos arrancando,
Hão de fazer a estes,
Que tendes caros; hão de, os paes olhando,
Travar das louras tranças
Para arrojá-os contra agudas lanças ! »

ESTANCIAS

Tu não queres ligar-te commigo,
Que me fosses mulher t'infamára!
É tua casa no sangue tão clara,
Que eu me honrasse de unir-me contigo?!...

És acaso tão pura lindeza,
Que eu não possa tua mão apertar?...
Mas teus olhos com menos pureza
Outros olhos já vi afagar!

E esses labios que a jura de esposa
Para mim não darião no altar,
Nesses labios alguém já não ousa
Algum beijo de amor estampar?

Pobre louca, que o orgulho atormenta,
Despe a bronca vaidade que tens;
Nem a mim teu amor me contenta,
Nem me ferem teus falsos desdens.

Sei amar; mas a ti... não soubera;
Sei soffrer; mas por ti... também não;
De te amar nenhum gosto tivera,
De perder-te — nenhuma afflicção.

O meu nome, que engeitas vaidosa,
Que de illustres avós não herdei;
Cobre ao menos pobreza orgulhosa,
Que eu contigo jamais partirei!

Não te assuste esse fado tristonho,
Não te deixes vencer de afflicção;

Vive em paz!... que eu não quero, não sonho,
Ter a posse do teu coração.

Mas se acaso uma sorte medonha,
Violentar-me por ti a dar ais,
Possa ao menos morrer de vergonha,
Quem de amor não morrêra jamais!

Bahia, Maio de...

CANÇÃO

DO ALLEMÃO DE HEINE

Tens joias e diamantes,
Quaes não tem tuas rivaes ;
Tens os mais bellos dos olhos...
Amor, que desejas mais ?

E sobre esses olhos bellos
Já de carmes immortaes
Tenho composto volumes...
Amor, que desejas mais ?

E com esses olhos bellos,
Até não queres mais,
Tens-me posto á dependura...
Amor, que desejas mais ?

SONETO

Baixel veloz, que ao tumido elemento
A voz do nauta experto, afoito entrega,

Demora o curso teu, perto navega
Da terra, onde me fica o pensamento.

Emquanto vais cortando o salso argento,
Desta praia feliz não se despega,
Meus olhos, não, que amargo pranta os rega,
Minha alma, sim, e o amor que é meu tormento.

Baixel, que vais fugindo despiedado,
Sem temor dos contrastes da procella,
Volta ao menos qual vais, tão apressado;
Encontre-a eu gentil, mimosa e bella,
E o pranto que ora verto amargurado,
Possa eu verter feliz no seio della.

1848.

A MINHA FILHA

O nosso indio errante vaga;
Mas por onde quer que vá,
Os ossos dos seus carrega:
Por isso, onde quer que chega,
Da vida n'amplo deserto,
Como que a patria tem perto,
Nunca dos seus longe está!

Tem para si que a poeira
D'aquelle que chorão morto,
Quando a alma já descança
Da eternidade no porto:
Nenhures está melhor.

Do que na urna grosseira,
Que a cada momento enxergão,
Que de instante a instante regão
Com seu prantear d'amor!

Ando, como elle, incessante,
Forasteiro, vago, errante,
Sem proprio abrigo, sem lar,
Sem ter uma voz amiga,
Que em minha afflicção me diga
Dessas palavras que fazem
A dôr no peito abrandar!

E sei que morreste, filha!
Sei que a dôr de te perder
Emquanto eu fôr vivo, nunca,
Nunca se ha de esvaecer!

Mas qual teu jazigo, e onde
Jazem teus restos mortaes...
Esse logar que te esconde,
Não vi, não verei já mais!

Não sei se ahi nasce a relva,
Se algum arbusto s'inflora
A cada nova estação;
Se a cada nascer da aurora,
O orvalho lagrimas chora
Sobre esse humilde torrão!
Se ahi nasce o triste goivo,
Ou só espinhos e abrolhos;
Ou se tambem de alguns olhos
Recebes pia oblação!

Sei que o pranto que se verte
Longe do morto, não basta !
É pranto que a dôr não gasta,
Que nenhum allivio traz !
Sei que ao partir-me da vida,
Minha alma andar  perdida
Para saber onde est s !

Irei beijar teu sepulchro,
Chorar meu ultimo adeos ;
Depois, remontando aos c os,
Direi a Deos : « Aqui estou ! »
Tu, d'entre o c oro dos anjos,
Dos seraphins resplendentes,
Ent o as azas candentes,
Que a vida n o maculou,
Desprega ! — e meiga e humilhada
Ao throno do Eterno vai
E na linguagem dos anjos,
Dize a Jesus : «   meu pae ! »

Elle humanou-se ! — quiz ser
Filho tambem de mulher ;
Mas d'homem, n o ; porque os c os
N o tnh o bastante espa o
Para um homem pae de Deos !

Bem sabe elle quanta gloria
Sente o pae que um anjo tem !
Julgar  que, pois perdida
Teve uma filha na vida,
N o a perca l  tambem !

Man us, 1 Maio 1861.

HYMNOS

Singe dem Herrn mein Lied, und du, begeisterte Seele,
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!

WIELAND.

MESQUINHO TRIBUTO DE PROFUNDA AMIZADE
AO D^r J. D. LISBOA SERRA.

O MAR

Frappé de ta grandeur farouche
Je tremble... est-ce bien toi, vieux lion que je touche
Océan, terrible Océan!

TURQUETY.

Oceano terrível, mar immenso
De vagas procellosas que se enrolão
Floridas rebentando em branca espuma
N'um pólo e n'outro pólo,
Emfim... emfim te vejo; emfim meus olhos
Na indómitta cerviz tremulos cravo,
E esse rugido teu sanhudo e forte
Emfim medroso escuto!

D'onde houveste, ó pelago revolto,
 Esse rugido teu? Em vão dos ventos
 Corre o insano pegão lascando os troncos,
 E do profundo abysmo
 Chamando á superficie infindas vagas,
 Que avaro encerras no teu seio undoso;
 Ao insano rugir dos ventos bravos
 Sobresáe teu rugido.

Em vão troveja horrisona tormenta;
 Essa voz do trovão, que os céos abala,
 Não cobre a tua voz. — Ah! d'onde a houveste,
 Magestoso oceano?

Ó mar, o teu rugido é um echo incerto
 Da creadora voz, de que surgiste :
 Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
 As vagas compelliste. .

E á noite, quando o céu é puro e limpo
 Teu chão tinges de azul, — tuas ondas correm
 Por sobre estrellas mil; turvão-se os olhos
 Entre dois céos brilhantes.

Da voz de Jehovah um echo incerto
 Julgo ser teu rugir; mas só, perenne,
 Imagem do infinito, retratando
 As feitura de Deos.

Por isto, a sós contigo, a mente livre
 Se eleva, aos céos remonta ardente, altiva,
 E d'este lodo terreal se apura,
 Bem como o bronze ao fogo.

Férvida a Musa, co'os teus sons casada,
 Glorifica o Senhor de sobre os astros
 Co'a fronte além dos céos, além das nuvens,
 E co'os pés sobre ti.

O que ha mais forte do que tu? Se erriças
A coma perigosa, a não possante,
Extremo de artificio, em breve tempo
 Se afunda e se anniquila.
Es poderoso sem rival na terra ;
Mas lá te vás quebrar n'um grão d'areia,
Tão forte contra os homens, tão sem força
 Contra coisa tão fraca!

Mas n'esse instante que me está marcado,
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
 Teu sonoro rugido.
Então mais forte do que tu, minha alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrará n'um relance o circ'lo estreito
 Do finito e dos céos!

Então, entre myriadas de estrellas,
Cantando hymnos d'amor nas harpas d'anjos,
Mais forte soará que as tuas vagas,
 Mordendo a fulva areia ;
Inda mais doce que o singelo canto
De merencoria virgem, quando a noite
Occupa a terra, — e do que a mansa brisa,
 Que entre flôres suspira.

IDÉIA DE DEOS

Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl!
Sind seine Wohnungen!
Seine Wagen die donnernden Gewölke,
Und Blitze sein Gespänn.

KLEIST.

I

A voz de Jehovah infindos mundos
Se formárão do nada;
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,
E a noite foi creada.

Luzio no espaço a lua! sobre a terra
Rouqueja o mar raivoso,
E as esferas nos céos erguêrão hymnos
Ao Deos prodigioso.

Hymno de amor a criação, que sôa
Eternal, incessante,
Da noite no remanso, no ruido
Do dia scintillante!

A morte, as afflicções, o espaço, o tempo,
O que é para o Senhor:
Eterno, immenso, que lh'importa a sanha
Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,
E tudo nota e vê —
O argueiro, os mundos, o universo, o justo,
E o homem que não cré.

E elle que póde anniquilar os mundos,
Tão forte como elle é,
E vê e passa, e não castiga o crime,
Nem o impio sem fé!

Porém, quando corrupto um povo inteiro
O nome seu maldiz,
Quando só vive de vingança e roubos,
Julgando-se feliz;

Quando o impio commanda, quando o justo
Soffre as penas do mal,
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldicta,
Cheia de ingratição,
Que ha de ella mesma sugeitar seu collo
Á justa punição!

Ou já terrivel peste expande as azas,
Bem lenta a esvoaçar;
Vai de uns a outros, dos festins conviva,
Hospede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra accessa
Espalha a confusão;
E a esposa, e a filha, do terror oppressa,
Não sente o coração.

E o pae, e o esposo, no morrer cruento,
Vomita o fel raivoso;
— Milhões de insectos vis que um pé gigante
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce
Esperançoso e crente,
Como do podre e carunchoso tronco
Hastea forte e virente.

II

Oh! como é grande o Senhor Deos, que os mundos
Equilibra nos ares ;
Que vai do abysmo aos céos, que susta as iras
Do pelago fremente ;
A cujo sopro a maquina estrellada
Vacilla nos seus eixos ;
A cujo aceno os cherubins se movem
Humildes, respeitosos ;
Cujó poder, que é sem igual, excede
A hyperbole arrojada !
Oh! como é grande o Senhor Deos dos mundos,
O Senhor dos prodigios.

III

Elle mandou que o sol fosse principio,
E razão de existencia,
Que fosse a luz dos homens — olho eterno
Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,
Refizesse o vigor
Da terra hiante, do animal cançado
Em praino abrasador.

Mandou que a brisa susurrasse amiga,
Roubando aroma á flôr;
Que os rochedos tivessem longa vida,
E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deos que manda
Um sonho ao desgraçado,
Que vive agro viver entre miserias,
De ferros rodeado;

O Deos que mando ao infeliz que espere
Na sua providencia;
Que o justo durma, descansado e forte
Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,
Que trema de morrer;
Em quanto lá nos céos, o que foi morto,
Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deos, que rege
A maquina estrellada;
Que ao triste dá prazer; descanso e vida
Á mente atribulada!

O ROMPER D'ALVA

Quand ta corde n'aurait qu'un son,
Harpe fidèle, chante encore
Le Dieu que ma jeunesse adore,
Car c'est un hymne que son nom.

LAMARTINE.

Do vento o rijo sopro as mansas ondas
Varreu do immenso pégo, — e o mar rugindo

As nuvens se elevou com furia insana ;
Ennovelladas vagas se arrojãrão
 Ao céo co'a branca espuma!
Raivando em vão se encontrão soluçando
Na base d'erma rocha descalvada ;
Em vão de furias crescem, que se quebra
A força enorme do impotente orgulho
Na rocha altiva ou na arenosa praia.
Da tormenta o furor lhe accende os brios,
Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,
Que em teimosos gemidos se descerrão,
Da quieta noite despertando os echos
Além, no valle humilde, onde não chega
Seu sanhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa susurrando
 A face do céo varreu,
Tristes nuvens espalhando,
 Que a noite em ondas verteu.

Além, atraz da montanha,
 Branda luz se patenteia,
Que d'alma a dôr afugenta,
 Se dentro sentida aneia.

Branda luz, que afaga a vista,
 De que se ama o céo tingir,
Quando entre o azul transparente
 Parece alegre sorrir ;

Como es linda ! — Como dobras
 Da vida a força e do amor !
— Que tão bem luz d'entre d'alma
 Teu luzir encantador !

No teu ameno silencio
A tormenta se perdeu,
E do mar a forte vida
Nos abysmos se escondeu!

Porque assim de novo agora
Que o vento o não vem toldar,
Parece que vai queixoso
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredo,
Bem como as ondas do mar,
Sem correr sopro de vento,
Começão de murmurar?

Sobre o tapiz d'alta relva,
— Rocio da madrugada —
Destilla gotas de orvalho
A verde folha inclinada.

Renascida a natureza
Parece sentir amor;
Mais brilhante, mais viçosa
O calix levanta a flôr.

Por entre as ramãs occultas,
Docemente a gorgear,
Acordão trinando as aves,
Alegres, no seu trinar.

O arvoredo n'essa lingua
Que diz, porque assim susurra?
Que diz o cantar das aves?
Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,
O nome do que é Senhor,
Um nome que os anjos dizem,
O nome do Creador.

Tambem eu, Senhor, direi
Teu nome — do coração,
E ajuntarei o meu hymno
Ao hymno da criação.

Quando a dôr meu peito acanha,
Quando me rala a afflicção,
Quando nem tenho na terra
Mesquinha consolação ;

Tu, Senhor, do peso insano,
Livas meu peito arquejante,
Seccas-me o pranto que os olhos
Vertendo estão abundante.

Tu pacíficas minha alma,
Quando se rasga com pena,
Como a noite que se esconde
Na luz da manhã serena.

Tu es a luz do universo,
Tu es o ser creador,
Tu es o amor, es a vida.
Tu es meu Deos, meu Senhor.

Direi nas sombras da noite,
Direi ao romper da aurora :
— Tu es o Deos do universo,
O Deos que minha alma adora.

Tambem eu, Senhor, direi
 Teu nome — do coração,
 E ajuntarei o meu hymno
 Ao hymno da creação.

A TARDE

Ave Maria! blessed be the hour!
 The time, the clime, the spot where I so oft
 Have felt that moment in its fullest power
 Sink o'er the earth so beautiful and soft....

BYRON.

Oh tarde, oh bella tarde, oh meus amores,
 Mãe da meditação, meu doce encanto;
 Os rogos da minha alma enfim ouviste,
 E grato refrigerio vens trazer-lhe
 No teu remansear prenhe de enlevos!
 Emquanto de te ver gostão meus olhos,
 Emquanto sinto a minha voz nos labios,
 Emquanto a morte me não rouba á vida,
 Um hymno em teu louvor minha alma exhale,
 Oh tarde, oh bella tarde, oh meus amores!

I

É bella a noite, quando grave estende
 Sobre a terra dormente o negro manto
 De brilhantes estrellas recamado;
 Mas nessa escuridão, nesse silencio
 Que ella consigo traz, ha um quê de horrivel

Que espanta e desespera e geme n'alma ;
Um quê de triste que nos lembra a morte !
No romper d'alva ha tanto amor, tal vida,
Ha tantas côres, brilhantismo e pompa,
Que fascina, que attrahe, que a amar convida ;
Não póde supportal-a homem que soffre,
Orfãos de coração, não podem vel-a.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes !
A mente, o coração, sentidos, olhos,
A ledice e a dôr, o pranto e o riso,
Folgão de te avistar ; — são teus, — es d'elles
Homem que sente dôr folga contigo,
Homem que tem prazer folga de ver-te !
Comtigo sympathisão, porque es bella,
Qu'es mãe de merencorios pensamentos,
Entre os céus e a terra extasis doce,
Entre dôr e prazer celeste arroubo.

II

A brisa que murmura na folhagem,
As aves que pipitão docemente,
A estrella que desponta, que rutila,
Com duvidosa luz ferindo os mares,
O sol que vai nas agoas sepultar-se
Tingindo o azul dos céus de branco e d'oiro ;
Perfumes, murmurar, vapores, brisa,
Estrellas, céus e mar, e sol e terra,
Tudo existe comtigo, e tu es tudo.

III

Homem que vive agro viver de côrte,
Indifferente olhar derrama a custo
Sobre os fulgores teus; — homem do mundo
Mal pôde o desbotado pensamento
Revolver sobre o pó; mas nunca, oh nunca!
Ha de elèvar-se a Deus, e nunca ha de elle
Na abobada celeste ir pendurar-se,
Como de rosea flôr pendente abelha.
Homem da natureza, esse contemple
De purpura tingir a luz que morre
As nuvens lá no occaso vacillantes!
Ha de vida melhor sentir no peito,
Sentir doce prazer sorrir-lhe n'alma,
E fonte de ternura inexgotavel,
Do fundo coração brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol! — hora fagueira,
Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!
Quem ha que de te ver não sinta enlevos,
Quem ha na terra que não sinta as fibras
Todas do coração pulsar-lhe amigas,
Quando d'esse teu manto as pardas franjas,
Sóltas, roçando a habitação dos homens?
Ha hi prazer tamanho que embriaga,
Ha hi prazer tão puro, que parece
Haver anjos dos céus com seus acordes
A misera existencia acalentado!

IV.

Socia do forasteiro, tu, saudade,
N'esta hora os teus espinhos mas pungentes
Cravas no coração do que anda errante.
Só elle, o peregrino, onde acolher-se,
Não tem tugurio seu, nem pae, nem 'sposa,
Ninguém que o espere com sorrir nos labios
E paz no coração, — ninguém que extranhe,
Que anceie afflicto de o não ver comsigo!
Cravas então, saudade, os teus espinhos;
E elles, tão pungentes, tão agudos,
Varando o coração de um lado a outro,
Nem trazem dôr, nem desespero incitão;
Mas remanso de dôr, mas um suave
Recordar do passado, — um quê de triste
Que ri ao coração, chamando aos olhos,
Tão espontaneo, tão fagueiro pranto,
Que não fôra prazer não derramal-o.

E quem — ah tão feliz! — quem peregrino
Sobre a terra não foi? Quem sempre ha visto
Serenos e brandos deslisar-se o fumo
Sobre o tecto dos seus; e sobre os cumes
Que os seus olhos hão visto á luz primeira
Crescer branca neblina que se enrola,
Como incenso que aos céus a terra envia?
Tão feliz! quando a morte envolta em pranto
Com gelado suor lh'enerva os membros,
Procura inda outra mão co'a mão sem vida,
E o extremo scintillar dos olhos baços,
De um ente amado procurando os olhos,
Sem prazer, mas sem dôr, alli se apaga.

O exilado ! esse não ; tão só na vida,
 Como no passamento ermo e sósinho,
 Sente dôres cruéis, torvos pezares
 Do leito afflicto esvoaçar-lhe em torno,
 Roçar-lhe o frio, o pallido semblante,
 E o instante derradeiro amargurar-lhe.

Porém, no meu passar da vida á morte,
 Possa co'a extrema luz d'estes meus olhos
 Trocar ultimo adeos com os teus fulgores !
 Ah ! possa o teu alento perfumado,
 Do que na terra estimo, docemente
 Minha alma separar, e derramal-a
 Como um vago perfume aos pés do Eterno.

O TEMPLO

... Jéhovah déploie autour de nos demeures
 Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures
 Tombe anneau par anneau.

TURQUETY.

I

Estou só n'este mudo sanctuario,
 Eu só, com minha dôr, com minhas penas !
 E o pranto nos meus olhos represado,
 Que nunca vio correr humana vista,
 Livrementemente o derramo aos pés de Christo,
 Qué tambem suspirou, gemeu sosinho,
 Que tambem padeceu sem ter conforto,
 Como eu padeço, e soffro, e gemo, e choro.

Remorso não me punge a consciencia,
Vergonha não me tinge a côr do rosto,
Nem crimes perpetrei : — porque assim choro?
E direi eu por que? — Antes meu berço,
Que vagidos de infante vividouro,
Os sons finaes de um moribundo ouvisse!
Que esperanças que eu tinha tão formosas,
Que mimosos enlevos de ternura,
Não continha minha alma toda amores!
Esperanças e amor, que é feito d'elles?
Um dia me roubava uma esperança,
E sósinho, uma e uma, me deixarão.
Morrêrão todas, como folhas verdes
Que em principios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu sentil-o ao menos,
Quando eu via a desdita de bem perto
Co' um sorriso infernal no rosto esqualido,
Com fome e frio a tiritar demente,
Acenando-me infausta? — quando vinda
Minha hora já sentia, em que os meus labios,
Tremendo de vergonha, soluçassem
Ao fliz com que eu na rua deparasse,
De mãos erguidas : Meu Senhor, piedade!
Eis porque soffro assim, porque assim gemo,
Porque meu rosto pallido se encova,
Porque sómente a dôr me ri nos labios,
Porque meu coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro.
No altar profano de belleza esquiva
Não queimo incenso vão; tu só me occupas
O coração que eu fiz hostia sagrada,

Apuro de elevados sentimentos,
Que o teu amor sómente asilão, nutrem.
Quando ao sopé da cruz me chego afflicto,
Sinto que o meu soffrer se vae mingando,
Sinto minha alma que de novo existe,
Sinto meu coração arder em chammas,
Arder meus lábios ao dizer teu nome.
Assim a cada aurora, a cada noite,
Virei consolações beber sedento
Aos pés do meu Senhor; — virei meu peito
Encher de religião, de amor, de fogo,
Que além de infindos céos minha alma exalte.

II

Quem me dera nas azas d'este vento,
Que agora tão saudoso aqui murmura,
Agitando as cortinas, que me encobrem
Do teu rosto o fulgor, que me não cegue,
Subir além dos sóes, além das nuvens
Ao teu throno, ó meu Deos; ou quem me desse
Ser este incenso que se arroja em ondas
A subir, a crescer, em rolo, em fumo,
Até perder-se na amplidão dos ares!
Não qu'ria aqui viver! — Quando eu padeço,
Surdez fingida a minha voz responde;
Não tenho voz de amor, que me console,
Corre o meu pranto sobre terra ingrata,
E dôr mortal meu coração fragôa.
Só tu, Senhor, só tu, no meu deserto
Escutas minha voz que te supplica;
Só tu nutres minha alma de esperança;

Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas
 Torrentes de harmonia, que me abrasão.
 Qual orgão, que resôa mavioso,
 Quando segura mão lhe opprime as teclas,
 Assim minha alma, quando a ti se achega,
 Hymnos de ardente amor disfere grata :
 E, quando mais serena ainda conserva
 Effluvios d'este canto, que me guia
 No caminho da vida aspero e duro.
 Assim por muito tempo reboando
 Vão no recinto do sagrado templo
 Sons, que o orgão soltou, que o ouvido escuta.

TE DEUM

Nós, Senhor, nós te louvamos,
 Nós, Senhor, te confessamos.

Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto,
 Immenso é o teu poder, tua força immensa,
 Teus prodigios sem conta ; — e os céus e a terra
 Teu ser e nome e gloria preconisão.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,
 E o côro dos prophetas, e dos martyres
 A turba eleita — a ti, Senhor, proclamãc
 Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto.

Na innocencia do infante es tu quem fallas ;
 A belleza, o pudor — es tu que as gravas
 Nas faces da mulher, — es tu que ao velho
 Prudencia dás, — e o que verdade e força
 Nos puros labios, do que é justo, imprimes.

Es tu quem dás rumor á quieta noite,
 Es tu quem dás frescor á mansa brisa,
 Quem dás fulgor ao raio, azas ao vento,
 Quem na voz do trovão longe rouquejas.

Es tu que do oceano á furia insana
 Pões limites e cobro, — es tu que a terra
 No seu vôo equilibras, — quem dos astros
 Governas a harmonia, como notas
 Acordes, simultaneas, palpitando
 Nas cordas d'Harpa do teu Rei Propheta,
 Quando elle em teu louvor hymnos soltava,
 Qu' ião, cheios de amor, beijar teu solio.

Oh! Sancto! Sancto! Sancto! — teus prodigios
 São grandes, como os astros, — são immensos,
 Como arêa delgada em quadra estiva.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,
 E o côro dos prophetas, e dos martyres
 A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão,
 Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes grande.



ADEOS

AOS MEUS AMIGOS DO MARANHÃO

Meus Amigos, Adeos! Já no horizonte
 O fulgor da manhã se empurpurece :
 É puro e branco o céu, — as ondas mansas,
 — Favoravel a brisa; — irei de novo
 Sorver o ar purissimo das ondas,

E na vasta amplidão dos céus e mares
 De vago imaginar embriagar-me!
 Meus Amigos, Adeos! — Verei fulgindo
 A lua em campo azul, e o sol no occaso
 Tingir de fogo a implacidez das agoas;
 Verei horridas trevas lento e lento
 Descerem, como um crépe funerario
 Em negro esquite, onde repouisa a morte;
 Verei a tempestade quando alarga
 As negras azas de bulções, e as vagas
 Soberbas encastella, esporeando
 O curto bojo de ligeiro barco,
 Que geme, e ruge, e empina-se insoffrido
 Galgando os escarcéos, — bem larga esteira
 De phosphoro e de luz traz si deixando :
 Generoso corsel, que sente as cruces
 Agudas de teimosos acicates
 Lacerarem-lhe rábidas o ventre.

Inda uma vez, Adeos! Curtos instantes
 De ineffavel prazer — horas bem curtas
 De ventura e de paz frui comvosco :
 Oasis que encontrei no meu deserto,
 Tepido valle entre fragosas serras
 Virente derramado, foi a quadra
 Da minha vida, que passei comvosco.
 Aqui de quanto amei, do que hei soffrido,
 De tudo quanto almejo, espero, ou temo
 Deslembrado vivi! — Oh! quem me dera
 Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
 E que eu morresse entre vós! Mas força occulta,
 Irresistivel, me persegue e impelle.
 Qual folha instavel em ventoso estio

Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo;
Assim vou eu sem tino, — aqui pégadas
Mal firmes assentando — além pedaços
De mim mesmo deixando. Na floresta
O lasso viandante extraviado
Por todo o verde bosque estende os olhos,
E cansado esmorece, — cáe, medita,
Respira mais de espaço, cobra alento,
E nas soidões de novo eil-o se entranha.
Vestígios mal seguros sopra o vento,
Ou nivella-os a chuva, ou relva os cobre :
Talvez que folhas asperas de arbusto
Mordão vellos da tunica, e denotem
(Duvida o viajor, que os vê com pasmo)
Que errante caminheiro alli passasse.

E eu parti! — Não chorei, que do meu pranto
A larga fonte jaz de ha muito exhausta ;
Ha muito que os meus olhos não gotejão.
O repassado fel d'acre amargura ;
E o pranto no meu peito represado
Em cinza o coração me ha convertido.
É assim que um vulcão se torna fonte
De lymphá amarga e quente ; e a fonte em ermo,
Onde não crescem perfumadas flôres,
Nem tenras aves seus gorgeios soltão,
Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,
Transido de afflicções, cheio de mágoa,
Miserando parti ! tal quando reprobo,
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,
Em meio á sua dôr só descobria

Do Archanjo os candidissimos vestidos,
E os lampejos da espada fulminante,
Que o Eden tão mimoso lhe vedava.

Porém quando algum dia o colorido
Das vivas illusões, que inda conservo,
Sem força esmorecer, e as tão viçosas
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem
Em mar de desenganos : — a desgraça
Do naufragio da vida ha de arrojar-me
A praia tão querida, que ora deixo,
Tal parte o desterrado : um dia as vagas
Hão de os seus restos regeitar na praia,
D'onde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.

A LUA

Figlia del ciel, sei bella!
Me verrà notte ancor, che tu, tu stessa
Cadrai per sempre, e lascierai nel cielo
Il tuo azzuro sentier!

CESAROTTI.

Salve, ó Lua candida,
Que traz dos altos montes
Erguendo a fronte pallida,
Dos negros horisontes
As sombras melancolicas
Vens ora afugentar!

Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente.

Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tenue
Da eterna luz preclara
Nas nossas noites horridas;
Qual sol que em lympha clara
Desponta os raios vividos,
Em tarja multicolor;

Es como a virgem púdica,
Que amor no peito encerra:
Mas só, mas solitaria.
Vagando aqui na terra,
Treplica o sello mystico
De não sabido amor!

Eu te amo, ó Lua candida,
No gyro somnolento,
E o teu cortejo madido
De estrellas, e do vento
O sopro merencorio,
Que á noite dá frescor.

Por teus inflexos magicos
Minha alma aos sons do canto
Revive; e os olhos humidos
Gotejão triste pranto,
Que orvalha a chaga tepido,
Que mingua a antiga dôr!

Em gelido sudario
De neve alvi-nitente,
Por terras vi longinquas,

Durante a noite algente,
A tua luz benefica
Luzir meiga do cœo.

Nos mares solitarios
Tambem a vi! — nas vagas
Brincava o lume argenteo,
Cantava o nauta as magas
Canções, no voluntario,
Cançado exilio seo!

Tambem a vi na limpida
Corrente vagarosa;
Tambem nas densas arvores
De selva magestosa,
Coando os raios lubricos
No lobrego palmar.

E eu só e melancolico
Sentado ao pé da veia,
Que a deslizar-se timida
Beijava a branca areia;
Ou já na sombra tetrica
Da mata secular;

Em devaneio placido
Velava, emquanto via
Ao longe — os altos pincaros
Da negra serraia,
— Disformes atalaias,
Que sempre alli serão!

No rório silencio
Minha alma se exaltava;
E das visões phantasticas,

Que a lua desenhava,
Seguia os traços aureos,
Tremendo em negro chão!

Pensava ledo, improvido,
Até que de repente
Da minha vida misera
Se me antolhava á mente
A quadra breve e rapida
Do malfadado amor.

Então fugia attonito
O bosque, a selva, a fonte,
E as sombras, e o silencio;
Bem como o cervo insonte,
Que ás setas fuge pavido
Do fero caçador!

Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar.

Eu te amo, ó Lua pallida,
Vagando em noite bella,
Rompendo as nuvens turbidas
Da rispida procella;
Eu te amo até nas lagrimas
Que fazes derramar.

A NOITE

Noite, melhor que o dia, quem não te ama !
Quem não vive mais brando em teu regaço !

FILINTO.

Eu amo a noite solitaria e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóes a divagar no espaço,
Como em salas de esplendido banquete
Mil tochas aromaticas ardendo
Entre nuvens d'incenso !

Eu amo a noite taciturna e quêda !
Amo a doce mudez que ella derrama,
E a fresca aragem pelas densas folhas
Do bosque murmurando :
Então, máo grado o véo que envolve a terra,
A vista do que vela enxerga mundos,
E apezar do silencio, o ouvido escuta
Notas de ethereas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quêda !
Então parece que da vida as fontes
Mais facéis correm, mais sonoras são,
Mais fundas se abrem;
Então parece que mais pura a brisa
Corre, — que então mais funda e leve a fonte
Mana, — e que os sons então mais doce e triste
Da musica se espargem.

O peito aspira soffregos ar de vida,
Que da terra não é; qual flôr nocturna,
Que bebe orvalho, elle se embebe e ensópa

Em extasis de amor :

Mais directas então, mais puras devem,
Calada a natureza, a terra e os homens,
Subir as orações aos pés do Eterno
Para afagar-lhe o throno!

Assim é que no templo magestoso
Rebôa pela nave o som mais alto,
Quando o sacro instrumento quebra a augusta

Mudez do sanctuario;

Assim é que o incenso mais direito
Se eleva na capella que o resguarda,
E na chave do abobada topando,
Como um docél, se expraia.

Eu amo a noite solitaria e muda;
Como formosa dona em regios paços,
Trajando ao mesmo tempo luto e galas

Magestosa e sentida;

Se no dó attentais, de que se enluta,
Certo sentis pezar de a ver tão triste;
Se o rosto lhe fitais, sentis deleite
De a ver tão bella e grave!

Considerai porê m o nobre aspecto,
E o pôrte, e o garbo senhoril e altivo,
E as fallas poucas, e o olhar sob'rano,

E a fronte levantada :

No silencio que a véste, adorna e honra,
Conhecendo por fim quanto ella é grande,
Com voz humilde a saudareis rainha
Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitaria e muda,
Quando, bem como em salas de banquete
Mil tochas aromaticas ardendo,

Girão fúlgidos astros!

Eu amo o leve odor que ella diffunde,
E o rorante frescor cahindo em per'las,
E a magica mudez que tanto falla,

E as sombras transparentes!

Oh! quando sobre a terra ella se estende,
Como em praia arenosa mansa vaga;
Ou quando, como a flôr d'entre o seu musgo,

A aurora desabrocha;

Mais forte e pura a voz humana sôa,
E mais se accôrda ao hymno harmonioso,
Que a natureza sem cessar repete,

E Deos gostoso escuta.

A TEMPESTADE

Fervescere faciet, quasi ollam,
profundum mare.

JOB, 41, 22.

I

De côr azul brilhante o espaço immenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
Do bosque a verde coma esmalta e doira,
E na corrente dardejando a prumo
Scintilla e fulge em laminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida, e tudo côres!
Nos céos um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,
Brilha um clarão fugaz pallido e breve :
Outro vem apoz elle, inda outro, muitos ;
Succedem-se frequentes, — mais frequentes,
Assumem côr mais viva, — inda mais viva,
E em breve espaço conquistando os ares
Os horisontes co'o fulgir roxeião.

Qual mancha d'oleo em tela assetinada
Que os fios todos lhe repassa e embebe ;
Ou qual abutre do palacio aéreo
Tombando acinte, — no descer sem azas
Um ponto só, — até que em meia altura
Abrindo-as, paira magestoso e horrendo ;
Assim o negro ponto avulta e cresce,
E a cupola dos céos de côr medonha
Tinge, e os céos alastra, e o espaço occupa.
A abobada de trevas fabricada
Descança em capiteis de fogo ardente !

De quando em quando o vento na floresta
Silva e ruge, e morre; e o vento ao longe
Rouqueja. e brama, e cava-se empolado,
E aos pincares da rocha ennegrecida
De iroso e mal soffrido a espuma arroja !
Raivoso turbilhão comsigo arrastra
O argueiro, a folha em vortice espantoso ;
No valle arranca a flôr, sacode os troncos,
Na serra abala a rocha, e move as pedras,
No mar os vagalhões incita e cruza.

II

Os sons da tempestade ao longe escuto!
Concentra a natureza os seus esforços
Primeiro que entre em luta ; não lampeja
Invio fogo nos céos ; não sopra o vento :
È tudo escuridão, silencio e trevas !
Sómente o mar de soluçar não cessa,
Nem de rugir as ramas buliçosas,
Nem de soar confuso borborinho,
Incompr'ensível, como que sem causa,
Immenso como o echo de mil vozes
No céu de extensa gruta repulsando.

Silencio ! perto vem a tempestade !
Gravidas nuvens de fataes coriscos,
Sem rumo, como não em mar desfeito,
Em muda escuridão negros phantasmas,
Indistinctos, sem fórma, — ondulação, jogão.
Logo poder occulto impelle as nuvens,
Attrahem-se os castellos tenebrosos,
Embatem-se nos ares, — brilha o raio,
E o ronco do trovão após rimbomba !

III

Ruge e brame, sublime tempestade !
Desprende as azas do tufão que enfreias,
Despega os élos do veloz corisco
E as nuvens rasga em rubidas cratéras.
Os fuzis da cadeia temerosa
Desfaz e quebra ; e o espaço e as nuvens

Do teu açoite aos lategos bramindo,
 Occupem de pavor os céos e a terra.
 Ruge, e o teu poder mostra rugindo;
 Que assim por teu influxo me commoves,
 Que todo me electrizas e me arroubas!

Qual foi Mazeppa no veloz ginete
 Por desertos, por syrtes arenosas
 Jungido e preso e attonito levado;
 Assim minha alma sobe e vai contigo,
 E vinga os teus palacios mais subidos,
 Contempla os teus horrores, e dos astros
 No prazer, que lhe dás, toda embebida,
 Mão grado teu horror, folga contigo!
 Pareceu que alli tem a régia c'roa.
 Que o feliz condemnado achou na Ukraina.
 Ah! ruge, ruge embora, ó tempestade!

IV

Enfim descendo a chuva copiosa
 Nuvens, bulções desfaz; os rios crescem
 De perolas a relva se matiza,
 O céu de puro azul todo se arreia,
 Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

V

Assim, meu Deus, assim será no dia,
 Do final julgamento, quando o anjo
 Soprar a trompa que desfez os muros
 De Jerichó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,
Com roncões temerosos, nunca ouvidos,
Virá para sorver, com furia brava,
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,
Não luz, mas puro fogo, ha de accender-se,
Como o fogo sagrado, que se prende
Nas cortinas do templo.

Os orbes, dos seus exos desmontados,
No abysmo hão de cahir com grande estrondo,
E, redomas de vidro, hão de partir-se
Em pedaços sem conto.

Do abysmo as solidões hão de acordar-se!
Flammivomos vapores condensados,
Té nós, e além de nós, hão de elevar-se
Em pavoroso incendio.

O ar ha de accender-se, a terra em fogo
Tornar-se, como o ferro ardendo em fragoa.
Coalhar-se o mar e em aspera seccura
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chammas,
Neste cháos, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Sera vencida a morte (1).

(1) Ero mors tua, o mors !

Logo a um só dizer do Omnipotente,
 O pó segunda vez ha de animar-se,
 E os mortos, mal soffrendo a luz da vida,
 Attonitos, pasmados,

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,
 E como Adão, a tactear os membros,
 Estranhos á existencia já vivida,
 Perguntarão : Quem somos ?

Então, Senhor, então, — tu o disseste —
 Virás cheio de gloria e magestade,
 Em solio de luzeiros resplendente,
 E em celeste cortejo!

Virás, sol da justiça, em fins do mundo
 Acalmar a procella, e quando aos mortos
 Disseres tu quem es, — lembrar-nos-hemos,
 Senhor, do que já fomos (1).

Feliz então quem só viveu contigo,
 Quem n'ancora da fé prendeu sua alma,
 Quem só em ti fundou sua esperança,
 Pequeno e humilde (2)!

Feliz então quem tua lei guardando,
 Seus passos graduou nos teus caminhos;
 Quem dia e noite revolveu comsigo
 Como aplacar-te.

(1) Orietur vobis sol justitiae.

MALACH.

(2) Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum
 cœlorum.

MATH.

O MEU SEPULCHRO

Élève-toi, mon âme, au-dessus de toi-même,
 Voici l'épreuve de ta foi !
 Que l'impie, assistant à ton heure suprême,
 Ne dise pas : Voyez, il tremble comme moi !

LAMARTINE. — *Harmonies.*

Quando, os olhos cerrando á luz da vida,
 O extremo adeus soltar ás esperanças,
 Que na terra nos guião, nos confortão
 E espaço do porvir a senda estreita ;
 Quando, isento de miseros cuidados,
 Disser adeus ás illusões douradas,
 Mas com ellas tambem ás dôres cruas
 Da existencia — aos espinhos ponteagudos,
 Com que a verdade o coração nos roça ;
 Quando tocada não sentir minha alma
 Da luz, dos sons, das côres, das magias,
 Que a natureza prodiga derrama
 No regaço da terra — mais ditoso
 Serei acaso então ? — Quando o meu corpo
 Á terra, mãe commum, pedindo abrigo
 Dos sepulchros no valle em paz descance ;
 Hei de ser mais feliz porque m'o cobre
 Pomposo mausoléu, em vez da pedra
 Sem nome, em vez do tumulo de céspedes,
 Que s'ergue junto á estrada, e ao viandante,
 Ao que alli passa, uma oração supplica ?
 Oh ! não ! — ao encalmado é grata a sombra ;
 Grato descanso aos membros fatigados
 Presta igualmente a relva das campinas
 E os torrões pelo sol enrijecidos.

Como o trabalhador que a sésta aguarda,
O meu termo fatal sem medo espero !
Eu então pediroi silencio á morte,
E fresca sombra á sepultura humilde,
Que me receba, — e a cuja superficie
Morrão sem echo da existencia as vagas.

Humilde seja embora ! Que m'importa
Que a mão d'habil artista me não talhe
Mentiroso epitaphio em preto marmor !
O moimento faustoso, que se erige,
Arranco da vaidade, sobre a campa
De um corpo transitorio, acaso empece
Aos que alli pascem, vermes esfaimados,
De roerem-lhe as visceras ?! — Solemnes
São da campa os mysterios ; mas terrivel
É da morte a rasoura, que nivela
O rico ao pobre, e os berços differentes
Torna um féretro, um leito de Procusto,
Capaz de quanta dôr os homens soffrem :
Tão depressa o cadaver se corrompe
Nas amplas dobras do velludo envolto,
Como embrulhado na mortalha exigua,
Que a religiosa caridade amiga,
O pudor dos sepulchros venerando,
Lança do pobre aos restos desprezados.

Os felizes do mundo, acobardados
Ânte a imagem da morte, que os assalta,
Temem deixar a terra, onde tranquilla,
Quasi livre de dôr, entre delicias,
Como um rio caudal lhes corre a vida,
Horrorisão-se timidos, — supplicão

Á cruel, que os não leve, que os não roube
Á senda matizada, onde os seus passos
Deslisão-se macios — ás caricias
D'um seio que lhes presta brando encosto.
O fio da esperança os liga forte
A um corpo que declina, como os líos
De enrediga tenaz prendida á copa
D'uma arvore comida : amedrontados,
Como das fauces negras d'um abysmo,
Do pavoroso tumulto recuão.

Mas eu, que vago sôlto, como a folha,
Como o fumo subtil; que não limito
Nos terminos da terra os meus desejos,
Folgo de vêr os renques dos sepulchros
No chão da morte largamente esparsos !
Quasi me alegra vel-os. Tal no exilio
Contempla á beira-mar o degradado
Devolverem-se as vagas, — e saudoso
Da patria sua tão distante — as conta;
Uma por uma as interroga, e pensa
Qual d'aquellas será que o leve e atire,
Naufrago embora e semimorto, ás praias,
Por que chorão seus olhos. — No desterro
Me contemplo tambem, — como elle, choro
A patria, o íman dos meus sonhos gratos.
Abra-se funda a cova ante os meus passos :
Um só delles da morte me separe!...
E esse passo andarei, como quem pisa,
Depois de viajar remotos climas,
O patrio solo, e as auras perfumadas
Do bosque, amigo seu na leda infancia,
Bebe de novo, e de as gozar se applaude

Hora do passamento! es da existencia
O momento mais sancto, o mais solemne :
Assim o rubro sol, quando no occaso
Em turbilhões de purpura se afunda,
Nos morredouros, despontados raios
Saudoso, extremo adeos á terra envia.
Tal o esposo se aparta suspiroso
E nas azas da brisa manda um beijo
Á esposa, que de o ver partir se enluta,
Rôla que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancholica incerteza,
Dir-te-hei : bem vinda, — ô morte! quando os olhos
Voltar atraz na percorrida estrada ;
E chorarei talvez, como quem deixa
O carcere medonho, onde engastada
Nas escarnas da dôr gemeu sua alma
Largos annos de antigo soffrimento ;
O carcer qu'inda as lagrimas lhe verte
Das humidas paredes, cujos echos
Inda parecem, na soidão da noite,
Repetir seus tristissimos accentos.

Oh ! quão formosa a vida se revela
A quem já bate ás portas do infinito,
Encostado aos umbracs da eternidade,
A vez extrema contemplando o mundo!
A folha já myrrada, a pedra sôlta,
A flôr agreste, a fonte que murmura
E as cantoras do céu, as ledas aves
De variado esmalte, e as suspirosas
Brisas da noite e as do romper da aurora,
A estrella, o sol, o mar, o céu, a terra,

A planta, os animaes, tudo então vive,
Tudo conosco sympathisa, — tudo,
Como orchestra afinada por nossa alma,
Acorde aos nossos sentimentos vibra,
Revelando ao que morre os fins da vida.
Dalli melhor compr'hende-se a existencia,
Mais vasta perspectiva se desdobra
Ante os olhos, que a extrema vez lampejão :
E as scenas que a illusão junca de flôres,
Que o desejo nos mostra, que nos pinta
Cubiçoso, irisante, — que a esperança
Fugaz de varios modos nos matiza ;
Gloria, ambição, prazer, fallaz ventura,
Tudo se olvida e apaga — semelhante
Á fugitiva estrella ou clarão breve
D'um relampago estivo, que um momento
Se mostra e fulge, logo immerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só c'rôa,
Um myrrado laurel, uma só folha,
Que ás novas gerações diga o meu nome
E sollicite as attenções futuras?
Sou como o passarinho, quando passa
Á flôr de um lago e a sombra vacillante
No liquido crystal debalde estampa.
Ou semelhante ao viajor que bate
Da vida a estrada pulvurenta, e nota
Como os seus rastos mal impressos cobre
O pó que de seus passos se levanta.
Ah! que dos louros me não dóe a ausencia
Mas de lagrimas, sim, que me orvalhassem
A sepultura humilde, — a cujas gotas
Meus ossos de prazer estremecidos

De as sentir se alegrassem... — mas em troco
Dessa pia oblação, que tantas vezes
Mente ao finado, que as espera eterno,
As lagrimas terei da noite fria,
O fresco humor da chuva, que me eduquem.
A agreste flôr, que a natureza obriga
A despontar na solitaria campá.

Ninguém virá com titubantes passos
E os olhos lacrimosos, procurando
O meu jazigo; e em falta de epitaphio,
« Elle aqui jaz! » o coração lhe diga,
E alli se curve então, fundos suspiros
Dando aos echos do funebre recinto,
Envoltos na oração que alegra os mortos.
Certo, ninguém virá; porém tão pouco
Ouvirei maldições, onde escondido,
Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.
Se deixo sobre a terra alguma offensa,
Se alguma vida exacerbei, se acaso
Alguma simples flôr trilhei passando;
Essas, depois d'eu morto convertidos
Os odios em piedade — « Em paz descança »
Dirão ante o meu tumulo, e voltando
A um lado o rosto, — deixarão dos olhos
Compassiva uma lagrima fugir-lhes!

Tu, Senhor, tu, meu Deos, tu me recebe
Na tua sancta gloria : alarga as azas
Do teu sancto perdão, que ao teu conspecto
Humilhado me sinto, como a grama,
Que o pé do viajor sem custo abate.
A ti volvo, ó Senhor, — bem como o filho,

Que ao sopro de paixões soltando as velas
 Da juventude ardente, fuge ao tecto
 E ao lar paterno, onde por fim se acolhe,
 Consumido o thesouro da innocencia,
 Com rubor dos andrajos da pobreza,
 Que o vexa, — para ver do pae o rosto,
 Para escutar-lhe a voz, embora tenha
 Sobre a cabeça a maldição pendente.

A HARMONIA

Os cantos cantados
 Na eterna cidade
 A só potestade
 Da terra e dos céos;
 São ledos concertos
 D'infinda alegria;
 Mas essa harmonia
 Dos filhos de Deos
 — Quem ouve? — Us archanjos,
 Que ao Rei dos senhores
 Entôão louvores,
 Que vivem de amar.

E o gyro perenne
 Dos astros, dos mundos
 Dos eixos profundos
 No eterno volver;
 Do chãos medonho
 A triste harmonia,

Da noite sombria
No eterno jazer,
— Quem ouve? — Os archanjos
Que os astros regulão,
Que as notas modulão
Do eterno gyrrar.

E as aves trinando,
E as feras rugindo,
E os ventos zunindo
Da noite no horror,
Tambem são concertos ;
Mas esses rugidos
E tristes gemidos
E incerto rumor ;
— Quem ouve? — O poeta
Que imita e suspira
Nas cordas da lyra
Mais doce cantar.

E as iras medonhas
Do mar alterado,
Ou manso e quebrado,
Sem rumo a vagar,
Tambem são concertos ;
Mas essa harmonia
De tanta poesia,
Quem sabe escutar !
— Quem sabe? — O poeta
Que os tristes gemidos
Concerta aos rugidos
Das vagas do mar.

E os meigos accentos
D'uma alma afinada
E a voz repassada
D'interno chorar,
Tambem são concertos ;
Mas essa harmonia,
Que Deos nos envia
No alheio penar,
 Quem senté? — O que soffre,
 Que a dôr embriaga,
 Que triste se paga
 D'interno pezar.

Se a meiga harmonia
Do céu vem á terra,
Um cantico encerra
De gloria e de amor ;
Mas quando remonta,
Dos homens, das aves,
Das brisas suaves,
Do mar em furor,
 São timidas queixas,
 Que afflictas murmurão,
 Que o throno procurão,
 Do seu creador.

A TEMPESTADE

Quem porfiar contigo... ousára
Da gloria o poderio ;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

A. HERCULANO.

Um raio
Fulgura
No espaço,
Esparso
De luz ;
E tremulo
E puro
Se aviva,
S'esquiva,
Rutila,
Seduz !

Vem a auroã
Pressurosa,
Côr de rosa,
Que se córa
De carmim ;
A seus raios
As estrellas,
Que erão bellas,
Tem desmaios,
Já por fim.

O sol desponta
Lá no horizonte,

Doirando a fonte,
E o prado e o monte
E o céu e o mar ;
E um manto bello
De vivas côres
Adorna as flôres,
Que entre verdores
Se vê brilhar.
Um ponto apparece,
Que o dia entristece,
O céu, onde cresce,
De negro a tingir ;
Oh! vêde a procella
Infrene, mas bella,
No ar s'encapella
Já prompta a rugir!

Não sólta a voz canora
No bosque o vate alado,
Que um canto d'inspirado
Tem sempre a cada aurora ;
É mudo quanto habita
Da terra n'amplidão.
A coma então luzente
Se agita do arvorêdo,
E o vate um canto a mêdo
Desfere lentamente,
Sentindo oppresso o peito
De tanta inspiração.

Fogem do vento que ruge
As nuvens auri-nevadas,
Como ovelhas assustadas
D'um fero lobo cervical;

Estilhão-se como as velas
Que no alto mar apanha,
Ardendo na usá da sanha,
Subitaneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio
Em nós emmaranha, — salgadas
As ondas s'estanhão, pesadas
Batendo no frouxo areal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céu entre-abertas
Que mudas fuzilão, — incertas
Fantasmas do genio do mal! *

E no turgido occaso se avista
Entre a cinza que o céu apolvilha,
Um clarão momentaneo que brilha,
Sem das nuvens o seio rasgar ;
Logo um raio scintilla e mais outro,
Ainda outro veloz, fascinante,
Qual centelha que em rapido instante
Se converte d'incendios em mar.

Um som longinquo cavernoso e ouco
Rouqueja, e n'amplidão do espaço morre;
Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
Que alpestres cimos mais veloz percorre,
Troveja, estoura, atrôa ; e dentro em pouco
Do Norte ao Sul, — d'um ponto a outro corre ;
Devorador incendio alastra os ares,
Emquanto a noite pesa sobre os mares.

Nos ultimos cimos dos montes erguidos
Já silva, já ruge do vento o pegão ;

Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteião, rebramão, doudejão nos ares,
Até que lascados baqueião no chão.

Remeche-se a copa dos troncos altivos,
Transtorna-se, douda, baqueia também ;
E o vento, que as rochas abala no cerro,
Os troncos enlaça nas azas de ferro,
E atira-os raivoso dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
Rasga-se o negro bojo carregado,
E enquanto a luz do raio o sol roxeia,
Onde parece á terra estar collado,
Da chuva, que os sentidos nos enleia,
O forte peso em turbilhão mudado,
Das ruínas completa o grande estrago,
Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retumbante,
Inda o raio fuzila no espaço,
E o corisco n'um rapido instante
Brilha, fulge, rutila, e fugio.
Mas sé á terra desceu, mirra o tronco,
Cega o triste que iroso ameaça,
E o penedo, que as nuvens devassa,
Como tronco sem viço partio.

Deixando a palhoça singela,
Humilde labor da pobreza,
Da nossa vaidosa grandeza,
Nivela os fastigios sem dó ;
E os templos e as grimpas soberbas,
Palacio ou mesquita preclara,
Que a foice do tempo poupára,
Em breves momentos é pó.

Cresce a chuva, os rios crescem,
Pobre regatos s'empolão,
E nas turvas ondas rolão
Grossos troncos a boiar!
O correjo, qu'inda ha pouco
No torrado leito ardia,
É já torrente bravia,
Que da praia arreda o mar.

Mas ai do desditoso,
Que vio crescer a enchente,
E desce descuidoso
Ao valle, quando sente
Crescer d'um lado e d'outro
O mar da alluvião!
Os troncos arrancados
Sem rumo vão boiantes;
E os tectos arrasados,
Inteiros, fluctuantes,
Dão antes crua morte,
Que asylo e protecção!

Porém no occidente
S'ergueu de repente
O arco luzente,
De Deos o pharol;
Sucedem-se as côres,
Qu'imitão as flôres,
Que sembrão primores
D'um novo arrebol.

Nas aguas pousa;
E a base viva
De luz esquiua,

E a curva altiva
Sublima ao céu;
Inda outro arqueia,
Mais desbotado
Quasi apagado
Como embotado
De tenue véo.

Tal a chuva
Transparece,
Quando desce
E ainda vê-se
O sol luzir;
Como a virgem,
Que n'uma hora
Ri-se e cora,
Depois chora
E torna a rir.

A folha
Luzente
Do orvalho
Nitente
A gota
Retrae :
Vacilla,
Palpita;
Mais grossa,
Hesita,
E treme
E cáe.

NOTA

A POESIA «RETRACTAÇÃO.»

Indesculpavel descuido seria, deixar de mencionar o nome do Sr. D. Carlos Guido, a quem devo ter composto a poesia que tem por titulo : « Retractação. » Foi este o ensejo. Poucos dias depois de publicados os « Segundos Cantos, » recebi uma carta do Sr. Guido : era uma critica mas critica benevola, cheia de enthusiasmo, escripta sem pretensão alguma e ao correr da penna. Agradou-me, porque me agrada sempre conversar com os meus amigos, e era um amigo que me escrevia, um poeta talentoso, que então pela primeira vez se me revelava como tal, — joven enthusiasta, e cujo coração é como uma pedra de toque da mais exquisita sensibilidade.

Tendo percorrido com a sua analyse algumas das composições do meu 2º volume, accrescentava elle

« Dir-se-hia que a sua *palinodia* é um chuveiro de pedras crystallizadas, agradaveis de se vêr, porque são prismas, que reflectem as mais pronunciadas, fortes e soberbas côres ; porém que devião converter-se em instrumentos terriveis de vingança, quando chegassem até á mesquinha mulher, a quem fossem dirigidos, como um anathema fulminante,

« Se eu não tivesse tanta confiança nos instinctos do coração, que o levão a exhalar o seu amor só onde acha fogo, fidelidade e caricias, pensaria talvez que aquella mulher existe, e então eu faria ao poeta amargas reflexões sobre a crueldade de que usou para com ella. »

Aceitei a censura, e dirigindo-me ao Sr. Guido escrevi a Retractação, versos filhos d'aquelle momento, e inspirados pela leitura recente da sua carta. Se algum apreço delles faço na actualidade, é por ter feito vibrar a lyra doirada do poeta argentino. *Consuelo* foi o titulo que deu aos seus versos, e era effectivamente um canto de consolação e de esperança : perdi ha muito o autographo dos versos do Sr. Guido ; mas o sentido, a suavidade, a sentida sympathia do seu canto, esses me ficarão no coração. — Consolações e esperanças ! — Doces são, por certo, as lagrimas, que sobre nós derramão os olhos de um amigo, ainda que não acreditemos no raio de esperança, que elle s'esforça por entranhar em nossa alma. Efficazes forão as suas consolações ; mas ainda mal que os seus votos não tenham de ser realizados nunca !

(1851)

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO PRIMEIRO TOMO

INTRODUÇÃO.

Sobre a presente edição.....	5
Noticia sobre a vida e obras de Antonio Gonçalves Dias.	21

POESIAS DIVERSAS.

O soldado hespanhol.....	39
A leviana.....	51
A minha musa.....	52
Desejo.....	56
Seus olhos.....	57
Innocencia.....	59
Pedido.....	60
O Desengano.....	61
Minha vida e meus amores.....	63
Recordação.....	66
Tristeza.....	67
O Trovador.....	69
Amor ! delirio — engano.....	74
Delirio.....	77
Epicedio.....	79

Soffrimento.....	81
Consolação nas lagrimas.....	83
Canção.....	84
Lyra.....	85
Agora e sempre.....	86
A Virgem.....	88
Rosa no mar.....	89
O Amor.....	92
Sempre ella.....	94
Mimosa e bella.....	96
As duas amigas.....	98
Sonho.....	100
Solidão.....	102
A um Poeta exilado.....	105
Palinodia.....	106
Os suspiros.....	110
Queixumes.....	112
Ao Anniversario de um casamento.....	116
Canto inaugural. — A memoria do Conego J. da C. Barbosa.....	118
Nenia a morte sentidissima do serenissimo principe o Sr. D. Pedro.....	121
Olhos verdes.....	125
Cumprimento de um voto.....	128
Lyra quebrada.....	130
A pastora.....	131
A infancia.....	134
Urge o tempo.....	138
Sobre o tumulo de um menino.....	139
Menina e moça.....	139
Como eu te amo.....	141
As duas corôas.....	144
Harpejos.....	146
Triste do Trovador.....	149
Velhice e mocidade.....	150
As flôres.....	156
O que mais doe na vida.....	159
Flôr de belleza.....	161
O Anjo da harmonia.....	163
A Historia.....	165
A concha e a virgem.....	166
Sei amar.....	167
Amanhã.....	168

Por um ai.....	170
Protesto — (Imitação de uma poesia javaneza).....	172
Fadario.....	173
O assassino.....	176
A uns annos.....	178
Quando nas horas.....	179
Retractação.....	184
Anhelo.....	187
Que me pedes?.....	188
O Ciume.....	188
A Nuvem doirada.....	191
Sonho de virgem.....	192
Meu anjo, escuta.....	197
Os beijos.....	198
Desesperança.....	201
Se queres que eu sonhe.....	203
O Baile.....	206
Desalento.....	208
A queda de Satanaz.....	211
Canção de Bug-Jargal.....	213
Agar no deserto.....	216
Lgrimas sem dôr — e dôr com lagrimas.....	226
Miserrimus.....	229
O Donzel.....	233
Harmonias.....	237
Á desordem de Cachias (Anno de 1839).....	241
Ao anniversario da independencia de Cachias.....	247

SAUDADES.

A minha irmã.....	251
O homem forte.....	258
Dies iræ.....	259
Espera.....	262
A saudade.....	263
Não me deixes.....	266
Zulmira.....	267
A uma poetisa.....	268
Angelina.....	269
Rola.....	270
Ainda uma vez — adeos!.....	271
O somno.....	276

Se eu fosse querido.....	276
A flor do amor.....	277
A sua voz.....	280
Se eu morresse de amor !.....	282
A morte é varia.....	285
Do Espanhol de lope da vega.....	287
Estancias.....	290
Canção.....	291
Soneto.....	291
A minha Filha.....	292

HYMNOS.

O Mar.....	295
Idéia de Deos.....	298
O romper d'alva.....	301
A tarde.....	305
O Templo.....	309
Te Deum.....	312
Adeos. Aos meus amigos do Maranhão.....	313
A Lua.....	316
A Noite.....	320
A Tempestade.....	322
O meu Sepulchro.....	328
A harmonia.....	334
A tempestade.....	337
<i>Nota</i>	343

BRASILIA
BIBLIOTHECA

DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES ANTIGOS E MODERNOS

A. GONÇALVES DIAS

II

BRASILIA

BIBLIOTHECA NACIONAL

dos melhores auctores nacionaes, antigos e modernos, publicada sob os auspicios de S. M. o Sr D. Pedro II.

Já fazem parte desta interessante e monumental collecção as obras poeticas seguintes :

GONÇALVES DIAS (Poesias de), 6ª edição, 2 v. in-8º broch.....	4\$000
Encadernado.....	6\$000
Rica encadernação, 8\$000 e.....	10\$000
MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Obras completas de), 2 v. in-8º enc.....	6\$000
Rica encadernação.....	8\$000
IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (Obras completas de), 1 v. in-8º enc.....	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
ALVARES DE AZEVEDO (Obras completas de), 3 v. in-8º enc.....	9\$000
Rica encadernação.....	12\$000
Ficam ainda alguns exemplares in-4º enc.....	15\$000
Rica encadernação.....	21\$000
A ASSUMPÇÃO, poema de Fral Francisco de S. Carlos, 1 v. in-8º enc.....	3\$000
Ricas encadernações, 4\$000 e.....	5\$000
CASIMIRO DE ABREU (Obras completas de), 1 v. in-8º broch.....	2\$000
Encadernado.....	3\$000
Ricas encadernações, 4\$000 e.....	5\$000
JUNQUEIRA FREIRE (Obras completas de), 2 v. in-8º enc.....	6\$000
Rica encadernação, 8\$000 e.....	10\$000
GONZAGA, poema por ***, 1 vol. in-8º.....	3\$000
Rica encadernação, 4\$000 e.....	5\$000
MARILIA DE DIRCEU, por Thomaz Antonio Gonzaga, 2 v. in-8º enc.....	6\$000
Rica encadernação, 8\$000 e.....	10\$000
LAURINDO RABELLO (Obras poeticas de), 1 v. in-8º broch.....	2\$000
Encadernado.....	3\$000
Rica encadernação, 4\$000 e.....	5\$000
CASTRO ALVES (Obras).....	No preço

LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS DOS PRINCIPAES AUCTORES PORTUGUEZES, seguidos de uma extensa noticia sobre a vida e obras do auctor, um juizo critico, apreciações de bellezas, defeitos e estudos de lingua, publicada sob os auspicios de S. M. F. el-rei D. Fernando, obra collaborada por muitos dos primeiros escriptores da lingua portugueza, e dirigida pelo Visconde de Castilho (Antonio), e Conselheiro José Feliciano de Castilho.

ANTONIO FERREIRA, 3 v. in-4º enc. 15\$000, in-8º.....	9\$000
MANOEL BERNARDES, 2 v. in-4º enc. 10\$000, in-8º.....	6\$000
FERNÃO MENDES PINTO, 2 v. in-4º enc. 10\$000, in-8º.....	6\$000
GARCIA DE REZENDE, 1 v. in-4º enc. 5\$000, in-8º.....	3\$000
BOCAGE, 3 v. in-4º enc. 15\$000, in-8º.....	9\$000
JOÃO DE LUCENA, 2 v. in-4º enc 10\$000, in-8º.....	6\$000

POESIAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

SETIMA EDIÇÃO

ORGANIZADA E REVISTA

POR

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

E

PRECEDIDA DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR

E SUAS OBRAS

PELO CONEGO DOCTOR FERNANDES PINHEIRO

TOMO II

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, ÉDITOR

71, Rua do Ouvidor, 71

PARIS. — VVE ÉMILE MELLIER, 17, rue Séguier

1891

VISÕES

A VISAO

I

PRODIGIO

N'aquelle instante em que vacilla a mente
Do somno ao despertar, quando pejada
Vem d'outros mundos de visões ethereas :
Quando sobre a manhã surge brilhante
A luz da madrugada, — eu vi !... nem sonhos
Era a minha visão, real não era ;
Mas tinha d'amboõs o talvez. — Quem sabe ?
Foi capricho fallaz da phantasia,
Ou foi certo aventar d'eras venturas ?

A ira do Senhor baixou tremenda
Sobre uma vasta capital ! — em pedra
Tornou-se a gente impura. Muitos homens
Às portas ferreas, largas, vi sentados.

Melhor do que um pintor ou escultuario
 A morte, que de subito os colhêra
 No ardor, no afan da vida, conservou-lhes
 A acção — partida em meio, com tal força,
 Que a mente seu máo grado a completava
 Um tinha os labios entreabertos ; outro
 Parecia sorrir ; mais longe aquelle
 Derramava um segredo, baixo, a medo.
 Nos ouvidos do amigo ; austero o guarda
 Com rosto carregado e barba hirsuta,
 Nas mãos callosas sopesava a lança.
 Dos mercadores na comprida rua
 Passavão muitos compradores : — este
 Contava montes d'oiro ; — á luz aquelle
 Expunha a seda do Indostão, de Tyro
 A purpura brilhante, a damasquina
 Custoso téla entretecida d'oiro.
 Cortez sorrindo, o mercador gabava
 As côres vivas, o tecido, o corpo
 Do estofo que vendia. Nos serralhos
 Era o Eunucho imperfeito ; das Mesquitas
 Bradava á prece o Muezzin...

— N'um largo,

Fofa e vasto divan sentado, um velho
 Os versos lia do Alcorão ; — só elle
 D'entre tanto punir ficára illeso.

II

A CRUZ

Era um templo d'arabica estructura,
 Magestoso, elegante ; — além das nuvens

Se entranhava nos céus subtil a agulha;
 Sobre o zimbório retumbante e vasto
 Ondas e ondas de vapor crescião.
 Dentro corrião tres compridas naves
 Sobre dois renques de columnas, onde
 Baixos relevos da sagrada historia
 Da base ao capitel se emmaranhavão.
 Ardia a luz na alampada sagrada;
 No sagrado instrumento o som dormia.

Juncto á cruz — da fachada egregia pompa —
 Muitos homens eu vi de torvo aspecto;
 Muitos outros, servís, com mão armada
 Profundos golpes entalhavão nella.
 Um daquelles no emtanto assim fallava:

« Quando esta humilde cruz rojar por terra;
 « Levando a crença de Jesus comsigo
 « Nós outros, da verdade Sacerdotes,
 « Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros
 « Que desvendamos a impostura, o erro,
 « A mentira sagaz a crença louca,
 « Entrada facil da razão no templo
 « Teremos todos; e de então no throno,
 « Do nescio vulgo imparciaes sob'ranos,
 « Sanctos juizes da verdade sancta,
 « Prégaremos o justo, a paz, concordia
 « E os seus deveres que dimanão faceis
 « Do amor do lucro e do interesse; todos
 « — Vassallos da razão, nossos vassallos —
 « Um eden terreal farão do mundo. »

No emtanto aos crebros golpes do machado
 A cruz pendia obliqua sobre a terra.

Creando novas forças com tal vista,
 Os operarios mais frequentes golpes
 Repetem, vibrão, continuação ; — sôa
 Por toda a parte o echo, — o som, mais longe,
 Retumba, morre — e novamente echôa.
 Nisto a cruz — geme — estrala ; um grito sóbe
 Unisono e geral!...

Como sois grande,
 Senhor, Senhor meu Deus! — eu vi, morrendo,
 Os obreiros cahir ; e a cruz erguer-se,
 Como aos raios do sol a flôr mimosa
 Que a raiva do tufão vergára insana.

III

PASSAMENTO

Era um quarto espaçoso ; — alli se vião
 Rojar no pavimento, ha pouco as sedas,
 Ricos tapetes multicôr bordados,
 E franjas complicadas d'um céu d'oiro
 Pendentes, — vastos ráses narradores
 De lenda pia ou de briosos feitos.
 Mas de tanto luzir, de tanto ornato
 Ora por mãos aváras depredado
 O vasto d'área revelava aos olhos,
 Tendo n'um canto escuro um leito apenas.
 Do leito alguém rasgára o cortinado.
 E da curva armação polida e bella
 Aqui, alli, penda a seda em fios,
 Bem como tranças de mulher formosa
 Por sobre o sejo nú. — Alli no leito

Jazia um moribundo ; em torno os olhos
 Cheios de pasmo e de terror volvia,
 Bebendo pelos sôfregos ouvidos
 Mal sentido rumor d'outro aposento.
 Confusas vozes, altercar ruidoso,
 E o tinir de metal ouvia apenas !
 Então por vezes tres no leito afflicto
 Erguer-se maquinou de raiva insana !
 Por tres vezes cahio, gemendo, sobre
 O leito que da queda se sentia.
 Da morte o cru torpor nos membros frios
 Pouco e pouco s'espalha ; mas teimoso
 Da vida o amor debate-se nas ancias
 Desse passo fatal...

— Eis nisto á porta

Um Padre assoma, — d'entre as mãos erguidas
 Da hostia sancta resplendor luzia ;
 E palavras de paz, de amor, divinas,
 Que nos labios do justo Deus entorna,
 Abundantes soltava. Longos annos
 De piedoso soffrer o corpo enfermo
 Alquebrárão por fim ; as cãs nevadas
 Raras tremião sobre a testa, como
 Tremia na garganta a voz cançada.

Dizia o bom do velho : — « Irmão, nas ancias,
 « No extremo agonisar da morte amiga
 « Ergue os olhos ao céu ; — do céu te venha
 « Esse divino amor, que só lá mora,
 « Que filtra por nossa alma, que nos deixa
 « Mais celeste prazer, mais doce arroubo,
 « Do que a terra sóe dar...

« Infames, trédos,

« Bufarinheiros de palavras, corvos
 « De negro, feio agoiro, que esvoação
 « Com grito grasnador por sobre o campo,
 « Onde a peleja de reinar começa ;
 « Dizes-me *tu* — a mim ! a mim que ao fóro
 « Caminho inda hoje entre alas de clientes,
 « Que só me visto de velludo e d'oiro,
 « Enquanto vives de burel coberto,
 « Co'os labios sobre o pó mordendo a terra !
 « Dizes-me *tu* — a mim !... »

Ergueu-se,... e o corpo

Cahio de fraco sobre o leito ; o velho
 No emtanto humilde orava, que alma sancta
 Do mal cabido insulto não se offende.

Jehovah, que entre myriadas
 Vives de estrellas formosas,
 Que das flôres melindrosas
 Da terra — os anjos formaste ;
 Jehovah, que pela agoa
 Lustrar quizeste o Messias,
 Que ao beato, ao sancto Elias
 Nas chammas purificaste ;

Jehovah, que a mente apuras
 No fogo do soffrimento,
 Que divino, alto portento
 Déste fazer a Moisés,
 Quando a negra rocha dura
 Tocando co'a tenue vara,
 Rebentou a lympha clara,
 Lambendo-lhe mansa os pés ;

Jehovah, que eterno existe,
Cujo ser em si se encerra,
Que formaste o céu e a terra,
Que te chamas — o que é (1),
— Faz, Senhor d'altos prodígios,
Com que a mente empedernida
Não se aparte desta vida
Sem sentir a sãnta fé.

E tu, Christo, que soffreste
Martyrios por nosso amor,
Tu que foste o Salvador,
Salva-o, Senhor, por quem es.
Dá que em palavras piedosas
Se derrame contristado,
Como o rochedo tocado
Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento
Crescia mais e mais. — Do moribundo
Os cúpidos herdeiros dividião
Por si a vasta herança; os torvos olhos
Ião de rosto a rosto, fusilando
Ameaças de morte.

No emtanto o velho exanime e sem forças
Curtia amargos transes, que avarento,
E tendo a vida inutil presa á terra
Com toda a força d'alma, — agora em ancias
Sentia o halito vital fugir-lhe,
E a terra abandonal-o.

(1) Ego sum qui sum.

Estuava-lhe a dôr no peito afflicto!...
 Só não chorava, que do pranto a fonte
 Jazia extincta ; mas pensava triste :
 — Não tinha que lhe cerrasse os olhos
 Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo
 Do extremo agonisar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro
 Lhe pintava os seus feitos ; — a vingança,
 Que tão grande prazer lhe tinha sido,
 Ora em martyrios se tornava ; a chusma
 Dos homicidios seus crescia torva,
 E no leito o cercava.

Crença infantil ! dizia ; loucos, cegos
 — Prejuizos do vulgo ; — e assim dizendo
 Os vãos phantasmas repellir buscava.
 Mas a crença infantil, os prejuizos
 Do nescio vulgo, rispídos tornavão,
 Como insecto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,
 Sobre os olhos debalde as mãos cruzava,
 Que as sombras nos ouvidos lhe fallavão,
 E mais distinctas se pintavão n'alma
 Tambem molesta, qual se pinta o corpo
 Do espelho no polido.

E do seu passamento o caso infando
 Narrava uma após outra, sobre o peito
 Mostrando o golpe funebre e cruento ;
 Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo
 Parecia sorrir ! era qual louco
 Que soffre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja
De sobre o leito delirante ; as sombras
Vão sobre elle, e em circulo se ordenão.
O moribundo a esta, a aquella, a todas
Volve o pávido rosto, no mover-se
Progressivo, incessante.

E preso ao duro embate da vertigem,
As mestas sombras ao redor com elle
Fugir sentia ; o pavimento, a casa,
Rodava rápido ; e a terra e tudo,
Como aos soluços d'um vulcão tremendo,
As forças lhe tolhião.

E o orgulhoso que feliz vivêra,
Movendo a seu bom grado mil escravos,
Querendo a terra dominar co'um gesto ;
Ora mesquinho, solitario e louco,
Face a face lutando com seus crimes,
Morria impenitente.

IV

Era o vulto de um homem morto que afastando
o sudario se hia erguer do tumulo para revelar
alguns dos temerosos mysterios, que encerra a
apparente quietação dos sepulchros.

O PRESBYTERO.

O negrume da noite avulta ; e cresce
Mais feia a escuridão
Á luz da sacra pyra que derrama
Frouxo e tibio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo ;
Apenas fraco sôa
Da torre o bronze, que a nocturna brisa
De rumores povôa.

Mas eis que de um sepulchro a pedra fria
S'ergue e sobre outras cáe.
Não se escuta rumor! — da campa livre
Medroso espectro sáe.

O rosto ossificado em torno volve,
Volve a suja caveira ;
Do liso craneu os longos dedos varrem
A funebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via
Do peito nas cavernas,
Inda sangrento lagrimas chorava
De negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,
Ao orgão se assentou!
Já não dormem os sons, não dormem echos ..
— O triste assim cantou :

« Onde estás, meu amor, meus encantos,
Por quem só me pezava morrer,
Doce encanto que á vida me prendes,
Que inda em morto me fazes soffrer ?

« Doce amor, minha vida no mundo,
Desse mundo em que parte serás ;
Em que scismas, que pensas, que fazes,
Onde estás, meu amor, onde estás ?

« Ah ! de balde na campa gelada
Fria morte me pode deitar !
Foi de balde, — que eu sinto, que eu ardo ;
Foi de balde, que eu amo a penar.

« Ah ! si eu triste no mundo pudesse
Como outr'ora viver, respirar.....
Não soubera dizer-te os ardores
Que o sepulchro não pode apagar.

« Onde estás ? — Já da morte o bafejo
Por teu rosto divino roçou ;
Já na campa descanças finada,
Que o teu corpo sem vida tragou ?

« Mas a morte não pode impiedosa
Crua foice vibrar contra ti ;
Ah ! tu vives, que eu sinto, que eu soffro
Crús ardores quaes sempre soffri.

« E eu não posso o teu nome á noitinha
Entre as folhas saudoso cantar,
Nem seguir-te nas azas da brisa,
Nem teu somno de sonhos doirar.

« Nem lembrar-te os queridos instantes
Que a teu lado arroubado passei,
Sem cuidados de incerto futuro,
Só cuidados da vida que amei.

« Não te lembras da noite homicida
Em que um ferro meu peito varou,
Quando a facil conversa de amores
Teu marido cioso quebrou ? !

« Desde então hei penado sósinho,
 Verte sangue meu peito — de então ;
 Poude a morte acabar-me a existencia,
 Mas delir-me não poude a paixão !

« Nosso adultero affecto no mundo
 Não se acaba ; — assim quiz o Senhor !
 Não se acaba... — qu'importa ? — hei gozado
 Teus encantos gentis, teu amor.

« Por te amar outras fragoas soffrera,
 Outros transes e dôr e penar ;
 Oh ! poder que eu pudesse outra vida
 E outro inferno soffrer por te amar ! »

Mas da aurora já raiava
 Macio e brando clarão ;
 Macia e branda a canção
 Do negro espectro soava.

E medroso se collava
 Ao orgão seu negro véo,
 Que imiga não se ajuntava
 Ao seu vulto a luz do céu.

Pouco a pouco se perdia
 O negro espectro ; a canção
 Pouco a pouco enfraquecia :
 Do dia ao tenue clarão,

Era o cantar um sóido
 Fraco, incerto e duvidoso ;
 Era vulto pavoroso
 D'uma sombra vão tremido.

V

A MORTE

Dans sa douleur elle se trouvait ma-
heureuse d'être immortelle.

FÉNELON.

Da aurora vinha nascendo
O grato e bello clarão ;
Eu sonhava ! já mais brandos
Erão meus sonhos então.

Condensou-se o ar n'um ponto,
Cresceu o subtil vapor ;
Vi formada uma belleza,
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto
Não se pintava o carmim ;
Tinha um quê de cera juncto
A nitidez do marfim.

— Quem es tu, visão celeste,
Bello Archanjo do Senhor ?
Respondeu-me : — Sou a Morte,
Crú phantasma de terror !

— Ah ! lhe tornei : Es a morte,
Tão formosa e tão cruel !

— Correndo o mundo sósinha
No meu pallido corsel (1), —

(1) Et ecce equus pallidus et qui sedebat super illum nomen
illi Mors

Assim dizia — « Tu julgas
Que não tenho coração,
Que executo os meus deveres
Sem pezar, sem afflicção ?

— Que inda em flôr da vida arranco
Ao joven, sem compaixão,
Á donzella pudibunda
Ou ao longévo ancião ?

— Oh! não, que eu soffro martyrios
Do que faço aos mais soffrer,
Soffro dôr de que outros morrem,
De que eu não posso morrer ;

— Mas em parte a dôr me cura
Um pensamento, que é meu, —
Lembro aos humanos que a terra
É só passagem p'ra o céo.

— Faço ao triste erguer os olhos
Para a celeste mansão ;
Em labios que nunca orárão
Derramo pia oração.

— É meu poder quem apura
Os vicios que a mente encerra,
Ao fogo da minha dôr ;
Sou quem prendo aos céos a terra,
Sou quem ligo a creatura
Ao ser do seu Creador.

— Mas qu'importa ? Sem descanso
É-me forçoso marchar,
Abater impías frontes,
Régias frontes decepar.

— Passar ao travez dos homens,
 Como um vento abrasador :
 Como entre o feno maduro
 A foice do segador.

— E prostrar uma após outra
 Geração e geração,
 Como peste que só reina
 Em meio da solidão. » —

Desponta o sol radioso
 Entre nuvens de carmim ;
 Cessa o canto pezaroso,
 Como córda aurea de Lyra,
 Que se parte, que suspira
 Dando um gemido sem fim.

O VATE

NO ALBUM DE UM POETA

Moi... j'aimerai ta victoire ;
 Pour mon cœur, ami de toute gloire,
 Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.
 Poëte, j'eus toujours un chant pour les poëtes,
 Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes
 Ne jeta d'ombre sur mon front.

V. HUGO.

Vate! vate! que es tu? — Nos seus extremos
 Fadou-te Deos um coração de amores,
 Fadou-te uma alma accessa borbulhando
 Hardidos pensamentos, como a lava
 Que o gigante Vesuvio arroja ás nuvens.

Vate! vate! que es tu? — Foste ao principio
 Sacerdote e propheta;
 Erão nos céos teus cantos uma prece,
 Na terra um vaticinio.
 E ella cantava então: — Jehovah me disse,
 Magestoso e terrivel:

« Vês tu Jerusalém como orgulhosa
 Campêa entre as nações, como no Libano
 « Um cedro a cuja sombra o hyssopo cresce?
 « Breve a minha ira transformada em raios
 « Sobre ella cahirá;
 « Um fero vencedor dentro em seus muros
 « Tributaria a fará;
 « Quando escravos seus filhos, sobre pedra
 « Pedra não ficará. »

E os reprobos de sacco se vestião;
 Em pó, em cinza envoltos;
 E collando co'a terra os torpes labios,
 E açoitando co'as mãos o peito imbelle,
 Senhor! Senhor! — clamavão.

E o vate entanto o pallido semblante
 Meditabundo sobre as mãos firmava,
 Supplicando ao Senhor do interno d'alma. »

Forão sanctos então. — Homero o mundo
 Creou segunda vez, — o inferno o Dante, —
 Milton o paraíso, — forão grandes!

E hoje!... em nosso exilio erramos tristes,
 Mímosa esp'rança ao infeliz legando,
 Maldizendo a soberba, o crime, os vicios;
 E o infeliz se consola, e o grande treme.

Damos ao infante aqui do pão que temos,
E o manto além ao misero rachitico ;
Somos hoje Christãos.

À MORTE PREMATURA

DA ILL^{ma} S^{ra} D...

(No album de seu Irmão Dr. J. D. Lisboa Serra.)

On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes
Mesure plus de maux.

LAMARTINE.

Perfeita formosura em tenra idade
Qual flôr, que anticipada foi colhida,
Murchada está da mão da sorte dura.

CAMÕES, *Soneto*.

Lá, bem longe d'aqui, em tarde amena,
Gozando a viração das frescas auras,
Que do Brazil os bosques brandamente
Fazião balançar, — e que espalhavão
No ether encantado odôr, pureza —
Do que a rosa mais bella, — meiga e casta,
Como a virgens do sol,
Que de vezes do sol, não foi ella pendente
Dos braços fraternaes em meigo abraço ;
Como mimosa flôr presa, enlaçada
A tenro arbusto que a vergontea debil
Lhe ampara docemente !...

E o Irmão que só nella se revia,
 O Irmão que a adorava, qual se adora
 Um mimo do Senhor ;
 Que a tinha por pharol, conforto e guia,
 Os seus dias contava por encantos ;
 E as virtudes co'os dias pleiteavão.

E ella morreu no viço de seus annos !...
 E a lagem fria e muda dos sepulchros
 Se fechou sobre o ente esmorecido
 Ao despontar de vida
 Tão rica de esperanças e tão cheia
 De formosura e graças !...

Campa ! campá ! que de terror incutes !
 Quanto esse teu silencio me horrorisa !
 E quanto se assemelha a tua calma
 Á do cruel malvado que impassivel
 Contempla a sua victima torcer-se
 Em convulsões horriveis, desesp'radas ;
 Crúas vascas da morte !...
 Quem tão má te creou ?

Tu que tragas o ente que esmorece
 Ao despontar de vida
 Tão rica de esperanças e tão cheia
 De formosura e graças ? !

O pharol se apagou a luz sumio-se !
 Como o fugaz clarão do meteóro,
 Extinguio-se a esperança ; — e o mal-fadado
 Sobre a terra deserta em vão procura
 Traços d'essa que amou, que tanto o amára ;
 Da joven companheira de seus brincos,
 Pezares e alegrias.

Elle a procura !... o viajor pasmado,
Nos campos de Pompéia, alonga a vista
Pela amplidão do praino,
Destroços e ruínas encontrando,
Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a trôco de meu sangue
Poupar-te dessas lagrimas metade (1) !
Oh ! poder que eu pudesse ! — e almo sorriso,
Que tanto me compraz ver-te nos labios,
Inda uma vez brilhasse !
E essa existencia,
Que tão cara me é, t'a visse e leda,
E feliz como a vida dos Archanjos !
Inleliz é quem chora : ella finou-se,
Porque os anjos á terra não pertencem ;
Mas lá dos immortaes sobre os teus dias
A suspirada irmã vela incessante.

Vinde candidas rosas, açucenas,
Vinde, roxas saudades ;
Orvalhai, tristes lagrimas, as c'roas,
Que hão de a campa adornar por mim depostas
Em holocausto á victima da morte.
Innocencia, pudor, belleza e graça
Com ella n'essa campa adormecêrão.
Anjo no coração, anjo no rosto,

(1) N'este logar forão omittidos pelo auctor na segunda edição os seguintes versos que vem na primeira :

Não poder eu correr por esse mundo,
Espessas brenhas, escarpadas rochas,
Assoberbar torrentes, e trazer-te
As aguas soporíferas do Lethes !

Devêra o amor chorar sobre o teu seio,
 Que não grinaldas funebres tecer-te ;
 Devêra voz d'esposo acalentar-te
 O somno da innocencia, — não grosseira
 Canção do trovador não conhecido.

Coimbra, Junho de 1841..

A MENDIGA

Donnez : —
 Et quand vous paraîtrez devant le juge austère,
 Vous direz : J'ai connu la pitié sur la terre,
 Je puis la demander aux cieux !

TURQUETY.

I

Eu sonhei durante a noite...
 Que triste foi meu sonhar!
 Era uma noite medonha,
 Sem estrellas, sem luar.

E ao travez do manto escuro
 Das trevas, meus olhos vião
 Triste mendiga formosa,
 Qu'infortunios consumião.

Era uma pobre mendiga,
 Porém candida donzella :
 Pudibunda, affavel, doce,
 Amorosa, e casta, e bella.

Vestia rotos andrajos,
Que o seu corpo mal cubrião;
Por vergonha os olhos d'ella
Sobre ella se não volvião.

Pelas costas descobertas
Cortador o frio entrava;
Tinha fome e sede, — e o pranto,
Nos seus olhos borbulhava.

E qual vemos dos céos descendo rapido
Um fugaz meteóro, vi descendo
Um anjo do Senhor; — parou sobre ella,
E mudo a contemplava. — Uma tristeza
Sympathica, indizível pouco e pouco
Do anjo nas feições se foi pintando:
Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova
Conhece enferma e chóra. — Ella no peito
Menor sentio a dôr, e humilde oraya.

II

De um vasto edificio nas frias escadas
Eu vi-a sentada; — era um templo, dizião,
Secreto concilio de socios piedosos,
Que o bem tinha juntos, que bem só fazião.

Defronte um palacio soberbo se erguia,
E d'elle partia confuso rumor:
— A dança girava, e a orchestra sonora
Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palacio um conviva chegava,
Rugindo se abria o ruidoso portão;
Effluvios de incenso nos ares corrião
Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga alli'stava ao relento,
Com fome, com frio, com sede e com dôr ;
E eu vi o seu anjo, mais triste no aspecto,
Mais baço, mais turvo da gloria o fulgor.

E á porta do vasto sombrio edificio

Um vulto chegou.

—Senhor, uma esmola!—bradou-lhe a mendiga :

E o vulto parou.

E rude no accento, no aspecto severo,

Lhe disse : — O teu nome? —

Tornou-lhe a mendiga : — Senhor, uma esmola,
Que eu morro de fome.

Não dizes teu nome? — lhe torna o soberbo.

— Sou orphã, sósinha ;

Meu nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,
Se eu choro mesquinha!

Em vís meretrizes não cabe esse orgulho,

Tornou-lhe o Senhor,

Que á noite, nas trevas, contractão no crime,
Vendendo o pudor.

E a porta do templo — erguido á piedade

Com força batia ;

Co'o peso do insulto accrescido á crueza

A triste gemia.

III

Eis que ouvi um rodar, que a todo o instante
Mais distincto se ouvia; e logo um forte,
Fascinador clarão por toda a rua

Se derramou soberbo. — Infindos pagens
Ricas librés trajando, mil archotes
Nos' ares revolião ; — fortes, rapidos,
Fumegantes corseis, sorvendo a terra,
Tiravão rica sege melindrosa.
Sobre a terra saltou airosa e bella
A dona, em frente do festivo paço ;
E a mendiga bradou : — Senhora minha,
Dai uma esmola, dai ! — Á voz dorida
Volveu-se o rosto d'anjo, porém d'anjo
Não era o coração ; — foi-lhe importuno,
Mais que importuno... da mesquinha o grito !
E da mendiga o protector celeste
Parecia fallar em favor d'ella ;
E a rica dona o escutava, como
Se ouvisse a interna voz que dentro mora.
E eu dizia tambem : — O' bella Dona,
Dai-lhe uma esmola, dai ; — de que vos serve
Um óbolo mesquinho, que não póde
Siquer um diche sem valor comprar-vos ?
Ah ! bella como sois, que vos importão
Custosas flôres, com que ornais a frente ?
Para á salvar do vortice do crime,
O preço d'ellas, de uma só, da coisa
Que sem valor julgardes, é bastante.
Sabeis ? — Além da vida, além da morte,
Quando deixardes o oiropel na campa,
Quando subirdes do Senhor ao throno,
Sem andrajos siquer, tambem mendiga
Alli tereis as lagrimas do pobre,
A benção do affligido, a prece ardente
Do que soffrendo vos bemdice, — ó Dona...

.

Fechou-se a porta festival sobre ella !
E a donzella se ergueu, córou de pejo,
Lançando os olhos pela rua escusa,
E segura no andar, e firme, á porta
Do palacio bateu — entrou — sumio-se.

E o anjo, como afflicto sob um peso,
Um gemido soltou ; era uma nota
Melancolica e triste, — era um suspiro
Mavioso de virgem, — um soído
Subtil, mimoso, como d'Harpa Eólia,
Que a brisa da manhã roçou medrosa.

IV

Dos muros ao travez meus olhos virão
Soberba roda de convivas, — todos
Velludos, sedas, e custosas galas
Trajavão senhoris. — Reinava o jogo
Aváro e grave, leda e viva a dança
Em vortice girava, a orchestra doce
Cantava occulta ; condensados, bastos,
Em redor do banquete estavam muitos.
A mendiga alli estava, — não trajando
Sujos farrapos, mas delgadas telas.
Chovião brindes e canções e vivas
Á Deosa airosa do banquete ; todos
Um volver dos seus olhos, um sorriso,
Uma voz de ternura, um mimo, um gesto
Cubiçavão rivaes ; — e alli com ella,
Como um raio do sol por entre as nuvens
Lá na quadra hibernal penetra a custo

Quasi sem vida, sem calor, sem força,
Menos brilhante vi seu anjo bello.
Nos curtos labios da feliz mendiga
Passava rapido um sorriso ás vezes ;
Outras chorava, no volver do rosto,
Na taça do prazer sorvendo o pranto.
Encontradas paixões sentia o anjo ;
Parecia chorar co'o seu sorriso,
Parecia sorrir co'o chôro d'ella.

A ESCRAVA

O bien qu'aucun bien ne peut rendre !
O patrie ! ô doux nom que l'exil fait comprendre !

C. DELAVIGNE. — *Marino Faliero.*

Oh! doce paiz de Congo,
Doces terras d'além mar !
Oh ! dias de sol formoso !
Oh ! noites d'almo luar !

Desertos de branca areia
De vasta, immensa extensão,
Onde livre corre a mente,
Livre bate o coração !

Onde a leda caravana
Rasga o caminho passando,
Onde bem longe se escutão
As vozes que vão cantando !

Onde longe inda se avista
O turbante musulmano,
O Yatagan recurvado,
Preso á cinta do Africano !

Onde o sol na areia ardente
Se espelha, como no mar ;
Oh ! doces terras de Congó,
Doces terras d'além mar !

Quando a noite sobre a terra
Desenrolava o seu véo,
Quando siquer uma estrella,
Não se pintava no céo ;

Quando só se ouvia o sopro
De mansa brisa fagueira,
Eu o aguardava — sentada
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,
D'elle á base uma corrente
Despenhada sobre pedras,
Murmurava docemente.

E elle ás vezes me dizia :
— Minha Alsgá, não tenhas medo ;
Vem commigo, vem sentar-te
Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa :
— Irei contigo, onde fores ! —
E tremendo e palpitando
Me cingia aos meus amores.

Elle depois me tornava
Sobre o rochedo — sorrindo :
— As agoas d'esta corrente
Não vês como vão fugindo ?

Tão depressa corre a vida,
Minha Alsgá ; depois morrer
Só nos resta !... — Pois a vida
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves
Espantados — Ah ! também
Arfa o teu peito anciado !...
Acaso temes alguém ?

Não receies de ser vista,
Tudo agora jaz dormente ;
Minha voz mesmo se perde
No fragor d'esta corrente.

Minha Alsgá, porque estremecees,
Porque me foges assim ?
Não te partas, não me fujas,
Que a vida me foge a mim !

Outro beijo acaso temes,
Expressão de amor ardente ?
Quem o ouviu ? — o som perdeu-se
No fragor d'esta corrente.

Assim praticando amigos
A aurora nos vinha achar !
Oh ! doces terras de Congo,
Doces terras d'além mar !

Do rispido Senhor a voz irada,
Rábida sôa,
Sem o pranto enchugar a triste escrava
Pávida vôa.

Mas era em mora por scismar na terra,
Onde nascêra,
Onde vivêra tão ditosa, e onde
Morrer devêra!

Soffreu tormentos, porque tinha um peito,
Qu'inda sentia ;
Misera escrava ! no soffrer cruento,
Congo ! dizia.

AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

23 Agosto.

Mais um pungir de acerrima saudade,
Mais um canto de lagrimas ardentes,
Oh ! minha Harpa, — oh ! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meu amigo ; da minha alma
Foi uma lyra outr'ora o instrumento ;
Cantava n'ella amor, prazer, venturas,
Até que um dia a morte inexoravel
Triste pranto de irmão veio arrancar-te !
As lagrimas dos olhos me cahirão,
E a minha lyra emmudeceu de magoa !
Então aventei eu que a vida inteira

Do bardo, era um perenne sacerdocio
De lagrimas e dôr; — tomei uma Harpa :
Na corda da afflicção gemeu minha alma,
Foi meu primeiro canto um epicedio;
Minha alma baptizou-se em pranto amargo,
Na fragoa do soffrer purificou-se !

Lancei depois meus olhos sobre o mundo,
Cantor do soffrimento e da amargura ;
E vi que a dôr aos homens circumdava,
Como em rôda da terra o mar se estreita ;
Que apenas desfructamos, — miserandos !
Desbotado prazer entre mil dôres,
— Uma rosa entre espinhos aguçados,
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deos o meu espirito,
E a minha voz queixosa perguntou-lhe ;
— Senhor, porque do nada me tiraste,
Ou porque a tua voz omnipotente
Não fez secar da minha vida a seve,
Quando eu era principio e feto apenas ?

Outra voz respondeu-me dentro d'alma :
— Ardão teus dias como o feno, — ou durem
Como o fogo de tócha resinosa,
— Como rosa em jardim sejam brilhantes,
Ou baços como o cardo montesinho,
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira
Á extrema — da maior á mais pequena,
Nas azas do tufão — entre perfumes,
Um cantico de amores exaltarão

Ao throno do Senhor ; — e eu disse ás turbas :
— Elle nos faz gemer porque nos ama ;
Vem o perdão nas lagrimas contritas,
Nas azas do soffrer desce a clemencia ;
Sobre quem chora mais elle mais vela !
Seu amor divinal é como a lampada,
Na abobada d'um templo pendurada,
Mais luz filtrando em mais opácas trevas.

Eu o conheço : — o cantico do bardo
É balsamo ao que morre, — é lenitivo,
Mas doloroso, mas funereo e triste
A quem lhe carpe infausto a morte crua.
Mas, quando a alma do justo, espedaçando
O envolvero de lodo, aos céos remonta,
Como estrada de luz correndo os astros,
Seguindo o som dos canticos dos anjos
Que na presença do Senhor se elevão ;
Choro... tambem Jesus chorou a Lazaro !
Mas na excelsa visão que se me antolha
Bebo consolações, — minha alma aneia
A hora em que tambem ha de asilar-se
No seio immenso do perdão do Eterno.

Chora, amigo ; porém, quando sentires
O pranto nos teus olhos condensar-se,
Que já não póde mais banhar-te as faces,
Ergue os olhos ao céo, onde a luz móra,
Onde o orvalho se cria, onde parece
Que a timida esperanza nasce e habita.
E se eu — feliz ! — puder inda algum dia
Ferir por teu respeito na minha harpa
A leda corda onde o prazer palpita,

A corda do prazer que ainda inteira,
 Que virgem de emoção inda conservo,
 Suspenderei minha harpa d'algum tronco
 Em off'renda á fortuna ; — alli sósinha,
 Tangida pelo sopro só do vento,
 Ha de mysterios conversar co'a noite,
 De acorde extreme perfumando as brisas ;
 Qual Harpa de Sião pressa aos salgueiros
 Que não ha de cantar a desventura,
 Tendo cantos gentis vibrado n'ella.

O DESTERRO DE UM POBRE VELHO

Et dulces moriens reminiscitur Argos.

VIRG.

O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint.

SCHILLER.

A aurora vem despontando,
 Não tarda o sol a raiar ;
 Cantão aves, — a natura
 Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia
 Onda queixosa murmura,
 Bem mansa aragem fagueira
 Entre a folhagem susurra.

É hora cheia de encantos,
 É hora cheia de amor ;

A relva brilha enfeitada,
Mais fresca se mostra a flôr.

Esbelta joga a fragata,
Como um corsel a nitrir,
Suspensa a amarra tem presa,
Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,
Leve barco vem vogando;
Nelle um velho cujas faces
Mudo chôro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,
Que chorava,
Por assim deixar seus lares,
Que deixava?

« Ancião, porque te ausentas?
Corres tu traz de ventura?
Louco! a morte já vem perto,
Tens aberta a sepultura.

« Louco velho, já não sentes
Bater frouxo o coração?
Oh! que o sente! — É lei d'exílio
A que o leva em tal sação!

« Não ver mais a cara patria,
Não ver mais o que deixava,
Não ver nem filhos, nem filhas,
Nem o casal, que habitava!...

« Oh! que é má pena de morte
A pena de proscricção;

- Traz dôres que martyrisão,
Negra dôr de coração !
- « Pobre velho ! — longe, longe
Váis sustento mendigar ;
Tens de soffrer novas dôres,
Novos males que penar.
- « Não t'ha de valer a idade,
Nem a dôr tamanha e nobre ;
Tens de tragar vis affrontas,
— Insultos que soffre o pobre !
- « Nada acharás no degredo,
Que falle dos filhos teos ;
Ninguem sente a dôr do pobre...
Só te fica a mão de Deos.
- « O sol, que além vês raiando
Entre nuvens de carmim,
N'outros climas, n'outras terras
Não verás raiar assim.
- « Não verás a rocha erguida,
Onde t'ias assentar,
Nem o som bem conhecido
Do teu sino has de escutar.
- « Ha de cahir sobre as ondas
O pranto do teu soffrer,
E n'esse abysmo salgado,
Salgado, se ha de perder. »
- Já chegou junto á fragata,
Já na escada se apoiou,
Já com voz entrecortada
Ultimo adeos soluçou.

Canta o nauta, e sólta as velas
 Ao vento que o vai guiar;
 E a fragata mui veleira
 Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silencio
 A calva testa dobrou,
 E pranto mais abundante
 O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela
 Do navio, que partio;
 Mais além — inda se avista!
 Mais além — já se sumio!

O ORGULHOSO

Eu o vi! — tremendo era no gesto,
 Terrível seu olhar;
 E o senho carregado pretendia
 O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito
 Fervia-lhe o rancor!
 E aos demais homens, como um cedro á relva,
 Se cria sup'rior,

E o pobre agricultor, junto a seus filhos,
 Dentro do humilde lar,
 Quizera, antes que os d'elle, ver de um tigre
 Os olhos fusilar;

Que a um filho seu talvez quizerá o nobre
 Para um Executor ;
 Ou para o leito infesto alguma filha
 Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas
 Algum pobre ancião
 Já sobre o seu sepulchro, desejando
 A morte e a salvação.

Alguns dias apenas decorrerão;
 E eis que elle se sumio !
 E a lagem dos sepulchros fria e muda
 Sobre elle já cahio.

E o barbaro tropel dos que o servião
 Exulta com seu fim !
 E a turba applaude; e ninguem chora a morte
 De homem tão ruim.

O COMETA

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS

Non est potestas, quæ comparetur ei qui
 factus est ut nullum timeret.

JOB.

Eis nos céos rutilando igneo cometa !
 A immensa cabelleira o espaço alastra,

E o nucleo, como um sol tingido em sangue,
Alvacento luzir véte agoireiro
Sobre a pavida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,
Dos labios removei a taça ingente,
Que em vossas festas gyra; eis que rutila
O sanguineo cometa em céos infindos! ..
Pobres mortaes, — sois vermes!

O Senhor o formou terrivel, grande;
Como indocil corsel que morde o freio,
Retinha-o só a mão do Omnipotente.
Alfim lhe disse : — Vai, Senhor dos Mundos,
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em furia,
Que ao vento solta a coma desgrenhada,
E vai, nescio de si, livre de ferros,
De encontro ás duras rochas; — tal progride
O cometa incansavel.

Se na marcha veloz encontra um mundo,
O mundo em mil pedaços se converte;
Mil centelhas de luz brilhão no espaço
A esmo, como um tronco pelas vagas
Infrenes combatido.

Se junto d'outro mundo acaso passa,
Comsigo o arrastra e leva transformado;
A cauda portentosa o enlaça e prende,
E o astro vai com elle, como argueiro
Em turbilhão levado.

Como Leviathan perturba os mares,
Elle perturba o espaço; — como a lava,
Elle marcha incessante e sempre; — eterno,
Marcou-lhe largo gyro a lei que o rege,
— As vezes o infinito.

Elle carece então da eternidade!
E aos homens diz — e magestoso e grande
Que jamais o verão; e passa, e longo
Se entranha em céus sem fim, como se perde
Um barco no horisonte!

O OIRO

Oiro, — poder encanto ou maravilha
Da nossa idade, — regedor da terra,
Que dás honra e valor, virtude e força,
Que tens offertas, oblações e altares, —
Embora teu louvor cante na lyra
Vendido Menestrel que pôde insano
Do grande á porta renegar seu genio!

Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,
Com pouco vivo; — sobre a terra, á noite,
Meu corpo lanço, descancando a fronte
N'um tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.
Sou mais que um rei co'o meu docel de nuvens
Que tem gravados scintillantes mundos!
Com a vista no céu percorro os astros,
Vagueia a minha mente além das nuvens,
Vagueia o meu pensar — alto, arrojado
Além de quanto o olhar nos céus alcança.

Então do meu Senhor me calão n'alma
 D'amor ardente enlevos indizíveis ;
 Se tento ás gentes redizer seu nome,
 Queimadoras palavras se atropellão
 Nos meus labios ; — prophetica harmonia
 Meu peito aneia, e em borbotões se expande.
 Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes
 Teus prodigios, e teu poder immenso :
 O pae ao filho o diz, um sec'lo a outro,
 A terra ao céu, o tempo á eternidade !

De mundo as illusões, vaidade, engano,
 Da vidá a mesquinez — prazer ou pranto —
 Tudo esse nome arrastra, prostra e some ;
 Como aos raios do sol desfeito o gêlo,
 Que em ondas corre no pendor do monte,
 Precípite e ruidoso, — arbustos, troncos
 Comsigo no passar rompidos leva.

A UM MENINO

OFFERECIDA Á EX^{ma} S^a D. M. L. L. V.

I

Gentil, engraçado infante,
 Nos teus jogos inconstante,
 Que tens tão bello semblante,
 Que vives sempre a brincar,

— Dos teus brinquedos te esqueces
A noitinha, — e te entristeces
Como a bonina, — e adormeces,
Adormeces a sonhar!

II

Infante, serão as côres
De varias, viçosas flôres,
Ou são da aurora os fulgores
Que vem teus sonhos doirar?
Foi de algum ente celeste,
Que de luzeiros se veste,
Ou da brisa é que aprendeste,
Que aprendeste a suspirar?

III

Tens no rosto afogueado
Um qual retrato acabado
De um sentir aventurado,
Que te ri no coração;
É talvez a voz mimosa
De uma fada caprichosa,
Que te promete amorosa
Algum brilhante condão!

IV

Ou por ventura es contente,
Porque no sonho, que mente,

Phantasiaste innocente
Algum dos brinquedos teus !...
Senhor, tens bondade infinda !
Fizeste a aurora bem linda,
Creaste na vida ainda
Um'outra aurora dos céus.

V

O som da corrente pura,
A folhagem que susurra,
Um accento de ternura,
De ternura divinal ;
A indizível harmonia
Dos astros no fim do dia,
A voz que Memnon dizia,
Que dizia matinal ;

VI

Nada d'isto tem o encanto,
Nada d'isto póde tanto
Como o risonho quebranto,
Divino — do seu dormir ;
Que nada ha como a Donzella
Pensativa, doce e bella,
E a comparar-se com ella...
Só de um infante o sorrir.

VII

Mas de repente chorando
Despertas do somno brando
Assustado e soluçando...
Foi uma revelação!
Esta vida acerba e dura
Por um dia de ventura
Dá-nos annos de amargura
E fragoas do coração.

VIII

Só aquelle que da morte
Soffres o terrivel córte,
Não tem dôres que supporte,
Nem sonhos o acordarão :
Gentil infante, engraçado,
Que vives tão sem cuidado,
Serás homem — mal peccado!
Findará teu sonho então.

O PIRATA

EPISODIO

Nas azas breves do tempo
Um anno e outro passou,
E Lia sempre formosa
Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,
De mimos cheia, lh'off'rece;
E bella, apesar de ingrata,
Do que a amou Lia se esquecc.

Do que a amou, que longe pára,
Do que a amou, que pensa n'ella,
Pensando encontrar firmeza
Em Lia, que era tão bella!

N'esse palacio deserto
Já luzes se vêm' luzir,
Que vem nas sedas, nos vidros
Cambiantes reflectir.

Os cchos alegres sôão,
Sôa ruidosa harmonia,
Sôão vozes de ternura,
Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silencio
A face do mar desflora,
Á noite bella fragata
Chega ao porto, amaina, ancóra.

Cáe da popa e fere as ondas
Inquieta, esguia falúa,
Que resvala sobre as agoas
Na esteira que traça a lua.

Já na vácuca praia toca;
Um vulto em terra saltou,
Que na longa escadaria
Preságo e torvo enfiou.

Malfadado ! porque aportas
A este sitio fatal !
Queres o brilho augmentar
Das bodas do teu rival ?

Não, que a vingança lhe range
Nos duros dentes cerrados ;
Não, que a cabeça referve
Em máos projectos damnados !

Não, que os seus olhos bem dizem
O que diz seu coração ;
Terriveis, como um espelho,
Que retratasse um vulcão.

Não, que os labios descorados
Vociferão seu rival ;
Não, que a mão no peito aperta
Seu pontagudo punhal.

Não, por Deos, que taes affrontas
Não as sóe deixar impunes,
Quem tem ao lado um punhal,
Quem tem no peito ciumes !

Subio ! — e vio com seus olhos
Ella a rir-se que dançava,
Folgando, infame ! nos braços
Por que assim o assassinava.

E elle avançou mais avante,
E vio... o leito fatal !
E vio... e cheio de raiva
Cravou no meio o punhal,

E avançou... e á janella
Sosinha a vio suspirar,
— Saudosa e bella encarando
A immensidade do mar.

Como se vira um espectro,
De repente ella fugio!
Tal foge a corça nos bosques
Se leve rumor sentio.

Que foi? — Quem sabe dizel-o?
Forão vislumbres de dôr;
Coração, que tem remorsos,
Sente continuo terror!

Elle á janella chegou-se,
Horriavel nada encontrou...
Sómente, ao longe, nas sombras,
Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo
Nada mais de seu contava!
Nada mais que essa fregata!
Nada mais de quanto amava!

Nada mais! — que lh'importava
De no mundo só se achar?
Inda muito lhe ficava —
Agoa e céus e vento e mar.

Assim pensava; mas n'isto
Descortinha o seu rival,
Não visto: — a mão na cintura
Cingio raivosa o punhal!

Mas pensou... — não, seja d'ella,
E tenha zelos como eu! —
Larga o punhal, e um retrato
Na dextra mão estendeu.

Porém sentio que inda tinha
Mais que branda compaixão;
Miserando! inda guardava
Seu amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;
Foi culpa do fado meu!
Nada mais de pensar n'ella;
Finjamos que ella morreu.

Por entre a turba que alegre
No baile — a sorrir-se estava,
Mudo, triste, e pensativo
Surdamente se afastava.

De manhã — quando o saráu
Apagava o seu rumor,
Chegava Lia á janella,
Mais formosa de pallor.

Chegou-se; -- e além — no horisonte
Uma vela inda avistou;
E co'a mão tremula e fria
O telescopio buscou!

Um pavilhão vio na pôpa,
Que tinha um globo pintado;
E no mastro da mesena
Um negro vulto encostado.

Erão chorosos seus olhos,
 Os olhos seus enxugou ;
 E o telescopio de novo
 Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste
 Parece reconheceu ;
 Mas a vela no horisonte
 Para sempre se perdeu.

A VILLA MALDICTA, CIDADE DE DEOS

AO SEU QUERIDO E AFFECTUOSO AMIGO

A. T. DE CARVALHO LEAL.

Peccata peccavit Jerusalem, et propter ea
 instabilis facta est ; omnes qui glorificabant
 eam, spreverunt illam, quia viderunt ignomi
 niam ejus ; ipsa autem gemens conversa est
 retrorsum.

LAMENT. *Jeremias.*

I

O immenso aposento a luz alaga
 Com soberbo clarão,
 E as mezas do banquete se devolvem
 Pelo vasto salão ;
 E os instrumentos palpitantes sôão
 Frenetica harmonia ;
 E o côro dos convivas se levanta
 Pleno d'ebria alegria !

Alli se ostenta o nobre vicioso
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,
Cheio de mesquinez, — o envilecido,
Immundo pobre no seu manto envolto
De miserias, torpeza e vilanias;
— A prostituta que alardêa os vicios,
Menosprezando a castidade e a honra,
Sem pejo, sem pudor, d'infamia eivada.

E o livre dithyrambo, a atroz blasphemia,
Os cantos immoraes, canções impudicas,
Gritos e orgia envolta em negro manto
De fumo e vinho, — os ares aturdião;
E muito além, no meio d'alta noite,
Nos echos, ruas, praças rebatião.

II

Depois, ainda suja a bocca, as faces,
D'immundo vomitar,
Com vacillante pé calcando a terra
Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas
A nocturna cohorte;
Ouvião-se depois por toda a parte
Gritos, horror de morte!

E ninguem vinha ao retinir de ferro,
Que assassinava;
Porque era d'um valente o punhal nobre,
Que as leis dictava.

Outra vez a cahir se emmaranhavão
Da porta pelo umbral :
Tinhão tinctas de sangue a face, as vestes,
Tincto em sangue o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores
Da noite derradeira ;
E a morte vária revelava a furia
Da tórba carniceira.

E o sacrilego padre só vendia
O tum'lo por dinheiro ;
Vendia a terra aos mortos insepultos,
O vil interesseiro !

Ou al ficavão, como pasto aos corvos,
Por sobre a terra núa ;
E ninguem de tal sorte se pesava,
Que ser podia a sua !

« E Deus maldisse a terra criminosa,
« Maldisse os homens della,
« Maldisse a cobardia dos escravos
« D'essa terra tão bella. »

III

E a mortifera peste luctuosa
Do inferno rebentou,
E nas azas dos ventos pavorosa
Sobre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso
Longa vida futura,

Doido sentio quebrar-lhe as esperanças
Pedra de sepultura.

E a donzella tão linda que vivia
Confia da no amor,
Entre os braços da mãe provou bem cedo
Da morte o dissabor.

E o tremulo ancião qu'inda esperava
Morrer assim
Como um fructo maduro destacado
D'arvore emfim,

Sentio a morte esvoaçar-lhe em torno,
Como um bulcão,
Que affronta o nauta quando avista a terra
Da salvação,

Era deserta a villa, a casa, o templo —
Ar de morte soprou !
Mas a casa dos vis nos seus delirios
Ebria continuou !

« E Deus maldisse a terra criminosa,
« Maldisse os homens d'ella,
« Maldisse a cobardia dos escravos
« Dessa terra tão bella. »

IV

Eis o aço da guerra lampeja,
Do fogo do corsel o nitrido,
Eis o bronzeu canhão que rouqueja,
Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestão guerreiros luzentes,
 Já se enfreião corseis bellicosos,
 Já mancebos se partem contentes,
 Augurando a victoria briosos.

Brilha a raiva nos olhos ; — nas faces
 O interno rancor pódes ler ;
 Eia, avante ! — clamárão os bravos,
 Eia, avante ! — ou vencer ou morrer !

Eia, avante ! — briosos corramos
 Na peleja o imigo bater ;
 Crua morte na espada levamos !
 Eia, avante ! — ou vencer ou morrer !

Eis o aço da guerra lampeja,
 Do corsel bellicoso o nitrido,
 Eis o bronzéo canhão que rouqueja
 E da morte represso o gemido.

V

E a selva vomitou homens sem conto
 Á voz do omnipotente,
 Como a neve hibernal que o sol derrete,
 Engrossando a corrente.

E em redor d'essa villa se estreitárão,
 Cingidos d'armadura ;
 E a villa se doeo no intimo seio
 De tão acre amargura.

Mas os fortes bradárão : — Eia, avante !
 Promptos a batalhar ;

Mas o braço e valor ante os imigos
Se vierão quebrar.

E um anno inteiro sem cessar lutárão,
Cheios de bizzarria,
Como dois crocodilos que brigassem
D'um rio a primazia !

E renderão-se emfim, mas de famintos,
De sequiosos ;
Valentes lidadores forão elles,
Se não briosos.

VI

E o exercito contrario entra rugindo
Na villa, que as suas portas lhe franqueia :
Rasteiro corre o incendio e surdamente
O custoso edificio ataca e mina.
Eis que a chamma roaz amostra as fendas
Das portas que se abração ; descortina
O torvo olhar do vencedor — apenas —
Lá dentro o incendio só, fóra só trevas !
Urros de frenesí, de dôr, de raiva
Escutão dos que, ás subitas colhidos,
Contra os muros em brasa se arremeção ;
Dos que, perdido o tino, intentão loucos
Achar a salvação, e a morte encontrão.
Lá dentro confusão, silencio fóra !
São carrascos aqui, victimas dentro,
Geme o travejamento, estrala a pedra,
Cresce horror sobre horror, desaba o tecto,
E o fumo ennegrecido se ennovella

Co' o vertice sublime os céus roçando.
 Como o vulcão que a lava arroja ás nuvens,
 Como ignea columna que da terra
 Hiante rebentasse, — tal se eleva,
 Tal sóbe aos ares, tal se empina e cresce
 A labareda porténtosa ; e baixa,
 E desce á terra, e o edificio enrola,
 E o sorve inteiro, qual se forão vagas .
 Que a dura rocha do alicerce abalão,
 Que a enlação, como a prêa, — e ao fundo pégo
 Levão, deixando o mar branco d'espuma.
 No horror da noite, sibilando os ventos,
 Lingoas pyramidaes do atroz incendio,
 Fumosas pelas ruas estalando,
 Tingem da côr do inferno a côr da noite,
 Tingem da côr do sangue a côr do inferno !
 — O ar gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

VII

E aquelles que inda são e immunes erão,
 Os que a peste engeitou,
 Que fome e sede e privações soffrêrão...
 A espada decepou.

E a donzella tremeu, da mãi nos braços
 Não salva ainda,
 Que incitava os prazeres do soldado
 A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bella
 Sentio prazer,
 Sente martyrios porque a vê formosa
 No seu morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas,
 Tudo destruição :
 A columna, o palacio, a casa, o templo,
 O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos
 Já rojão sobre o pó;
 Mas o Deus, o Deus bom já está vingado,
 Por ella sente dó.

E a villa d'outr'ora mais ruidosa,
 Lá resurgio cidade ;
 Porque o Deus da justiça, o das armadas,
 O Deus é de bondade.

QUADRAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÃO E DESEJO

AO MEU BOM AMIGO O D^r A. REGO

Sol chi non lascia ereditá d'affetti
 Poca gloria ha dell'urna.

FOSCOLO.

I

Houve tempo em que os meus olhos
 Gostavão do sol brilhante
 E do negro véu da noite,
 E da aurora scintillante.

Gostavão da branca nuvem
Em céu de azul espriada,
Do terno gemer da fonte
Sobre pedras despenhada.

Gostavão das vivas côres
De bella flôr vicejante,
E a voz immensa e forte
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria !
A luz brilhante, o susurrar da brisa,
O verde bosque, o rosicler d'aurora,
Estrellas, céus, e mar, e sol, e terra,
D'esperança e d'amor minha alma ardente,
De luz e de calor meu peito enchião.
Inteira a natureza parecia
Meus mais fundos, mais intimos desejos
Perscrutar e cumprir; — almo sorriso
Parecia enfeitar co'os seus encantos,
Com todo o seu amor compôr, doiral-o,
Porque os meus olhos deslumbrados vissem-no,
Porque minha alma de o sentir folgasse.
Oh ! quadra tão feliz ! — Se ouvia a brisa
Nas folhas susurrando, o som das agoas,
Dos bosques o rugir ; — se os desejava,
— O bosque, a brisa, a folha, o trepidante
Das agoas murmurar prestes ouvia.
Se o sol doirava os céus, se a lua casta,
Se as timidas estrellas scintillavão,
Se a flôr desabrochava envolta em musgo,
— Era a flôr que eu amava, — erão estrellas
Meus amores sómente, o sol brilhante,

A lua merencoria — os meus amores !
Oh ! quadra tão feliz ! doce harmonia,
Acôrdo extremo de vontade e força,
Que atava minha vida á natureza !
Ella era para mim bem como a esposa
Recem-casada, pudica sorrindo ;
Alma de noiva — coração de virgem,
Que a minha vida inteira abrilhantava !
Quando um desejo me brotava n'alma,
Ella o desejo meu satisfazia ;
E o quer que ella fizesse ou me dissesse,
Esse era o meu desejo, essa a voz minha,
Esse era o meu sentir do fundo d'alma,
Expresso pela voz que eu mais amava.

II

Agora a flôr que m'importa,
Ou a brisa perfumada,
Ou o som d'amiga fonte
Sobre pedras despenhada ?

Que me importa a voz confusa
Do bosque verde-frondoso,
Que m'importa a branca lua,
Que m'importa o sol formoso ?

Que m'importa a nova aurora,
Quando se pinta no céu ;
Que m'importa a feia noite,
Quando desdobra o seu véu ?

Estas scenas, que amei, já me não causão
 Nem dôr e nem prazer! — Indifferente,
 Minha alma um só desejo não concebe,
 Nem vontade já tem!... Oh! Deus! quem pôde
 Do meu imaginar as puras azas
 Cercear, desprender-lhe as niveas plumas,
 Rojal-as sobre o pó, calcal-as tristes?
 Perante a creação tão vasta e bella
 Minha alma é como a flôr que pende murcha;
 É qual profundo abysmo: — embalde estrellas
 Brilhão no azul dos céus, embalde a noite
 Estende sobre a terra o negro manto:
 Não pôde a luz chegar ao fundo abysmo,
 Nem pôde a noite ennegrecer-lhe a face;
 Não pôde a luz á flôr prestar mais brilho
 Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

III

Houve tempo em que os meus olhos
 Se extasiavão de ver
 Agil donzella formosa
 Por entre flôres correr.

Gostavão de um gesto brando,
 Que revelasse pudor;
 Gostavão de uns olhos negros,
 Que rutilassem de amor.

E gostavão meus ouvidos
 De uma voz — toda harmonia, —
 Quer pezares exprimisse,
 Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem
Indolente ou fugaz — alegre ou triste,
Da vida a estreita senda desflorando
Com pé ligeiro e animo tranquillo ;
Improvida e brilhante parecendo
Seus dias desfolhar, uns após outros,
Como folhas de rosa ; — e no futuro —
Ver luzir-lhe sómente a luz d'aurora.
Era deleite e dôr vêl-a tão leda
Do mundo as afflicções : angustias, prantos
Affrontar co'um sorriso ; era um descanso
Interno e fundo, que sentia a mente,
Um quadro em que os meus olhos repousavão,
Ver tanta formosura e tal pureza
Em rosto de mulher com alma d'anjo !

IV

Houve tempo em que os meus olhos
Gostavão de lindo infante,
Com a candura e sorriso
Que adorna infantil semblante.

Gostavão do grave aspecto
De magestoso ancião,
Tendo nos labios conselhos,
Tendo amor no coração.

Um representa a innocencia,
Outro a verdade sem véu ;
Ambos tão puros, tão graves,
Ambos tão perto do céu !

Infante e velho ! — principio e fim da vida ! —
 Um entra neste mundo, outro sae delle,
 Gozando ambos da aurora ; — um sobre a terra,
 E o outro lá nos céus. — O Deus, que é grande,
 Do pobre velho compensando as dôres,
 O chama para si ; o Deus clemente
 Sobre a innocencia de continuo vela.
 Amei do velho o magestoso aspecto,
 Amei o infante que não tem segredos,
 Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.
 Amei as doces voces da innocencia,
 A rispida franqueza amei do velho,
 E as rigidas verdades mal sabidas,
 Só por labios senis pronunciadas.

V

Houve tempo, em que possivel
 Eu julguei no mundo achar
 Dois amigos extremosos,
 Dois irmãos do meu pensar ;

Amigos que compr'hendessem
 Meu prazer e minha dôr,
 Dos meus labios o sorriso,
 Da minha alma o dissabor ;

Amigos, cuja existencia
 Vivesse eu co'o meu viver :
 Unidos sempre na vida,
 Unidos — té no morrer.

Amizade! união, virtude, encanto —
Consortio do querer, de força e d'alma —
Dos grandes sentimentos cá da terra
Talvez o mais recíproco, o mais fundo !
Quem ha que diga : Eu sou feliz ! — se acaso
Um amigo lhe falta ? — um doce amigo,
Que sinta o seu prazer como elle o sente ?
Que soffra a sua dôr como elle a soffre ?
Quando a ventura lhes sorri na vida,
Um a par d'outro — eil-os lá vão felizes ;
Quando um sente afflicção, nos braços do outro
A afflicção, que é só d'um, carpindo juntos,
Encontra doce alivio o desditoso
No thesouro que encerra um peito amigo.
Candida par de cysnes, vão roçando
A face azul do mar co'as niveas azas
Em deleite amoroso ; — acalentados
Pelo sereno espreguiçar das ondas,
Aspirando perfumes mal sentidos,
Por vespertina aragem bafejados,
É jogo o seu viver ; — porém, se o vento
No frondoso arvoredado ruge ao longe,
Se o mar, batendo irado as ermas praias,
Cruzadas vagas em novello enrola,
Com grito de terror o par candente
Sacode as niveas azas, bate-as, — fogem.

VI

Houve tempo em que eu pedia
Uma mulher ao meu Deus,
Uma mulher que eu amasse,
Um dos bellos anjos seus.

Em que eu a Deos só pedia
Com fervorosa oração
Um amor sincero e fundo,
Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante
Contra o meu peito bater,
Sómente um dia... sómente!
E depois d'elle morrer.

Amei! e o meu amor foi vida insana!
Um ardente anhelar, cauterio vivo,
Posto no coração, a remordel-o.
Não tinha uma harmonia a natureza
Comparada á sua voz; não tinha côres
Formosas como as della, — nem perfumes
Como esse puro odor qu'ella esparzia
D'angelica pureza. — Meus ouvidos
O feiticeiro som dos meigos labios.
Ouvião com prazer; meus olhos vagos
De a ver não se cansavão; labios d'homens
Não poderão dizer como eu a amava!
E achei que o amor mentia, e que o meu anjo
Era apenas mulher! chorei! deixei-a!
E aquelles, que eu amei co'o amor d'amigo,
A sorte, boa ou má, levou-m'os longe,
Bem longe quando eu perto os carecia.
Concluí que a amizade era um phantasma,
Na velhice prudente — habito apenas,
No joven — doudejar; — em mim lembrança;
Lembrança! — porém tal que o não trocára
Pelos gozos da terra; — meus prazeres
Forão só meus amigos, — meus amores
Hão de ser neste mundo elles sómente.

VII

Houve tempo em que eu sentia
Grave e solemne afflicção,
Quando ouvia junto ao morto
Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro
Em sons pesados dobrar,
E os cantos do sacerdote
Erguidos junto do altar

Quando via sobre um corpo
A fria lousa cahir;
Silencio debaixo della,
Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,
Tepida talvez com o pranto amargo
Dos olhos da afflicção; — se os mortos sentem.
Ou se almas tem amor aos seus despojos,
Certo dos pés do Eterno, entre a alleluia,
E o gozo lá dos céus, e os córos d'anjos,
Hão de lembrar-se com prazer dos vivos,
Que chorão sobre a campa, onde já brota
O denso musgo, e já desponta a relva.

Lagem fria dos mortos! quem me dera
Gozar do teu descanso, ir asilar-me
Sob o teu sancto horror, e nessas trevas
Do bulicio do mundo ir esconder-me!
Oh! lagem dos sepulchros! quem me déesse
No teu silencio fundo asilo eterno!
Ahi não pulsa o coração, nem sente
Martyrios de viver quem já não vive.

PHANTASMAS

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.

SHAKSPEARE. — *Hamlet*.

Já a lua pelos ares
Docemente equilibrada,
Qual linda concha embalada
Pela corrente dos mares.

Era tudo amor; — dormente
Era a mesta solidão :
Porêm eis que de repente
Corre de vento um pegão.

Morrendo a luz feiticeira
Morre o brilhante do céu,
Que da lua a face inteira
Cobre denso, opaco véu.

Das trevas o véu rasgando
Fuzila breve clarão,
No escuro espaço rolando
Rouqueja horrível trovão.

Ruge ao longe o mar raivoso,
Perto — o vento no arvoredos;
No cemiterio medroso
Surgem phantasmas de medo.

Passando ao travez dos muros,
Que do mundo os separava,
Penetrão no templo escuro :
Mudo e triste o templo estava

Do templo nas paredes caminhavão
As mestas sombras dos que forão ; outros,
Como que da vigilia se pezassem,
Nos ossos mal seguros se arrastavão.

Como sobre as couceiras se revolvem
As portas emperradas, tal do templo
As frias pedras sepulchraes se dobrão.
Finados mil e mil das campas surgem,
Incertas sombras pelos ares vôão,
Amalgama-se o pó formando nuvens,
E as nuvens pairão n'amplidão sagrada.
Só um sepulchro permanece inteiro,
E um espectro ao pé d'elle ; os longos dedos
Correndo pela testa, tremebundo
Carrega sobre a turba o rosto irado.

« Não poder descansar ! » — dizia o triste —
« Não poder descansar ! » — Era este um grito
D'interno soffrimento amargo e duro.

« Ó Morte enganadora, — que eu julgava
« O infinito visão, — além dos mundos
« Outro mundo não via, além da vida
« Minha alma apenas descobria... o nada —
« De que nos serve o teu poder, traidora ?
« Se a vida tiras, mais penosa a tornas ;
« Se tiras o soffrer, mais delicado,
« Mais apurado, mais subtil, mais fundo
« Fazes, cruel, brotar do horror da campa.
« Estólido que fui ! — da terra filho,
« Julguei-me preso á terra, preso ao nada ;
« Julguei-me sem porvir além da vida,
« Sem acerbo penar na campa acerba ! »

Como sentisse a sepultura intacta,
Raivoso empurra a pedra, que serena
Sobre outras pedras se deslisa facil,
Como o barco veloz cortando as ondas,
Que a mão callosa do barqueiro impelle.

Ah! certo eu vi! — um putrido cadaver,
Amarelento, ensanguentado e feio,
Pávido erguer-se no sudario envolto.
Volveu pasmado em torno os olhos turvos,
E as pupillas sem luz, que extranhão, sentem
Agudissima dôr da luz mal vista
Da alampada velada. — Nos ouvidos
Mesmo dos mortos o bulicio incerto
Com hórrido fragor rimbomba, estoura!

— Não julguei acordar! — disse affligido.
Mas do finado, que o chamára á vida,
Correu nos labios mofador sorriso :
« Não julgaste acordar, insano?! — a mente
« Perdida não sentiste além dos ares
« Voar além dos céus, além das nuvens? »

Dizia o espectro : « Insano, tu cobriste-a
« De lodo terreal, cortaste as azas
« Desse amigo adejar, de prece amiga
« Que vai, que sóbe, perfumado incenso,
« Beijar do eterno ser o throno excelso. »

Eis do recém-finado a voz rebrama
No recinto do templo; estoura e ferve
No estreito espaço da garganta, como
Neve que o sol derrete, que nas orlas
Do raso leito de regato humilde.
Rebenta em borbulhões de argentea espuma.

« Nas trevas, Senhor Deus, direi teu nome,
 « Cantarei teus louvores do sepulchro,
 « Cantarei teu poder d'entre a gelada
 « Mortalha funeral, e sempre e eterno.
 « Senhor Deus, Senhor Deus, quando os meus labios
 « Se resequirem teu louvôr cantando,
 « Quando rouco meu peito arfar cansado,
 « Minha alma, além dos sóes voando afoita,
 « Irá, Senhor meu Deus, beijar-te as plantas,
 « Nutrir-se palpitante da tua gloria
 « E á luz do teu fulgor, do teu conspecto
 « Derramar-se queixosa e afflicta... »

— É tarde!

O espectro lhe bradou. — Misericordia!
 Clamava a triste sombra, que aterrada
 Procurava juntar as mãos rebeldes.
 Foi de balde o querer; de balde as forças
 Concentra o miserando por juntal-as;
 De balde intenta orar! — a voz lhe falta;
 Do mutilado tronco os braços fogem
 Fogem do templo na amplidão perdidos.
 Mutua força os attrahe, mutua os repelle,
 Fatidico poder os leva a ambos,
 E alonga o templo mais e mais com elles!

Dos ares a soidão quebrando irado
 Da torre sôa o sino; o som d'agoiros
 Estoura — ruge — vibra — mingoa e morre.

Rápida foge a multidão dos méstos,
 Sem arruido, sem rumor, — qual fumo
 Levissimo e subtil que se desenha
 Ao reflecto da luz nos brancos muros.

O BARDO

Must all the finer thoughts, the thrilling sense,
 The electric blood with which their arteries run,
 Their body's self-tuned soul with the intense
 Feeling of that which is, and fancy of
 That which should be, to such a recompense
 Conduct? Shall their bright plumage on the rough
 Storm be still scatter'd : — Yes, and it must be!

BYRON.

Era uma sala real comprida e larga
 De primores vestida. — Nos tapetes
 Habil artista desenhára a historia
 Dos annos decorridos; — das janellas
 Pendia a seda multi-côr; — rojavão
 No liso pavimento as franjas d'oiro
 Do brilhante espaldar. — Sentado nella
 O rei, já velho, em roda de ministros
 N'um canto do salão retinha os olhos.

Segui-lhe a vista, e vi... Era um mancebo
 Modesto e bello; tinha um quê nos olhos
 De pudor virginal, de meigo encanto,
 Que prendia a attenção. — Em pé, cruzadas
 Sobre uma harpa singela as mãos nevadas
 Em voz segura e baixa ao rei fallava.

« Por isto, senhor rei, vim ter comvosco!... »

Isto apenas lhe ouvi; subtil sorriso
 Do monarcha passou nos rôxos labios,
 Que hypocrita e sarcástico dizia :

—Que vos posso eu fazer?—Sois bardo!—Ás vezes
 Quando este encargo de reinar me deixa

Mais livre respirar, — sobre mil praças
Deste palacio meu lançando os olhos,
O doce canto da vossa harpa escuto,
E o longo applauso palpitante, e os echos
De forte sussurrar de amor, de enlevos,
Que a turba eleva com prazer... Auxilios
Não vos posso prestar, que o erario tenho
Exhausto e pobre! —

« Oh! nem de mim vos fallo,
Nem por mim, rei senhor! — Que vos hei dito?
Que a moral, crença, e fé, e amor dos povos
São altos fustes, que têm mão do throno.
Sois deste o creador, porém d'aquelles
Incumbe o lustre a nós. Se a nossa vida
Nisto gastamos, se mais crente o povo
Depois de nós a nosso exemplo fica,
É justo, senhor rei, que o throno cure
De quem sobre elle de continuo vela.

Somos do mundo sem saber do mundo;
Aproveu ao Senhor Deus lançar-nos nelle,
Sem vida para nós, com tanta vida,
Com tanta força de querer p'ra os outros.
Não sabemos ganhar! — Com fome ou frio,
Lemos o nome do Senhor nos astros;
Sonhamos illusões, lançando os olhos
Sobre a terra florida, ou sobre o campo
Liso, immenso dos céus, — vagando sempre
Do passado ao futuro! — Somos loucos,
Bem loucos, senhor rei! — Emquanto a vida
Em procelloso mar corre sem termo,
Até que a morte um dia nos afunde,

Cantamos sempre ; nem de auxilio extranho
 Havemos de mister, que o melhor canto
 De soluços e lagrimas se embebe ! —
 Mas se hospícios haveis para os que soffrem,
 Nós soffremos tambem, — tambem mendigos,
 Trocamos, como outrora o velho Homero,
 Celestes carnes por um pão de azyma ! »

— Fallais do mundo sem saber do mundo,
 E do vosso mister sem saber delle ;
 Tornou-lhe o rei com rosto carregado.
 — Sou injusto e cruel !... vós o dissestes !
 Mas quem sois ? — que fazeis ? — Ab povo estulto
 Co'a branda lyra effeminais : no canto
 Vil peçonha entornais em nescias mentes ;
 De perversa moral licções na scena
 Dais em verso pomposo ; loucos, cegos,
 Prophetas vos dizeis... — Meu throno acaso
 Sustentas tu co'a lyra ? — Se o sustentas,
 Retira o braço, quero-o ver por terra,
 Quero crêr na tua crença ; e se és propheta,
 Eu t'o supplico, do porvir me falla ! —

Como de sob os pés vos fuge o bando
 De sussurrantes passarinhos, quando
 Pensativo calcais na densa mata
 As secas folhas, rugidoras, sôltas ;
 Como sobem confusas, pipilantes,
 Ouvindo o extranho som que as amedronta ;
 Da Harpa as notas sôão, vibrão, fogem :
 Lá se perdem nos ares, lá renascem,
 Já de novo resôão, como abelhas
 Que sobre vivas flôres descansadas ;
 Quasi filhas do sol, se erguem ruidosas.

« Reis da terra, o que sois ? Oh ! quasi um nada,
Em mãos de infantes caprichosos — brinco,
Automatos de orgulho, actores tristes

Em publico tablado :

Um em dia aziago entre os clamores
Da multidão fallaz entrou no templo ;
Era o templo adornado, — alli soldados,
Alli densos convivas,
Resplandecentes d'oiro, e seda, e joias ;
Alli morno silencio qual precede
Da batalha o fragor ; — troava o sino,
E foi c'roado..... escravo !

« Mas quando o Senhor um bardo cria,
Funde-lhe a mente de trovões, de raios,
De nobre fogo lh'incendia o peito
De cholera e de amor !

E o manda sobre a terra ingrata e nua,
Que vôle sobre os astros, que a sentença,
Que Balthasar temeu, grave nos muros
D'impudico festim !

Que suspire, que gema, que soluçe,
Que se lembre dos céus cantando a terra,
Que um amigo não tenha, que a sua vida
É soffrer e cantar !

« Mas ai do triste que não sente enlevos
De ouvir um doce canto ao som da lyra :
Mas ai do rei que não suspira afflicto
De afflicto suspirar !

Mas ai do triste rei ! que nunca o bardo
Nos versos divinaes dirá seus feitos,

Nem o seu nome se lerá na pedra
De gelado sepulchro.
Vai com elle a lisonja á sepultura,
Com elle o seu palacio irá por terra,
Não será pedra sobre pedra, — inteira
A mole cahirá ! »

Calou-se ; mas cumprio-se o vaticinio :
Morreu sem nome o rei, — a mole inteira
Por terra jaz — uma columna attesta
Seu primeiro esplendor.

Que é do bardo porém ? — Ninguem pergunta :
O modesto pastor que a dura calma
Passou á sombra da frondosa copa,
Quando sem graça a vê, pergunta acaso
Que impiedoso tufão levou-lhe as folhas !
A virgem que em passeios solitarios
Respira o aroma de uma flôr singela
Pergunta acaso no verão torrado
Se a melindrosa flôr ainda existe,
Ou existindo, em que lugar se esconde ?
— Assim do bardo os feiticeiros versos !
Resôão, como nota harmoniosa,
Como suspiro d'innocente virgem
Na placidez da noite adormecida ;
Resôão, mas tambem se extinguem prestes,
Como nota de uma harpa vaporosa,
Como o perfume que uma flôr exhala,
Como o suspiro que uma virgem sólta !

ANALIA

POEMETO

CANTO PRIMEIRO

A vida do homem com todos os seus
projectos se eleva como uma torre cuja
corôa é a morte.

Saint Pierre.

Noite propicia aos tímidos amantes,
Consolação dos tristes que suspirão,
Que não podem soffrer do sol os raios,
Esse manto de estrellas não recolhas,
Que os olhos chama aos céus, e a Deus a mente
E em placido remanso a dôr abranda
De quem maior allivio não procura
Que sentir sempre aberta a chaga antiga !...
Noite não era já, não era dia;
Porém a fresca, matutina brisa

Começava a correr, prenhe de aromas,
Por entre as verdes folhas dos olmeiros,
Como o suspiro que remata o somno
De uma virgem que dorme. D'entre as ramas
Em desafio as aves entornavão
As notas varias do seu hymno eterno,
A cujos sons a natureza acorda
E o coração se alegra ; da neblina
Os densos rôlos — dos profundos valles
E dos cimos erguidos — procuravão,
Attrahidos do sol, mais alta esphera !

Analia, oh bella filha dos amores,
Porque tremes assim ? porque t'encobres ?
Porque essa pallidez ? esse agitado
Pulsar do seio, esses modestos olhos,
Perlustrando em redor té onde alcanção ?
Ninguem te espreita ou vê ; ninguem te segue :
Sob o avito solar descansão todos,
Teu nobre e velho pae te crê dormida !
E tu do leito virginal te ergueste,
Quando a nocturna alampada brilhava
Incerta, frouxa luz nas brancas telas,
Como nos brancos muros de um mosteiro
Estampa a lua os pallidos reflexos.

Analia ! occulta voz entre suspiros
Duvidosa murmura : volta o rosto
A donzella gentil, descora, treme,
Vacilla, cáe nos braços de um mancebo,
Qual palha sobre o alambre, ou como fibra
De magnetica força commovida !
Não têm voz, não tem côr, — pallida rosa
Semelha n'um jardim cortada ha pouco !

Quem pudesse acabar entre os deliquios
De um puro e doce amor! — fazer pedaços
Desta vida miserrima as cadeias,
Morrer primeiro que se esgote a fonte
D'uma illusão doirada, — e entre suspiros,
Entre as notas de um ai mal rematado,
Chegar de Deus ao throno, como um canto,
Que a brisa leva ao céu entre perfumes!

Mal distinctas palavras murmurão :
Não voz, porém accents mal formados,
Quasi grito e rugidos, que passavão
De um peito a outro sem roçar nos labios ;
Frases do coração que ao destacar-se
Levavão após si o melhor d'elle.
Aquella tempestade emfim se amaina ;
Já menos fortes sensações tão vivas,
Podem termos achar com que s'exprimão.

« Não sentes, doce bem, quanto é penoso
Lutar em vão co'a sorte? — quanto punge
O prazer que fruir nos fôra dado,
E não fruido se converte em penas !
Pensar que a minha vida, á sós contigo,
Decorrêra feliz, tranquilla e pura !
Sentir que este desejo assim nutrido
Ha de esvair-se, e não mui tarde, um dia,
Como ao romper do sol se esváe a sombra !
É vida de martyrios que enlouquecem,
D'anciedade que mata ! — Oh muito amada
Luz desta alma, que a dôr me hai gastando
Com viver sem ti n'um ermo triste,
Sem qu'eu te escute a voz, sem que os teus olhos

Me fallem da tua alma a cada instante ?
 Nunca t'eu vira, nem me viras nunca,
 Menos agra talvez nos fosse a vida. »

Com voz que os seios d'alma penetrava
 Respondia a donzella ; « O fado ás vezes
 Cança de ser cruel ! — Quem sabe ! — Um dia
 Este pezar será, que ora passamos,
 Grato de ser lembrado : espera ainda. »
 « Espero, — oh ! inda espero ; mas a esp'rança,
 Ao passo que meus dias se devolvem,
 De tanto se alongar me vai fugindo.
 Rico e nobre é teu pai ; seus feitos vôão
 De bocca em bocca — em longa serie illustre,
 Não denegrida, não cortada : o orgulho
 De rico e d'infância, que tanto o exalta,
 Ergueu alta barreira entre nós ambos. »

« Qu'importa ! o nosso amor é mais valente :
 Iremos ambos a seus pés lançar-nos,
 Dizer que a nossa vida pende agora
 Do nosso amor. — Ha de escutar-me affavel,
 A mim que mais que a vida estima e préza,
 Ultimo allivio dos seus curtos dias. »

Eis nisto sobrevém o pai turbado,
 A quem roaz suspeita rouba o somno ;
 Mal vê o arrojo do mancebo, e a filha,
 Que mâncha os seus brasões, prorompe irado :

« Mal haja o vil, o seductor corrupto,
 Que tantos annos de honradez deslustra,
 Cobrindo a virgem de vergonha ; e ao velho
 D'opprobrio e negra infamia ! » Assim dizendo,

Leva a tremula mão da clara espada.
Lampeja o aço aos olhos do mancebo,
Que sobre o peito inerme cruza os braços,
E não descora, nem recua. A virgem,
Que um amavel terror empallidece,
Cobrinha com seu corpo o corpo delle,
Não teme a folha tremula, que oscilla
Na mão que os muitos annos já cansarão ;
A vida offerece a quem lhe dera a vida,
Que a amava tanto ! — seu amor confessa,
Finezas d'elle, que a vencêra amando,
Extremos de ambos que viver não podem,
Não sabem desunidos. Rude o velho
Medita e scisma, e conhecer intenta
O amor do joven ; quer talvez proval-o,
Talvez do extranho arrojo quer punil-o
Ergue-se perto um monte de granito
Altivo, colossal, — no cimo erguido
Nenhuma flôr brotou, nenhum arbusto
Prestou-lhe grata sombra, onde asylo
Canoro rouxinol soltasse o canto.
Com gesto brusco e breve o mostra ao joven,
E diz-lhe em voz, d'onde o furor transpira :
« Se deste monte o pincaró vingares,
Tendo nos braços a mulher que adoras,
Sem que descances... « — Se o vingar?... « É tua :
Mas ai de ti, ai della, se esmoreces,
Se a offerta illudes, se tua alma fraca
Aos teus desejos inferior se mostra !... »

É tua ! — Estas palavras no mancebo
Coárão grato enleio ; — gota amiga
D'orvalho no Sahrá, clarão nas trevas,

Brando calor nos pólos. — Minha ! minha !
 Como louco bradava, e nos seus braços
 Tomou, correndo, a virgem delicada !

CANTO II

Oh ! que ditoso par ! os corpos de ambos,
 Que o amor ligára, estreitamente unidos,
 Lá vão, como um só vulto, indivisíveis.
 Prende o mancebo nos nervosos braços
 O leve corpo della, doce, eburneo,
 Elastico e tão meigo !... Oh ! que não possa
 Linguagem d'homem retratar ao vivo
 O arroubo estreme, os extasis divinos,
 De quando a vez primeira, entre deliquios,
 Unimos contra o peito, arfando, ardente,
 Uns peitos que se elevão, que se abatem,
 Que suspirão por nós ! — Os olhos d'ambos
 Scintillavão de amor ! halito ardente
 Crestava os labios d'ambos, derramando
 Mais do que vida, do que amor, nas faces
 Que em vivo fogo ardião. Amorosa,
 Porque mais leve se tornasse, a virgem,
 Lançando ao collo delle os niveos braços,
 Meia suspensa lhe dizia :

« Amado,

Não tenhas nimio ardor ; sê mais prudente,
 Calcula os passos, mede-os ; ouço as pedras
 Rolar-te sob os pés : mais vagaroso
 Caminha ; a queda é morte, o afan, a pressa

Quebra o arrojo, enfraquece : alcantilado
 É deste monte o cume, — falta muito,
 E do rosto o suor te corre em fios. »

« Não sabes ! por te amar daria a vida,
 Até a gota extrema, que em meu peito,
 Qu'inda em meu coração gyrar sentisse ;
 E quando a propria vida me faltára,
 Minha alma, e o que me espera além da morte,
 Daria por te amar. — É fraca a prova
 De soffrer doce peso algumas horas
 Por viver em delicias longos annos. »

Anima-se, prosegue mais brioso,
 Sorvendo sob os pés a senda ingrata.
 Immensa multidão, a quem tal caso
 Alli reune, e tem como suspensa,
 Applauda entusiasta, brada, clama,
 Da base da montanha... infindos rogos
 Eleya, exalta ao céo : — coragem ! grita ;
 Gentil mancebo, alento ! — Fraca, incerta,
 Chegava ao par amante a voz ruidosa.
 O mancebo feliz todo se embebe
 No futuro gozar dos seus amores.
 Bagas e bagas de suór crescião
 Na fronte afogueada ; o rosto acceso
 Ao desejado fim dos seus trabalhos
 Volvia : a casta virgem, desprendendo
 A loura trança, avelutada e longa,
 Tentou limpar-lhe o rosto : mal sentira
 A fragrancia, o contacto, o sangue em ondas
 Correu-lhe ao coração, a côr das faces
 Sumio-se de relance. — Soffres ! soffres !

Inquieta a virgem perguntava. O triste
 Começou de correr com novo alento.
 « A trança, a loura trança me electrisa,
 Requeira o sangue e a pelle, inflamma e cega!
 Querida, amada, mais que tudo amada,
 Luz da minha alma, norte meu, feitiço
 Desta existencia, que sem ti é morte,
 Oh! não queiras, por Deos, tirar-me as forças! »

Bradava assim, correndo; já mais fraco,
 Inda mais fraco sente-se; caminha.
 « Ouves? a bella virgem lhe dizia:
 Quando assentares que vencer não podes
 Esta ingreme costeira, não m'o digas;
 Porém ao fundo abysmo negrejante,
 Que a nossos pés terrífico se cava,
 Ah! leva-me, por Deos, presa em teus braços,
 E esta vida contigo alli se açabe. »

« Que fallas em morrer, tão nova ainda!
 Soluçava o mancebo: oh! não, mais dias
 Nos restão, mais felizes, — outros annos,
 Outros tempos de amor, que estes não sejam. »

Já se apressa, já corre! — O povo amigo
 — Coragem! com mais força lhe gritava.
 Açodado correu por longo espaço,
 Salvando d'asp'ra senda as pedras soltas;
 Porém, do afan, por fim, quasi vencido,
 Com voz, louca de amor, bradava o triste:

« Oh! como é doce este romper da aurora!
 A brisa da manhã, como é suave!
 Séca-me as bagas de suor do rosto,
 Humedecc-me os labios resequidos,
 E outra vida melhor m'influe no peito.

E após instantes, proseguio mais baixo :
« Quebrou-me este lutar co'a sorte ingrata,
Quasi vencido arquejo, os membros lassos
Movo a custo arrastados; mas espero...
Oh! inda espero de chamar-te minha,
De haver-te em premio deste afan penoso! »

Volvendo ao cimo da montanha os olhos,
Murmurava a donzella : — Oh! Deos, tão alta!

« Bem alta, sim, porem vingal-a é força :
O amor é forte e compassivo : os brios,
De que preciso, m'os dará; mas dize,
Dize-me tu que serás minha, tudo
Que eu perderei, que eu lucrarei contigo,
E certo vencerei; — dize-me as doces,
Meigas phrases de amor com que eu sohia
Esquecer-me da vida agra e pesada,
Qu'hei passado sem ti : que em te escutando
Esta fadiga esquecerei, lembrado
Do que me resta de prazer, de enlevos,
D'almas venturas a fruir ditoso.
Assim, assim; crava nos meus teus olhos,
Teus lindos olhos de um azul tão puro,
Como a cerulea côr do céu, das ondas,
Por noite estiva e bella. Da tua alma
Leio nelles a timida esperança,
E co'no elles espero. — Um beijo, um beijo!.
Esse macio dos teus labios causão
Frenesi que transporta, que enlouquece!
Guarda-os por ora: elles suffocão, roubão
O alento, a razão; como um cauterio
De fogo, inflammão; o ardor, a vida,

Que prestão, são delirio, raiva insana,
E nutrem como a febre! »

Eis que o mancebo

Os passos multiplica nessa estrada,
Que mais se estreita, mais se empina e cresce
Emfim desapareceu! não toda, resta
Curta distancia, que vencer é facil;
Facil, porém a membros não cansados,
Não exauridos de vigor, em luta
Perigosa e vital. — Meu Deos, não posso!
Murmurava entre si, a medo, e quasi
Reflexo interior do pensamento.

« Um passo mais! » bradava-lhe a donzella,
Em ancias de transido desespero.
« Hesitas! desfalleces! pois morramos!
Placido asylo a campa nos off'rece,
Da morte o estreito umbral passemos juntos. »

Frequentes sons, agudos, nos ouvidos
Sente o mancebo; — transtornado o rosto,
Mal firme sobre os pés, semelha o tronco
Nutante cerceado, que procura
O cimo undoso equilibrar nos ares.
Nada ouviu, nada viu, — nem mesmo o pranto,
O adeos extremo soluçado á vida
Risonha e bella e subito cortada,
Quasi ao romper da aurora. O pranto ardente
Cahio no peito do mancebo: « Choras!
Tenho os olhos vendados, mas sentido
Hei sobre o peito um requeimar de fogo;
Choras, tu choras! »

Delirante o moço

De um pulo hardido vinga o resto infando

Da senda malfadada : « És minha ! és minha ! »
Clama en delirio ; mas a morte o colhe,
E d'entre os braços da que amava, a arranca !
Cahio gemendo ; a misera donzella,
— Oh ! vinde ! soccorrei-me ! repetia,
Oh ! vinde, que elle expira ! — A turba entanto
Enchia os ares de applaudir ruidoso.
— Soccorrei-me ! bradava enlouquecida ;
Bradava a turba : — A noiva, a bella noiva !
Oh ! como os seus cabellos esparzidos
C'o resplendor do sol pleiteião brilho ? !
É bella, hardido o noivo... ambos felizes ! —

Lindas capellas de mimosas flôres
Fabricavão no entanto : um padre chamão,
Porque em laço de amor juntasse a ambos ;
Mas as capellas definhárão tristes
Em luctuoso esquife : a mesma campa
Sorveu — leito nefasto — os dois amantes !

Sómente o velho pae do nobre orgulho
No enterro filial o arranco extremo
Soltar medita, transformado em pompa.
Não querendo feliz a filha em vida,
Ao menos quer no marmore brunido
Mostrar poder, nobreza, e o esquartelado
Luctuoso brasão em campo negro.

POESIAS AMERICANAS

Les infortunes d'un obscur habitant des bois
auraient-elles moins de droits à nos pleurs que
celles des autres hommes ?

CHATEAUBRIAND.

CANÇÃO DO EXILIO

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?
Kennst Du es wohl? -- Dahin, dahin!
Möcht' ich... ziehn.

GOETHE.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá ;
As aves, que aqui gorgeião,
Não gorgeião como lá.

Nosso céu tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flôres,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá ;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá ;
Em scismar — sósinho, á noite—
Mais prazer encontro eu lá ;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,
Sem que eu volte para lá ;
Sem que desfructe os primores
Que não encontro por cá ;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra, Julho 1843.

O CANTO DO GUERREIRO

I

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não gerão escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.

— Ouvi-me, Guerreiros,
— Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra
Quem ha, como eu sou ?
Quem vibra o tacápe
Com mais valentia ?
Quem golpes daria
Fataes, como eu dou ?
— Guerreiros, ouvi-me ;
— Quem ha, como eu sou ?

III

Quem guia nos ares
A frecha implumada,
Ferindo uma preza,
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar ?
— Guerreiros, ouvi-me,
— Ouvi meu cantar.

IV

Quem tantos imigos
Em guerras preou ?
Quem canta seus feitos
Com mais energia ?

Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me:
— Quem ha, como eu sou?

V

Na caça ou na lide,
Quem ha que me affronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céu.
— Quem ha mais valente,
— Mais dextro do que eu?

VI

Se as matas estrujo
Co'os sons do Boré,
Mil arcos se encurvão,
Mil setas lá vôão,
Mil gritos rebôão,
Mil homens de pé
Eis surgem, respondem
Aos sons do Boré!
— Quem é mais valente,
— Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas matas ;
Não fazem ruido :
O vento gemendo
E as matas tremendo
E o triste carpido
D'uma ave a cantar,
São elles — guerreiros,
Que faço avançar.

VIII

E o Piaga se ruge
No seu Maracá,
A morte lá paira
Nos ares frechados,
Os campos juncados
De mortos são já :
Mil homens viverão,
Mil homens são lá.

IX

E então se de novo
Eu tóco o Boré ;
Qual fonte que salta
De rocha empinada,
Que vai marulhosa,
Fremente e queixosa

Que a raiva apagada
De todo não é,
Tal elles se escôão
Aos sons do Boré.
— Guerreiros, dizei-me,
— Tão forte quem é ?

O CANTO DO PIÁGA

I

Ó Guerreiros da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da tribu Tupi,
Fallão Deoses nos cantos do Piága,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —
Anhangá me vedava sonhar !
Eis na horrivel caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs ! que prodigios que vi !
Arde o páo de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o accendi !

Eis rebenta a meus pés um phantasma,
Um phantasma d'immensa extensão ;
Liso craneo repousa a meu lado,
Feia cóbra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,
Frio horror me cõou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.
Fallão Deoses nos cantos do Piága,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!

II

Porque dormes, ó Piága divino?
Começou-me a Visão a fallar:
Porque dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume
Toda a face do sol offuscar;
Não ouviste a coruja, de dia,
Seus estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem — vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piága divino!
E Anhangá te prohiibe sonhar!
E tu dormes, ó Piága, e não sabes,
E não pódes augurios cantar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugirão da Taba!
O desgraça! ó ruina! ó Tupá!

III

Pelas ondas do mar sem limites
 Basta selva, sem folhas, hi vem ;
 Hartos troncos, robustos, gigantes ;
 Vossas matas taes monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente
 — Brenha espessa de vario cipó —
 Dessas brenhas contêm vossas matas,
 Taes e quaes, mas com folhas ; é só !

Negro monstro os sustenta por baixo,
 Brancas azas abrindo ao tufão,
 Como um bando de candidas garças,
 Que nos ares pairando — lá vão.

Oh ! quem foi das entranhas das aguas,
 O marinho arcabouço arrancar ?
 Nossas terras demanda, fareja...
 Esse monstro... — o que vem cá buscar ?

Não sabeis o que o monstro procura ?
 Não sabeis a que vem, o que quer ?
 Vem matar vossos bravos guerreiros,
 Vem roubar-vos a filha, a mulher !

Vem trazer-vos crueza, impiedade
 Dons crueis do cruel Anhangá ;
 Vem quebrar-vos a maça valente,
 Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pezadas,
 Com que a tribu Tupi vai gemer ;

Hão de os velhos servir-lhe de escravos,
Mesmo o Piága inda escravo ha de ser !

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por invio sertão ;
Anhangá de prazer ha de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deoses, ó Piagá, conjura,
Susta as iras do féro Anhangá.
Manitôs já fugirão da Taba,
Ó desgraça ! ó ruina ! ó Tupá !

O CANTO DO INDIO

Quando o sol vae dentro d'agoa
Seus ardres sepultar,
Quando os passaros nos bosques
Principião a trinar ;

Eu a vi, que se banhava...
Era bella, ó Deoses, bella,
Como a fonte cristallina,
Como luz de meiga estrella.

O' Virgem, Virgem dos Christãos formosa,
Porque eu te visse assim, como te via,
Calcára agros espinhos sem queixar-me,
Que antes íme dera por feliz de ver-te.

O tacápe fatal em terra estranha
Sobre mim sem temor veria erguido ;
Dessem-me a mim sómente vêr teu rosto
Nas agoas, como a lua, retratado.

Eis que os seus loiros cabellos,
Pelas agoas se espalhavão,
Pelas agoas, que de vel-os
Tão loiros se enamoravão.

Ella erguia o collo eburneu,
Porque melhor os colhesse ;
Niveo collo, quem te visse,
Que de amores não morresse !

Passára a vida inteira a contemplar-te,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,
Sem que dos meus irmãos ouvisse o canto,
Sem que o som do Boré que incita á guerra
Me infiltrasse o valor que m'has roubado,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

Ás vezes, quando um sorriso
Os labios seus entreabria,
Era bella, oh ! mais que a aurora
Quando a raiar principia.

Outra vez — d'entre os seus labios
Uma voz se desprendia ;
Terna voz, cheia de encantos,
Que eu entender não podia.

Que importa ? Esse fallar deixou-me n'alma
Sentir d'amores tão sereno e fundo,
Que a vida me prendeu, vontade e força.

Ah! que não queiras tu viver commigo,
Ó Virgem dos Christãos, Virgem formosa!

Sobre a areia, já mais tarde,
Ella surgio toda núa ;
Onde ha, ó Virgem, na terra
Formosura como a tua ?

Bem como gotas de orvalho
Nas folhas de flôr mimosa,
Do seu carpo a onda em fios
Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha
Aqui dos meus irmãos, qual sou rei delles !
Escuta, ó Virgem dos Christãos formosa :
Odeio tanto os teus, como te adóro ;
Mas queiras tu ser minha, que eu prometto
Vencer por teu amor meu odio antigo,
Trocar a maça do poder por ferros
E ser, por te gozar, escravo delles.

CACHIAS

Quanto es bella, ó Cachias ! — no deserto,
Entre montanhas, derramada em valle
De flores perennaes,
Es qual tenue vapor que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga soprando
Á flor de manso lago.

Tu es a flôr que despontaste livre
Por entre os troncos de robustos cédros,
Forte — em gleba inculta ;
Es qual gazella, que o deserto educa,
No ardor da sésta debruçada exangue
Á margem da corrente.

Em molle seda as graças não escondes,
Não cinges d'oiro a fronte que descanças
Na base da montanha ;
Es bella como a virgem das florestas,
Que no espelho das aguas se contempla,
Firmando em tronco annoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes
Dos, que ora trajas, simpleses ornatos
E amavel desalinho :
Da pompa e luxo amiga, hão de cahir-te
Aos pés então — da poesia a c'roa
E da innocencia o cinto.

DEPRECAÇÃO

Tupan, ó Deus grande ! cobriste o teu rosto
Com denso velamen de pennas gentis ;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes déste da perda infeliz !

Tupan, ó Deus grande ! teu rosto descobre :
Bastante soffremos com tua vingança !
Já lagrimas tristes chorárão teus filhos,
Teus filhos que chórão tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejão cruentos,
Que vivem sem patria, que vagão sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisão, e os campos e os rios
Que assaltão, são nossos ; tu es nosso Deus :
Porque lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibrão, são teus ?

Tupan, ó Deus grande ! cobriste o teu rosto
Cem denso velamen de pennas gentis ;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes déste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã oh ! quão fortes que os vi !
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi !

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restão bem poucos dos teus, qu'inda possão
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavão terror,
Teus filhos enchião as bordas do mar,
As ondas coalhavão de estreitas igáras,
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não cáção nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo coati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi !

O Piága nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição ;
Eos teus indo vagão por serras, por valles,
Buscando um asilo por invio sertão !

Tupan, ó Deus grande ! descobre o teu rosto
Bastante soffremos com tua vingança !
Já lagrimas tristes chorárão teus filhos,
Teus filhos que chórão tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, resurjão os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã ;
Conheção-te os féros, confessem vencidos
Que es grande e te vingas, qu'es Deus, ó Tupan !

TABYRA

DEDICATORIA AOS PERNAMBUCANOS

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
Boiante sobre as agoas !
Amigo genio te formou na Europa,
Genio melhor te desportou sorrindo
Á sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra ! são teus montes
Arrelvados, innumerous teus valles,
Cujas veias são rios !
Doces teus prados, tuas varzeas fertéis,
Onde reluz o fructo sasonado
Entre o matiz das flôres !

Outros, patria d'heroes, teus feitos cantem,
E a bella historia de colonia exaltem,
 E os nomes forasteiros ;
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos.
 Expriados no mar !

Ambas vós, sobre tudo americanas,
Doces flôres dos mares de Colombo,
 Filhas do norte ardente !
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas
Sorrirem d'innocencia á propria imagem,
 Que luz em claro arroyo.

Andei, por vós sómente, em vossas matas,
Colhendo agrestes flôres na floresta,
 Não respiradas nunca,
Singelas, como vós, — como vós, bellas,
Ennastrei-as em forma de grinalda
 Fino, extremoso amante !

Não vivem muitos as flôres : são meus versos
Ephemeros como ellas ; côr sem brilho,
 Ou perfume apagado,
Ou trino fraco d'ave matutina,
Ou echo de um baixel que passa ao longe
 Com descante saudoso.

TABYRA

Les *peaux rouges*, plus nobles, mais plus infortunées que les *peaux noires*, qui arriveront un jour à la liberté par l'esclavage, n'ont d'autre recours que la mort, parce que leur nature se refuse à la servitude.

É Tabyra guerreiro valente,
 Cumpre as partes de chefe e soldado;
 É caudilho de tribu potente,
 — Tobajaras — o povo senhor;
 Ninguem mais observa o tratado,
 Ninguem menos de p'rigos se aterra,
 Ninguem corre aos acenos da guerra
 Mais depressa que o bom lidador !

Seu viver é batalha aturada,
 Dos contrarios a traça aventando;
 É dispor a cilada arriscada,
 Onde o imigo se venha metter !
 Levão noites com elle sonhando
 Potiguares, que o virão de perto;
 Potiguares, que assellão por certo
 Que Tabyra só sabe vencer !

Mil enganos lhe têm já tecido,
 Mil ciladas lhe têm preparado;
 Mas Tabyra, fatal, destemido,
 Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
 Sempre o plano da guerra é frustrado,
 Sempre bravo fronteiro apparece,
 Que os enganos crueis lhes destece,
 Face a face, arco e setas na mão.

Já dos Luzos o troço apoucado,
Paz firmando com elle traidôra,
Dorme illeso na fé do tratado,
Que Tabyra é valente e leal.
Sem Tabyra dos Luzos que fôra ?
Sem Tabyra que os guarda e defende,
Que das pazes talvez se arrepende
Já feridas outr'ora em seu mal !

Chefe estulto d'um povo de bravos,
Mas que os piágas victorias te fadem,
Hão de os teus, miserandos escravos,
Taes triunfos um dia chorar !
Caraíbas taes feitos applaudem,
Mas sorrindo vos forjão cadeias,
E pesadas algemas, e peias,
Que traidores vos hão de lançar !

Chefe estolido, insano, imprudente,
Sangue e vida dos teus malbaratas ?!
Mingua as forças da tribu potente,
Vencedora da raça Tupi !
Hão de os teus, acoçados nas matas,
Mal feridos, sangrentos, ignavos,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti !

Vivem homens de pel' côr da noite
Neste solo, que a vida embelleza ;
Podem, servos, debaixo do açoite,
Nenias tristes da patria cantar !
Mas o indio que a vida só préza
Por amor dos combates, e festas
Dos triunfos sangrentos, e sestas
Resguardadas do sol no palmar ;

Ocioso, indolente, vadio,
Ou activo, incançavel, fragueiro ;
Já nas matas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer ;
Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a gloria, ama a vida ; mas antes
Que viver amargados instantes,
Quer e póde e bem sabe morrer !

Eia, avante ! ó caudilho valente !
Potiguares lá vêm denodados ;
Tão cerrado concurso de gente
Ninguém vio nestas partes assim !
Poucos são, mas briosos soldados ;
Não são homens de aspecto jocundo !
Restos são, mas são restos d'um mundo ;
Poucos são, mas soldados por fim !

Os seus velhos disserão comsigo,
Discutindo os motivos da guerra :
« É Tabyra — cruel, inimigo,
Já nem crê, renegado, em Tupan ! »
Pés robustos lá batem na terra,
Pó ligeiro se expande nos ares :
Era noite ! milhar de milhares
São armados, mal rompe a manhã.

Vêm soberbos, — o sol luz apenas !
Confiados, galhardos, lustrosos,
Vêm bizarros nas armas, nas pennas,
Atrevidos no accento e na voz !
Um d'entre elles, dos mais orgulhosos,
Sóbe á pressa nas aspas d'um monte :

Dalli brada, postado defronte
De Tabyra — com geito feroz :

« O Tabyra, Tabyra ! aqui somos
A provar nossas forças contigo ;
Dizes tu que vencidos já fomos !
Dil'-o tu, não n'ó diz mais ninguém.
Ora eu só a vós todos vos digo :
Sois cobardes, irmãos de Tabyra !
Propagastes solemne mentira,
Que vencer não sabemos também.

« Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, — sou forte :
Occorrei ao meu nobre reclamo !
Aqui sou, nem me parto daqui !
Vinde todos em densa cohorte :
Travaremos combate sangrento ;
Mas por fim do triunfo cruento
Direis vós se fui eu quem menti. »

Disse o arauto : eis a turba ufanosa
Lhe responde, arco e setas brandindo,
Pés batidos, voz alta e ruidosa :
— Bem fallado, ó guerreiro, mui bem !
Assim é ; mas Tabyra rugindo,
Resentido de offensas tamanhas,
O rancor mal encobre das sanhas,
Que não lava no sangue de alguém.

Raso outeiro alli perto se offrece :
Vinga-o prestes, hardido, açodado !...
Como leiva de pallida messe,
Já madura, tremendo no pé.

Todo o campo descobre occupado
 Por guerreiros, — no extremo horisonte
 Não distingue, nas faldas do monte,
 O que é gente, o que gente não é.

Não se abala o preclaro guerreiro,
 Do que vê seu valor não fraqueia ;
Diz consigo : « Um só golpe certo
Vai de todo esta raça apagar!
Juntos são, mas são meus ! » — Já vozeia :
 Logo os seus lhe respondem gritando,
 Taes rugidos, taes roncossoltando
 Que aos seus proprios devêrão turbar !

Diz a fama que então de assustadas
 Muitas aves que o espaço cruzavão,
 De pavor subitaneo tomadas,
 Descahião pasmadas no chão :
 Já com silvos e atitos voavão
 Muitas outras, que o triste gemido
 No conflicto, abafado e sumido,
 Talvez derão, — mas fraco, mas vão !

Eis que os arcos de longe se encurvão,
 Eis que as setas aladas já voão,
 Eis que os ares se cobrem, se turvão,
 De frechados, de surdos que são.
 Novos gritos mais altos reboão,
 Entre as hostes se apaga o terreno,
 Já tornado apoucado e pequeno,
 Já coberto de mortos o chão !

Peito a peito encontrados afoutos,
 Braço a braço travados briosos,

Fervem todos inquietos, revoltos,
 Qu'indecisa a victoria inda está.
 Todos movem tacápes pesados;
 Qual resvala, qual todo se enterra
 No inimigo que morde na terra,
 Que sepulcro talvez lhe será.

« Mas Tabyra ! Tabyra ? que é d'elle ?
 « Onde agora se esconde o pujante ? »
 — Não n'ó vedes ? ! — Tabyra é aquelle
 — Que sangrento, impiedoso lá vai !
 — Vel-o-heis andar sempre adiante,
 — Larga esteira de mortos deixando
 — Traz de si, como o raio cortando
 — Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

« Foge ! foge ! leal Tobajara ;
 « Quantos arcos que em ti fazem mira ? ! »
 — Muitos são ; porém medos encara
 — Face a face, quem é como eu sou ! —
 Muitas setas cravejão Tabyra :
 Bello quadro ! — mas vel-o era horrivel !
 Porco-espim que sangrado e terrivel
 Duras cerdas raivando espetou !

Tem um olho d'um tiro frechado !
 Quebra as setas que os passos lh'impedem,
 E do rosto, em seu sangue lavado,
 Frecha e olho arrebatada sem dó !
 E aos imigos que o campo não cedem,
 Olho e frecha mostrando extorquidos,
 Diz, em voz que mais erão rugidos :
 — Basta, vis, por vencer-vos um só !

E com furia tão grande arremettem,
Com despêgo tão nobre da vida ;
Tantos golpes, tão fundos repetem,
Que senhores do campo já são !
Potiguares lá vão de fugida,
Inda á fera mais torva e bravía
Disputando guarida d'um dia
No mais fundo do vasto sertão !

Potiguares, que a aurora risonha
Vio nação numerosa e potente,
Não já povo na tarde medonha,
Mas só restos d'um povo infeliz !
Insepultos na terra inclemente
Muitos dormem ; mas ha quem lh'inveja
Essa morte do bravo em peleja,
Quem a vida do escravo maldiz !

« Este o conto que os Indios contavão,
« A deshoras, na triste senzala ;
« Outros homens alli descanzavão,
« Negra pel' ; mas escravos tambem.
« Não choravão ; sómente na falla
« Era um quê da tristeza que mora
« Dentro d'alma do homem que chora
« O passado e o presente que tem ! »

O GIGANTE DE PEDRA

O guerriers ! ne laissez pas ma dépouille au corbeau ;
Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,
Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
Quelle montagne est mon tombeau !

V. HUGO. — *Le Géant.*

I

Gigante orgulhoso, de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir !
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios sómente pudérão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devêra cuidadoso, sanhudo velar ;
O raio passando o deixou fulminado,
E á aurora, que surge, não ha de acordar !

Co'os braços no peito cruzados, nervosos,
Mais alto que as nuvens! os céos a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seu pés sobranceiros se elevão do mar !

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultão immensos : só Deos poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,
Curvados ao peso, que sobre lhe 'stá.

E o céu, e as estrellas e os astros fulgentes.
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudario são neyeas algentes,
E o crepe, que o cobre, são negros bulcões.

Da noite, que surge, no manto fagueiro
Quiz Deos que se erguesse, de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do sol no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão-no odores que as flôres exhalão,
Bafejão-no carmes de um hymno de amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estaião,
Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormido
Campeia o gigante, — nem póde acordar !
Cruzados os braços de ferro fundido,
Á fronte nas nuvens, os pés sobre o mar !

II

Banha o sol os horizontes,
Trepa os castellos dos céus,
Aclara serras e fontes,
Vigia os dominios seus :
Já descahe p'ra o occidente,
E em globo de fogo ardente
Vai-se no mar esconder ;
E lá campeia o gigante,
Sem destorcer o semblante,
Immoavel, mudo, a jazer !

Vem a noite após o dia,
Vem o silencio, o frescor,
E a brisa leve e macia,
Que lhe suspira ao redor ;
E da noite entre os negroses,

Das estrellas os fulgores
Brilhão na face do mar :
Brilha a lua scintillante,
E sempre mudo o gigante,
Immovel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,
E outra noite tambem,
Outra lua que aos céds monta,
Outro sol que após lhe vem :
Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão,
E sempre o duro gigante,
Immovel, mudo, constante
Na calma e na cerração !

Corre o tempo fugidio,
Vem das aguas a estação,
Após ella o quente estio ;
E na calma do verão
Crescem folhas, vingão flôres,
Entre galas e verdores
Sazonão-se fructos mil ;
Cobrem-se os prados de relva,
Murmura o vento na selva,
Azulão-se os céos de anil !

Tornão prados a despir-se,
Tornão flôres a murchar,
Tornão de novo a vestir-se,
Tornão depois a seccar ;
E como gota filtrada
De uma abobada escavada

Sempre, incessante a cahir,
Tombão as horas e os dias,
Como phantasmas sombrias,
Nos abysmos do porvir !

E no feretro de montes
Inconcusso, immovel, fito,
Escurece os horizontes
O gigante de granito
Com soberba indiferença
Sente extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés ;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropellão aos pés !

III

E lá na montanha deitado dormido
Campeia o gigante ! — nem póde acordar !
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, e o pés sobre o mar !...

IV

Vio primeiro os incolas
Robustos, das florestas,
Batendo os arcos rigidos,
Traçando homereas festas,
A luz dos fogos rutilos,
Aos sons do murmuré !

E em Guanabara esplendida
As danças dos guerreiros,
E o guáu cadente e vário
Dos moços prazenteiros,
E os cantos da victoria
Tangidos no boré.

E das ygaras concavas
A frota aparelhada,
Vistosa e formosissima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, mas que frageis,
Os ventos constrastar :

E a caça leda e rapida
Por serras, por devezas,
E os cantos da janubia
Junto ás lenhas accesas,
Quando o tapuya misero
Seus feitos vai narrar !

E o germen da discordia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rusticos
Das tribus sempre amigas,
— Tamoy a raça antiga,
Feroz Tupinambá.

Lá vai a gente improvida,
Nação vencida, imbelle,
Buscando as matas invias,
Doñde outra tribu a expelle ;
Jaz o pagé sem gloria,
Sem gloria o maracá.

Depois em náos flammivomas
Um troço hardido e forte,
Cobrindo os campos humidos
De fumo, e sangue, e morte,
Traz dos reparos horridos
D'altissimo pavez :

E do sangrento pelago
Em miseras ruinas
Surgir galhardas, limpidas
As portuguezas quinas,
Murchos os lises candidos
Do improvido gaulez !

V

Mudarão-se os tempo e a face da terra,
Cidades alastrão o antigo paúl ;
Mas inda o gigante, que dorme na serra,
Se abraça ao immenso cruzeiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados,
Talhados a golpes de ignoto buril,
Desçaça, ó gigante, que encerras os fados,
Que os terminos guardas do vasto Brazil.

Porêm se algum dia fortuna inconstante
Puder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, ó duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar !

LEITO DE FOLHAS VERDES

Porque tardas, Jatyr, que tanto a custo
A voz do meu amor moves teus passos ?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira áltiva
Nosso leito gentil cobri zeloza
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flôres.

Do tamarindo a flôr abrio-se, ha pouco,
Já solta o bogarî mais doce aroma !
Como prece de amor, como estas preces,
No silencio da noite o bosque exhala.

Brilha a lua no céo, brilhão estrellas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo magico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida !

A flôr que desabrocha ao romper d'alva
Um só gyro do sol, não mais, vegeta :
Eu sou aquella flôr que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejão valles ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vas, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento ;
Outro amor nunca tive ; es meu, sou tua !

Meus olhos outros olhos nunca virao,
 Não sentirão meus labios outros labios,
 Nem outras mãos, Jatyr, que não as tuas
 A arasoya na cinta me apertarão.

Do tamarindo a flôr jaz entre-aberta,
 Já solta o bogarî mais doce aroma ;
 Também meu coração, como estas flôres,
 Melhor perfume ao pé da noite exhala !

Não me escutas, Jatyr ! nem tardo acodes
 Á voz do meu amor, que em vão te chama !
 Tupan ! lá rompe o sol ! do leito inutil
 A brisa da manhã sacuda as folhas !

Y-JUCA-PYRAMA

I

No meio das tabas de amenos verdores,
 Cercadas de troncos — cobertos de flôres,
 Alteião-se os tectos d'altiva nação ;
 São muitos seus filhos, nos animos fortes,
 Temiveis na guerra, que em densas cohortes,
 Assombrão das matas a immensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de gloria,
 Já prelios incitão, já cantão victoria,
 Já meigos attendem á voz do cantor :
 São todos Tymbiras, guerreiros valentes !
 Seu nome lá vòa na bocca das gentes,
 Condão de prodigios, de gloria e terror !

As tribus vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspirarão dos seus maracás :
Medrosos das guerras que os fortes accendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concilio guerreiro
Da tribu senhora, das tribus servis :
Os velhos sentados praticão d'outr'ora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramão-se em torno d'um indio infeliz.

Quem é? — ninguém sabe : seu nome é ignoto,
Sua tribu não diz : — mas de um povo remoto
Descende por certo — d'um povo gentil ;
Assim lá na Grecia ao escravo insulano
Tornavão distincto do vil musulmano
As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra cahio prisioneiro
Nas mãos dos Tymbiras ; — no extenso terreiro
Assola-se o tecto, que o teve em prisão ;
Convidão-se as tribus dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das côres,
Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com pennas gentis :
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vario matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,
Afeitadas ao rito da barbara usança,
O indio já querem captivo acabar :
A coma lhe cortão, os membros lhe tingem,
Brilhante enduápe no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar.

II

Em fundos vasos d'alvacentas argilla
Ferve o cauim ;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anceião,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no occaso
Jámais verá !

A dura corda, que lhe enlaça o collo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim !

Comtudo os olhos d'ignobil pranto
Seccos estão ;
Mudos os labios não descerrão queixas
Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não póde,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz !

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te virão,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,
Lá murcha e pende:
Sómente ao tronco, que devassa os ares,
O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle cahisse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Alem dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de noveis guerreiros
Ledo caminha o festival Tymbira,
A quem do sacrificio cabe a honra.
Na frente o kanitar sacode em ondas,
O enduápe na cinta se embalança,
Na dextra mão sopesa a iverapeme,

Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
 Collar d'alvo marfim, insignia d'honra,
 Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,
 Como que por feitiço não sabido
 Encantadas alli as almas grandes
 Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
 Screm gloria e brasão d'imigos ferós.

« Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;
 « Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,
 « As nossas matas devassaste ousado,
 « Morrerás morte vil da mão de um forte. »
 Vem a terreiro o misero contrario;
 Do collo á cinta a musurana desce :
 « Dize-nos tu quem es, teus feitos canta,
 « Ou, se te apraz, defende-te. » Começa
 O indio, que ao redor derrama os olhos,
 Com triste voz que os animos commove.

IV

Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi :
 Sou filho das selvas,
 Nas selvas cresci ;
 Guerreiros, descendo
 Da tribu tupi.

Da tribu pujante,
 Que agora anda errante
 Por fado inconstante,
 Guerreiros, nasci :
 Sou bravo, sou forte,

Sou filho do Norte ;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribus imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei ;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aymorés ;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos !
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás ;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinhão traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu ultimo amigo,
Sem lar, sem abrigo

Cahio junto a mi !
Com placido rosto,
Serenos e composto,
O acerbo desgosto
Commigo soffri.

Meu pae a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi :
Nós ambos, mesquinhos,
Por invios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegámos aqui !

O velho no entanto
Soffrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer !
Não mais me contendo,
Nas matas mē embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Cahi prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei :
O cru dessocego
Do pae fraco e cego,
Emquanto não chego,
Qual seja, — dizei !

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deos lhe deixou :
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Emquanto descreve
O gyro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo :
Aqui virei ter.
Guerreiros, não córo,
Do pranto que choro,
Se a vida deploro,
Tambem sei morrer.

V

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba :
Os guerreiros murmurão : mal ouvirão,
Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,

Afrouxão-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

— Tymbira, diz o indio enternecido,
Sólto apenas dos nós que o seguravão:
Es um guerreiro illustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te commoveste,
Nem soffres que, transporta a natureza,
Com olhos onde a luz já não scintilla,
Chore a morte do filho o pae caçado,
Que sómente por seu na voz conhece.

— Es livre; parte.

— E voltarei.

— Debalde.

— Sim, voltarei, morto meu pai.

— Não voltes!

É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: es livre; parte!

— Acaso tu suppões que me acobardo,
Que receio morrer!

— Es livre; parte!

— Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso affronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!... parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precipite; do rosto afogueado
Gelidas bagas de suor corrião:

Talvez que o assaltava um pensamento...
 Já não... que na enlutada fantasia,
 Um pezar, um martyrio ao mesmo tempo,
 Do velho pae a moribunda imagem
 Quasi bradar-lhe ouvia : — Ingrato ! ingrato ! —
 Curvado o collo, taciturno e frio,
 Espectro d'homem, penetrou no bosque !

VI

— Filho meu, onde estás ?

— Ao vosso lado ;

Aqui vos trago provisões : tomai-as,
 As vossas forças restaurai perdidas,
 E a caminho, e já !

— Tardaste muito !

Não era nado o sol, quando pãrtiste,
 E frouxo o seu calor já sinto agora !
 — Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
 Perdi-me nestas matas intrincadas,
 Reaviei-me e tornei ; mas urge o tempo ;
 Convem partir, e já !

— Que novos males

Nos resta de soffrer ? que novas dôres,
 Que outro fado peor Tupan nos guarda ?

— As setas da afflicção já se esgotárão,
 Nem para novo golpe espaço intacto
 Em nossos corpos resta.

— Mas tu tremes !

— Talvez do afan da caça...

— Oh filho caro !

Um quê mysterioso aqui me falla,
Aqui no coração ; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca !
Não conheces temor, e agora temes ?
Vejo e sei : é Tupan que nos afflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos !... —

E com mão tremula, incerta
Procura o filho, tacteando as trevas
Da sua noite lugubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéa fatal correu-lhe á mente...
Do filho os membros gelidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo : foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro craneo,
Despido então do natural ornato !...
Recúa afflicto e pavido, cobrindo
Ás mãos ambas os olhos fulminados ;
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
D'aquelle exicio grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.
Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido ;
Mas que funesto azar corrêra o filho,
Elle o via ; elle o tinha alli presente ;
E era de repetir-se a cada instante,
A dôr passada, a previsão futura
E o presente tão negro, alli os tinha ;
Alli no coração se concentrava,
Era n'um ponto só, mas era a morte !

- Tu prisioneiro, tu ?
 — Vós o dissestes.
- Dos indios ?
 — Sim.
 — De que nação ?
 — Tymbiras.
- E a musurana funeral rompeste,
 Dos falsos manitôs quebraste a maça...
- Nada fiz... aqui estou.
 — Nada ! —
 Emmudecem ;
- Curto instante depois prosegue o velho :
- Tu es valente, bem o sei ; confessa,
 Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo !
- Nada fiz, mas souberão da existencia
 De um pobre velho, que em mim só vivia...
- E depois ?...
 — Eis me aqui.
 — Fica essa taba ?
- Na direcção do sol, quando transmonta.
- Longe ?
 — Não muito.
- Tens razão : partamos.
- E quereis ir?...
 — Na direcção do occaso.

VII

« Por amor de um triste velho,
 Que ao termo fatal já chega,

Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Acção tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortezia
Vi eu jámais praticada
Entre os Tupis, — e mais forão
Senhores em gentileza.

« Eu porêem nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos actos ;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis ;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrificio
E a musurana ligeira ;
Em tudo o rito se cumpra !
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelão,
Alguem que meus passos guie ;
Alguem, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pae se ufane ! »
Mas o chefe dos Tymbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo accento :

— Nada farei do que dizes ;
É teu filho imbelle e fraco !
Aviltaria o triumpho

Da mais guerreira das tribus
Derramar seu ignobil sangue :
Elle chorou de cobarde ;
Nós outros, fortes Tymbiras,
Só de heróes fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha !

VIII

« Tu choraste em presença da morte ?
Na presença de estranhos choraste ?
Não descende o cobarde do forte ;
Pois choraste, meu filho não es !
Possas tu, descendente maldicto
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros,
Seres presa de vis Aymorés.

« Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem patria vagando,
Regeitado da morte nã guerra,
Regeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado ;
Não encontres amor nas mulheres ;
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenhão alma inconstante e fallaz !
« Não encontres doçura no dia,
Nem as côres da aurora te ameiguem,

E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanço gozar :
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

« Que a teus passos a relva se torre,
Murchem prados, a flôr desfalleça,
E o regato que limpido corre,
Mais te accenda o vesano furor ;
Suas agoas depressa se tornem,
Ao contacto dos labios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror !

« Sempre o céu, como um tecto incendiado,
Creste e punja teus membros maldictos
E o oceano de pó denegrado
Seja a terra ao ignavo tupi !
Miseravel, faminto, sedento,
Manitôs lhe não fallem nos sonhos;
E de horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

« Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argilla cuidadoso
Arco e frecha e tacápe a teus pés !
Sê maldicto, e sósinho na terra ;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não es. »

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupan tamanha dôr, tal fado
Já nos confins da vida reservára,
Vae com tremulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma ! alarma ! — O velho pára ;
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu ja tantas vézes
N'outra quadra melhor. — Alarma ! alarma !
— Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos trances, as angustias,
Que o frio coração lhe atormentarão
De guerreiro e de pae : — vale, e de sobra.
Elle que em tanta dôr se contivera,
Tomado pelo subito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soão,
Emmaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, ennovela-se confusa,
E mais revolta em mor furôr se accende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravão.

Era elle, o Tupi ; nem fôra justo
 Que a fama dos Tupis — o nome, a gloria,
 Aturado labor de tantos annos,
 Derradeiro brasão da raça extincta,
 De um jacto e por um só se aniquilasse

— Basta ! já clama o chefe dos Tymbiras,
 — Basta, guerreiro illustre ! assás lutaste.
 — E para o sacrificio é mister forças. —
 O guerreiro parou, cahio nos braços
 Do velho pae, que o cinge contra o peito,
 Com lagrimas de jubilo bradando :
 « Este, sim, que é meu filho muito amado !
 « E pois que o acho em fim, qual sempre o tive
 « Corraõ livres as lagrimas que choro,
 « Estas lagrimas, sim, que não deshonraõ. »

X

Um velho Tymbira, coberto de gloria,
 Guardou a memoria
 Do moço guerreiro, do velho Tupi !
 E á noite, nas tabas, se alguem duvidava
 Do que elle contava,
 Dizia prudente : — « Meninos, eu vi !
 « Eu vi o brioso no largo terreiro
 Cantar prisioneiro
 Seu canto de morte, que nunca esqueci :
 Valente, como era, chorou sem ter pejo ;
 Parece que o vejo,
 Que o tenho n'est'hora diante de mi. »

« Eu disse comigo : Que infamia d'escravo !
 Pois não, era um bravo :
 Valente e bríoso, como elle, não vi !
 E á fé que vos digo : parece-me encanto
 Que quem chorou tanto,
 Tivesse a coragem que tinha o Tupi ! »

Assim o Tymbira, coberto de gloria,
 Guardava a memoria
 Do moço guerreiro, do velho Tupi.
 E á noite nas tabas, se alguém duvidava
 Do que elle contavã,
 Tornava prudente : « Meninos, eu vi ! »

MARABÁ

Eu vivo sósinha ; ninguém me procura !
 Acaso feitura
 Não sou de Tupá!
 Se algum d'entre os homens de mim não se esconde,
 — Tu es, me responde,
 — Tu es Marabá !

— Meus olhos são garços, são côr das saphiras,
 — Tem luz das estrellas, tem meigo brilhar ;
 — Imitão as nuvens de um ceu anilado,
 — As côres imitão das vagas do mar ! —

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos :
 « Teus olhos são garços, »

Responde anojado : « mas es Marabá :
 « Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
 « Uns olhos fulgentes,
 « Bem pretos, retinctos, não côr d'anajá ! »

— É alvo meu rosto da alvura dos lyrios,
 — Da côr das areias batidas do mar ;
 — As aves mais brancas, as conchas mais puras
 — Não tem mais alvura, não tem mais brilhar.—

Se ainda me escuta meus agros delirios :
 « Es alva de lyrios »

Sorrindo responde ; « mas es Marabá :
 « Quero antes um rosto de jambo corado,
 « Um rosto crestado
 « Do sol do deserto, não flôr de cajá. »

— Meu collo de leve se encurva engraçado,
 — Como hastea pendente do cactos em flôr ;
 — Mimosa, indolente, resvalo no prado,
 — Como um soluçado suspiro de amor ! —

« Eu amo a estatura flexivel, ligeira,
 « Qual d'uma palmeira »

Então me respondem ; tu es Marabá :
 « Quero antes o collo da ema orgulhosa,
 « Que pisa vaidosa,
 « Que as floreas campinas governa, onde está. »

— Meus loiros cabellos em ondas se annelão,
 — O oiro mais puro não tem seu fulgor ;
 — As brisas nos bosques de os ver se enamorão,
 — De os ver tão formosos como um beija-flôr ! —

Mas elles respondem ; « Teus longos cabellos,
« São loiros, são bellos,
« Mas são annelados ; tu es Marabá :
« Quero antes cabellos, bem lisos, corridos,
« Cabellos compridos,
Não côr d'oiro fino, nem côr d'anajá. »

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem n'as direi ?
O ramo d'acacia na frente de um homem
Jámais cingirei :

Jámais um guerreiro da minha arasoya
Me desprenderá :
Eu vivo sósinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá !

CANÇÃO DO TAMOYO

NATALICIA

I

Não chores, meu filho ;
Não chores, que a vida
É luta renhida ;
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos !
O homem que é forte
Não teme da morte ;
Só teme fugir ;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quem seja tapuya,
Condor ou tapyr.

III

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz ;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frentes,
Escutão-lhe a voz !

IV

Domina, se vive ;
Se morre, descança,
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida !
Sê bravo, sê forte !
Não fujas da morte,
Que a morte ha de vir !

V

E pois que es meu filho.
Meus brios reveste :
Tamoyo nasceste,
Valente serás,
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoyos
Na guerra e na paz.

VI

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil commoção ;
E tremão d'ouvil-o
Peor que o sibilo
Das setas ligeiras,
Peor que o trovão.

VII

E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos creados
Na lei do terror ;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dôr !

VIII

Porém se a fortuna,
Trahindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo fallaz !
Na ultima hora
Teus feitos memora
Tranquillo nos gestos,
Impavido, audaz.

IX

E cae como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão ;
Assim morre o forte !
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X

As armas ensaia,
Penetra na vida :
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só póde exaltar.

A MANGUEIRA

Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira,
E a doce fruta amarella,
Sorrindo entre as folhas della,
E a leve copa altaneira ?
Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira ?

Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho ;
Todo é graça, todo amores,
Decantando seus ardores
Á beira do casto ninho :
Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho !

O cançado viandante
Á sombra della acha abrigo ;
Traz-lhe a aragem susurrante,
Que lhe passa no semblante,
Talvez o adeos d'um amigo ;
E o cançado viandante
Á sombra della acha abrigo.

A sombra que ella derrama
Todas as dôres acalma ;
Seja dôr que o peito inflamma,
Ou voraz, nociva chamma
Que nos mora dentro d'alma,
A sombra que ella derrama
Todas as dôres acalma.

O mancebo namorado
Para ella se encaminha ;
Bate-lhe o peito açodado,
Quando chega o prazo dado,
Quando ao tronco se avisinha,
E o mancebo namorado
Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa
Mil suspiros se entrelação,
E d'uma hora aventureosa
Guarda a prova a casca annosa
Nas cifras que alli se abração :
Sob a copa venturosa
Mil suspiros se entrelação.

Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem,
Deixa-me ouvir teus cantores,
Admirar teus verdores ;
Presta-me abrigo tambem,
Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem !

A MÃE D'AGUA

« Minha mãe, olha aqui dentro,
Olha a bella creatura,
Que dentro d'agoa se vê !
São d'ouro os longos cabellos,

Gentil a doce figura,
Airosa, leve a estatura ;
Olha, vê no fundo d'agua
Que bella moça não é!

« Minha mãe, no fundo d'agua
Vê essa mulher tão bella !
O sorrir dos labios della,
Inda mais doce que o teu,
É como a nuvem rosada,
Que no romper da alvorada,
Passa risonha no céu.

« Olha, mãe, olha depressa !
Inclina a leve cabeça
E nas mãosinhas resume
A fina trança mimosa,
E com pente de marfim !
Olha agora que me avista
A bella moça formosa,
Como se fez toda rosa,
Toda candura e jasmim !
Dize, mãe, dize: tu julgas
Que ella se ri para mim !

« São seus labios entre-abertos
Semelhantes a romã :
Tem ares d'uma princeza,
E no emtanto é tão medrosa !...
Inda mais que minha irmã.
Olha, mãe, sabes quem é
A bella moça formosa,
Que dentro d'agua se vê ? »

— Tem-te, meu filho ; não olhes
Na funda, lisa corrente :
A imagem que te embelleza
É mais do que uma princeza,
É menos do que é a gente.

— Oh ! quantas mães desgraçadas
Chorão seus filhos perdidos !
Meu filho, sabes porquê ?
Foi porque derão ouvidos
A leve sombra enganosa,
Que dentro d'agua se vê.

— O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã ;
Não vale aquillo que eu valho,
Nem o que val tua irmã :
É como a nuvem sem corpo,
De quando rompe a manhã.

— É a mãe d'agua traidora,
Que illude os faceis meninos,
Quando elle são pequeninos
E obedientes não são ;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração :
O seu sorriso é mentira,
É terrível tentação. —

Junto ao rio crystallino
Brincava o ledó menino,
Molhando o pé ;

O fresco humor o convida,
Menos que a imagem querida,
Que n'agua vê.

Cauteloso de repente,
Ouve um conselho prudente,
Que a mãe lhe dá;
Não é anjo, não é fada;
Mas uma bruxa malvada,
E cousa má.

Ella é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
Ou mais talvez!
E para vingar-se n'agoa
Da causa de tanta mágoa,
Remeche os pés.

Turba a fonte n'um instante,
Já não vê o bello infante
A sombra vã,
E as brancas mãos delicadas
E as longas tranças douradas
Da sua irmã.

O menino arrependido
Diz comsigo entristecido :
— Que mal fiz eu !
Minha mãe, bem que indulgente,
Só por não me ver contente,
Me repr'hendeu. —

Era figura tão bella!
E que expressão tão singela,

Que riso o seu !
Oh ! minha mãe certamente
Só por não me ver contente,
Me repr'hendeu !

Espreita, sim, mas duvida
Que a bella imagem querida
Torne a volver ;
E na fonte crystallina
Para ver todo se inclina
Se a póde ver !

Acha-se ainda turbada,
E a bella moça agastada
Não quer voltar ;
Sacode leve a cabeça,
Emquanto o pranto começa
A borbulhar.

E de triste e arrependido
Diz comsigo entristecido :
— Que mal fiz eu !...
— Leda ao ver-me parecia,
— Era boa, e me sorria...
— Que riso o seu !

As aguas no emtanto de novo se aplacão,
A lisa corrente se espelha outra vez ;
E a imagem querida no fundo apparece
Com mil peixes varios brincando a seus

Do collo uma charpa trazia pendente,
Cortando-lhe o seio de brancos jasmims,
Um iris nas côres, e as franjas bordadas
De prata luzente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,
Gemendo queixosa da leve pressão,
Como harpas ethereas, que as brisas conversão,
Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
E o bello menino, sentado, a chorar
« Perdôa, dizia-lhe, o mal que te hei feito ;
Por minha vontade não hei de tornar ! »

A harpa dourada de subito vibra,
A charpa se agita do seio ao travez ;
Das franjas garbosas as pedras reflectem
Infundos lizeiros nos humidos pés.

Os peixes pasmados de subito parão
No fundo luzente de puro crystal ;
Fantasticos seres assomão ás grutas
Do nitido ambar, dó vivo coral!

Emtanto o menino se curva e se inclina
Por ver mais de perto a donosa visão ;
A mãe, longe d'elle dizia : — Meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

« Vem meu amigo » dizia
A bella fada engraçada,
Pulsando a harpa dourada :

« Sou boa, não faço mal,
Vem ver meus bellos palacios,
Meus dominios dilatados
Meus thesouros encantados
No meu reino de crystal.

« Vem, te chamo : vê a limpha
Como é bella e crystallina ;
Vê esta areia tão fina,
Que mais que a neve seduz !
Vem, verás como aqui dentro
Brincão mil leves amores,
Como em listas multicores
Do sol se desfaz a luz.

« Se não achas borboletas
Nem as vagas mariposas,
Que brincão por entre as rosas
Do teu ameno jardim ;
Tens mil peixinhos brilhantes,
Mais luzentes e mais bellos
Que o oiro dos meus cabellos,
Que a nitidez do setim. »

Emtanto o menino se curva e se inclina
Por ver de mais perto a donosa visão ;
E a mãe, lenge d'elle, dizia : — Meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

« Vem, meu amigo, tornava
A bella fada engraçada,
Vem ver a minha morada,
O meu reino de crystal :
Não se sente a tempestade
Na minha espaçosa gruta,
Nem voz do trovão se escuta
Nem roncões do vendaval.

« Aqui, ao findar do dia,
Tudo rapido se accende,
E o meu palacio respande
De vivo, ethereo clarão.
Mil figuras apparecem,
Mil donzellas encantadas
Com angelicas toadas
De ameigar o coração.

« Quando passo, as brandas aguas
Por me ver passar se afastão,
E mil estrellas se engastão
Nas paredes do crystal.
Surtem luzes multicores,
Como desses pyrilampos,
Que tu vês andar nos campos,
Sem comtudo fazer mal.

« Quando passo, mil sereias,
Deixando as grutas limosas,
Formão ledas, pressurosas
O meu sequito real :
Vem ! dar-te hei meus palacios
Meus dominios dilatados,

Meus thesouros encantados
E o meu reino de crystal. »

Emtanto o menino se curva e se inclina
Para a visão ;
E a mãe lhe dizia : — Não vejas, meu filho,
Que é tentação. —

E o bello menino, dizendo comsigo
— Que bem fiz eu ! —
Por ver o thesouro gentil, engraçado,
Que já é seu,

Atira-se ás aguas : n'um grito medonho
A mãe lastimavel — Meu filho ! — bradou :
Respondem-lhe os echos ; porém voz humana
Aos gritos da triste não torna : — Aqui estou !

OS TYMBIRAS

POEMA AMERICANO

O. D. C.

A S. M. O SR. D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL



OS TYMBIRAS

INTRODUÇÃO

Os ritos semibárbaros dos Piágas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
Donde, como d'um throno, emfim se abrirão
Da cruz de Christo os piedosos braços ;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extinto,
Hei de cantar na lyra. — Evóco a sombra
Do selvagem guerreiro !... Torvo o aspecto,
Severo e quasi mudo, a lentos passos,
Caminha incerto, — o bipartido arco
Nas mãos sustenta, e dos despídos hombros
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,
Agora inúteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seus paes, embalde
Procura asylo, e foge o humano trato.

Quem pudera, guerreiro, nos seus cantos
A voz dos piágas teus um só momento
Repetir : essa voz que nas montanhas
Valente retumbava, e dentro d'alma
Vos ia derramando arrojo e brios,
Melhor que taças de cauim fortissimo?!
Outra vez a chapada e o bosque ouvirão
Dos filhos de Tupan a voz e os feitos
E as pocemas de morte, levantadas
Dentro do circo, onde o fatal delicto
Expia o malfadado prisioneiro,
Qu'enxerga a maçã e sente a mussurana
Cingir-lhe os rins a ennodoar-lhe o corpo :
E só de os escutar mais forte accento
Haverião de achar nos seus refolhos
O monte e a selva e novamente os échos.

Como os sons do boré, sôa o meu canto
Sagrado ao rudo povo americano :
Quem quer que a natureza estima e preza
E gôsta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque susurrando ao longe —
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de mirto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flôres enfeitando a lyra ;
Não me assentei nos cimos do Parnaso,
Nem vi correr a lympha da Castalia.
Cantor das selvas, entre bravas mattas
Aspero tronco da palmeira escolho.
Unido a elle soltarei meu canto,
Emquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes :
As lagrimas do orvalho por ventura
Da minha lyra distendendo as cordas,
Hão-de em parte amcigar e embrandecel-as.
Talvez o lenhador quando acommette
O tronco d'alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da segure
De puro mel, que abelhas fabricarão,
Talvez tambem nas folhas que engrinaldo,
A acacia branca o seu candor derrame
E a flôr do sassafras se estrelle amiga.

CANTO PRIMEIRO

Sentado em sitio escuso descansava
Dos Tymbiras o chefe em tronco annoso,
Itajuba, o valente, o destemido
Acoçador das feras, o guerreiro
Fabricador das incansaveis lutas.
Seu pae, chefe tambem, tambem Tymbira,
Chamava-se o Jaguar : delle era fama
Que os musculosos membros repellião
A frecha sibilante, e que o seu craneo
Da maça aos tesos golpes não cedia.
Cria-se... e em que não crê o povo estulto ?
Que um velho piága na espelunca horrenda
Aquelle encanto, inutil n'um cadaver,
Tirára ao pae defuncto, e ao filho vivo
Inteiro o transmittíra ; é certo ao menos
Que durante uma noite juntos forão
O moço e o velho e o pallido cadaver.

Mas, acertando um dia estar occulto
N'um denso tabocal, onde perdêra
Traços de fera, que revêr cuidava,

Seta ligeira atravessou-lhe um braço.
Mão d'imigo traidor a disparára,
Ou fôra algum dos seus, que receioso
Do mal causado, emmudeceu prudente.

Relata o caso, irreflectido, o chefe.
Mal crido foi ! — por abonar seu dito,
Redobra d'imprudencia, — mostra aos olhos
A traiçoeira frecha, o braço e o sangue.
A fama vôa, as tribus inimigas
Adunão-se, amotinão-se os guerreiros
E as boccas dizem : o Tymbira é morto !
Outras emendão : Mal ferido sangra !
Do nome do Itajuba se despega
O medo, — um só desastre venha, e logo
Esse encanto vae prestes converter-se
Em riso e farça das nações vizinhas !
Os Manitôs, que morão pendurados
Nas tabas d'Itajuba, que as protejão ;
O terror do seu nome já não vale,
Já defensão não é dos seus guerreiros!

Dos Gamellas um chefe destemido,
Cioso d'alcançar renome e gloria,
Vencendo a fama que os sertões enchia,
Sahio primeiro a campo, armado e forte ;
Guedelha e ronco dos sertões immensos,
Guerreiros mil e mil vinhão traz elle,
Cobrindo os montes e juncando as mattas.
Com pejado carcaz de ervadas setas
Tingidas d'urucú, segundo a usança
Barbara e fera, desgarrados gritos
Davão no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado
 O rei das selvas a propôr combate
 Dos Tymbiras ao chefe. — « A nós só caiba
 (Disse elle) a honra e a gloria ; entre nós ambos
 Decida-se a questão do esforço e brios.
 Estes, que vês, impavidos guerreiros,
 São meus, que me obedecem ; se me vences,
 São teus ; se és o vencido, os teus me sigão :
 Aceita ou foge, que a victoria é minha. »

— Não fugirei, responde-lhe Itajuba :
 Que os homens, meus iguaes, encarão fito
 O sol brilhante, e os não deslumbra o raio. —

« Serás, poisque me affrontas, torna o barbaro,
 Do meu valor trophéo, — e da victoria,
 Qu'hei-de certo alcançar, despojo opimo.
 Nas tabas em que habito ora as mulheres
 Tecem da sapucaya as longas cordas,
 Que os pulsos teus hão-de arrochar-te em breve ;
 E tu vil, e tu preso, e tu coberto
 D'escarneo e d'irrisão ! — Cheio de gloria,
 Além dos Andes voará meu nome ! »

O filho de Jaguar surriio-se a furto :
 Assim o pae sorri ao filho imberbe,
 Que desprezado o arco seu pequeno,
 Talhado para aquellas mãos sem forças,
 Tenta d'outro maior curvar as pontas
 Que vezes tres o mede em toda a altura !

Travárão luta fera os dois guerreiros.
 Primeiro ambos de longe as setas vibrão ;
 Amigos manitôs, que ambos protegem,

Nos ares as desgarrão. Do Gamella
Entrou a frecha tremula n'um tronco
E só parou no cerne ; a do Tymbira,
Ciciando veloz, fugio mais longe,
Roçando apenas os frondosos cimos.
Encontrão-se os tacápes, lá se partem ;
Ambos o punho inutil regeitando,
Estreitão-se valentes : braço a braço,
Alentando açodados, peito a peito,
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Scena vistosa ! quadro apparatuso !
Guerreiros velhos, á victoria affeitos,
Tamanhos campeões vendo n'arena,
E a luta horrivel e o combate acceso,
Mudos quedárão de terror transidos.
Qual d'aquelles heróes ha-de primeiro
Sentir o egregio esforço abandonal-o?
Perguntão ; mas não ha quem lhes responda.

São ambos fortes : o Tymbira hardido,
Esbelto como o tronco da palmeira,
Flexivel como a frecha bem talhada.
Ostenta-se robusto o rei das selvas ;
Seu corpo musculoso, immenso e forte
É como rocha enorme, que desaba
De serra altiva, e cáe no valle inteira.
Não vale humana força desprendel-a
D'alli, onde ella está ; fugaz corisco
Bate-lhe a calva frente sem partil-a.

Separão-se os guerreiros um do outro,
Foi d'um o pensamento, — a acção foi d'ambos

Ambos arquejão ; descoberto o peito
 Arfa, estúa, eleva-se, comprime-se,
 E o ar em ondas soffregos respirão.
 Cada qual, mais pasmado que medroso,
 Se estranha a força que no outro encontra,
 A mal euidada resistencia o irrita.
 Itajuba ! Itajuba ! — os seus exclamão.
 Guerreiro, tal como elle, se descora
 Um só momento, é dar-se por vencido.
 O filho de Jaguar voltou-se rapido.
 Donde essa voz partio ? quem n'ó aguilhõa ?
 Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto
 E os olhos cõr de sangue irados pulão.

« A tua vida a minha gloria insulta ! »
 Grita ao rival ; « e já de mais viveste. »
 Disse, e como o condor, descendo a prumo
 Dos astros, sobre o lhama descuidoso,
 Pávido o prende nas torcidas garras,
 E sóbe audaz onde não chega o raio...
 Või Itajuba sobre o rei das selvas,
 Cinge-o nos braços, contra si o aperta
 Com força incrível : o colosso vérga,
 Inclina-se, desaba, cáe de chofre,
 E o pó levanta e atrõa forte os echos.
 Assim cáe na floresta um tronco annoso,
 E o som da queda se propaga ao longe !

O fero vencedor um pé alçando,
 Morre ! — lhe brada — e o nome teu contigo !
 O pé desceu, batendo a arca do peito
 Do exanime vencido : os olhos turvos,
 Levou, a extrema vez, o desditoso

Áquelles céos d'azul, áquellas mattas,
Doce coberta de verdura e flôres !

Depois, erguendo o esqualido cadaver
Sobre a cabeça, horriavelmente bello,
Aos seus o mostra ensanguentado e torpe :
Então por vezes tres o horrendo grito
Do triumpho soltou; e os seus tres vezes
O mesmo grito em côro repetirão.
Aquella massa emfim vôa nos arcs ;
Porém na dextra do feliz guerreiro
Dividem-se entre os dedos as melenas,
De cujo craneo marejava o sangue !

Transbordando ufanía do successo
Inda recente, recordava as phases
Orgulhoso o guerreiro ! Ainda escuta
A dura voz, inda a figura avista
D'esse, que ousou atravessar-lhe as sanhas :
Lembra-se ! e da lembrança grato enlevo
Lhe côa n'alma em fogo : longos olhos,
Emquanto assim medita, vae levando
Por onde o céu e as selvas se confundem,
Por onde o rio, em tortuosos gyros,
Queixoso lambe as empedradas margens.
Assim o jugo seu não escorjassem
Trédos Gamellas c'o a nocturna fuga !
Perfidos ! o heróe jurou vingar-se !
Tremei ! qu'ha-de o valente debellar-vos !
E emquanto segue o céu, e o rio, e as selvas,
Crescem-lhe brios, força, — alteia o collo,
Fita orgulhoso a terra, onde não acha,
Nem crê achar quem lhe resista ; eis n'isto

Reconhece um dos seus, que pressuroso
 Corre a enconral-o, — rapido caminha ;
 Porém d'istante a instante, d'enfiado
 Vólta o pavido rosto, onde se pinta
 O susto vil, que denuncia o fraco.

Ó filho de Jaguar » de longe brada,
 N'este aperto nos vale, — eil-os se avanção
 Pujante contra nós, tão bastos, tantos,
 Como enredados troncos na floresta. »

« Tu sempre tremes, Jurucey, » tornou-lhe
 Com voz tranquilla e magestosa o chefe,
 « O mel, que em fallas sem cessar distillas,
 Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista :
 Amigos são talvez, amigas tribus,
 Algum chefe, que tem connosco as armas,
 Em signal d'alliança, espedaçado :
 Vem talvez festejar o meu triumpho,
 E os seus cantores celebrar meu nome, »

« Não ! não ! ouvi o som triste e sonoro
 Das ygaras, rompendo a custo as aguas,
 Dos remos manejados a compasso,
 E os seus guerreiros do boré, e os cantos
 Do combate ; parece, d'irritado,
 Tão grande peso agora a flôr lhe corta,
 Que o rio vae sorver as altas margens. »

— E são Gamellas ? — perguntou-lhe o chefe.
 « Vi-os, tornou-lhe Jurucey, — são elles ! »
 O chefe dos Tymbiras dentro d'alma
 Sentio odio e vingança remordel-o.
 Rugio a tempestade, mas lá dentro ;

Cá fóra retumbou, mas quasi extincta.
Começa então com voz cavada e surda :

« Irás tu, Jurucey, por mim dizer-lhes :
Itajuba, o valente, o rei da guerra,
Fabricador das incansaveis lutas,
Emquanto a maça não sopesa, enquanto
Dormem-lhe as setas no carcaz immoveis,
Off'rece-vos liança e paz ; — não ama,
Tigre repleto, espedaçar mais prezas,
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.
Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Cahidas a seus pés, a voz lhe escutão.
Vós outros, attendei, — cortai nas mattas
Troncos robustos e frondosas palmas,
E construi cabanas, — onde o corpo
Cahio do rei das selvas, — onde o sangue
D'aquelle heróe vossa perfidia atesta.
Aquella briga emfim de dois, tamanhos,
Signalai ; porque estranho caminheiro,
Amigas vendo e juntas nossas tabas,
E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem .
Vejo um povo de heróes e um grande chefe ! »

Disse : e vingando o cimo d'alto monte,
Que em roda largo espaço dominava,
O atroador memby soprou com força.
O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,
Convertem-se em guerreiros ; mais depressa,
Quando sôa o clarim, nuncio de guerra,
Não sopra, e escava a terra, e o ar divide
Co'as crinas fluctuantes, o ginete,
Impavido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,
Galgando valles, combros, serranias,
Coalhando o ar e o céu de feios gritos,
E folga porque os vê correr tão prestes
Aos sons do cavo buzio conhecido,
Já tantas vezes repetidos antes
Por valles e por serras ; já não pôde
Numeral-os, de tantos que se apinão ;
Mas, vendo-os, reconhece o vulto e as armas
Dos seus : « Tupan sorri-se lá dos astros,
— Diz o chefe entre si ; — lá, descuidosos
Das folganças de Ibáke, heróes tymbiras
Contemplão-me, das nuvens debruçados :
E por ventura de lhes ser eu filho
Enlevão-se, e repetem, não sem gloria,
Os seus cantores d'Itajuba o nome. »

Vem primeiro Jucá de féro aspecto.
D'uma onça bicolor cae-lhe na fronte
A pell' vistosa ; sob as hirtas cerdas,
Como sorrindo, alvejão brancos dentes,
E nas vasias orbitas lampejão
Dois olhos, fulvos, máos. — No bosque, um dia,
A traiçoeira fera a cauda enrosca
E mira nelle o pulo : do tacápe
Jucá desprende o golpe, e furta o corpo :
Onde estavam seus pés, as duras garras
Encravão-se enganadas, e onde as garras
Mordêrão, beija a terra a fera exangue
E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,
Ita-roca indomavel, — Catucába,
Primeiro sempre no combate, — o forte

Juçarána, — Poty ligeiro e dextro,
O tardo Japegoá, — o sempre afflicto
Piahiba, que espiritos perseguem :
Mojacá, Moperéba, irmãos nas armas,
Sempre unidos ; ninguém não foi como elles !
Lagos de sangue derramarão juntos ;
Filhos e paes e mães d'imigas tabas
Odeião-nos chorando, e a gloria d'ambos,
Assim chorada, mais e mais se exalta :
Çamotim, Pirajá, e outros infindos,
Heróes tambem, aos quaes faltou sómente
Nação menor, menos guerreira tribu.

Japy, o atirador, quando escutava
Os sons guerreiros do memby troante,
Na tesa corda a frecha embebe inteira,
E mira um javali que os alvos dentes,
Navalhados, remove : pára, escuta...
Volvem-lhe os mesmos sons : bate-lhe o peito,
Os olhos pulão, — sólta horrendo grito,
Arranca e roça a fera !... a fera attonita,
Aterrada, transida, treme, erríça
As duras cerdas ; tiritante, pavida
Esgazeando os olhos fascinados,
Recúa : um tronco só lhe embarga os passos.
Por longo tracto, de si mesma alheia,
Demora-se, lembrada : a custo o sangue
Volve de novo ao costumado gyro,
Emquanto o vulto horrendo se recorda !

« Mas onde está Jatyr ? — pergunta o chefe,
Que debalde o procura entre os que o cercão :
— Jatyr, dos olhos negros, que me luzem,

Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma ;
 Jatyr, que aos chefes todos anteponho,
 Cuja bravura e temerario arrojo
 Fólgo em reger e moderar nos prelios ;
 Esse, porque não vem, quando vós vindes ? »

— Corre Jatyr no bosque, diz um chefe,
 Bem sabes como : acinte se desgarrar
 Dos nossos ; anda só, talvez sem armas,
 Talvez bem longe : acordo nelle é certo,
 Creio, de nos tachar assim de fracos ! —

Pae de Jatyr, Ogib, entrára em annos ;
 Grosseiro cedro mal lhe firma os passos,
 Os olhos pouco vêm ; mas de conselho
 Valioso e prestante. Alli, mil vezes,
 Havia com prudencia temperado
 O juvenil ardor dos seus, que o ouvião.
 Alheio agora da prudencia, escuta
 A voz que o filho amado lhe crimina.
 Sopra-lhe o dizer acre a cinza quente,
 Viva, accesa, antes braza, — o amor paterno :
 Amor inda tão forte na velhice,
 Como no dia venturoso, quando
 Cendy que os olhos seus só virão bella,
 Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,
 Carinhosa lh'o deu ; quando na rede
 Ouvia com prazer as ledas vozes
 Dos companheiros seus, — e quando absorto,
 Olhos pregados no gentil menino,
 Bem longas horas, sim, porém bem doces
 Levou scismando aventuradas siñas.
 Alli o tinha, alli meigo e risonho

Aquelles tenros braços levantava ;
Aquelles olhos limpidos se abrião
Á luz da vida ; candido sorriso,
Como o sorrir da flôr no romper d'alva,
Radiava-lhe o rosto : quem julgára,
Quem pudera aventar, suppôr ao menos
Haverem de apertar-se aquelles braços
Tão mimosos, um dia, contra o peito
Arquejante e cansado, — e aquelles olhos
Verterem pranto amargo em soledade ?
Incrível ! — porém lagrimas crescerão-lhe
Dôs olhos, — lá tombou-lhe uma, das faces
No filho em cujo rosto um beijo a enxuga.

Agora, Ogib, alheio da prudencia,
Que ensina, imputações tão más ouvindo
Contra o filho querido, acre responde :

« São torpes os anúns que em bandos folgão,
São máos os caitetés que em varas pascem :
Sómente o sabiá geme sósinho
E sósinho o condor aos céos remonta.
Folga Jatyr de só viver comsigo :
Em bem, que tens agora que dizer-lhe ?
Esmaga o seu tacápe a quem vos prende,
A quem vos damna, afoga entre os seus braços
E em quem vos accomette, emprega as setas
Fraco ! não temes já que te não falte
O primeiro entre vós, Jatyr, meu filho ? »

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome,
Embora o de Jatyr, apregoado
Melhor, maior que o seu, a testa enruga
E diz sévero aos dois qu'inda argumentão :

« Mais respeito, mancebo, ao sabio velho,
 Qu'eramos nós crianças, manejava
 A seta e o arco em defensão dos nossos.
 Tu, velho, mais prudencia. Entre nós todos
 O primeiro sou eu : Jatyr, teu filho,
 É forte e bravo; porém novo. Eu mesmo
 Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos
 Novéis applaudo : bem maneja o arco,
 Vibra certa a frecha; mas... (Sorrindo
 Prosegue) afóra d'elle inda ha quem saiba
 Mover tão bem as armas, e nos braços
 Robustos, afogar fortes guerreiros.
 Jatyr virá, senão... serei comvosco,
 (Disse voltado para os seus, que o cercão)
 E bem sabeis que vos não falto eu nunca. »

Alterção elles nas ruidosas tabas,
 Enquanto Jurucey com pé ligeiro
 Caminha : as aves docemente atitão,
 De ramo em ramo — docemente o bosque
 A medo rumõreja, — a medo o rio
 Escõa-se e murmura : um borborinho,
 Confuso se propaga, — um raio incerto
 Dilata-se do sol doirando o occaso.
 Ultimo som que morre, ultimo raio
 De luz, que treme incerta, quantos entes
 Oh! quantos! hão de ver a luz de novo
 E o romper d'alva, e os céus, e a natureza
 Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos
 Ouvir das aves timidas no bosque
 Outra vez ao surgir da nova aurora?

CANTO SEGUNDO

Desdobra-se da noite o manto escuro :
Leve brisa subtil pela floresta
Enreda-se e murmura, — amplo silencio
Reina por fim. Nem saberás tu como
Essa imagem da morte é triste e torva,
Se nunca, a sós contigo, a presentiste
Longe deste zunir da turba inquieta.
No ermo, sim ; procura o ermo e as selvas...
Escuta o som final, o extremo alento,
Que exhala em fins do dia a natureza !
O pensamento, que incessante vòa,
Vae do som á mudez, da luz ás sombras
E da terra sem flôr ao céu sem astro.
Semelha a fraca luz qu'inda vacilla
Quando, em ledô saráu, o extremo acorde
No deserto salão geme, e se apaga !

Era pujante o chefe dos Tymbiras,
Sem conto seus guerreiros, tres as tabas,
Opimas, — uma e uma derramadas
Em gyro, como dança dos guerreiros.

Quem não folgára de as achar nas mattas?
Tres flôres em tres hastes differentes
N'um mesmo tronco, — tres irmãs formosas
Por um laço de amor alli prendidas
No ermo, mas vivendo aventuradas?
Deu-lhes assento o heróe entre dois montes,
Em chã copada de frondosos bosques.
Alli o cajazeiro as perfumava;
O cajueiro, na estação das flôres,
De vivo sangue marchetava as folhas;
As mangas, curvas á feição de um arco,
Beijavão-lhes o tecto; a sapucaya
Lambia a terra, em graciosos laços
Doces maracujás de espessas ramas
Sorrião-se pendentés; o páo d'arco
Fabricava um docel de cróceas flôres,
E as parasitas de matiz brilhante
A usnea das palmeiras estrellavão!

Quadro risonho e grande, em que não fosse
Em granito ou em marmore talhado!
Nem palacios, nem torres avistáras,
Nem castellos que os annos vão comendo,
Nem grimpas, nem zimbórios, nem feitura
Em pedra, que os humanos tanto exaltão!
Rudas palhoças só! que mais carece
Quem ha de ter sómente um sol de vida,
Jazendo negro pó antes do occaso?
Que mais? Tão bem a dôr ha de sentar-se
E a morte revoar tão solta em gritos
Alli, como nos atrios dos senhores;
Tão bem a compaixão ha de cobrir-se
De dó, limpando as lagrimas do afflicto

Incerteza voraz, tímida esp'rança,
Desejo, inquietação também lá morão :
Que sóbra pois em nós, que falta nelles ?

De Itajuba separão-se os guerreiros ;
Mudos, ás portas das sombrias tabas,
Immoveis, nem que fossem duros troncos,
Pensativos meditação. Já da guerra
Nada receião, que Itajuba os manda ;
O encanto, os manitôs inda o protegem,
Vela Tupan sobre elle, e os sanctos piágas
Comprida serie de floridas quadras
Vêr-lhe asseguração : nem de ha pouco a luta,
Melhor disseras de renome ensejo,
Os desmentio, que nunca os piágas mentem.
Mêdo, certo, não têm ; são todos bravos !
Porque meditação pois ? Também não sabem !

Sahe o piága no emtanto da caverna,
Que nunca humanos olhos penetrarão ;
Com ligeiro sendal os rins aperta,
Cocar de escuras plumas se debruça
Da frente, em que se enxerga em fundas rugas
O tenaz pensamento afigurado.
Cercão-lhe os pulsos cascaveis loquazes,
Respondem outros, no tripudio sacro,
Dos pés. Vem magestoso, e grave, e cheio
Do Deos, que o peito séu, tão fraco, habita.
E enquanto o fumo lhe volteia em torno,
Como neblina em torno ao sol que nasce,
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,
Sólta do sacro rito os sons cadentes.

« Visita-nos Tupan, quando dormimos,
É só por seu querer que então sonhamos ;

Escute-me Tupan! Sobre vós outros,
 Poder do maracá por mim tangido,
 Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce.

« O poder de Anhangá cresce co'a noite ;
 Sólta de noite o máo seus máos ministros :
 Caraibêbes na floresta accendem
 A falsa luz, que o caçador transvia.
 raCaibêbes enganosas fórmas
 Dão-nos aos⁷sonhos, quando nós sonhamos.
 Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,
 De vós se partão ; mas Tupan vos olhe,
 Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

« Tristonhos pios a acauán desata,
 Quando ao guerreiro prognostica males ;
 Tristonhos bandos de urubús vorazes
 Os sonhos turbão das vencidas hostes :
 Cheios de mêdo os Manitôs desertão
 As tabas mudas, que hão de ser calcadas,
 Já cinza fria, pelo imigo fêro.
 Não fujão Manitôs as ñossas tabas!
 Urubús, acáuans nos vossos sonhos,
 Virtude e força deste meu tripudio,
 Não se vos pintem ; mas Tupan vos olhe,
 Descendo os sonhos, quando o orvalho desce !

« O sonho e a vida são dois galhos gêmeos ;
 São dois irmãos que um laço amigo aperta :
 A noite é o laço ; mas Tupan é o tronco
 E a seve e o sangue que circula em ambos.
 Vive melhor quem da existencia ignaro,
 Na paz da noite, novas forças cria.
 O louco vive com aferro, emquanto

N'alma lhe ondeião do delirio as sombras,
 De vida espurias; Deos porém lh'as rompe,
 E na loucura do porvir nos falla!
 Tupan vos olhe, e sobre vós do Ibake
 Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce! »

Assim cantava o piága merencorio,
 Tangia o maracá, dançava em roda
 Dos guerreiros : pudéra ouvido attento
 Os sons finaes da lugubre toada
 Na placida mudez da noite amiga
 De longe, em côro ouvir : « Sobre nós outros
 Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce. »

Caiou-se o piága, já descansão todos!
 Almo Turpan os os communique em sonhos,
 E os que sabem tão bem vencer batalhas,
 Quando acordados malbaratão golpes,
 Saibão dormidos figurar triumphos!

Mas que medita o chefe dos Tymbiras?
 Bosqueja por ventura ardiz de guerra,
 Fabrica e enrêda as asperas ciladas,
 E a olhos nús do pensamento enxerga
 Desfeita em sangue revolver-se em gritos
 Morte pavida e má?! ou sente e avista,
 Escandecida a mente, o Deos da guerra
 Impavido Areski, sanhudo e forte,
 Calcar aos pés cadaveres sem conto,
 Na dextra ingente sacudindo a maça,
 Donde certa, como o raio, desce
 A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o occupa!
 Nem Areski, nem sangue se lhe antolha,

Nem resolve comsigo ardiz de guerra,
 Nem combates, nem lagrimas medita :
 Sentio calar-lhe n'alma um sentimento
 Gelado e mudo, como o véo da noite.
 Jatyr, dos olhos negros, onde pára ?
 Que faz, que lida? ou que fortuna corre ?
 Tres sóes já são passados : quanto espaço,
 Quanto azar não correu nos amplos bosques
 O impróvido mancebo aventureiro ?
 Alli na relva a cascavel se esconde,
 Alli, das ramas debruçado, o tigre
 Aferra traiçoeiro a presa incauta !
 Reserve-lhe Tupan mais fama e gloria,
 E voz amiga de cantor suave
 C'os altos feitos lhe embalsame o nome !

Assim discorre o chefe, que em nodoso
 Tronco rudo-lavrado se recosta :
 Não tem poder a noite em seus sentidos,
 Que a mesma idéia de continuo volvem.
 Vela e treme nos tectos da cabana
 A baça luz das resinosas tochas,
 Acres perfumes recendendo ; — alastrão
 De rubins côr de brasa a flôr do rio !

» Ouvira com prazer um triste canto,
 Diz lá comsigo ; um canto merencorio,
 Que este presagio funebre espancasse.
 Bem sinto um não sei quê aferventar-se-me
 Nos olhos, que vae prestes expandir-se :
 Não sei chorar, bem sei ; mas fôra grato,
 Talvez bem grato ! á noite, e a sós commigo,
 Sentir macias lagrimas correndo.
 O talo agreste de um cipó sem graça

Verte compridas lagrimas cortado :
O tronco do cajá desfaz-se em gomma,
Suspira o vento, o passarinho canta,
O homem chora ! eu só, mais desditoso,
Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,
E quem, feliz, de lagrimas se paga. »

Longo espaço depois fallou comsigo,
Mudo e sombrio : « Sabiá das matas,
Croá (diz elle ao filho d'Yandyroba),
As mais canoras aves, as mais tristes
No bosque, a suspirar comtigo aprendão.
Canta, poisque trocára de bom grado
Os altos feitos pelos doces carmes
Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba. »

Emmudeceu : na taba quasi escura,
Com pé alterno a dança vagarosa,
Aos sons do maracá, traçava os paços.

« Flôr de belleza, luz de amor, Coema,
Murmurava ô Cantor, onde te foste,
Tão doce e bella, quando o sol raiava ?
Coema, quanto amor que nos deixaste !
Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,
Tão macios teus olhos ! teus accentos
Cantar perenne, tua voz gorgeios,
Tuas palavras mel ! O romper d'alva,
Se encantos punha a par dos teus encantos,
Tentava embalde pleitear comtigo !
Não tinha a ema porte mais soberbo,
Nem com mais graça recurvava o collo !
Coema, luz de amor, onde te foste !

« Amava-te o melhor, o mais guerreiro
 D'entre nós : elegeu-te companheira,
 A ti sómente, que só tu achavas
 Sorriso e graça na presença delle.
 Flôr, que nasceste no musgoso cedro,
 Cobravas páreas de abundante seiva,
 Tinhas abrigo e protecção das ramas...
 Que vendaval te despegou do tronco,
 E ao longe, em pó, te esperdiçou no valle?
 Coema, luz de amor, flôr de belleza,
 Onde te foste, quando o sol raiava ?

« Anhangá rebocou estreita ygara
 Contra a corrente : Orapacên vem nella,
 Orapacên, Tupinambá famoso.
 Conta prodigios d'uma raça estranha,
 Tão alva como o dia, quando nasce,
 Ou como a areia cândida e luzente,
 Que as aguas d'um regado sempre lavão.
 Raça, a quem os raios promptos servem,
 E o trovão e o relampago acompanhão.
 Já de Orapacên os mais guerreiros
 Mordem o pó, e as tabas feitas cinza
 Clamão vingança em vão contra os estranhos,
 Talvez d'outros estranhos perseguidos,
 Em punição talvez d'atroz delicto.
 Orapacên, fugindo, brada sempre :
 — Maír ! Maír ! Tupan ! — Terror que mostra:
 Brados que sóta, e as derrocadas tabas,
 Desde Tapuytapéra alto proclamão
 Do vencedor a indomita pujança.
 Ai ! não viesse nunca ás nossas tabas
 O tapuya mendaz, que os bravos feitos

Narrava do Maír ; nunca os ouviras,
Flôr de belleza, luz de amor, Coema !

« A cega desventura, nunca ouvida,
Nos move á compaixão : prestes corremos
Com ledo gasalhado a restaural-os
Da vil dureza do seu fado : dormem
Nas nossas redes, diligentes vamos
Colher-lhes fructos, — descansados folgão
Nas nossas tabas : Itajuba mesmo
Offrece abrigo ao palrador tapuya !
Hospedes são, nos diz ; Tupan os manda :
Os filhos de Tupan serão bem vindos,
Onde Itajuba impera ! — Ai que não crão,
Nem filhos de Tupan, nem gratos hospedes
Os vis que o rio, a custo, nos trouxera ;
Antes dolosa resfriada serpe
Que ao nosso lar creou vida e peçonha.
Quem nunca os vira ! porêm tu, Coema,
Leda avesinha, que adejavas livre,
Azas da côr da prata ao sol abrindo,
A serpente cruel porque fitaste,
Se já do olhado máo sentias pejo ? !

« Ouvimos, uma vez, da noite em meio,
Voz de afflicta mulher pedir soccorro
E em tom sumido lastimar-se ao longe.
Orapacên ! — bradou feroz tres vezes
O filho de Jaguar : clamou de balde.
Sómente acode o echo á voz irada,
Quando elle o malfetor no instincto enxerga.
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,
E tenta com afan chegar ao termo,
Donde as querellas miserias partião.

Chegou — já tarde ! — nós, mais tardos inda.
Assistimos ao subito espectáculo !

« Queimão-se raros fogos nas desertas
Margens do rio, quasi immerso em trevas :
Afadigados no labor nocturno,
Os traioeiros hospedes caminhão,
Pejando á pressa as concavas ygaras.
Longe, Coema, a doce flôr dos bosques,
Com voz de embrandecer duros penhascos,
Supplica e roja em vão aos pés do fero,
Cavilloso tapuya ! Não resiste
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,
O barbaro, que a vio, que a vê tão bella !

« Vai arrastal-a, — quando sente uns passos
Rápidos, breves, — volta-se : — Itajuba !
Grita ; e os seus, medrosos, receiando
A perigosa luz, os fogos matão.
Mas, no extremo clarão que elles soltárão,
Vio-se Itajuba com seu arco em punho,
Calculando a distância, a força, e o tiro :
Era grande a distancia, a força immensa... »

« E a raiva incrível, continúa o chefe,
A antiga cicatriz sentindo abrir-se !
« Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,
E a frecha vil cahio-me aos pés sem força. »
E assim dizendo nos cerrados punhos
De novo pensativo a frente opprime.

« Sim, tornava o Cantor, immenso e forte
Devêra o arco ser, que entre nós todos
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,
Quando Jaguar morreu ! — partio-se o arco !

Depois ouviu-se um grito, após ruído,
Que as aguas fazem no tombar de um corpo ;
Depois — silencio e trevas... »

« Nessas trevas,
Replicava Itajuba, — inteira a noite,
Louco vaguei, corri d'encontro ás rochas.
Meu corpo lacerei nos espinheiros,
Mordi sem tino a terra já cançado ;
Soluçavão porêem meus frouxos labios
O nome della tão querido, e o nome...
Aos vis Tupinambás nunca os eu veja,
Ou morra, antes de mim, meu nome e gloria
Se os não hei de punir ao recordar-me
A aurora infausta que me trouxe aos olhos
O cadaver... » Parou, que a estreita gorja
Recusa aos cavos sons prestar accento.

« Descança agora o pallido cadaver
(Continúa o cantor) junto á corrente
Do regato, que volve areias d'ouro.
Alli agrestes flôres lhe matizão
O modesto sepulcro, — aves canóras
Descantão tristes nenias ao compasso
Das aguas, que tambem nenias soluçãõ.

« Suspirada Coema, em paz descança
No teu florido e funebre jazigo ;
Mas, quando a noite dominar no espaço,
Quando a lúa coar humidos raios
Por entre as densas, buliçosas ramas,
Da candida neblina véste as fórmãs,
E vem no bosque suspirar co'a brisa :
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
E á virgem, que adormece, amor inspira. »

Calou-se ; o maracá rugio de novo
 A extrema vez ; e jaz emmudecido.
 Mas no remanso do silencio e trevas,
 Como debil vagido, escutarias
 Queixosa voz, que repetia em sonhos:
 « Veste, Coema, as fórmas da neblina,
 Ou vem nos rios tremulos da lúá
 Cantar, viver e suspirar commigo. »

Ogib, o velho, pae do aventureiro
 Jatyr, não dorme nos vasios tectos :
 Do filho ausente prendem-no cuidados ;
 Vela cançado e triste o pae coitado,
 Lembrando-se desastres que passárão
 Impróvidos, no bosque pernoitando.
 E vela, — e a mente afflicta mais se enluta,
 Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem !

Já tarde, sente uns passos apressados,
 Medindo a taba escura ; o velho treme,
 Estende a mão convulsa, e roça um corpo
 Molhado e tiritante : a voz lhe falta...
 Attende largo espaço, até que escuta
 A voz do sempre afflicto Piahiba,
 Ao pé do fogo extincto lastimar-se.

« O louco Piahiba, a noite inteira,
 Andou nas matas ; miserando soffre ;
 O corpo tem aberto em fundas chagas,
 E o orvalho gotejou fogo sobre ellas :
 Como o verme na fructa, um Deos maligno
 Lhe mora na cabeça, oh ! quanto soffre !

« Enquanto o velho Ogib está dormindo,
Vou-me aquecer ;
O fogo é bom, o fogo aquece muito ;
Tira o soffrer,
Emquanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar ;
Dou-lhe a mensagem, que me deu a morte,
Quando acordar !
Eu vi a morte ; vi-a bem de perto
Em hora má !
Vi-a de perto, não me quiz consigo,
Por ser tão má.
Só não tem coração, dizem os velhos,
E é bem de vêr ;
Que, se o tivera, me daria a morte,
Que é meu querer.
Não quiz matar-me ; mas é bem formosa ;
Eu vi-a bem :
É como a virgem, que não tem amores,
Nem odios tem.
O fogo é bom, o fogo aquece muito,
Quero-lhe bem ! »

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas
E mais e mais conchega-se ao borralho.
O velho em tanto, erguido a meio corpo
Na rede, escuta pavido, e tiritia
De frio e mêdo. — quasi igual delirio
Castiga-lhe as idéias transformadas.

« Já me não lembra o que me disse a morte !...
Ah ! sim, já sei !
— Junto ao sepulcro da fiel Coema,
Alli serei :

Ogib emprazo, que a fallar me venha
 Ao anoitecer! —
 O velho Ogib ha de ficar contente
 Co'o meu dizer;
 Talvez que o velho, que viveu já muito,
 Queira morrer! »

Emmudeceu : alfim tornou mais brando :

« Mas dizem que a morte procura mancebos ;
 Porém tal não é ;
 Que colhe as florinhas abertas de fresco
 E os fructos no pé?!...
 Não, não, que só ama sem folhas as flôres,
 E sem perfeição ;
 E os fructos perdidos, que apanha golosa,
 Cahidos no chão.
 Tambem me não lembra que tempo hei vivido,
 Nem por que razão
 Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,
 Tão sem compaixão. »

As ancias não vencendo, que o soçobráo,
 Salta da curva rede Ogib afflicto ;
 Tremulo as trevas apalpando, topa,
 E roja miserando aos pés do louco.

« Oh! dize-me, se a viste, e se em tua alma
 Algum sentir humano inda se aninha,
 Jatyr, que é feito delle? Disse a morte
 Haver-me cubigado o moço imberbe,
 A cara luz dos meus cansados olhos?
 Oh dize-o! Assim o espirito inimigo
 Folgados annos respirar te deixe! »

O louco ouviu nas trevas os soluços
Do velho, mas seus olhos nada alcanção :
Pasma, e de novo o seu cantar começa :
« Enquanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar. »

— « Mas expulsei-te eu nunca ? »

Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,
Em ancias de transido desespero.
« Bem sei que um Deus te mora dentro d'alma ;
E nunca houvera Ogib de espancar-te
Do lar, onde Tupan é venerado.
Mas falla ! oh ! falla, uma só vez repete-o :
Vagaste á noite nas sombrias matas... »

« Silencio ! brada o louco : não escutas ? ! »
E pára, cómo ouvindo uns sons longinquos.
Depois prosegue : « Piahiba o louco
Errou de noite nas sombrias matas ;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas.
Geme e soffre, e sente fome e frio,
Nem ha quem de seus males se condôa.

Oh ! tenho frio ! o fogo é bom, e aquece,
Quero-lhe bem ! »

« Tupan, que tudo pódés,
Orava Ogib em lagrimas desfeito,
A vida inutil do cansado velho
Toma, se a queres ; mas que eu veja em vida,
Meu filho, e só depois me colha a morte !

CANTO TERCEIRO

Era a hora em que a flôr balança o calix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o collo,
Roçando apenas o matiz relvoso ;
Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as ledas aves á porfia trinão,
E a verde coma dos frondosos cedros
Move o perfume, que embalsama os ares ;
Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso véu da parda névoa ;
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentís orlados com listões de fogo ;
Quando o vivo carmim do esbelto cactus
Refulge a medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gotas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol, libando as meigas,
Risonhas faces da luzente aurora !

Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só coisa e muitas, — melhor face
Da sempre vária e bella natureza :
Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

• Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora, — ama acordar contigo ;
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,
Ou rosea ou branca, já carmim, já fogo,
Já tímidos reflexos, já torrentes
De luz, que fere obliqua os altos cimos.
Amavão contemplar-te os de Itajuba
Impavidos guerreiros, quando as tabas
Immensas, que Jaguar fundou primeiro
Crescião, como crescem gigantescos
Cedros nas matas, prolongando a sombra
Longe nos valles, — e na copa excelsa
Do sol estivo os abrasados raios
Parando em vasto leito de esmeraldas.

As tres formosas tabas de Itajuba
Já forão como os cedros gigantescos
Da corrente empedrada ; hoje acamados
Fosseis que dormem sob a terrea crusta,
Que os homens e as nações por fim sepultão
No bojo immenso ! — Chame-lhe progresso
Quem do exterminio secular se ufana ;
Eu modesto cantor do povo extinto
Chorarei nos vastissimos sepulchros,
Que vão do mar aos Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amasonas.
Alli me sentarei meditabundo !

Em sitio, onde não oição meus ouvidos
Os sons frequentes d'Europeus machados
Por mãos de escravos Afros manejados,
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,
D'onde chorando a preciosa gomma,
Resina virtuosa e grato incenso
A nossa incuria grande eterno assellão ;
Em sitio onde os meus olhos não descubirão
Triste arremêdo de longinquas terras.
Aos crimes das nações Deus não perdôa ;
Do pae aos filhos e do filho aos netos,
Porque um delles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldicção — contínua,
Como fuzis de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solemnes
Myriadas de sombras miserandas,
Scarnecendo, seccar o nosso orgulho
De nação ; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,
E por cimento a cinza profanada
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa ;
Ha de apagar-se, mas que a inunde agora :
E nós!... sucámos leite máo na infancia,
Foi corrompido o ar que respirámos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

America infeliz ! — que bem sabia,
Quem te creou tão bella e tão sósinha,
Dos teus destinos máos ! Grande e sublime
Corres de polo a polo entre dois mares
Os maximos do globo : annos da infancia
Contavas tu por seculos ! que vida

Não fôra a tua na sazão das flôres !
Que magestosos fructos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno,
America infeliz, já tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascaveis da Europa ?
Velho tutor e aváro cubiçou-te,
Desvalida pupilla, e herança pingue
E o brilho e os dotes da sem par belleza !
Cedeste, fraca ; e entrelaçaste os annos
Da mocidade em flôr — ás cans e á vida
Do velho, que já pende e já declina
Do leito conjugal immerecido
Á campá, onde talvez cuida encontrar-te !

Tu, filho de Jaguar guerreiro illustre,
E os teus, de que então vos occupaveis,
Quando nos vossos mares alinhadas
As náos de Hollanda, os galeões de Hespanha,
As fragatas de França, e as caravellas
E portuguezas náos se abalroavão,
Retalhando entre si vosso dominio,
Qual se vosso não fôra ? Ardia o prelio,
Fervia o mar em fogo á meia noite,
Nuvem de espesso fumo condensado
Toldava astros e céus ; e o mar e os montes
Acordavão rugindo aos sons troantes
Da insolita peleja ! — Vós, guerreiros,
Vós, que fazieis, quando a espavorida,
Fera bravia procurava azilo
Nas fundas matas, e na praia o monstro
Marinho, a quem o mar, já não seguro
Reparo contra a força e industria humana.

Lançava alheio e pavido na areia ?
Agudas setas, válidos tacápes
Fabricavão talvez !... ai não... capellas,
Capellas ennastravão para ornato
Do vencedor ; — grinaldas penduravão
Dos alindados tectos, porque vissem
Os forasteiros, que os paternos ossos
Deixando atraz sem manitôs vagavão,
Os filhos de Tupan como os hospedão
Na terra a que Tupan não dera ferros !

Rompia a fresca aurora, rutilando
Signaes de um dia limpido e sereno.
Então vinhão sahindo os de Itajuba
Fortes guerreiros a contar os sonhos
Com que Tupan amigo os bafejára,
Quando as estréllas pallidas tombavão,
Já de clarão maior esmorecidas.
Vinhão ledos ou tristes na apparencia,
Timoratos ou cheios de hardimento,
Como o futuro evento se espelhava
Nos sonhos, bons ou máos ; mas accordal-os
Disparatados, e o melhor de tantos .
Colligir, era missão mais alta.
Não fosse o piága interprete divino,
Nem os seus olhos penetrante vissem
O porvir, ao travez do véu do tempo,
Como ao travez do corpo a mente enxergão ;
Não fosse, e quem ha hi que se afoutasse
Em campo de batalha a expôr a vida,
A vida nossa tão querida, e tanto

Da flôr a vida breve semelhando ;
Roaz insecto a vae traçando em gyro,
Nem mais revive uma só vez cortada !

Mande porém Tupan seus gratos filhos,
Rogados sonhos, que os decifra o piága :
E Tupan, de benigno os influe sempre
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas
Descem, quando a terra humôres pede,
Ou como, em sação propria, brotão flôres.

Postão-se em fôrma de crescente os bravos
Avida turba mulheril no emtanto
O rito sacro impaciente aguarda.
Brincão na relva os folgasões meninos,
Emquanto os mais crescidos, contemplando
O apparatus electrico das armas,
Enlevão-se ; e, mordidos pela inveja,
Discorrem lá comsigo ; — Quando havemos
Nós outros, d'empunhar d'aquelles arcos,
E quando levaremos de vencida
As hostes vis do perfido Gamella !

Vem por fim Itajuba. O piága austero,
Volvendo o maracá nas mãos myrrhadas,
Pergunta : « Foi o espirito comvosco,
O espirito da força, e os ledos sonhos,
Ministros de Tupan, nuncios da gloria ? »
— Sim, forão, lhe respondem, ledos sonhos,
Correios de Tupan ; mas o mais claro
É duro nó que o piága só desata. —
« Dizei-os pois, que vos escuta o piága. »
Disse, e maneja o maracá : das boccas
Do misterio divino, em puros focos
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que, divagando em matas virgens
 Sentira a luz fugir-lhe de repente
 Dos olhos, — se não foi que a natureza,
 Por magico feitiço transtornada,
 Vestia por si mesma novas galas
 E aspectos novos, — nem as elegantes,
 Viçosas trepadeiras, nem as redes
 Agrestes do cipó já divisava.
 Em logar da floresta, uma clareira
 Relvosa descobria : em vez das arvores
 Tão altas, de que havia pouco o bosque.
 Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,
 Mas tronco tal que os resumia a todos.

Alli sósinho o tronco agigantado
 Luxuriava em folhas verde-negras,
 Em flôres côr de sangue, e na abundancia
 Dos fructos, como nunca os vio nas matas;
 Tão alvos como a flôr do mamãozeiro,
 De macia pennugem debruados.

« Extatico de os vêr alli tão bellos
 Taes fructos, que eu algures nunca vira,
 O barbaro dizia, fui colhendo
 O melhor, porque o visse de mais perto.
 Pezar de não saber se era salubre,
 Anciava gostal-o, e em dura lida
 Lutava o meu desejo co'a prudencia.
 Venceu aquelle ! ai não vencesse nunca !
 Nunca, ludibrio vão dos meus desejos,
 Mordessem-n'o meus labios resequidos !
 Contal-o me arripia ! — Mal o tóco,
 Força-me a rejeital-o um quê de occulto,
 Que os nervos me estremece : a causa inquirio...

Eis que uma cobra, uma coral, de dentro
Desdobra o corpo lubrico, e em tres voltas,
Mal grata armilla, me circunda o braço.

Da vista e do contacto horrorizado,
Sacudo o extranho ornatò ; em vão me agito :
Com quanto mais affan tento livrar-me,
Mais apertado o sinto. — Nisto acórdo,
Humido o corpo e fatigado, e a mente
Molesta ainda do combate inglorio.
O que é, não sei ; tu sabes tudo, ó piága :
Ha hi talvez razão que eu não alcanço,
Que certo isto não é sonhar batalhas. »

« Haja sentido occulto no teu sonho,
(Diz ao guerreiro o piága) eu, que levanto
O véu do tempo, e aos mortaes o mostro,
Dir-t'o-hei por certo ; mas eu creio e tenho
Que algum genio turbou-te a fantasia,
Talvez angoéra de traidor Gamella ;
Que os Gamellas são perfidos em morte,
Como em vida. » — Assim é, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,
Temiveis caitetús, pacas ligeiras,
Coatis e jabotins, — té onça e tigres,
Tudo em rimas, em feixes : outro em sonhos
Nada disto enxergou ; porém cardumes
De peixes varios, que o timbó prestante
Trazia quasi á mão, se não fechados
Em mondés espaçosos ! — gaudio immenso !
De os ver alli raivando na estacada
Tão grandes serubins, trauíras tantas,
Ou boiando sem tino á flôr das aguas !

Outros não virão nem mondés, nem peixes,
 Nem aves, nem quadrupedes : mas grandes
 Çamotins transbordando argentea espuma
 Do fervente cauím ; e por tres noites
 Gyrar em roda a taça do banquete,
 Emquanto cada qual memora em cantos
 Os feitos proprios : reina o guáu, que passa
 D'estes áquelles com cadencia alterna.

O piága exulta ! « Eu vos auguro, ó bravos,
 Do heróe Tymbira (clama entusiasta)
 Leda victoria ! Nunca em nossas tabas
 Haverá de correr melhor folgança,
 Nem ganhareis jamais honra tamanha.
 Bem sabeis como é de uso entre os que vencem
 Festejar o triumpho : o canto e a dança
 Marchão de par, — banquetes se preparão,
 E a gloria da nação mais alta brilha !
 Oh ! nunca sobre as tabas de Itajuba
 Haverá de nascer mais grata aurora ! »

Soão festivos gritos, e as pocemas
 Dos guerreiros, que soffregos escutão
 Do piága os ditos, e o feliz augurio
 Da proxima victoria. Não dissera,
 Quem quer que fosse extranho aos usos delles
 Senão que por aquella densa pinha
 De vulgo, se espalhára a fausta nova
 De gloriosa acção já consummada,
 Que os seus, válidos da victoria, obrárão.

Emtanto Japegoá posto de parte,
 Emquanto lavra em todos o contagio
 Da gloria e do prazer, — bem claro mostra

No rosto descontente o que medita.
 « Prazer que em altos gritos se propala,
 Discorre la comsigo o Americano,
 É como a chamma rapida correndo
 Nas folhas da pindoba : é falso e breve ! »

Attenta nelle o chefe dos Tymbiras,
 Como que interno, igual presentimento
 Rejeita, seu máo grado a voz do piága.
 « Que pensa Japegóa ? Acaso em sonhos
 Tremendo e torvo se lhe entolha o exito
 Da batalha ? ou seja, ou não comnosco,
 Que tarda em nos dizer seu pensamento ? »
 « Eu vi, » diz Japegóa (e assim dizendo,
 Sacode vezes tres a fronte adusta,
 Onde gravára da prudencia o sello
 Contínuo meditar). « Vi altos combros
 De mortos já pollutos, — vi lagôas
 Brutas de sangue impuro e negrejante ;
 Vi setas e carcaz espedaçados,
 Tacápes adentados, ou partidos
 Ou já sem fio ! — vi... » Eis Catucaba
 Mal soffrido intervem, interrompendo
 A narração do sonhador de males.
 Bravo e hardido como é, nunca a prudencia
 Lhe foi virtude, nem por tal a acceta.
 Nunca o memby guerreiro em seus ouvidos
 Troôu medonho, inhospito combate,
 Que ás armas não corresse o valeroso,
 Intrepido soldado ; mais que tudo
 Amava a luta, o sangue, vascas, transes,
 Convulsos arrepios, altos gritos
 Do vencedor, imprecações sumidas

Do que, vencido, jaz no pó sem gloria.
Sim, ama e quer o trafego das armas
Talvez melhor que a si ; nem mais risonha
Imagem se lhe antolha, nem ha cousa
Que tenha em mais apreço ou mais cubice.
O p'rigo mesmo, o leite dos combates,
(Cauim das almas fortes o chamava)
Era sorte e condão que o electrizava :
Um p'rigo que aventasse era feitiço,
Que em delirio de febre o transtornava.
Fanatico de si, ébrio de gloria,
Lá se arrojava intrepido e brioso,
Onde peor, onde mais negro o via.

Não erão dois na esquadra de Itajuba
De genios em mais pontos encontrados :
Por isso em luta sempre. Catucaba,
Fragueiro, inquieto, sempre aventureoso,
Em cata de mais gloria e mais renome;
Sempre á mira de encontros arriscados,
Sempre o arco na mão, sempre embebida
Na corda tesa a frecha equilibrada.
Ninguem mais solto em vozes, mais galhardo
No guerreiro desplante, ou que mostrasse
Atrevido e soberbo e forte em campo
Quer pujança maior, quer mais orgulho.

Japegoá, corajoso, mas prudente,
Evitava o conflicto ; via o risco,
Media o seu poder e as posses delle
E o azar da luta e descansava em ocio.
Sua propria indolencia revelava
Animo grande e não vulgar coragem.

Se fosse lá nos parámos da Libia,
Deitado á sombra da arvore gigante,
O leão da Numidia bem pudéra
Trilhar por junto delle os movediços
Combros de areia, — amedrontando os ares
Com aquelle bramir agreste e rudo,
Que as feras sem terror ouvir não sabem ;
O indio ouvira impavido o rugido,
Sem que o terror lhe destingisse as faces,
E ao rei dos animaes voltando o rosto,
Sómente por que mais a geito o visse,
Viras ambos, sombrios, magestosos,
Contemplarem-se a espaço, destemidos ;
D'extranheza o leão os seus rugidos
Na gorja suffocar, e a nobre cauda,
Entre medos e assomos de hardimento,
Mover de leve e irresoluto aos ventos !

Um — era a luz fugaz facil prendida
Nas plumas do algodão : luz que deslumbra
E que em breve amortece ; outro — faisca,
Que, surda, pouco e pouco vai lavrando
Não vista e não sentida té que surge
D'um jacto só, tornada incendio e fumo.

« Que viste, diz-lhe o emulo brioso,
Só coalheiras de sangue inficionado,
Só tacápes e setas bipartidas,
E corpos já corruptos ? ! Eia, ó fraco,
Embora em ocio ignavo aqui descances,
E nos misteres feminis te adextres !
Ninguem te chama á vida dos combates,
Não te almeja ninguem por companheiro,
Nem ha-de o sonho teu acobardar-nos.

É certó que haverá mortos sem conto,
 Mas não seremos nós ; — setas partidas,
 As nossas, não ; tacápes amolgados...
 Mas os nossos verás mais bem talhantes,
 Quando houverem partido imigos craneos.

« Heróe, não em façanhas, mas nos dictos,
 Lidador que a vileza d'alma encobres
 Com frases descortezes, — já te virão,
 Pendentés braço e armas, contemplando
 Os feitos meus, pezar que sou cobarde.
 Essa infame tarefa que me incumbes,
 É minha, sim ; mas por diverso modo :
 Não ministro cauím ás vossas festas ;
 Mas na refrega o meu trabalho é vosso.
 Da batalha no campo achaes defunctos,
 Vossa gloria e brasão, corpos sem conto,
 Cujas feridas largas e profundas,
 De largas e profundas, denuncião
 A mão que as sóe fazer com tanto effeito.
 Não tenho espaço onde recolha os ossos,
 Não tenho cinto onde pendure os craneos,
 Nem collar onde caibão tantos dentes,
 De quantos venci já : por isso inteiros
 Lá vol-os deixo, heróes ; e vós lá ides,
 Em que me não queiraes por companheiros,
 Rivaes dos urubús, fortes guerreiros,
 Facil triumpho conquistar nas trevas,
 Aos vorazes tatús roubando a presa. »

Calou-se... e o vulgo rosna em torno d'ambos,
 D'este ou d'aquelle heróe tomando as partes.
 Pois que?...ha-de ficar tamanha affronta
 Impune, e não haveis levar das armas,
 Porque o sangue a desbote e apague inteira? »

Dizião, — e a taes ditos mais fermenta
A raiva em ambos ; fazem-lhes terreiro,
Já verga o arco, já se entesa a corda,
Já batem pés no solo pulvurento :
Corrêra o sangue de um, talvez o de ambos,
Que sobre os dois a morte abrira as azas !

Silencio ! brada o chefe dos Tymbiras,
Interposto severo em meio de ambos ;
De um lado e outro a turba circumfusa
Emmudece, — divide-as largo espaço,
De cujo centro gyra os torvos olhos
O heróe, e só de olhar lhe estende as raias.
Assim de altivo pincarô descamba
Enorme rocha, obstruindo o leito
De um rio caudaloso : as fundas agoas,
Latindo em vão na rocha volumosa,
Separão-se cavando novos leitos,
Emquanto o antigo se resecca e abrasa.

Silencio ! disse ; e em torno os olhos gyra,
Fulgidos, negros : orgulhosas fronte,
Que aos golpes do tocápe não se dobrão
Em torno sobre o peito vão cahindo,
Uma após outra ; altivo um só apenas
Rebelde arrosta o olhar ! — rapido golpe,
Rapido e forte, como o raio, o prostra
Na arena em sangue ! Mosqueado tigre,
Se cáe no meio de preás medrosos,
Talvez no primo impulso algum aferra
Mas vê que foge a turba espavorida,
Vulgacho imbelle ! ao misero que prende
E torce ainda nas compridas garras,
Longe, sem vida, desdenhoso arroja.

Assim o heróe. Por longo tracto mudo,
 Soberbo e grande alfim mostrando o rio,
 Quedou sem mais dizer : o rio ao longe
 As aguas, como sempre, magestosas
 Na gorja das montanhas derramava,
 Caudal immenso. « Traz d'aquelles montes,
 Diz Itajuba, não sabeis quem seja ?
 Affronta e nome vil haja o guerreiro,
 Que ousa lutas ferir, travar discordias,
 Quando o imigo boré tão perto sôa ! »

Accorre o piága em meio do conflicto.
 « Prudencia, ó filho de Jaguar, exclama;
 Nem mais sangue tymbira se derrame,
 Que já não basta por pagar-nos deste,
 Que derramaste, quanto ouver nas veias
 Dos perfidos Gamellás. O que ouviste,
 Que o forte Japegoá diz ter sonhado,
 Assella-o que Tupan me está dizendo,
 Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,
 Depois que os funestou propinquo sangue. »

« Devoto piága (Mojacá prosegue),
 Que vida austera e penitente vives
 Dos rochedos na lapa venerada,
 Tu, dos genios do Ibáke bem fadado,
 Tu face a face com Tupan praticas
 E vês nos sonhos meus melhor qu'eu mesmo.
 Escuta e dize, ó venerando piága,
 (Benevolo Tupan teus ditos oiça)
 Angoéra máo turbou-te a phantasia,
 Afflicto Mojacá, teu sonho mente. »

Palavras taes no indio circumspecto,
 Cuios labios em vão nunca se abrirão ;

Guerreiro, cujos sonhos nunca forão,
 Nem mesmo em risco estreito, pavorosos ;
 No vulgo frio horror vão trescalando,
 Que entre a crença do piága, e a deferencia
 Devida a tanto heróe fluctúa incerta.

« Eu vi, diz elle, vi em taba imiga
 Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!
 A corda estreita do cruento rito
 Os rins lhe aperta : a dura tangapema
 Sobre-está-lhe fatal ; — cantos se entôão
 E a turba dansatriz em torno gyra.
 Sonho não foi, que o vi, como vos vejo :
 Mas não vos direi já quem fosse o triste!
 Se visseis, como eu vi, a fronte altiva,
 O olhar soberbo, — aquella força grande,
 Aquelle riso desdenhoso e fundo...
 Talvez um só, nenhum talvez se encontre,
 Que seja para estar no passo horrendo
 Tão seguro de si, tão descansado !

Acaso um tronco volumoso e toscos
 De escamas fortes entre si travadas
 Alli perto jazia. Ogib, o velho,
 Pae do errante Jatyr, alli sentou-se ;
 Alli triste pensava, até que o sonho
 Do afflicto Mojacá veio acordal-o.
 « Tupan! que mal te fiz, que assim me colha
 Do teu furor a seta envenenada? »
 Com voz chorosa e tremula clamava.
 « Escuto os gabos que só cabem nelle,
 Vejo e conheço o costumado ornato
 Do filho meu querido ! isto que fôra,
 A quem tão infeliz como eu não fosse,

Ventura grande, me constringe o peito!
 Conheço o filho meu no que diceste,
 Guerreiro, como a flôr pelo perfume,
 Como o esposo conhece a grata esposa
 Pelas usadas plumas da arassoya,
 Que entre as folhas do bosque a espaços brilha.
 Ai! nunca brilhe a flôr, se hão-de roel-a
 Insectos; nunca vaguê a linda esposa
 No bosque, se hão-de as feras devoral-a! »

A dôr que mostra o velho em todo o aspecto,
 Nas vozes por soluços atalhadas,
 Nas lagrimas que chora, os move a todos
 A triste compaixão; mas mais áquelle,
 Que, antes do pobre pae, já todo angustias,
 Da propria narração se enternecia.
 Às querellas de Ogib vólta o rosto
 O fatal sonhador, — que, seu máo grado
 As setas da afflicção tendo cravado
 Nas entranhas de um pae, quer logo o succo,
 Fresco e saudavel, do louvor, na chaga
 Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

« Tal era, tão impavido (prosegue,
 Fitando o velho Ogib) o seu desplante,
 Qual foi o de Jatyr n'aquelle dia,
 Quando, novél nas artes do guerreiro,
 Circundado se vio á nossa vista
 D'imiga multidão : todos o vimos ;
 Todos da clara stirpe deslembados,
 Clamámos tristes, pavidos : — É morto! —
 Elle porém que o arco usar não pôde,
 O valido tacápe desprendendo,

Sacode-o, vibra-o : fere, prostra e mata
 A este, áquelle; e em volumosos feixes
 Acerva a turva vil, lucrando um nome.
 Tapyr, caudilho seu, que não supporta
 Que um homem só e quasi inerme, o cubra
 De tamanho labéo, altivo brada :
 — Cede-me, estulto, cede ao meu tacápe
 Que nunca ameaçou ninguem de balde. —
 E assim dizendo vibra crebros golpes,
 Co' a bruta folha retalhando os ares!
 Um coiro de tapyr, em vez de escudo,
 Rijo e piloso lhe guardava os membros.
 Jatyr, do arco seu curvando as pontas,
 Sacode a seta fina e sibilante,
 Que vara o couro e o corpo e surge fóra.
 Tomba de chofre o indio, e o som da queda
 Remata o som que a voz não rematára.
 Vista a pell' do tapyr, que o resguardava,
 Japy, mesmo Japy lhe inveja o tiro. »

Todo o campo se afflige, todos clamão
 « Jatyr! Jatyr! o forte entre os mais fortes. »
 Ordem não ha; mulheres e meninos
 Baralhão-se em tropel : o pranto, os gritos
 Confundem-se : do velho Ogib emtanto
 Mal se percebe a voz « Jatyr » gritando.

Itajuba por fim silencio impondo
 Á turba mulheril, e a dos guêrreiros
 Mesta batalha : « Consultemos, disse,
 Consultemos o piága : as vezes póde
 O sancto velho serenando, o Ibáke,
 Amigo bom tornar o Deos malquisot ».

« Mas ora não ! — responde o piága iroso.
 Só quando ruge a negra tempestade,
 Só quando a furia d'Anhangá fuzila
 Raios do escuro céu na terra afflicta
 Do piága vos lembraes ? Tarda lembrança,
 Tarda e fatal, guerreiros ! Quantas vezes
 Não fui, eu mesmo, nos terreiros vossos
 Fincar o sancto maracá ? Debalde,
 Debalde o fui, que á noite se achava sempre
 Sem offertas, que aos Deoses tanto prazem !
 Nú e despido o vi, como ora o vêdes.
 (E assim dizendo mostra o sacrosanto
 Mysterio, que de irado pareceu-lhes
 Soltar mais rouco som no seu rugido)
 Quem de vós se lembrou que o sancto Piága
 Na lapa dos rochedos se myrrhava
 A pura mingoa ? Só Tupan, que ao velho
 Deu não sentir os dentes aguçados
 Da fome, que por dentro o remordia,
 E mais cruel, passada entre os seus filhos ! »

« Cegou-nos Anhangá, diz Itajuba ;
 Fincado o maracá nos meus terreiros,
 Cegou-nos certo ! — nunca o vi sem honras !
 Que se o vira, bom piága... oh ! não se diga
 Que um homem só, dos meus, perce á mingoa,
 (Quem quer que seja, quanto mais um piága)
 Quando campeão tantos homens d'arco
 Nas tabas de Itajuba, — tantas donas
 Na cultura dos campos adextradas.
 Hoje mesmo farei que ao antro escuro
 Caminhem tantos dons, tantas offertas,
 Que o teu sancto mysterio ha-de por força,
 Quer o queiras, quer não, dormir sobre ellas ! »

« Talvez a rica off'renda applaca os Deoses,
E saudavel conselho a noite inspira! »
Disse e sem mais dizer acolhe á gruta.

« Á caça, ó meus guerreiros! brada o chefe :
Ledas donzellas ao cauím se applichem,
Os meninos á pesca, á roça as donas,
Eia! » — Ferve o labor, reina o tumulto,
Que quasi tanto val como a alegria,
Ou antes, só prazer que o povo gosta.

Já deslembrados do que ausente chorão
(Favor das turbas que tão leve passas!)
Ledos no peito, ledos na apparencia
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no prazer, prazer que moras
Dentro de tanto afan! festa que nasce
Sob auspicios tão máos, possa algum genio.
Possa Tupan sorrir-te carinhoso,
E das alturas condoer-se amigo
Do triste, orfão de amor, e pae sem filho!

CANTO QUARTO

Bem vindo seja o fausto mensageiro,
O mellifluo Tymbira, cujos labios,
Distillão sons mais doces do que os favos,
Que errado caçador na brenha inculta
Por ventura topou ! Hospede amigo,
Ledo nuncio de paz, que o territorio
Pisou de imigas hostes, quando a aurora
Despontava nos céos — bem vindo seja !
Não luz mais brando e grato o romper d'alva
Que o teu sereno aspecto ; nem mais doce
A fresca brisa da manhã cicia
Pela selvosa encosta, que a mensagem
Que o chefe imigo e fero aneia ouvir-te.
Mellifluo Juruçey, bem vindo sejam
Dos Gamellas ao chefe, Gurupema,
Senhor dos arcos, quebrador das setas,
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim comsigo as hostes do Gamella :
Comsigo só, que a usada gravidade
Já na garganta, a voz lhes retardava.

Não veio Jurucey? Posto de frente,
Arco e frecha na mão feito pedaços,
Certo signal do respeitoso encargo,
Por terra não lançou? — Que pois augura
Tal vinda, a não ser que o audaz Tymbira
Melhor conselho toma; e por ventura
De Gurupema receiando as forças,
Amiga paz lhe offrece, e em signal della
Do vencido Gamella o corpo entrega?!
Em bem! que a torva sombra vagarosa
Do outrora chefe seu ha-de applacar-se,
Ouvindo a mesta voz das carpideiras,
E vendo no sarcophago depostas
As armas, que no Ibáke hão-de servir-lhe,
E junto ao corpo, que foi seu, as plumas,
Emquanto vivo, insignias do mando.
Embora ostente o chefe dos Tymbiras
O ganhado trophéo; embora á cinta
Ufano prenda o gadelhudo craneo,
Aberto em crôa, do infeliz Gamella.
Embora; mas porêm amigas quedem
Do Tymbira e Gamella as grandes tabas,
E largo em roda na floresta imperem,
Que o mundo em peso, unidas, affrontarão!

Nascia a aurora: do Gamella as hostes
Em pé, na praia, o mensageiro aguardão
Sisudos, graves. Um caudal regato,
Cujo branco areial a prata imita,
Serenos allí volvia as mansas aguas,
Como que triste de as levar ao rio,
Que ao mar conduz a rapida torrente
Por entre a selva umbrosa e broncas penhas.

Esta a praia! — em redor troncos gigantes,
 Que a folhagem no rio debruçavão,
 Onde beber frescor os galhos vinhão,
 Luxuriando em viço! — penduradas
 Trepadeiras gentís da coma excelsa,
 Estrellando do bosque o verde manto
 Aqui, alli, de flôres scintillantes,
 Meneiavão-se ao vento, como fitas,
 De que se ennastra a coma a virgem bella.
 Era um prado, uma varzea, um taboleiro
 Com mimoso tapiz de varias flôres,
 Agrestes, sim, mas bellas. Genio amigo
 Chegou-lhe só a magica vergasta!
 Eil-as a prumo ao longo da corrente
 Com requebros louçãos a enamoral-a !

A nós de embira aos troncos amarradas
 Quasi ygaras sem conto figuravão
 Ousada ponte no correr das aguas
 Por força mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurucey, notando
 O imigo poderio, e seu máo grado
 Váe lá comsigo mesmo discorrendo :
 « Muitos e fortes são nossos guerreiros ;
 Muitos, certo, e as nossas tabas fortes,
 Itajuba invencivel ; mas da guerra
 È sempre incerto o azar e sempre vario !
 E... quem sabe ? talvez... mas nunca, oh ! nunca !
 Itajuba ! Itajuba ! — onde ha no mundo
 Posses que valhão contrastar seu nome ?
 Onde a seta que valha derribal-o,
 E a tribu ou povo que os Tymbiras venção ? ! »

Entre as hostes que a si tinha fronteiras
 Penetra ! — tão galhardo era o seu gesto,
 Tão sereno e guerreiro o seu desplante,
 Que os Gamellas em si também disserão :
 « Missão de paz o traga, que se os outros
 São tão ferros assim, Tupan nos valha,
 Sim, Tupan ; que o não póde o rei das selvas ! »

Hospedagem sincera emtanto off'recem
 A quem talvez não tardará buscar-os
 Com fina seta no leal combate.
 Às ygaras o levão pressurosos,
 Servem-lhe o piraken na guerra usado,
 E os loiros dons do colmeal agreste ;
 Servem-lhe amigos succulento pasto
 Em banquete frugal ; servem-lhe taças
 (A ver se mais que a fome o instiga a sêde)
 De espumoso cauím, — taças pesadas
 Na funda noz da sapucaya abertas.
 Sem temor o tymbira vae provando
 O mel, o piraken, as iguarias ;
 Mas dos vinhos cohibe-se prudente.

Em remoto logar forma conselho
 O rei das selvas, Gurupema, emquanto
 Restaura o mensageiro os lassos membros.
 Chama primeiro Caba-oçú valente ;
 As rispidas melenas corredias
 Cortão-lhe o rosto, — pendem-lhe nas costas,
 Hirtas e lisas, como o junco em feixes
 Acamados no leito resequido
 D'invernosa corrente. O rosto feio
 Aqui, alli, negreja manchas negras
 Como da bananeira a larga folha,

Colhida ao romper d'alva, qu'uma virgem
Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçú ; mas sem piedade !
Como sedenta fera almeja sangue
E de malvada acção cruel se paga.
Apresou em combate um seu contrario,
Que mais imigo tinha entre os imigos :
Da guerra os duros vinculos lançou-lhe
E a terreiro o chamou, como é de usança
Para o triumpho bellico adornado.
Fizerão-lhe terreiro os mais d'entorno :
Elle do sacrificio empunha a maça,
Improperios assaca, vibra o golpe,
E antes que tombe o corpo, aferra os dentes
No craneo fulminado : jorra o sangue
No rosto, e em gurgulhões se expande o cerebro,
Que a fera humana rabida mastiga !
E enquanto limpa á desgrenhada coma
Do sevo pasto o esqualido sobejo,
Barbaras hostes do Gamella torcem,
A tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepsiaba, o forte entre os mais fortes,
Tayatú, Tayatinga, Nupançaba,
Tucura o agil, Cravatá sombrio,
Andyra, o sonhador de agouros tristes,
Que elle é primeiro a desmentir co'as armas;
Piréra que jamais não foi vencido,
Itapeba, rival de Gurupema,
Okena, que por si vale mil arcos,
Escudo e defensão dos seus que ampara ;
E outros, e muitos outros, cuja morte
Não foi sem gloria no cantar dos bardos.

« Guerreiros ! Gurupema assim começa :
Antes de ouvir o mensageiro estranho
Consultar-vos me é força ; a nós incumbe
Vingar do rei da selva a morte indigna.
Do que morreu, em que lhe seja eu filho.
Estende-se o desar sobre nós todos,
E a todos nós da gloriosa herança
Compete o desaggravo. Se nos busca
O filho de Jaguar, é que nos teme ;
A nossa furia por ventura intenta
Voltar a mais amigo sentimento.
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas
Com larga pompa nos envia agora :
Basta-vos isto ? »

— Guerra ! Guerra ! exclamão.

« Notae porém quanto é pujante o chefe,
Que os Tymbiras dirige. Sempre o segue
Facil victoria, e mesmo antes da luta
As galas triumphaes dispõe seguro. »

— Embora, dizem uns ; outros murmurão
Que de tão grande heróe, qual quer que seja
A offerta expiatoria, em bem, se aceite ;
Outros porém, e a maior parte, incertos
Vacillão no conselho. A injuria é grande,
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

« Se o orgulho desce a ponto no Tymbira,
Que pazes nos propõe, diz Itapeba
Com dura voz e cavernoso accento,
Já está vencido! — Alguem pensa o contrario
(E com despeito a Gurupema encara)

Alguem, não eu ! Se havemos de barato
 Dar-lhe a victoria, humildes aceitando
 O triste cambio (a ideia só me irrita)
 De um morto por um arco tão valente,
 Aqui as armas vis faço pedaços
 Em breve tracto, e vou-me a ter com esse,
 Que sabe leis dictar, mesmo vencido ! »

Como tormenta, que rouqueja ao longe
 E som confuso espalha em surdos echos ;
 Como rapida frecha corta os ares,
 Já perto sôa, já mais perto brame,
 Já sobranceira emfim roncando estala :
 Nasce fraco rumor que logo cresce,
 Avulta, ruge, horrisono rimbomba.
 Okena ! Okena ! o heróe nunca vencido,
 Com voz troante e procellosa exclama,
 Dominando o rumor, que longe echôa :

« Fujão timidias aves aos lampejos
 Do raio abrasador, — medrosas fujão !
 Mas não será que o heróe se acanhe ao vel-os !
 Itapeba, só nós somos guerreiros ;
 Só nós, que a olhos nús fitando o raio,
 Da gloria a senda estreita a par trilhamos.
 Tens em mim quanto sou e quanto valho,
 Armas e braço emfim ! »

Eis rompe a densa
 Turba que já d'entorno d'Itapeba
 Formidavel barreira alevantava.

Quadro pasmoso ! os dois de mão travadas.
 Sereno o aspecto, placido o semblante,

Á furia popular se apresentavão
De constancia e valor sómente armados.
Erão escólhos gemeos, empinados,
Que a furia de um vulcão ergueu nos mares.
Eterno alli serão co'os pés no abysmo,
Co'os negros cimos devassando as nuvens,
Se outra força maior os não afunda.
Ruge embalde o tufão, embalde as vagas
Do fundo pégo á flôr do mar borbulhão !

Estranha a turba, e pasma o desusado
Arrôjo, que jamais assim não virão !
Mas mais que todos Caba-oçú valente
Enleva-se da acção que o maravilha :
E de nobre furor tomado e cheio,
Clama altivo : « Eu tambem serei comvosco,
Eu tambem, que a só mercê vos peço
De haver ás mãos o perfido Tymbira.
Seja, o que mais lhe apraz, invulneravel,
Que d'armas não careço por vencel-o.
Aqui o tenho, — aqui commigo o apérto,
Estreitamente o apérto nestes braços
(E os braços mostra e os peitos musculosos),
Ha-de medir a terra já vencido,
E orgulho e vida perderá co'o sangue,
Arrã soprada, que um menino espoca ! »

E bate o chão, e o pé na areia enterra,
Orgulhoso e robusto : o vulgo applaude,
De prazer e rancor soltando gritos
Tão altos, taes, como se alli tivera
Aos pés, rendido e morto o heróe Tymbira.

Por entre os alvos dentes que branquejão,
Ri-se o prazer nos labios do Gamella.

Ao rosto a côr lhe sobe, aos olhos chega
Fugaz clarão da raiva que aos Tymbiras
Votou de ha muito, e mais que tudo ao chefe
Que o espolio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silencio impondo
Alegre aos tres a mão callosa off'rece,
Rompendo nestas vozes : « Desde quando
Cabe ao soldado pleitear combates
E ao chefe em ocio vil viver seguro ?
Guerreiros sois, que os actos bem n'ò provão ;
Mas, se vos não apraz ter-me por chefe,
Guerreiro tambem sou, e onde se ajuntão
Guerreiros, hão-de haver logar os bravos !
Serei comvosto, » disse. — E aos tres se passa.

Sôão batidos arcos, rompem gritos.
Do festivo prazer, sóbe de ponto
O ruidoso applaudir. Só Itapeba,
Que ao seu rival deu azo de triumpho.
Mal satisfeito e quasi irado rosna.

Um Tapuya, guerreiro adventicio,
Filhado acaso á tribu dos Gamellas,
Pede attenção, — prestão-lhe ouvidos todos.
Estranho é certo ; — porém longa vida
A velhice robusta lhe autorisa.
Muito ha visto, soffreu muitos revezes,
Longas terras correu, aprendeu muito ;
Mas quem é, donde vem, qual é seu nome ?
Ninguem o sabe : elle o não disse nunca.
Que vida teve, a que nação pertence,
Que azar o trouxe á tribu dos Gamellas ?
Ignora-se tambem. Nem mesmo o chefe
Perguntar-lh'o se atreve. É forte, é sabio.

É velho e experiente, o mais que importa?
 Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.
 Se á caça os aconselha, a caça abunda;
 Se á pesca, os rios cobrem-se de peixes;
 Se á guerra, ai da nação que elle indigita!
 Valem seus ditos mais que valem sonhos,
 E acerta mais que os piágas nos conselhos.

« Mancebo (assim diz elle a Gurupema),
 Já vi o que por vós não será visto,
 Immensas tabas, barbaros imigos,
 Como nunca os vereis: andei já tanto,
 Que o não fareis, andando a vida inteira!
 Estranhos casos vi, chefes pujantes!
 Tabyra, o rei dos bravos Tobajaras,
 Alkindar, que talvez já não exista,
 Ipperú, Jeppipó de Mambucaba,
 E Konian, rei dos festins guerreiros;
 E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,
 Acção, que eu saiba, de tão grandes Cabos,
 Como a vossa não foi, — nem tal façanha
 Fizerão nunca, e sei que forão grandes!
 Itapeba entre os seus não encontráras,
 Que não pagasse com seu sangue o arrôjo
 De tanto ás claras pôr-se-lhes contrario.
 Mas quem do humano sangue derramado
 Por ventura se peja? — em que logares
 A gloria da peleja horror infunde?
 Ninguem, nenhures, ou sómente aonde,
 Ou só aquelle que já vio tingidas
 Crúas vagas de sangue, e os turvos rios
 Ao mar volvendo mortos por tributo.
 Vi-as eu, inda novo; mas tal vista
 Do humano sangue saciou-me a sede.

Ouvi-me, Gurupema, ouvi-me todos :
Da sua tentativa o rei das selvas
Teve por premio o lacrimoso evento ;
E era chefe brioso e bom soldado !
Só não pôde soffrer que alguém dicesse
Haver outro maior tão perto d'elle !
A vaidade o cegou ! hardida empresa
Commetteu, mas por si ; de fóra, e longe
Os seus o virão deslindar seu pleito.
Vencido foi... a vossa lei de guerra,
Barbara, sim, mas lei, — dava ao Tymbira
Usar como elle usou, do seu triumpho.
A que pois fabricar novos combates ?
Porque comprehendel-os nós, quando mais justos
Os Tymbiras talvez mover pudérão ?
Que vos importa a vós vencer batalhas !
Tendes rios piscosos, fundas matas,
Innumeros guerreiros, tabas fortes ;
Que mais vos é mister ? Tupan é grande :
De um lado o mar se estende sem limites,
Pingues florestas d'outro lado correm
Sem limites tambem. Quantas ygaras,
Quantos arcos houvermos, nas florestas,
No mar, nos rios caberão ás largas :
Porque então batalhar ? porque insensatos,
Buscando o inutil, necessario aos outros,
Sangue e vida arriscar em nescias lutas ?
Se o filho de Jaguar trazer-nos manda
Do chefe desditoso o frio corpo,
Aceite-se.... se não... voltemos sempre,
Ou com elle, ou sem elle, ás nossas tabas,
Ás nossas tabas mudas, lacrimosas,

Que hão de certo enlutar nossos guerreiros,
 Quer vencedores voltem, quer vencidos. »

Do forasteiro, que tão solto falla
 E tão livre argumenta, Gurupema
 Pesa a prudente voz, e alfim responde :
 « Tupan decidirá. » — « Oh ! não decide,
 (Como consigo diz o forasteiro)
 Não decide Tupan humanos casos,
 Quando imprudente e cego o homem corre
 D'encontro ao fado seu ; não valem sonhos,
 Nem da prudencia meditado aviso
 Do atalho infausto a desviar-lhe os passos !

O chefe dos Gamellas não responde :
 Vae pensativo demandando a praia,
 Onde o Tymbira mensageiro o aguarda.

Reina o silencio, sentão-se na arena,
 Jurucey, Gurupema e os mais com elles.
 Amiga recepção, — alli não viras
 Nem pompa oriental, nem galas ricas,
 Nem armados salões, nem corte egregia,
 Nem regios passos, nem caçoilas fundas,
 Onde a cheirosa gomma se derrete.
 Era tudo singelo, simples tudo,
 Na carencia do ornato — o grande, o bello,
 Na propria singeleza a magestade.
 Era a terra o palacio, as nuvens tecto,
 Columnatas os troncos gigantescos,
 Balcões os montes, pavimento a relva,
 Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá 'stão na branca areia descansados.
 Como festiva taça n'um banquete,

O cachimbo de paz, correndo em roda,
 De fumo adelgado cobre os ares.
 Almejão, sim, ouvir o mensageiro,
 E mudos são comtudo : não dissera,
 Quem quer que os visse alli tão descuidosos,
 Que ardor inquieto e fundo os anciava

O forte Gurupema alfim começa
 Após congruo silencio, em voz pausada :
 — Saude ao nuncio do Tymbira ! disse.
 Tornou-lhe Jurucey : « Paz aos Gamellas,
 Renome e gloria ao chefe seu preclaro ! »
 — Á que vens pois ! Nos te escutamos : falla.
 « Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,
 Á mercê da corrente, o arco e as setas
 Feitas pedaços, por mim mesmo inuteis. »

« E de t'ó ver folguei ; mas quero eu mesmo
 Ouvir dos labios teus quanto imaginó.
 Acata-me Itajuba, e de medroso
 Tenta poupar aos seus tristeza e luto ?
 A flôr das tabas suas talvez manda
 Trazer-me o corpo e as armas do Gamella,
 Vencido, em mal, no desleal combate !
 Pois seja, que talvez não queira eu sangue
 E do justo furor quebrando as setas...
 Mas dize-o tu primeiro... Nada temas ;
 É sagrado entre nós guerreiro inerme,
 E mais sagrado o mensageiro estranho. »

Treme de pasmo e colera o Tymbira,
 Ao ouvir tal discurso. — Mais sorpreso
 Não fica o pescador, que mariscando
 Váe na maré vasante, quando avista

Envolto em lodo um tubarão na praia,
Que reputa sem vida; passa rente,
E co' as malhas da rede acaso o açoitá
E a desleixo : — feroz o monstro acorda,
E escancarando as fauces mostra nellas
Em sete filas alinhada a morte !
Tal ficou Jurucey, — não de receio,
Mas de surpresa attonito ; — o contrario,
Que de o ver merencorio não se agasta,
A que proponha o seu encargo o anima.

« Não ignavo temor a voz me embarga ;
Emmudeço de ver quão mal conheces
Do filho de Jaguar os altos brios !
Esta a mensagem que por mim vos manda :
Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Cahidas a seus pés a voz lhe escutão.
Não quer dos vossos derramar mais sangue :
Tigre cevado em carnes palpitantes,
Rejeita a facil preza ; nem o tenta
De perjuros haver trophéos sem gloria.
Emquanto pois a maça não sopesa,
Emquanto no carcaz dormem-lhe as setas
Immoveis — attendei ! — cortae no bosque
Troncos robustos e frondosas palmas
E novas tabas construi no campo,
Onde o corpo cahio do rei das selvas,
Onde empastado inda enrubece a terra
Sangue d'aquelle heróe que vos infama !
Aquella briga enfim de dois, tamanhos,
Signalae ; porque estranho caminheiro
Amigas vendo e juntas nossas tabas,

E a fé que usais guardar, sabendo, exclame :
Vejo um povo de heróes, e um grande chefe ! »

Emquanto escuta o mensageiro estranho,
Gurupema, talvez sem que o sentisse,
Váe pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.
A baça côr do rosto é sempre a mesma,
O mesmo o aspecto, — a válida postura
A quem de longe o vê, sómente indica
Vigor descommunal, e a gravidade
Que os proprios Indios por incrível notão.
Era uma estatua, excepto só nos olhos,
Que por entre as emvão cahidas palpebras
Clarão funereo derramava emtorno.

« Quero ver que valor mostras nas armas,
(Diz ao Tymbira, que a resposta aguarda)
Tu que arrogante, em frases descortezes,
Guerra declaras, quando paz off'reces.
Quebraste o arco teu quando chegaste,
O meu te off'reço ! O quebrador dos arcos
Nos dons por certo liberal se mostra,
Quando o seu arco off'rece : julga e pasma ! »

E o arco empunha ! outro não foi como elle !
Artifice de nome em seus labores
Mais de um anno gastára em fabrical-o.
As pontas levemente recurvadas
Cabeças de bicephala serpente
Figuravão, — iguaes no peso e fórmula :
Melhor que nenhum outro equilibrado,
Lavrados os desenhos com tal arte,
Que sem tirar-lhe a força, mais flexivel,
Mais pesado o tornavão com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,
 Na corda a ageita, — o arco entesa e curva,
 Atira, — sôa a corda, a frecha vòa
 Com silvos de serpente. Sobre a copa
 D'uma arvore frondosa descansava
 Ha pouco um cenemby, — frechado agora
 Despenha-se no rio, sopra iroso,
 A cortante serrilha embora errica,
 Co'a dura cauda embora agoita as aguas;
 A corrente o conduz, e em breve tracto
 O hastil da frecha sobre-nada a prumo.

Pudera Jurucey, alçando o braço,
 Poupar acção tão baixa áquelles bosques,
 Onde os guerreiros de Itajuba imperão.
 Immoval, mudo contemplou no rio
 De chofre o cenemby cahir frechado,
 Lutar co'a morte, ensanguentando as aguas,
 Desparecer, — a voz por fim levanta.

« Ó rei das selvas, Gurupema, escuta :
 Tu, que medroso em face d'Itajuba
 Não ousáras tocar o pó que o vento
 Nas folhas dos seus bosques deposita ;
 Senhor das selvas, que de longe o insultas,
 Porque me vês aqui sósinho e fraco,
 Fraco e sem armas, onde armado imperas ;
 Senhor das selvas (que antes frecha accesa
 Sobre os tectos houvesse arrojado,
 Onde as mulheres tens e os filhos caros),
 Nunca miraste um alvo mais funesto
 Nem tiro mais fatal vibraste nunca.
 Com lagrimas de sangue has de choral-o,
 Maldizendo o logar, o ensejo, o dia,
 O braço, a força, o animo, o conselho

Do delicto infeliz que vae perder-te!
 Eu, sósinho entre os teus que me rodeião,
 Sem armas entre as armas que descubro,
 Sem medo entre os medrosos que me cercão,
 Em tanta solidão seguro e ousado,
 Rosto a rosto contigo, e no teu campo,
 Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,
 Que és vil, qu'es fraco! »

Sibilante frecha

Rompe da turba-multa e crava o braço
 Do ousado Jurucey, qu'inda fallava.

« É seguro entre vós guerreiro inermes,
 E mais seguro o mensageiro estranho! »
 Disse com riso mofador nos labios.

« Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,
 Que vos hei-de tornar, ultriz da offensa
 Infame, que Aymorés nunca sonhãrão!
 Ide, correi, quem vos impede a marcha?
 Vingae esta corrente, não mui longe
 Os Tymbiras estão! — Voltae da empresa
 Com este feito heroico rematado;
 Fugi, se vos apraz; fugi, cobardes!
 Vida por gota pagareis meu sangue;
 Por onde quer que fordes de fugida
 Váe o fero Itajuba perseguir-vos
 Por agua ou terra, ou campos, ou florestas;
 Tremei!... »

E como o raio emnoite escura
 Cegou, desapareceu! De timorato
 Procura Gurupema o autor do crime,
 E autor lhe não descobre; inquire... embalde!
 Ninguem foi, ninguem sabe, e todos virão.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître ;
j'ai béni et sanctifié ma vie et ma pensée ; j'ai
raccourci ma vue et j'ai éteint devant mes yeux
les lumières de notre âge ; j'ai fait mon cœur plus
simple, et l'ai baigné dans le bénitier de la foi
catholique ; je me suis appris le parler enfantin
du vieux temps : et j'ai écrit !...

STELLO.

LÔA DA PRINCEZA SANCTA

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras de mouros
Era o réy nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

Dava o rei huma batalha,
Deos lhe acudia do céu;
Quantas terras que ganhava,

Dava ao Senhor que lhas deo,
E só em fazer mosteyros
Gastava muito do seo.

Se havia muitos Iffantes,
Torneyo não se fazia;
He esse o estilo de Frandres,
Onde anda muita heregia;
Para os armar cavalleiros
A armada se apercebia.

Chamava el-rey seos vassallos
E em côrtes logo os reunia :
Vinha o povo attencioso,
Vinha muita cleregia,
Vinha a nobreza do reyno,
Gente de muita valia.

Quando o rey tinha-los juntos
Começava a discursar :
« Os Iffantes já são homens,
Vou-me ás terras d'alem-mar
Armal-os hy cavalleiros;
Deos Senhor m'ha de ajudar. »

Não concluia o pujante
Rey — de assi lhes propor,
Clamavão todos em grita
Com vozes de muito ardor :
« Seremos nessa folgança,
Honra de nosso Senhor ! »

E logo todos em sembra,
Todos gente mui de bem,
Na armada se agazalhavão,

Sem se pezar de ninguem;
E os Padres de Sam Domingos
Hião com elles tambem.

Hião, sí, os bentos Padres :
E que assi fosse, he rezão,
Que o sancto em guerras d'Igreja
Foy hum bom sancto christão :
Queimou a muitos heregès
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
Toda a frota pera cá,
Primeiro se perguntava;
« Que terras temos por lá? »
Quem em Deos tanto confia,
Sempre Deos por si terá.

El-rei tornava benino,
Como coisa natural :
« Temos Ceita, Arzilla ou Tangere,
« Conquistas de Portugal! »
E todos, a voz em grita,
Clamavão : real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão;
Os moços davão-se á guerra,
As moças á devação :
Aquella terra de mouros
Vivia em muita afflicção.

Deo-nos Deos tantas victorias,
E tanto pera louvar,
Que os Padres de Sam Domingos

Já não sabião rezar;
 Todo-lo tempo era pouco
 Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,
 Nem recontro se perdeu!
 Aquelles Padres coitados
 Não tinham tempo de se;
 Levavão todo cantando
 Louvores ao pay do céu.

Louvores ao pay do céu,
 Que eu inda possa trovar,
 Quando não vejo os mares
 Nossas quinas tremolar;
 Mas sómente o tẽplo mudo,
 Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados
 Dos campanarios subtiz,
 E a prata das sacristias,
 Servida em misteres vis,
 E ante os leões de Castella
 Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,
 Digo que sou Portuguez :
 Arço de ver nossas coizas
 Hirem todas ao revez,
 Arço de ver nossa gente
 Andar comnosco ao envez.

Mercê de Deos! minha vida
 He vida de muita dura!
 Vivo esquecido dos vivos

Na terra da desventura ;
Vivo escrevendo e penando
N'um canto de cella escura.

Do meu velho breviario
Só deixarei a leitura
Para escrever estes carmes,
Remedio á nossa amargura ;
O corpo tenho alquebrado,
Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
Que armada he essa qu'hy vem ?
Vem subindo Tejo acima,
Que fermosura que tem !
Nas praias se apinha o povo,
E as cobre todas porêm.

Dão signays as fortalezas,
Respondem signays de lá :
Vem el-rey victorioso !
Quem de gaudio se terá ?
O mar he todo bonança,
O céu mui sereno está !

Oco bronze fumo e fogo
Já começa a despejar ;
Acordão alegres echos
Os sinos á repicar ;
Grita e folgança na terra.
Celeuma e grita no mar !

Vinde embora e mui depressa,
Senhores da capital!
Vinde ver Affonso quinto,
Rey, senhor de Portugal;
Vem das terras africanas
Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outr'ora
Fragueiros de condição;
Dormião quasi vestidos,
Espada nua na mão;
Nem repoisavão de noite
Sem fazer sua oração.

Empresa não commettião
Sem primeiro commungar,
Sem fazer voto a algum sancto
De tenção particular;
Porêm victorias houverão,
Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
Da protecção divinal,
Conhecerão os poderes
Da benção celestial,
Se contarem os mosteyros
Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,
Nossos mosteyros custosos,
São obras sanctas de Sanctos,
Obras de reys mui piedosos;
São brados de pedra viva,
Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
Dos templos edificados ;
Dizem que forão mal gastos
Os bens com elles gastados :
Eu creio (Deos me perdôe)
Que são increíos disfarçados !

E mais pasmão dos feitios
De pedra, que Memphis tem,
Sem ter olhos pera Mafra,
Pera Batalha ou Belem !
Oh ! se a estes conheceras,
Meo Frey Gil de Santarem !

N'aquella villa deserta
Ainda se me afigura
Ver elevar-se nas sombras
Tua válida estatura,
E ouvir a voz que intimava
Ao rey a sentença dura !

E mais a tacha que tinha
Era ser fraco, e não mais !
Tu, meo Sancto, que fizeras,
Se ouviras a estes tais,
Que nos assacão motejos
Às nossas obras reais !

Mas vós, quem quer qu'isto lerdas,
Relevai-me esta tardança ;
São achaques da velhice :
Vivemos de rememrança
E em longas fallas fazemos
De tudo commemorança.

Já el-rey Affonso quinto
 Nas suas terras pojou ;
 Alegre o povo o recebe,
 Alegre el-rei se mostrou ;
 Abrio-se em alas vistosas,
 El-rey entre ellas passou.

Vem os muzicos troando
 Nos atabales guerreiros,
 Tangem outros istromentos
 D'esses climas forasteiros,
 E traz elles vem marchando,
 Passo a passo, os prisioneiros.

São elles mouros gigantes
 De bigodes retorcidos,
 Caminhão a passos lentos,
 Com sembrantes de atrevidos.
 Causa medo vél-os tantos,
 Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,
 Homens de má condição,
 Que vivem na lei nojenta
 Do seo nojento alkorão,
 Que — vinho? nem querem vél-o,
 Só porque o bebe hum christão!

Vêm as moiras depois d'elles,
 Rostos cobertos com véos ;
 Bem que filhas d'Agarenos,
 São tambem filhas de Deos ;
 Se forão christans ou freiras,
 Serião anjos dos céos.

Luzião os olhos d'ellas,
 Como pedras muito finas;
 Devião ser finas bruxas,
 Inda qu'erão bem meninas,
 Que estas mouras da Mourama
 Nascem já bruxas cadimas.

Huma d'ellas que lá vinha
 Olhou-me á travez do véo!...
 Foy aquillo obra do demo,
 Quasi, quasi me rendeo!
 Pensei n'ella muitas vezes,
 Valerão-me anjos do céo!

Via as largas pantalonas,
 E o pésinho delicado...
 Como póde pensar n'isto
 Hum pobre frade cañado,
 Hum padre da Observancia,
 Que sempre come pescado?!

Emfim, dizer quanto vimos
 Não cabe n'este papel;
 Vinhão muitas alimarias,
 Como achadas a granel;
 Vinha o iffante brioso,
 Montado no seu corsel.

Vinhão pagens e varletes,
 Vinhão muitos escudeiros,
 Vinhão do sol abrazados
 Nossos robustos guerreiros;
 Vinha muita e boa gente,
 Muitos e bons cavalleiros!

A Princeza Dona Joanna
Sahio dos Paços reais ;
Era moça e muito airosa,
E dona de partes tais,
Que todos lhe qu'rião muito,
Estranhos e naturais !

Foi requerida de muitos
E muito grandes senhores,
Por fama que della tinhão,
E por copia de pintores,
Que muitos vinhão de fóra
Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França,
Ludovico, creio eu :
Hum pobre frade mesquinho
Só trata em cousas do céo ;
Sabe elle que muito sabe,
Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França,
O onzeno do nome seo,
Que vendo hum retrato d'estes
Pera si logo entendeo
Qu'era prodigio na terra
Quem tanto tinha do céo.

E logo sem mais tardança
Cahio, gíolhos no chão ;
No feltro traz arreliquias,
Assi uza hum rey christão ;
O seo feltro poz diante,
E fez hy sua oração !

Sahio a real Princeza,
Sahio dos Paços reais,
Nos pulsos ricas pulseiras,
Na fronte finos ramais ;
De longe seguem-lhe a trilha
Muitos bons homens segrais.

Traçava hum mantéo vistoso
Sobo-las suas espaldas,
E as largas roupas na cinta
Prendia em muitas laçadas ;
Seos olhos valião tanto
Como duas esmèraldas.

Tinha elevada estatura
E meneyo concertado,
Solto o cabelo em madeixas,
Pelas costas debruçado :
Cadexo de fios d'oiro,
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona,
Vinha muito pera ver :
O povo em si não cabia,
Quando a via, de prazer ;
Era ella sancta ás occultas
E anjo no parecer !

Debaixo das telas finas
E dos brocados luzidos,
Trazia á raiz das carnes
Duros cilicios cozidos
E humas crinas muito agras,
Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras
No oratorio a rezar,
Dormia depois na pedra
Sem ninguem o suspeitar ;
Extremos tais em princeza
Quem n'os ha de acreditar ?

No dia de lava-pés
Ordenava ao seo Védor
Trazer-lhe doze mulheres ;
E depois, com muita dôr,
Chorando os pés lhes lavava,
Honra de nosso Senhor !

E depois de os ter lavado,
Não perdia a occasião,
Despedia a todas juntas
Com sua esmola na mão :
Dizia que era humildade,
E obra de devação,

E as mendigas pasmadas
Sahião de tal saber,
E perguntavão, quem era
Aquella sancta mulher ? !
Mãos peccados que ella tinha
Só pera assi proceder !

O mesmo Védor foy quem
Isto depois revelou,
Quando aquella humanidade
Em o Senhor descançou ;
Dona Joanna era já morta,
Elle porém m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo
Que guardava em coisas tais,
Sabião algo os estranhos
Por muitos certos signais,
Que o ar he todo perfume,
Se a terra he toda rosais,

He coisa de maravilha
Que me faz scismar a mi,
Que as donas d'hoje pareção
Huns camafêos d'alfeni,
Não donas de carne e osso ;
As donas d'outr'ora — si.

Hoje leigos de nonnada
(He lhes o demo caudel)
Praguejão a meza escaça
E as arestas do burel ;
Querem mimos e regalos,
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,
Regente de Portugal ;
Traz sobre si muitas joias
Do thesouro paternal ;
Deos lhe pôz graça divina
Sobre a graça natural.

Acostou-se a comitiya,
Muito senhora de si :
Perante el-rey se agiolha,
Disse-lhe el-rey : não assi !
E ao peito a cinge dizendo :
« Não a meos pés, mas aqui ! »

« Sois hum bom pay, Senhor rey,
Tornou-lhe a sancta Princeza :
Eu que sou vassalla vossa
E filha por natureza,
Peço mercê como aquella,
Como esta peço fineza. »

Ficárão logo suspensos
Todolos que erão aly,
Ficárão como enleitados,
Enleio tal nunca vi !
Eis que a Princeza medroza
Começa a propor assi.

El-rey não lhe respondêra ;
Que lhe havia responder ?
Boa filha Deos lhe dera,
Que lhe havia defender ?
Sorrio-se, o bom rey quizera
Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces :
« De alguns capitães antigos
Tenho lido, Senhor rey,
Que, vencidos os imigos,
Tornavão, a Deos fazende
Sacrificios mui subidos.

« Vião as coisas melhores
Que dos seos reynos havião,
E logo lh'as offertavão ;
E mercês tambem fazião,
No dia do seo triunfo
A los que justas pedião.

« Deslembrar a usança antiga
Fôra de grande estranheza ;
Agora sobre maneira,
Perfeita tamanha empreza,
De tanto lustre aos do reyno,
De tal honra a vossa Alteza.

« Digo pois a vossa Alteza,
E digo com muita fé,
Deve a offerta ser tamanha
Quamanha foy a mercê,
Não do nobre rey pujante,
Mas do sancto rey qual he.

« A offerta que vós fizerdes,
Será mercê paternal :
Se quereis que corresponda
Ao favor celestial,
Deve ser coisa mui alta,
Deve ser coisa real.

« Ao Deos que vence as batalhas
Dai-lhe a filha muito amada ;
Dai-lhe a só filha que tendes
Em tantos mimos criada :
Será a offerta bem quista
E do Senhor acceptada.

« E eu a quem mais custou
De medos, esta jornada,
Que muitas noitês orando
Passei em pranto banhada,
Sou eu, Senhor, quem vos peço
Ser a hostia a Deos votada. »

Que sancta que era a Princeza,
 Que extremos de devação!
 Nos sembrantes dos presentea
 Vio-se, e não era rezão,
 Que a nenhum delles prazia
 Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,
 El-rey, porque muito a amava:
 Aquelle dizer da filha
 Todo o prazer lhe aguava,
 Aquelle pedir sem dó
 Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro della
 O pobre velho cançado,
 Chorou o triunfo breve
 E o prazer mal rematado,
 Não como rey valeroso,
 Mas como pay anojado.

El rey despois mais tranquillo
 Rompeo o silencio alfi';
 E entre afflicto e satisfeito
 Disse á filha; Seja assi!...
 Velhos guerreiros vi eu
 Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo
 Não sei que tempo gastei,
 Nem sei de mim que fizeram,
 Nem tam pouco se chorei;
 Foi traça da Providencia:
 Nisto commigo assentei.

Foy Jephté corajoso,
O forte rey de Judá ;
Volta coberto de loiros,
Quem primeiro encontrará ?
Sente a filha, torce o rosto...
Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios
Soube a Deos mais agradar ?
Vai a Hebréa constrangida
Depor o collo no altar,
Vai a christã jubilosa !
São ambas pera pasmar.

Depois n'hum dia fermoso,
Era no mez de Janeiro,
Houve huma scena vistosa
Dentro de hum pobre mosteyro ;
Fundou-o Brites Leytoa,
Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,
Sobrinha d'altos Iffantes,
Filha de reys soberanos,
Senhora das mais pujantes,
Era a primeira figura,
Espantava os circunstantes.

Aly humilde e curvada,
Pezar de todos os seos,
Giolhos sobre o ladrilho
E as mãos erguidas aos céos,
Ouvi — exigua mortalha
Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,
Louvores ao Senhor Deos:
Os anjos digão seo nome,
Rostos cobertos com véos;
Leião-n'ó os homens escripto
No liso campo dos céos.

Bom tempo foy o d'outrora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras mouriscas
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

« Isto escreveo Frei Antão
De vida mui alongada,
Nossa Senhora da Escada
O teve por Capellão. »

GULNARE E MUSTAPHÁ

Deos Senhor foy quem nos céos
Pendurou milhões de estrellas,
Foy quem matizou a terra
De froles varias e bellas,
Quem ao mar por ser pujante
Areias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes
Das sementes germinassem,
Que déssem froles mimosas.

Que perfumes trescalassem,
E mais fez que em tempo azado
As froles fructificassem.

Pois aquelle anjo das trevas,
Imigo da humanidade,
Nas arvoles poz carcoma,
Poz na frol muita ruindade,
Poz nos céos a nuvem negra,
Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
Damna, e faz mal o tredor,
A alma tambem por mil modos
Tenta com geito e sabor,
Que troca o prazer celeste
Em penas d'eterna dôr !

Mas não foy jamais que Deos
Em tal feito consentisse,
Senão porque suas posses
O homem bem claro visse;
Que sem elle fôra o mundo
Maldade só e sandice.

Mas que mal ha hy na terra
Que não venha pera bem ?
Os d'aqui desta amargura
Dão coyta, e gloria porêm;
Dos outros que traz o demo
Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo
Acontecido, al não sei,
Senão que por amor d'elle

Muito má vida levei,
Que me dá coyta mui grave
Do mal que me comortei.

Como já fiz penitencia,
Ora farei confissão ;
Tal será, qual foy o escand'lo
De que fui occasião :
Não me tomem por modelo,
Mas tomem de mi licção.

Não he pera honra minha,
Mas pera honra dos céos,
Que eu direi publicamente
Os feios peccados meos ;
Toda a vergonha foy minha,
Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia
Celeste, e mais na d'aqui :
Dá batalha o cabo experto,
Desses muitos que ha per hy ;
Toda a preza aos seos concede,
Só lôa quer pera si.

A Princeza Dona Joanna
Já vive dentro d'Aveiro ;
Comsigo trouxe os escravos,
Que lhe trouxe o rey fragueiro ;
O que ás terras africanas
Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios
Netos d'Agar, inda mal !
Traçando vastas roupagens
Á maneira oriental ;
Larga faxa na cintura,
Na faxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos
Polas ruas passear,
Passo a passo — graves, mudos,
Com doairos d'espantar,
Profundas rugas na frente,
Rugas de mão meditar.

Levar traz si tanta gente
Nunca a ninguem vi assi ;
Nem folias, nem cantares
Vi com tal cauda apoz si,
Bôdo, nem festa d'orago,
Bufão, e nem bolatí.

Mas quem vio acaso as turbas
Correrem traz algum bem ?
Vão todas apoz engodos,
Apoz maldades tambem ;
Mas seguir a Deos por gosto
Nem as vi, nem vio ninguem.

Com estes mouros descridos
Vierão tambem aquellas
Moiras, filhas da Mourama ;
Donas, creio, muito bellas ;
No trato e no galanteio
Outras que tais Magdanellas.

Vinha tambem a menina,
Aquella moira fatal,
Que nas ruas de Lisboa
Vi no cortejo real:
Cortejo del-rey Affonso
Vi-o eu, só por meo mal!

Quantas coisas que trazia,
Nulla rem lhe estava mal ;
Dizião que tudo nella
Tinha graça natural,
Era coisa preciosa,
Como coisa oriental.

Aquella abelha sem dardo,
Aquella pomba sem fel
Passava noites inteiras
Tangendo n'hum arrabel,
Coando vivas saudades
Dos labios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas
Ouvindo na solidão
Aquelle triste instrumento,
Al não disseras, senão
Que o mesmo demo voltado
Era n'aquella feição.

Zagales porêm da serra
Mil vezes, no fim do dia,
Polos montes não buscava
A sua ovelha erradia;
Mas no bordão apoiado,
De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e pasmado
De todos e mais de mi,
Mil vezes fugi da cella,
Té das matinas fugi,
Mil vezes, durante a noite,
Aquelle instrumento ouvi.

Mil vezes!... e não sei como
Isto foy, que o não sentia,
Quando mal me precatava,
Dava commigo que ouvia
Dilatar-se polos valles
Aquella doce harmonia..

Assi todo embevecido
Bons sonhos que então sonhei,
Boas venturas que tive,
Bons scismares que scismei!
Esqueci-me de ser frade!
Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava
Do juramento que dei,
Do encargo que me tomára,
E das vestes que eu tomei,
Chorava; e não sei bem como
Em pranto não me afundei.

Derramei n'aquellas brenhas
Cheio d'extranha afoiteza,
Palavras dadas ao vento
Com muito feia crimeza,
Contra mi e contra todos.
Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,
Polas voltas dos caminhos
Rojei nas sarças mordentes
E nos cardos montesinhos,
Rasgando os brancos vestidos
N'aquellas matas d'espinhos.

E não sei, oh ! não sei como
Todo eu não fiquei aly,
Como eu, que por tantas vezes
Rosto nas rochas feri,
Não perdi o ser de todo,
Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava :
« Cegueira, Senhor, me dás !
Cinge-me os rins larga zona
De ferro, e bem me não traz ;
Trago cilícios mordentes,
Usando burel mordaz.

« Abro e vejo o livro sancto,
E vejo que não sei ler !
Aquelles sanctos dictames
Já n'os não sei compr'hender ;
Enojo occupa minha alma,
Hei pavor de me perder ! »

Donde pois me vinha a mí
No proprio bem ver o mal ?
Conheci no meo exemplo,
Que m'era do ser fatal :
Senhor, teo sancto remedio
He triaga cordial.

Bem como o ferro na frágua,
No soffrer a alma se apura :
Assi que disse eu commigo
Que a triaga tambem cura,
Quanto mais amarga e punge,
Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha
Lavrando foy pouco e pouco;
Rohia coyta d'amores
Miôlo cavado e ôco,
Já era o mal dentro d'alma,
E eu delle rendido e louco.

Dizião meos bentos Padres :
« Que he feito de Frei Antão?
Negra dôr o tem por certo,
Negra dôr de coração :
O demo o fez, porque visse
Turbada tal perfeição..

« Parece já de esquecido
Que nem de si tem lembrança !
Á taboa se achega apenas,
Não toma a sua pitaça ;
Té nos officios divinos
Perdeo a sua trigança.

« Sahe á noite muitas vezes,
Diz o bom do Guardião :
Sahir á noite, a deshoras,
Certo não he devação :
Que faz de noite nas ruas
Hum padre, ou frade ou christão ? »

Comtudo alguns dos mais velhos
 Dizião : « Que ha hy de mal ?
 O quer que he que o perturba,
 Coisa não he natural :
 Deve ser condão divino
 Ou graça celestial !

« Pois hum sancto como aquelle :
 Quem he que o ha de tentar ? »
 Eis senão quando começa
 Voz, não sei donde, a zoar
 Que Frei Antão ja não sabe
 No seo rosairo rezar !

E o caso foy que hum noviço
 Tirou-mo só de matreiro,
 Tendo-o fechado comsigo
 Por novena ou mez inteiro ;
 E eu d'outro me não provêra,
 Sendo que tinha dinheiro !

Todolos meos defensores
 Voltarão-se contra mi ;
 Dizião que era mal feito
 Hum sancto mentir assi :
 Seja-me Deos testemunha,
 Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Commuidade
 Propoz-me o Provincial :
 « Dizei *peccavi*, meo Padre,
 Que voz havedes tão mal,
 Que não rezades as rosas
 Da virgem celestial ! »

Ouvido que foy por mi
Tão solemne mandamento,
A mi, que primára sempre
Adentro do meo convento,
Não sei que pejo maldicto
Acorreo-me a pensamento.

Não era feio o peccado,
Mas confessional-o ; e assi
Fiquei de pavor transido,
Mal que tal preceito ouvi :
Homem não era de carne,
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
Nada não soube dizer ;
Nem confessar meo peccado,
Nem ao menos responder :
Ficárão como suspensos
Os que erão aly a ver.

O grave Provincial
Rompe o silencio, e « Azinha
Trazei, disse elle, o hyssope,
Mais a benta caldeirinha ;
Ver demo em corpo de frade
Coisa não he comezinha. »

Corre afanado o Sacrista
Peça a sua sacristia ;
Traz prestes a caldeirinha
Banhada inteira na pia ;
Rezava mil rezas suas,
Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado
 Recebe o Provincial
 O hyssope todo molhado,
 Dizendo sacerdotal :
 « Fugide, partes adversas,
 Demonio, espirito do mal.

« E mais deixa a criatura
 Por amor de quem Jezus
 Soffreo, martyro affrontosc
 E morte vil n'humã cruz;
 Em nome do Padre e Filho
 E Esprito, que sempre luz ! »

Ouvido aquelle exorcismo,
 Cego de toda a rezão,
 Larguei-me do refeitório,
 Fugindo como hum ladrão
 Clamárão todos em grita :
 « Chantou-se nelle o Legião ! »

Enfei os claustros todos,
 Passei pola portaria,
 Achei-me em logar, de noite,
 Que eu mesmo não conhecia :
 Os sons do arrabel mourisco
 Sómente daly se ouvia.

No entanto os Padres prudentes
 Discursavão entre si,
 Dizião dos esconjuros
 Que mal cabião em mi,
 Que era grande sacrilegio
 Usarem commigo assi.

Ai! sacrilego era o homem
 Que ao inferno se vendia,
 Era o christão que adorava
 As filhas da idolatria,
 Que dentro em si tinha o Demo
 E o Demo em si não sentia;

Era o padre que trocára
 O amor de seo Senhor
 Por amor d'huma Donzella,
 Filha d'aquelle impostor,
 Mafoma, falso propheta,
 Mafoma, judêo tredor!

A princeza Dona Joanna
 Mandou ao nosso Convento:
 Qu'eu prestes vá ter com ella
 Manda por seo mandamento;
 Não quer demora, nem falta,
 Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente
 Não m'ò diz a mensageira;
 Não sabe coiza de certo.
 Não dirá coiza certa;
 O habito á pressa enfiô,
 Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada á grade
 Veio a Princeza real:
 « Meo Padre, disse-me entonçes,
 He fóra do natural
 Qu'eu tenha escravos, e mouros
 Rainha de Portugal.

« Ide vós porêr chamal-os
Pera o rebanho christão ;
Cazade-os vós muito embora,
Que bem dahy haverão :
Eu lhes darei corpo livre,
Deos Senhor a salvação. »

Siquer huma só palavra
Não tive n'aquelle ensejo,
Sustou-m'a já na garganta
Não sei que mesquinho pejo ;
Por confessar meo peccado
Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,
Vergonha que todos têm ;
Ultimo fructo colhido
N'aquelles jardins do Eden ;
O Demo o tocou primeiro :
Todo o seo mal dahy vem !

Como está no fundo lago
O verte limo acamado,
Assi deitado e mimoso
Brilha lustre avelludado ;
Tal é aquella vergonha,
Que vem apoz o peccado.

Mas remechei nas raizes
Do limo que he tão viçoso,
E vereis como se prendem
No fundo impuro e lodoso :
Aly com ellas se abraça
O feio verme asqueroso !

Aly mil serpes occultas
Vivem, cruzando laçadas,
Muitos sapos bufadores,
Muitas rãs esverdinhas ;
Humas coizas de má sina,
Outras coizas mal fadadas.

He força fallar á moira !
Disse commigo, e assi
Andava curtas passadas
Por não chegar ; ai de mi !
Tem termo toda a jornada,
Cheguei ! porque não morri ?

Já d'aquelles outros moiros,
Tão feros, não se me dava ;
Mas de suor de maleitas
O corpo se me banhava,
Quando d'aquella menina
Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
Foy o sancto Daniel,
Fui eu no covil lançado
D'aquella gente infiel ;
Era elle experto em tais lutas,
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira
Leixando a mais gente vil,
Ardi doce perfume
Em transparente viril ;
Sobre um bofete lavrado
Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta
Que hum reposteiro cobria,
E hum pano de seda verde
Sobre a estreita gelosia,
E mais hum denso tapete,
Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa
Vestes de branco setim
Entreteladas parece
De coiza de bocaxim,
E humas largas pantalonas,
Respirando benjoim.

Trazia hum jubão mui justo
De seda azul anilado,
Com longas mangas perdidas,
De carmim todo forrado,
Como se fôra hum alfange,
Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada
A negra coma apertava;
Que doces anneis brincados
A negra coma formava,
Quando por vezes no collo
De neve — se debruçava!

Sob as largas pantalonas
Hum pésinho delicado
Sahia nusinho e bello,
Mimoso e branco e nevado;
Em chapins dos mais pequenos
Parecia andar folgado.

Em cada hum dos seos dedinhos
Trazia a moira hum annel ;
Meio deitada, a desleixo,
Tangia no arrabel ;
Tangia-o com tanta graça,
Nem que fôra hum menestrel.

A lettra que ella cantava
Era de lingoa algemia ;
Era qual trinar das aves
As notas em que gemia
Saudades de longes terras
Em peregrina harmonia !

Era menina e fermosa,
Nunca lhe vi sua igual !
Coiza assim tam primorosa
E tanto celestia!,
Ou era filha dos anjos,
Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,
E o demo em sua cegueira,
Fazem quasi as mesmas coizas
Mas por diversa maneira ;
O demo como quem he,
Deos como luz verdadeira.

Pois este pôz a virtude
Entre afflicções dolorosas,
Qual frol de rosa entre espinhos ;
Em ledices enganosas
Pôz o demo o seo peccado,
Qual feia serpe entre rosas.

Quanto o sol mais se abaixava,
Tanto mais alto gemia
Aquella moira mimosa,
Que as suas mágoas carpia :
He hora que espalha enlevos
A hora do fim do dia !

O passaro então das ramas,
Louvor a nosso Senhor !
Ultimo vôo desprega
E hum doce grito de amor ;
Nas pennas esconde o bico,
Nem teme o visgo tredor.

As froles do sol viuvas
Definhão, só de tristura ;
O mar soluçando geme,
Mais alto a fonte murmura,
Reina o silencio que falla,
Bafeja a doce frescura.

« Vistes vós meo bem amado,
(Dizia a filha d'Allah)
« Vistes vós meo bem amado,
« O meo senhor Mustaphá !
« Se o vistes, dizei-me onde !
« Por alma vossa, onde está ?

« A noite o deixou fechado
« Portas a dentro do harem :
« Sorvia aquelles perfumes,
« Que lá d'Arabia nos vem ;
« Trajava os reais vestidos,
« Que lhe cabião tão bem.

- « Já era sobre-manhã
« Quando de mi se apartou ;
« Seo negro corsel d'Arabia
« D'um pulo só cavalgou,
« E o sol que vinha raiando
« Lá na montanha o topou.
- « Vio daly seos bons guerreiros,
« Em alas promptos estão ;
« De frente mal enxergava
« O troço do rey christão ;
« Disse o crente musulmano :
« Allah m'os trouxe, meus são !
- « Allah ! lhes grita o guerreiro,
« Respondem-lhe os seos : Allah !
« Gritão Christãos : Sam Tiago !
« E o meo senhor Mustaphá
« Desceo então da montanha,
« Que nunca mais subirá.
- « Desceo elle da montanha
« Qual rocha descommunal,
« D'agudo cimo tombando,
« Arrazando o pinheiral ;
« Mas a rocha em fundo valle
« Faz-se pedaços, em mal !
- « Desceo elle ao fundo valle,
« Como o tufão queimador ;
« Polos christãos inimigos
« Cortou sem pena e sem dôr ;
« Raio d'esforço na guerra
« Foy Mustaphá, meo Senhor !

« Mas o vento do deserto
« Depois de médas formar
« Das areias que agglomera,
« Onde he que vai acabar ?
« Mafoma e Allah que mo digão,
« Que eu não sei senão chorar !

« Allah quebrou teo orgulho,
« Meo bom senhor Mustaphá !
« Allah quebrou teo orgulho,
« Mas quando se acabará
« Vida que vives de escravo,
« Vida que levas tam má ?

« Doces Huris do Propheta,
« Lá do palacio de Allah,
« Olhavão cá pera baixo
« Só pera ver Mustaphá !
« Guerreiro não foi como elle,
« Como elle ninguem será.

« De ser elle o meo amado,
« Ai que já fui bem feliz !
« De ser elle o meo amado
« Tinhão-me inveja as huris :
« Ora não ha quem m'inveja !
« Foy Allah que assim o quiz.

« Ora não ha quem m'inveja !
« Tenho no peito afflicção ;
« Escrava sou d'hum escravo,
« Escravo d'hum vil christão !
« Mesquinha, que ainda o amo ;
« Trago-o aqui no coração ! »

Então pera junto della
Cheguei-me sem ser sentido ;
Fallei-lhe em som cavernoso,
Medonho e baixo no ouvido :
¿ Por que assi amas o escravo?
Disse eu, do meu mal vencido.

Foy certo o espirito malvado
Quem pera ally me arrastou,
Quem nos meos castos ouvidos
Palavras tais derramou,
Quem aos pés da moça moira
O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meos hombros
Pezava co'o pezo seo,
Quando a moira espavorida
Do vasto leito se ergueo :
Vendo-me ally de giolhos,
Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,
Mas antes seos olhos vi ;
Aquelles olhos fermosos
Lavar-me o rosto senti,
Tocar-me no fundo d'alma,
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos !
Ora bem se me afigura
A lua rasgando as trevas
Em meio de noite escura !
Vi Diana, a caçadora,
N'aquella hardida postura.

Mas a moira de repente
Hum grito franzino dá!
De mi se parte voando,
¿ Senhor Deos, o que será?
Volto prestes a cabeça...
Vejo o mouro Mustaphá!

Em roda do seo pescoço
A moira os braços prendeo;
Arfa-lhe o peito açodado;
Pera traz roja o seo véo,
Offrece o rosto mimoso
Aos beijos d'aquelle incréo!

Era assi qual amorosa
Hera que hum robre vingou;
Ligou-se estreita com elle,
Do tope se debruçou,
Folha metteo pelas folhas,
Vida com vida cazou.

« Gulnare, disse-lhe o mouro,
Gulnare, meo doce amor,
Melhor que a rosa da Persia,
Que arabio incenso melhor,
Frol dos jardins do propheta,
Que dás mate á minha dôr! »

Responde a moira mimosa:
« Dizes bem, meo Mustaphá;
O fogo chegou-se ao incenso,
O incenso effluvios dará;
O sol scintilla na rosa,
A rosa resurgirá. »

« Abelha, tornou-lhe o moiro,
Que susurras de agastada ;
Herva, que as folhas constringes,
De estranho corpo tocada ;
Quem tocou na minha abelha,
Quem na herva delicada ? »

Ella entonces de malquista
Deo-lhe d'olhos pera mi ;
Sancto Jezus ! em que apertos
N'aquelle ensejo me vi,
Prendêra-me força occulta,
Foy porê m que não fugi !

Trazia o moiro atrevido
Adaga no boldrié ;
Deixar a moiros com armas,
Gente de baixa ralé,
Em que escravos de Princeza.
He certo extranha mercê !

A mão no punho da adaga,
A passo, vem sobre mi ;
Trinca as pontas do bigode,
Quais cerdas de javali ;
A barba toda se errica,
Que feio rosto lhe vi !

Os olhos que me lançou,
Jamais não vi seos iguais ;
Devião ser puro fogo,
Senão faiscas fatais
D'aquelle sol do deserto,
Que abraza e funde areais.

Negros olhos de panthera,
Luzindo em fea espelunca ;
 Olhos, que o gyro do sangue
 Nas veias demora e trunca ;
 Olhos cheios de carniça ;
 E della não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo :
 « Que vieste aqui fazer ? »
 Fiquei deslogo tremendo,
 Sem lhe poder responder :
 « Senhor,... em nome do céu!... »
 Disse eu ; que havia dizer ?

« Em nome das tres pessoas
 « Da trindade, em huma só,
 « Eu vos rógo, senhor moiro,
 « Que siquer tenhades dó
 « Da alma vossa arriscada,
 « Já não do corpo, que he pó. »

N'aquelle ensejo apertado
 De sancto ardil me vali ;
 Lembrou-mo o exemplo sagrado
 Da forte hebréa Judith !
 Ser isso influxo divino
 Sabendo fiquei daly.

Tornou-me o moiro descrido :
 « E a mi que m'importa mais
 « Que viver entre valentes,
 « Em gozos celestiais,
 « Entre jardins prazenteiros,
 « Entre fagueiros rosais ?

« Tu me fallas dos teos Deoses !
« Ha outros sem ser Allah ?
« Allah, que o vô dirige
« Do bemfazejo Kathá !
« Christão, dos teos falsos Deoses
« Bem pouco a mi se me dá.

« Digo-te eu, que elles não podem,
« Mais que digas que são trinos,
« Suster no ar do propheta
« Os sanctos restos divinos,
« Que a Meca chamão por anno
« Milhares de peregrinos. »

Ouvindo aquellas blasfemias,
Senti arrojado dos céos ;
Hia fallar, mas o moiro
Tornou-me : « Só Deos he Deos,
« E Mafoma o seo Propheta,
« Em que pêze isto aos incréos !

« O que penso, sem resguardo
« Dir-t'o-hei, christão, alfim ;
« Não uza como vós outros,
« Mahometano Muezzin,
« Não vai á caza dos crentes,
« Não leva tenção ruim.

« Não rója, não, de giolhos
« Aos pés de christã donzella ;
« Mas lá dentro da Mesquita
« Vive sempre e sempre vela,
« Ou do alto minarete
« Á prece os crentes appella.

« Portas a dentro do templo,
 « Imagem da crença pura :
 « Do alto do minarete,
 « A imagem d'Allah figura,
 « Bradando incessante e sempre
 « Aos homens, d'aquella altura. ».

« He assi entre vós outros, »
 Tornei-lhe, « que entre nós não.
 « Queremos em cada caza
 « Um templo de devação,
 « Em cada peito hum sacrario,
 « Hum padre em cada christão.

Sobresteve mudo e quedo,
 E como que reflectia
 O moiro, que me parece
 A graça já presentia ;
 A graça que o céo nos manda,
 Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
 Aquelle ensejo feliz,
 Que passado curto prazo,
 Severo o moiro me diz :
 « O que Deos faz he bem feito :
 « Moiro nasci, não me fiz !

« Deixemos pois tal assumpto,
 « Delle não quero tratar ;
 « Ou antes dizei, bom Padre,
 « Qu'hides carreira tomar,
 « Adoptando novo ensino,
 « Novo modo de prégar.

- « Andai por essas estradas
« E dizei á vossa gente :
« A vós que mal vos hão feito
« Os homens lá do oriente,
« Que vos livrarão dos godos,
« E do servir inclemente ?
- « As vossas artes que tendes
« Cujo as havedes ? — de quem ?
« Donde vêm ás vossas terras
« Campos de lavra que têm,
« E as torres acastelladas,
« E as mesquitas, donde vêm ?
- « Quem nos vossos negros montes
« As alcáçovas plantou,
« Como candido turbante,
« Que na frente se enrolou
« De hum homem da côr da noite,
« Que a Nubia ardente engendrou ?
- « Ou s'isto melhor te praz :
« São obras de reys pujantes,
« Tendas ricas e pomposas
« No dorso dos elefantes ;
« C'roas de pedra lavrada
« Na frente d'altos gigantes. »

Estes mouros na verdade
Qu'esprito e graça que têm ?
Quando vos dizem mentiras,
Sabem dizel-as tão bem,
Que havemos de perdoar-lhes,
É em cima querer-lhes bem.

Mas andão tanto enfrascados
 No seo maldicto alkorão,
 Que era de ser o primeiro
 A soffrer condemnação
 N'aquelle sancto concilio,
 Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi,
 He só polos não ver mais ;
 Fazião prompta justiça
 Destes e d'outros que tais :
 Ardião com seos authores
 Em bons applausos gerais.

Se delles houvesse agora,
 De que pró nos não seria ?
 Vive tal livro entre gabos,
 Que ally no fogo arderia,
 Com pasmo de seos authores,
 Que os têm por coisa mui pia.

E d'outros que só por artes
 Fruem da voga que têm,
 Que não sei onde he seu preço,
 Nem donde apreço lhe vem,
 Senão por vias occultas,
 Que as não descobre ninguem !

Mas deixemos estas coisas,
 Que não são de boa avença !
 O livro que eu reprovára
 Por muito justa sentença
 Trouxera-me coyta grave,
 Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas ;
 Bem qu'eu não saiba fallar,
 Senão com longos rodeios :
 (Vem-me o séstro de prégar)
 Quando me julgo no cabo,
 Mais longe estou de acabar.

« Mouro, n'aquella batalha, »
 Disse eu, « ouvidos me dá,
 « Quando o reyno teo perdeste,
 « Não chamaste por Allah ?
 « Não te ouvio ! — chama por Christo,
 « E Christo, Deos, te ouvirá.

« Vás as terras da Moirama,
 « Ou fiques em Portugal,
 « Senhor serás do teo corpo,
 « Vida terás natural :
 « Vê, se Gulnare formosa
 « O teo propheta não val !

« A moira que não foy feita
 « Pera servir a senhor,
 « Que de bella e de mimosa,
 « Parece que o mesmo amor
 « O corpo tem de quebrar-lhe,
 « E de apagar-lhe o candor.

« A moira doce nascida,
 « Doce creada ; perol
 « Que só sabe apavonar-se
 « Da manhã polo arrebol,
 « Não nos jardins destas partes
 « Mas onde mais queima o sol.»

« A moira bella e mimosa !
 « Avezinha pipitante,
 « Qu'ama ar puro, espaço livre,
 « E céo de côr deslumbrante,
 « Que o vôo fugaz desprega,
 « Quando o sol he mais brilhante !

« Ai! não guardes a avezinha
 « Dentro de estreita prisão,
 « Não mudes a frol mimosa,
 « Que bem'stá no seo torrão :
 « Vai ás terras da Moirama ;
 « Se queres hir, sê christão. »

Huma lagrima brilhante,
 Como que a furto luzia
 Nos olhos da moça moira
 Que o moço moiro cingia ;
 Em que nada lhe dicesse,
 Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,
 O mouro bem compr'endia
 Que mudas fallas fallava
 O pranto que ella vertia :
 Saudades erão da Patria,
 Que o mouro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,
 Se ella pedia chorando ;
 Se o mal por que ella passava,
 Tambem 'stava elle passando ;
 Se o bem, que lh'ella pedia,
 Lhe estava dentro fallando ?

Mas quando os vi abraçados
E aquelle amor entendi,
Do effeito das minhas vozes
Eu mesmo me arrependi,
Cravei as unhas no peito,
Pezar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
De ouvir-lhes hum não revel,
E que então a moça moira,
E mais o mouro donzel
Parassem no fundo inferno,
Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero
Que poder que o pranto tem,
Quando no peito o sentimos,
Quando de huns olhos nos vem,
Que fôra morrer por elles
Prazer e mui grande bem !

Pedido tam gracioso
O mouro agreste rendeo ;
De deixar o seo Mafoma
Logo desly prometteo,
Leixando a avença do demo,
E os ritos do culto seo !

Já me não sinto enleiado
Se o padre Adão manducou
Aquelle fructo do Eden ;
Foy Eva quem lh'o offertou,
Eva, mulher e sozinha,
A qu'elle primeiro amou,

Mas quem tem visto mulheres,
E tem a sua mulher,
Ceder-lhe do seo proposto
Por mero condescender !
Se não he coisa do demo,
Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira !
Que sem me fazer pedido,
Entendi que por amores
Não devia andar perdido,
Quando por outro era amada.
Por outro della querido.

Hum pobre frade coitado
Bem sabe que nada tem
Nesta vida mal passada,
Onde quitou todo o bem ;
Ninguem que vele por elle,
Sobre quem vele—ninguem !

Curar da may enfermada
Bem pode o homem segral
Ha sempre casta donzella,
Que se dôa do seo mal :
O frade só, despojado
Vive do fôro humanal.

Vivêrão aquelles mouros
Depois desta occasião,
Muitos annos bem logrados,
Em amor e devação ;
Louvor ao sancto baptimo !
Louvor ao nome christão !

Mas quando foy que nos veio
Aquella peste primeira,
Seta que o alvo attingia
De bem talhada e certa,
Chegou ao christão novato
Hora vital derradeira.

E a moira por este evento,
Cheia de muita afflicção,
Recolheo-se irmã noviça
No convento d'Azeitão,
Onde viveo muitos annos
Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento
Dizem que a virão rezar,
Em extasis jubilosas,
Suspensa, erguida no ar ;
Favor do esposo divino,
Milagres do muito amar !

Ouvindo aquelles extremos,
Commigo logo assentei
Que eu fôra hum pastor perdido,
Que nas sombras divaguei,
Té qu'huma ovelha esgarrada,
Mercê de Deos, encontrei !

E a moira que eu tanto amára,
Desly se me figurou
Candida lâ d'ovelhinha,
Que a sarça agreste cardou ;
Ficou na sarça prendida,
Ao vento se meneou.

E alguem que ally divagava,
Felpas da lã recolheo,
Bateo-as na fonte pura,
E em branca tela as teceo ;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deos off'receo.

A mão de Deos poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto christão :
Só elle hum bom diamante
Póde fazer do carvão.

Mudar o vicio em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assi por davante,
Só elle, que é Deos Senhor.

Louvor a Deos nas alturas !
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura ;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

SOLÃO

DO SENHOR REY DOM JOÃO

Ora pois direi hum feito
Do senhor rey Dom João,
Segundo que foy do nome,
Primeiro na devação,
Primeiro mais que o primeiro,
Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar no côro,
Nem sempre velar convem;
He mister algum descanso,
Alguma folga tambem,
Entre o labor já passado
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
Algum remedio he mister:
E se a nenhum conhecemos,
Que mais nos ha de valer
Que recordar o passado
E contos d'elle fazer?

He assi que no mar alto
O cançado mareante
Luta em vão contra a tormenta
E contra o vento inconstante;
Negras vagas se encapellão,
Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto
Languidos olhos estende,
Vê mar que ferve revolto
E chuva que do céu pende:
Como deixou seu alvergue,
O triste não comprehende!

Sembrão-lhe então formidaveis
Os p'rigos que elle affrontou:
Figura risonhos quadros
Dos gozos que já gozou,
Do que na terra o convida,
Dos que na terra deixou.

Do que outrora foy passado
E mais do que vai passando,
Medonho e máo paralelo
Vai o mesquinho traçando;
Dôr de espinhos penetrantes
O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados
E já passada ventura,
Quando o viver he tormento,
Tormento que sempre dura,
He certo desdita grande
E muito grande amargura.

Mas vêde o que val a vida!
He aquella aventurada,
Se dizemos verdadeiros:
Houve hum dia, huma hora, hum nada,
Não do pezar combatida,
Mas do prazer bafejada.

Semelha quem pola calma
O dia inteiro vagou,
Depois no marco da estrada
Cançado e triste quedou ;
Ally thesouro sem dono,
Ventura sua, encontrou.

Era na sancta semana,
Semana de devação !
Com jejuns e penitencias
Apresta-se o bom christão
Pera os mysterios mais altos
Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão
N'aquelle passo sagrado
D'aquelle homem divino,
D'aquelle Deos humanado,
Que por amor de seos filhos,
Ingratos, foy maltratado !

Não foy por odio ou vingança,
Mas por dinheiro trahido !
Por hum homem refalsado,
Por hum discip'lo querido ;
Trahido por meio infame !...
Hum falso beijo vendido !

Foy mister, por mór tormento,
Que morresse polos seus !
Entregue por hum eleito
Nas garras dos Fariseos,
Homem morreo polos homens,
Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada
 C'roa d'espinhos tecida ;
 Correrão dados infames
 Em taboa vil, denegrada ;
 Em haseta foy rematada
 Tunica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mófa
 Quem mais do qu'elle soffreo ?
 Quem mais comprido martyro,
 Quem mais affronta e labéo ?
 Tal foy, que o homem divino
 O rosto ao calix torceo.

Tal foy, que o Deos humanado
 Disse ao Deos, que era seu pay :
 « Senhor Deos, s'inda he possivel,
 Do vosso intento tornai ;
 Este calix de amargura
 Dos labios meos afastai ! »

Carpindo males alheios,
 Quantos não vemos per hy,
 Que nem siquer se recordão
 De quanto soffreo por si,
 Hum Deos na cruz affixado,
 Mil dôres soffrendo ally !

Ante esta victima augusta
 Da mais feroz crueldade,
 Cala quanto o homem soffre,
 Quanto soffre a humanidade ?
 Tormento não foy como elle,
 Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns incréos
E refalsados atheos,
Guardão n'as extasis todas
E mais os transportes seos
Pera Socrates que morre,
Que não pola dôr de hum Deos!

E não vê a cega gente,
Imiga de toda luz,
Que lonçe que vai do Grego
Ao Nazareno Jesus,
E da masmorra ao calvario,
E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte
Não attendêrão tambem :
Se emparelhamos idéas
A's coizas que corpo tem,
Entre elles vai mór distancia,
Que vai da Grecia a Belem.

Mórre o Grego, e não dá fruitos,
Morre Jezus por nos dar
A ley do céo pera a terra ;
Ley que só pôde lavar
O sangue do bom cordeiro
Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,
E huns homens apenas são;
Emquanto os algozes deşte,
Em que povo de eleição,
Sumirão-se, como argueiro
Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,
Semana de devação,
Comsigo mesmo propunha
O senhor rey Dom João :
« Confessarei minhas culpas,
Que além de rey, sou christão.

« Ao Senhor, pay de nós todos,
Meos erros confessarei;
Que me dê força indomavel
Pera guardar minha ley,
Pera punir os culpados ;
Que além de christão, sou rey. »

Azinha chamando hum pagem
Lhe diz, e lhe ordena assi :
« Hide aos Padres Dominicos
(Melhor lhes quero que a mi),
Dir-lhes-heis que sou lá prestes,
Que vou commungar ally. »

Veio logo o mensageiro
Com a mensagem real ;
Recado qu'el-rey lhe dera,
Dá elle ao Provincial.
« He certo mercê mui grande,
Responde, — tenho-a por tal. »

Ao padre Thomaz da Costa
Chama n'huma Ave-Maria ;
Sabia o bom do Prelado
O muito qu'el-rey lhe qu'ria :
De tam lisongeiro acerto
Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
Dizia com bem justeza ;
« Prazer aos Reis cá da terra,
Não he nenhuma vileza. »
Praz a Deos que lhes prazamos,
Pois vem delle a realeza. »

Apresta-se com trigança
Tudo quanto era mister :
Sabia o Padre Thomaz
Encargos do seo dever ;
« Vergar colossos, dizia,
Quem tem posses de o poder ?

« Sob as mãos do jardineiro
Torto arbusto lá se ageita ;
Mas onde existe essa força
Que hum rudo tronco sugeita,
Se a força he balda no tronco,
Se o tronco a força regeita ?

« Em bem do pastor sagrado,
Que por mercê divinal
Vive no ermo escondido,
Como hum singelo zagal ;
Cúra pastor de pastores,
Não de pessoa real.

« He facil o seo encargo,
Pejo, nem dôr lhe não traz ;
Não he assi nos palacios,
Onde só vejo disfráz :
Vêm logo as rezões de estado,
Inventos de Satanaz.

« Vêm logo as leys cá da terra
Contrapor-se ás leys dos céos :
Sêde christãos, reys senhores,
Ou então de todo incréos !
Leys dos homens não se cazão,
Não seguem ás leys de Deos.

« Não ligueis n'hum só consorcio
Terra feia e céu luzente :
Leys da terra a terra buscão,
Como a raiz da semente ;
Leys do céu os céos procurão,
Como flôr que o sol presente. »

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João ;
Ante o velho sacerdote
Fazia a sua oração,
As mãos em cruz sobre o peito,
Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
Todalas tinha despido ;
Não tinha sedas, nem joias,
Mas peito d' aço batido :
Era qual homem vivente
Em ferrea prizão mettido.

Curva-se hum rey poderoso
Perante hum homem de pé ;
Perante hum Padre coitado,

Que nada tem, nada he :
Licção profunda e subida
Preceitos da nossa fé!

Portas a dentro do templo,
Onde Deos eterno habita,
Onde aquelle amor sem zelos
Sómente os peitos agita,
Nas differenças do mundo
Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma
Polas festas saturnais,
Folgavão, senhor e servo,
Como se forão iguais ;
Mas o que lá foy licença,
Aqui são leys divinais :

Aqui são todos curvados,
Todos — o servo, o senhor ;
Aquelles que a vida fruem,
E aquelles que só tem dôr ;
Pobres, que almeirão a morte,
Ricos, que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,
Que ally reunidos estão,
Mas sim, porque a Deos importa
Que não haja distincção
Entre irmãos, no patrio abrigo,
Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece
Da multidão apinhada,
Qual lisongeiro perfume

Das flôres d'huma grinalda ;
 Tem huma odor, outra espinhos,
 Outras tem côr, outras nada.

Era aly na pedra raza
 O senhor rey Dom João ;
 Já disse as culpas que tinha,
 Já fez a sua oração :
 O Padre vai ministrar-lhe
 A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio
 Expressão nobre e subida ;
 Maneiras cheias de brio
 Em postura comedida,
 Parece que vão mostrando
 Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra quanto
 Por vil e baixo se tem,
 Merecendo honra tamanha,
 Que a não merece ninguem ;
 Dahy lhe vem ser humilde,
 Nobreza daly lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
 Vai ser dado o sacramento ;
 Principia el-rey — *confiteor*, —
 Quando n'aquelle momento
 Surge ao pé delle um guerreiro
 De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
Só aço e ferro vestia,
Polas grades da vizeira
Raios de luz despedia :
Medonho e fero aparato
Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,
Homem de muito valor,
Mas olhos lançou á espada
A furto !... seja o que for,
Não creio que homens d'aquelles
Possão jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte
Assi começa o guerreiro :
« Em nome do Senhor Deos,
Meo Padre, aqui vos requeiro ;
O senhor rey não commungue,
Poisque não he justiceiro. »

A hostia das mãos do Padre
Cahio do cálix no fundo ;
El-rey carrega os sobr'olhos...
Certo não era jocundo
Affrontar de rosto a rosto
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria
De hum caso máo, miserando :
De noite se ergueo a forca ;
Mas quando o sol foy raiando,
Não vio ninguem mais a forca,
Nem mais ao duque Fernando!

Comtudo o bravo guerreiro
 Sanhas do rey não quiz ver ;
 Não ha que lhe ponha embargos,
 Nem que lhe possa empecer :
 « Senhor, sou Padre Tavares ! »
 Fita-o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
 Quebrára a furia real) :
 « Em bem, meo bravo guerreiro !
 Mas esse trem de que val ?
 Somos em terras d'Hespanha,
 Ou somos em Portugal ? »

— « Senhor, não uzo brocados :
 Vedes-me assi, e he razão ;
 Que havedes os meos haveres
 Sem me deixardes, senão
 Armas comidas no peito,
 Armas gastadas na mão.

— « Fui ter ao vosso palacio,
 Ninguem me não conheceo ;
 Quantos ally são comvosco,
 Eu vos direi, senhor meo :
 Nunca os eu vi nos combates,
 Nunca na guerra os vi eu !

— « Voltei d'ally, protestando
 Jamais não voltar ally ;
 Conheceis as minhas armas,
 Se não conheceis a mi ;
 Vesti-me a modo de guerra,
 Vim ter comvosco, — eis-me aqui ?

— « As minhas alcaydarias
De Portal'gre e Assumar,
Senhor rey, vós m'as tirastes,
O que se chama tirar ;
Ficavão perto da raya, .
Máo azo de guerrear.

— « Das minhas alcaydarias
Eu tinha as rendas reais ;
As guerras já são passadas,
Porque ora m'as não tornais ?
Mal cabe em reys a cubiça,
Senhor, se m'as cubiçais.

— « Nem porque o velho guerreiro
Já nada vos presta e val,
Vos deveis portar com elle,
Qual dono pouco leal,
Que o seo corsel de batalha
Despreza no almargeal.

— « Assi que, Senhor, vos digo
Que vos não peço mercê ;
Aquillo que me he devido,
Só peço que se me dê! — »
Prouve ao rey aquelles ditos
E mais o geito que vê.

Depois a mão estendendo
Ao seo leal lidador :
« Nós vos faremos justiça,
Assi como justo for ;
Tendes a nossa palavra,
Seja-vos ella penhor ! »

Alegre o Padre Thomaz
 O seo mister rematou ;
 Hostia tomada do calix
 Aos labios do rey chegou,
 El-rey d'hum copo doirado
 Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outrora
 Qual nunca mais o verei,
 Nem tam inteiros sugeitos,
 Hum ao outro dando a ley :
 No Paço o rey ao vassallo,
 Na Igreja o vassallo ao rey !

SOLÃO

DE GONÇALO HERMIGUEZ

Não ha mais d'aquelle tempo,
 Em que era tudo lhaneza !
 Acções e vida e costumes
 Desta gente portugueza,
 Por tal geito se trocarão,
 Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,
 Pois ha em tudo exeições ;
 Mas trato da grande lépra
 Que vejo hy nos corações :
 Desprêso do amor da gloria
 E apêgo ás ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como
Garboso Donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Sempre grave, honesto e brando,
Sempre uzando cortezia ?

Não trescalava pivetes,
Fitas, nem laços comprava,
Nem toda a manhã divina
Seos enfeites concertava,
Nem nos chapins se revia,
Nem nos cabellos primava.

Não corria séca e meca
Traz de mimosa donzella,
Que nas ruas lobrigava ;
E por ver mais perto a bella
Não hia ao templo sagrado,
Sómente por amor d'ella.

Nem as noites janeirinhas
Mais compridas e mais frias,
Levava mofino amante,
Por baixo das gelozias,
Desenfiando hum rosairo
De trovas e ninharias.

Jamais não foy esse o estilo
Do moço em armas novel,
Em que experto dedilhasse
Na lyra do menestrel,
No tempo em que, não domada,
Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,
Por mais que fosse gentil,
Ninguem n'ó vira a deshoras,
Como homem de tenção vil,
Como hum ladrão que de medo
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,
Nem ao silencio mercê,
Nem do sol se arreceiava,
Como homem que pouco vê,
Nem da lua appellidada
A casta, não sei porquê.

Mas antes no amphitheatro,
Coberto de espectadores,
Onde mais povo corria,
Mais bellas e justadores,
Na arena se apresentava
Com letra e tenções d'amores.

No meio d'aquella chusma
D'arautos e passavantes,
Mantenedores do campo
Reys d'armas e circumstantes,
Feixes d'armas resplendentes,
Ondas de plumas brilhantes ;

Entrava o novel guerreiro
No cêrco dos justadores !
De alguma dona sizuda
Na charpa trazia as côres ;
Tinhão amores ás claras,
Porque erão nobres amores.

Silencio ! que sôa a trompa,
A justa vai começar !
Entre si ferem mil lutas
Guerreiros a par e par :
Da lança feita pedaços
Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada ;
Que feios golpes se dão !
Abolão-se capacetes,
Talhão-se arnezes ; e a mão
Certeira ao travez da malha,
Vai direita ao coração.

La sôa de novo a trompa,
Proclama-se o vencedor,
Que aos pés da bella entre as bellas
O seo trophéo vem depor :
Ao mais valente a mais bella,
Ao mais gentil mais amor.

Era a ley, — e até parece
De acordo co'a natureza,
Que se compraz no consorcio
Da força co'a gentileza ;
Mais alma com mais coragem,
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seus favos
Em troncos alevantados ;
E eis a hera graciosa,
Que em abraços apertados
Não cinge mesquinho junco,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio
 Que lhe descubro hum senão ;
 Quem nos diz que o mais valente
 Deva de ter mais razão,
 Porque seja a sua dona
 Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de ver-se,
 E coiza de mui folgar,
 Ver um dragão de mulher,
 Chamada a bella sem par,
 Á pura força de espada,
 Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella : e al não digais,
 Sob pena d'hum fendente,
 Que vem do céu, como hum raio,
 Provar ao villão que mente,
 Co'os dentes que tem na bocca,
 Como hum perro maldizente!

Fosse o caso como fosse,
 He certo que d'ahy vem
 Ás nossas donas de agora,
 Aquelle séstro que têm
 De amarem a militança
 Melhor do que a nenhum bem.

Qual não gosta de ser bella,
 Ao menos de o parecer ?
 Emquanto muitas... Deos meo,
 Eu me sei compadecer,
 Soffro o mal que os outros paixão,
 Mais talvez que o meo soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,
Que aqui na terra não são,
Senão porque as vós mandastes,
Meo Deos, por occasião
De tedio e nojo ao peccado,
E morte da tentação.

Té os moços, que as namorão,
Dirão no confessional,
Jurando por Deos eterno
E pola vida eternal,
Que se fallão d'elle e d'ella,
He puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria
O pasmo dessa donzella,
Proclamada ao meio dia
Fermosa como huma estrella,
Sem que houvesse ahy no mundo
Coiza melhor, nem mais bella !

Logo no fraco bestunto
Julgára, sem mais razão,
Que n'este mundo mesquinho
He tudo engano e abuso,
E té que a propria belleza
He coiza de convenção !

Era assi que n'outras eras
Garboso donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Á ponta de fina espada
E arrojos dê valentia.

No tempo de Alphonso Henriques,
Que foy nosso rey primeiro,
Havia na sua côrte,
Côrte de rey mui fragueiro,
Hum tal Gonçalo Hermiguez,
Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,
De mui boa nomeada :
Fiava el-rey muito delle,
E a rayna Mafalda
Folgaya de ouvir-lhe os cantos
Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço
Não tinha nenhum rival
Em compor trovas mimosas ;
E no campo e no arrayal
Não n'ò havia mais valente,
Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,
Votára á gente infiel,
Porque o pay lhe havião morto.
Era elle ainda novel ;
Vel-os porêm não podia,
Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum destes
E entrar logo em sanha tal,
Que era força ter mão d'elle,
Ou saltava-lhe ao gorjal
Pera torcer-lhe o gasnate,
Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhão tento n'elle,
Era outro conto ruim!
Cahia logo em desmaios,
Que era hum desmaio sem fim!
Dó era ver tal sujeito
Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado
Em perpetua correria
Polas terras do mourisco,
E muito mal lhes fazia:
Dava porêm mór realce
Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros
Em hum saráo folgazão,
Lembrou-se que perto vinha
A noite de Sam João,
Azado ensejo de aos Mouros
Fazer-se affronta e lezão.

Cheia de bello hardimento,
Aquella nobre nobreza
Por amor de seos amores
Commette tam grande empreza,
Qual a de hir terras de Mouros
Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seo ginete,
Qual a fita dependura
No collo nunca domado,
Qual a pesada armadura
Inverga, e ahy se recolhe,
Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha
 Toma da sua tenção,
 Qual aos pés da sua dona
 Requer-lhe extremo condão,
 Extremo volver dos olhos,
 Extremo apertar da mão !

Qual desly toma algum nome
 Por grito de accommetter,
 Que nas lidas e pelejas
 Saberá fazer valer !
 Qual sente ó nojo futuro,
 Em mal, que lá vai morrer !

Mas nunca será que o rosto
 Mostre o que n'alma lhe mora :
 Quem vio a morte passar-lhe
 De perto, já não descora
 Por hum presagio funesto,
 Sendo ella coiza d'huma hora.

Aquelles bons cavalleiros
 Azinha promptos estão ;
 Lá se partem de Coimbra,
 Montes além já lá vão !
 Ninguem vio mais escolhido
 Nem mais luzido esquadrão.

Entre elles por mais robusto
 Gonçalo Hermiguez campeia ;
 Diz seu porte sublimado,
 Que de nada se arreceia,
 Mas antes que a todos repta,
 De tanto que o collo alteia !

Caminho vão de Lisboa
Com todo apercebimento !
Não convem que se apreatem
D'aquelle accommettimento
Mouros que vivem na regra
Do seo alkorão nojento !

Sabeis a regra qual seja ?
He viver dentro do harem,
Dizendo mal do toicinho
E mais do vinho tambem,
Sem que lhe pêze este mundo,
Sem que lhe pêze ninguem !

Hé vegetar entre flôres,
He viver vida folgada,
Aspirando incenso e odores
Em molleza effeminada,
Nem que fosse huma odalisca,
Ou mulher alambicada.

Puzerão todos a mira
Em Alcácere do Sal,
Covil de feras humanas,
Não de cordeiros curral ;
Nó gordio do vil mourisco,
O ferro o corta, não al !

Os que por terra a demandão
Vão em procura d'Almada,
Alcáçova dura e forte,
Em rija pedra assentada,
Como pedra preciosa
Em ferrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba !
 Ó Tejo, quanto me he grata
 Essa placida corrente,
 Quando a lua se retrata,
 Chovendo chuva de raios,
 No teo chão de lisa prata !

Que doce que he teo remanso,
 Quando manso o vento gyra,
 Que nas folhas rumoreja,
 E como que ally suspira
 Melíndres d'amor suave,
 Que nem tangidos na lyra !

Que arroubos que infiltras n'alma,
 Quando vai ao som das agoas
 Navegando o passageiro ;
 Já, se as tem, não sente as fragoas,
 Que no peito a dôr derrama,
 Como huma enchente de magoas !

Mas talvez dos cavos olhos
 Polas faces a correr
 Sinta o pranto represado
 Pelo seo muito soffrer ;
 Corra embora, qu'esse pranto
 Dôr não he, senão prazer !

Que neste val' de amarguras,
 Onde viemos penar
 Por cada dia hum marteyro,
 Por cada instante hum pezar,
 He bem feliz quem só passa
 Dôres que fazem chorar !

Não sei ledice o que seja,
Nem o que seja prazer ;
Nunca os senti n'esta vida,
Nem n'os posso conhecer ;
Que não sou dos bemfadados,
E nunca o não hei de ser !

Mas o pranto extravasado
Não he quem nos dá morrer,
Nem quem o viço dos annos
Faz seccar e emmurcheçar ;
He antes aquelle pranto
Que não sabemos verter.

Lá vão hindo Tejo acima,
Olhos longos polo mar,
Lá onde enxergão Lisboa
Com fogueiras de espantar ;
Fogo accendido na terra
Sóbe em centelhas ao ar !

D'aquelles fogos accesos
Em roda os velhos estão,
E as donzellas feiticeiras
Com sorriso folgozão,
Cantando coytas de amores,
Quites de coytas então.

He a noite milagrosa
Do Bautista milagroso,
Té dos mouros da Mourama
Havido por glorioso :
Folgoão nobres e senhores,
Folga o villão descuidoso.

Horas de noite folgada
 Não tardão, não têm vagar :
 A noite assi do Bautista
 Vai serena a escorregar,
 Como areia da ampulheta,
 Hum grão e outro a tombar !

Vai assi como o perfume
 Respirado d'uma frol,
 Que não vemos, mas sentimos ;
 Que sentimos no arrebol
 Da manhã, que pola terra
 Se espalha em antes do sol !

Vai assi como o rociô
 De serena madrugada,
 Rorejado gota a gota
 De branca nuvem prenhada
 Sobre o calice musgoso
 De huma flôr avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,
 Em quem de amores não cura,
 Doce peçonha de amores :
 Donzella de vida pura,
 Quando ha temores de havel-o,
 He qu'elle já não tem cura.

Do Alcácer as lindas filhas,
 Já era nascida a aurora,
 Pera ver huma corrida,
 Sahirão portas a fóra,
 E mais pera colher flôres,
 Persuadidas da hora.

Logo sahidas no prado
Forão, qual sohem de ser
Mansas agoas d'hum regato
Em chão sem leito a correr,
Cada qual por seu caminho,
Cada qual a seu prazer!

Desly pulando e cantando
Vão nas matas de alecrim,
Colhem a rosa corada
E a branca flôr do jasmim ;
Brincão brinquedos contentes,
Folgão folgedos sem fim !

Oh ! que festas ! que alegrias !
Que arruido vai no prado !
Que bem cantado rimance,
Que soláo tão bem cantado ;
Não têm as aves atito,
Nem gorgeio mais brincado !

Oh ! que vozes melindrosas,
Que accentos encantadores
N'aquelle prazer d'uma hora !
As moças vão colher flôres,
E os moços que vão com ellas
Vão lá por colher amores.

Eis nisto... estranho arruido !
Rouca trompa abala o ar ;
Logo assomão cavalleiros
Com figuras de espantar :
Allah nos valha, mofinas !
Dizem moiras a chorar

Allah ! repetem n'os mouros,
Vendo o pendão portuguez ;
E do alfange recurvado
Levão mão sem pavidez !
Feios golpes se preparão,
Outra folgança outra vez !

Retine o ferro no ferro,
Talhão-se cotas e arnezes ;
O fino alfange mourisco
Abre o elmo aos portuguezes ;
E a espada que bem degola,
Bem multiplica os revezes.

Lá chega o alarma á Cidade !
Lá vem mouros descansados
Em descansados ginetes :
Cavalleiros esforçados,
Que por Christo Deos pelejão,
Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo,
Avante! brada, e não al :
Brilha o valente nas lides,
Que ally não acha rival,
Aquelle cabo entre todos
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente
O seu pesado montante,
Que Alcides com sua clava,
E nem o Titan gigante,
Serra a serra sobrepondo,
Não tinha aquelle semblante.

Eilo vai per entre os mouros,
Abre entre elles larga estrada ;
Quem fica em prisão de guerra,
Quem lá foge em debandada !
Ficão moiras prisioneiras,
Mulheres — gente coitada !

Gonçalo Hermiguez em tanto
Vio que longe lhe fugia
Linda moira desmaiada,
Que hum moço mouro cingia,
Dando d'esporas ao bruto,
Que mais que o vento corria !

Vai sobre elles sem tardança :
Comquanto de arremeção
Matal-o tambem pudera ;
Certo o fizera, senão
Temesse que a moiro bella
Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,
D'hum golpe que despedio,
Cerce o cortou pelo meio :
Golpe assi nunca se vio !
E a moira tomando em braços,
Azinha daly fugio.

Passou terrivel com ella
Por meio da gente fera ;
Quem n'ó vira tam sanhudo,
Leão raivoso dissera,
Passando a travez dos homens
Com a preza que fizera.

Eis nasce novo combate,
Nova peleja maior !
Muitos homens contra hum homem,
Contra hum forte lutador ;
Mas hum só que a todos vence
Em força, esforço, e valor !

Mal podia a mão sinistra
Vibrar a sangrenta espada,
Co'o peso d'aquella moira
Disputada e desmaiada,
Cujo corpo em dois pendia,
Como huma frecha quebrada.

Mas inda assi despedia
Hum golpe e outro cruel :
E de encontro a este, áquelle
Mandava o seo bom corsel,
Que a turba multa alastrava
Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta,
Acerta em aventurar
Quem a empreza disputada
Tem desejos de acabar :
Só elle demóra em terra,
Que os seos já são sobre o mar !

Torce as redeas ao ginete,
Larga carreira arrepia,
Larga estrada co'o montante
Por entre os mouros se abria,
Despedia muitos golpes,
Muitos estragos fazia.

Chega á praia, os seos avista;
Mas os mouros perto vêm!
Como isto vio, torce o rosto,
Medonho como ninguem;
Temem-se mouros de o verem;
Párão, como elle, tambem!

Vão assi feros monteiros
Traz d'hum urso mal sangrado,
Que de repente a carreira
Revira, e vólta agastado;
Parão monteiros ao vel-o
Raivoso e mal assombrado;

E a fera, d'aquelle pasmo
Sabendo, em seo bem, valer-se,
Vai a passos descansados
Em densa mata esconder-se,
Sem temor da monteria,
Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros
Salta dentro do baixel;
Na praia ficão pasmados
Mouros, do feito novel,
Tamanho, que nem sonhado
Foy jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
Desfraldão velas e panos,
Deixando as praias tingidas
Em sangue por muitos annos;
Quantos bastem, porque chorem
Seo dezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
Disse o guerreiro feliz :
« Das prezas, que nós fizemos,
Quero tam só a que eu fiz,
A moira que por seo nome
Fatima em Turco se diz ! »

Então aquelle seo canto
Principiou a compor :
Cant'eu, por vergonha minha,
Em bem que o saiba de cór ;
Digo que sal lhe não acho,
Nem sei de coiza pior.

Mas era o soláo por certo
Aos tempos accomodado,
Que de outro cantar não acho
Que fosse mais decantado,
Nem Figueiral Figueredo,
Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautizada
Pertenceo ao lidador,
Duas vezes conquistada
Polo donzel, seo senhor,
Primeiro á força de espada,
Depois á força de amor.

Era assi n'aquelle tempo
Coiza sabida e seguida,
Remanso depois da gloria,
Descanço depois da lida,
E a fé que espera e milita
Nos actos todos da vida !

Vêde vós quamanho he o lucro,
Que lucra a moira pagã,
Desposando o cavalleiro,
Tornada e feita christã ;
He vida e sangue de hum homem,
Não de infieis barregã !

He como trophéo ganhado
Em guerras de religião
Por algum-peito devoto,
Que por sua devação
Prometteo dependural-o
Dentro de templo christão.

O canto aqui finalizo !
Não devo d'hir por diante,
Narrando casos da vida
Per natureza inconstante,
Trabalhos que sempre durão,
Prazer que dura hum instante !

Foy o cabo dos amores
A moça moira acabar
E sobre hum covão aberto
Hum homem posto a chorar,
Hum homem de dó coberto,
A carpir-se, a prantear !

LENDA DE SAM GONÇALO

Agora de hum grande Sancto
Embora lhe cabe a vez ;
Bom Sancto foy Sam Gonçalo,
Pezar que foy Portuguez,
Que sanctos ditos que disse !
Que sanctas obras que fez !

Bom tempo foy o d'outrora !
Não lhe quero outra rezão :
Criava a terra gigantes,
Havia sanctos então,
Havia paz e liança
Nos reys do reyno christão.

He coisa de maravilha
E de louvar o Senhor,
Ver na terra homens d'aquelles
De tanto esforço e valor,
Como Gonçalo da Maya
Ou Gyraldes sem pavor !

Mas destes tratar não quero,
Que são mui perto de nós ;
D'outros digo tam pujantes
E de aspecto tam feroz,
Que hum sancto martyr trincavão,
Como quem trinca huma noz.

Quando a fé 'stava mais pura
Melhor se mostrava Deos ;
Rezão disto as Escrituras
Escusa pois ditos meos :
Começa do fim ditoso
Dos sete irmãos Machabeos.

Nada conta o livro sancto
Do rey que se houve assi,
O corpo nos não descreve ;
Mas eu tenho pera mi,
Que devia ser taludo,
Como huns cafres que já vi l

Que sete irmãos como aquelles,
Cada qual como hum Sansão,
Não he coisa que por brinco
Se frite n'hum cangirão,
Que se retalhe em fatias
Delgadas, como de pão.

Mas Deos que lhes deparava
Em sua alta providencia
Tal fereza nos algozes,
Dava-lhes tal paciencia,
Que havião em pouco o trato,
Havendo o trato em clemencia.

Hoje d'aquella virtude
Só a licção nos ficou ;
O tempo nos foy comendo
O corpo, que assi leixou,
E té no espirito roído
De vez a fé desbotou.

Não pasmo disto, mas antes
De ver em povo d'increos,
Quem tema o fogo divino,
Quem torne á caza de Deos,
Quando o pasmoso cometa
Alarga as azas nos céos.

Cegos ! se todos vós fosseis
Criados na escuridade,
Que farieis lobrigando
Deste sol a claridade,
Deste sol que sempre luze,
E pera vos luz e embalde ?

Como insectos esmagados,
Alastrando longe o chão,
Tontos de pasmo e de medo
Ficarieis vós então,
Os olhos do corpo cegos,
Mas dentro d'alma o clarão.

E ainda mais — ¿ que farieis
Vendo aquelle sol divino,
Que cega os olhos do espirito,
Como de corpo franzino,
Se vendo este, qu'inda he terra,
Ficades tontos, sem tino ?

Antes, Senhor, que me esqueça
Quanto fizestes por mi,
Lavai-me dos meos peccados,
Que eu como galas vesti
Levai-me desta amargura,
Levai-me, Senhor, daqui!

Levai-me, si, que eu não veja,
Mal de mi! com tanta dôr
Vossos preceitos divinos,
Vossa doutrina d'amor
Trocada em usos de ferros,
Na religião do terror!

Mas se isto vos não mereço,
Já vos não peço, senão
Que eu veja da minha vida
Extincto e cego o clarão,
Antes que eu veja maldicta
Esta mesma religião.

Antes que eu veja crianças
Prégarem ás cans nevadas,
A correr de noite as ruas
Com folias e toadas,
Por ver azas de cometa
Immensamente alongadas.

Cant'eu, de mi o confesso,
São veloces caminheiros,
Que por ordem lá de cima,
De más novas mensageiros,
Vão batendo d'astro em astro,
Como divinos romeiros.

Se comtudo hum Portuguez
Al dos cometas sentir,
Se esta desgraça presente
Nelles não vio reluzir,
Dir-lhe-hei que elle não sente
O dó de Alcácer-quivir

Dir-lhe-hei... más nada digo !
 Eu alquebrado ancião
 Hei mister sancto descanço
 Pera a minha devação :
 Sei que ser Portuguez hoje
 He crime d'alta treicão.

Agora torno ao meu Sancto ;
 A lenda aqui principia :
 Dai-me, ó Sancto milagroso,
 Ajuda em tenção tam pia.
 Que um Sancto, mesmo por ende,
 Deve de usar cortezia.

Frei Sam Gonçalo era Abbade
 De Sam Payo na Abbadia ;
 Era mancebo nos annos,
 Mas como sancto vivia ;
 Com toda a renda que tinha
 Aos pobres seos acudia.

Era pingue o beneficio,
 Bons benesses que elle tinha !
 Bons portuguezes antigos,
 Boa prata comezinha !
 Já disso não vejo ha muito...
 Deve ser cegueira minha.

Cegueira, si ; que se o reyno
 Era rico de pobreza,
 Cavados tantos thesoiros
 Em cada humo fortaleza,
 Tanto arcaz de feição moura
 Cheio de tanta riqueza ;

Porque então não vejo agora
Senão grosseiros ceitis,
E esses mesmos não tantos
Que se midão por candis,
Ou então pesos d'Hespanha,
Só bem acceptos por vis ?

Mas he tal nossa mofina
Que na minha sacristia,
Sommados todos no cabo
Os fruitos de cada dia,
Não dão pera o oleo sancto,
Que a mãy de Deos alumia !

He certo miseria grande
E muito grande extranheza ;
Que o povo leixe que os frades
Corrão com toda a despeza,
Elles coitados que vivem
Em mais que parca estreiteza !

Mas Deos he o sancto dos sanctos,
Elle nos ha de acudir ;
Assi fôra eu Sam Gonçalo,
Que logo faria vir
Brocados d'altos recamos
Pera a Senhora vestir.

E huns paramentos ricos,
Como nunca os vio ninguem ;
E lampada como aquella
Que em Bemfica os Padres têm,
Huns castiçais de pé alto,
Humas galhetas tambem.

Mas do Sancto Sam Gonçalo
Era outra a devação ;
Todolo prée dava aos pobres
Com tam largo coração,
Que não tomava um adarme
De quanto tinha na mão.

Vivia como se fôra
Dos seos pobres dispenseiro,
Tudo com elles gastava,
Que não sómente dinheiro ;
Fiava que Deos iria
Compondo o seo mealheiro.

Trazia guerra travada
Co'o Demo, que o não deixava,
Os acicates da carne
Com jejuns os despontava ;
E tinha tam sancta vida,
Que Deos o communicava.

Isto não he coiza nova,
Antes coiza mui provada,
Que Deos não quer ser vencido
Em cortezia extremada ;
Seja a prova aquelles Monges
Do deserto da Thebaida ;

Que se forão commettidos
Do inimigo malino,
Vestido em pel' d'alimaria,
Como de um urso ferino
Tambem do céo, como orvalho,
Lhes vinha o favor divino.

Mas se hum incréo me pergunta
Porque hoje disse não ha :
Pergunto ; — porque o deserto
Flôres, nem fructos não dá ?
Porque não corre a corrente,
Se a fonte exaurida está ?

O céo he sempre benino,
Agua não deixa de haver ;
Se a terra pois não produce,
Se a fonte não quer correr,
He terra, he fonte damnada ;
Penso que al não pôde ser.

Ora huma noite que o Sancto
Rezava as suas matinas,
Ouvio huns doces acordes
Como das harpas divinas,
Que os anjos tangem cantando
Louvor ás pessoas trinas.

D'aquelle mar d'harmonia
Voz que não era daqui,
Despega-se, e diz ao Sancto :
— Gonçalo, que fazes hy ?
« Ora, Senhor, lhe responde,
« Por todos e mais por mi ! »

« He muito, a voz lhe tornava,
He muito, mas tudo não ;
Faze-te prestes romeyro,
Toma a vicira, o bordão,
Esmola polas estradas,
Caminho recto a Sião.

« Pascem no monte Oliveto
 As cabras do Galaath ;
 Retumba no templo augusto
 A voz medonha de — Allah ; —
 Ferve aly muita aravia,
 Muito homizio vai lá.

« Se entre os mãos hum bom existe,
 Poupa Deos a quantos são ;
 Porém carreira arrepia :
 Caminho vai de Sião,
 Na boca o nome divino,
 Minguada esmola na mão. »

O bom sancto alvoroçado
 Apresta-se com trigança :
 Cumpre divino preceito,
 Só nelle tem confiança,
 Que vagar por longes terras
 Prazer não he, mas provança.

He nada o trem d'hum romeyro ;
 O Sancto se apresta azinha,
 Chama hum parente lidimo,
 Portas a dentro o mantinha ;
 E entrega-lhe o seu rebanho
 Com as ovelhas que tinha.

Dá-lhe a prebenda avúltada,
 E os mais benesses tambem,
 Tudo com termos polidos,
 Ou só de hum sancto, ou de quem
 Só quer da vida o marteyro
 E os premios que Deos lá tem.

E mui leal lhe encomenda
Seos pobres por derradeiro :
Ora lá vai caminhando
Aquelle sancto romeyro,
Pedindo a Deos em sua alma
Que lhe depare o marteyro !

Que acção que trescala a graça !
Que façanha peregrina !
Deixar o esposo prelado
A sua esposa divina,
E andar caminho da vida,
Vivendo vida mofina !

Áquelles pobres, seos filhos,
Em vida seos bem legou !
Que mais fez aquelle Padre,
Que o livro sancto louvou,
Que ao filho dá bondadoso
De quanto, em bem, lhe ficou ?

Quem ha hy que hoje se arrisque
A perfazer tal empreza ?
Aquelle ardor atrevido,
Aquelle sancta affoiteza
Foy timbre d'homens antigos,
Homens de lhana rudeza.

Não hoje, que o homem nasce
Franzino e fraco, inda mal !
Sem forças pera a virtude ;
Só com valor infernal,
Pera as torpezas do crime
E pera o vicio carnal.

Não hoje, quando o peccado
Usa de tanto disfraz,
Que só por artes malinas
E manhas de Satanaz,
Póde o homem fazer tanto,
Come hoje em dia se faz !

Já vi em casa de hum rico
Tal meza com tal guizado,
Com cheiro tam penetrante
E adubo tam concertado...
Eu creio que só da vista
Ficava o jejum quebrado.

E vi tambem humas camas...
Dellas não quero tratar :
Cahi na conta que o Demo
Foy só quem n'as pôde armar ;
Senti vertigens de somno,
Sem o poder dominar.

Fugi do engodo malino
Clamando por Deos Jezus,
Na boca o sancto exorcismo,
Na frente o signal da cruz,
Braços cruzados no peito,
Frente mettida em capuz.

Então acabei commigo
De crer no que disse Deos
Ao bando dos seus discip'los
E á turba dos phariseos.
Não ser azado que hum rico
Possua o reyno dos céos.

E entrando na minha cella,
Vista a penuria que eu vi,
Clamei que Deos fôra grande
E muito bom pera mi;
Qu'esta pobreza em que vivo,
Certo, lh'a não mereci.

Partira pois Sam Gonçalo,
Partira, mas não sem dôr :
No seo amado rebanho
Leixando, em vez de pastor,
Aquelle falso parente,
Que foy hum lobo tredor.

Olhos outrora do falso
Baixados humildemente ;
Ditos e fallas de sancto,
Meneyo e gesto consente,
Fizerão-no ter por sancto :
Julgava assi toda a gente.

Aleive não ha que dure,
Sem que se descubra alfim ;
Logo de posse do bôlo
Mostrou-se o villão ruim ;
Mostrou-se, qual sempre fôra,
Padre não já, mas chatim.

Intruso que não rezava
Nem siquer seu breviario ;
Gastava dos bens dos pobres
Com boa sombra e doairo,
Pera si com mãos de rico,
Pera os outros — de usurairo.

Gastava em mulas possantes,
Em caça de altaneria,
Em ter matilha adextrada
E bem provida ucharia,
Em ter vestidos mui finos
Barrados de pedraria.

Trem real como elle tinha,
Por certo não vio ninguem :
Cavállos de boa raça,
Falcões, açores tambem,
Criados e meza larga,
Como hoje aqui poucos têm!

Quando sahia a passeio
Todo garboso e luzido,
Ninguem diria ser Padre.
Senão duque esclarecido,
Ou senhor d'altos estados,
Ou infância destemido.

Que o seu ginete mandava
Com tal arte e bizzarria,
Que ao passar no povoado
Donas de muita valia,
Lindos olhos concertavão
Nas grades da gelozia.

E muitas vezes passando
Junto á mourisca seteira,
Morrer aos pés do gínete
Vinha a seta mui certa,
Com letra e primor de amores,
De amores máos mensageira.

Assi vivia este abbade,
Em tanto que o verdadeiro,
Sem lar, sem tecto, sem meza,
Como pobre forasteiro,
Vagava por longes terras,
Vivendo como hum romeyro.

Muitos annos são passados,
(Diz catorze a tradição)
Quando o divino romeyro,
Feita a sua devação,
Torna do bento sepulchro,
Gasto e quebrado ancião.

Alva e rara cabelleira,
Como prata, reluzia ;
Rosto de rugas cortado,
Barba que ao peito descia :
Homem de carne não era,
Senão pura notomia.

Dos annos e da molestia
O corpo todo alquebrado,
Nos trajes pouco luzido,
Ou roto ou mal concertado ;
Á porta do novo abbade
Batia o velho prelado.

Ergueo em voz já sumida
Hum triste e piedoso brado,
Pedindo magra pitança
Com modesto gazalhado,
Que vem o pobre romeyro
Morto de fome e cançado.

Áquelle pio reclamo
 Acode medonho cão,
 A cauda enrosca, e d'hum salto
 Investe ao sancto ancião ;
 Rompe-lhe os rotos andrajos,
 E arranca-lhe o seo bordão.

Acode o dono soberbo
 Dizendo : Vai-te, mendigo !
 « Senhor, retrucava o Sancto,
 « Primeiro ouvide o que digo :
 « Morro de fome e cansaço,
 « Não tenho lar, nem abrigo ! »

— Não me praz ouvir-te agora,
 Tornava o abbade indino,
 Mais que depressa esquecido .
 Que a opa do peregrino
 Ou que a murça do romeyro
 Esconde hum ente divino.

— Sei, dizia, que na capa
 De piedoso romeyro,
 Vem gente de feio trato
 E muito vil calaceiro :
 Bem he de crer, como eu creio,
 Que és delles — por derradeiro.

— Desse teo rosto medonho,
 Que boas novas não traz,
 Digo que o vi nos milhanos
 Das serras de Monsarraz ;
 És predador das estradas :
 Juro por Sam Satanaz ! —

Ouvido que foy tal nome,
 Como de sancto christão,
 Ao sancto abbade romeyro
 Cahio-lhe o rosto no chão!
 Dôr que lh'entrára no peito,
 Ficou-lhe no coração.

Que se elle era assi tratado,
 Elle, vigairo e senhor,
 Que não seria dos pobres,
 Que em vez de terem pastor.
 Tinhão por guarda e vigia
 Faminto lobo tredor

O sancto ficou penado
 E cheio da contricção,
 Que ao seu parente talvez
 Foy meio de perdição,
 E ao seu rebanho de mágoa,
 E a si de muita afflicção.

Alfim tornado do espanto,
 Disse severo de si,
 Com voz e tom d'agastado :
 « Gonçalo sou, eis-me aqui !
 « Venho ora tomar-vos contas
 « Do que fizestes por mi ! »

As frias mãos escarnadas
 No seo bordão ajuntou :
 Espera resposta delle,
 Rosto nas mãos inclinou :
 Prosegue ; fundo suspiro
 Do peito o velho arrancou :

« Certo que as vossas palavras
 « Mal dizem com o que dissestes,
 « Quando de vós me apartei ;
 « Co' o que vós me promettestes,
 « Co' as licções que vos eu dei,
 « Com a fé que me vós déstes !

« Dissestes : na tua ausencia,
 « (Disseste-lo em hora má)
 « Qualquer das tuas ovelhas
 « Em mi abrigo achará ;
 « Qualquer dos pobres que leixas
 « Aqui mantido será.

« Ora eis-me aqui !... e a mim proprio
 « Negas hum pouco de pão,
 « Que só he de ser negado
 « Ou a precito ou a cão ;
 « Negas-me té gazalhado,
 « E o fogo do meu fogão !

« Levar daqui ! sou Gonçalo ;
 « Dá-me pois o meo logar,
 « Dá-me as ovelhas coitadas,
 « Que eu não devêra leixar,
 « Dá-me... » — Ai ! não pôde o Sancto,
 Não pôde, não, rematar !

Sobre a fronte, calva e núa
 Vio descer grave pancada ;
 A testa de romania
 Ficou em sangue lavada ;
 Aquelle sangue bemdito
 Regou a terra damnada.

Certo que os anjos no inferno
Sentirão muito prazer.
Vendo aquelle máo prelado
Acção tam vil commetter,
E Sancto tal affrontado,
Sem Deos lhe poder valer.

Mas o Sancto milagroso
Que pôde tornar do pão,
Já não digo azyma feia,
Senão massa de carvão,
Triste, negro e inficionado,
Que nem era pera cão ;

Que moveo rochedo enorme
Junto á ponte d'Amarante,
Chegando-lhe hum dedo apenas,
Como se fôra gigante ;
Rocha que esforços baldára
De muita gente possante :

Que fez elle ?... oh ! nada fez !
Disse : « Deos o quer assi ;
Sou eu creatura sua,
Bem he que elle mande em mi ;
Não seja feito o que eu quero,
Mas o seu talante — si.

« É vossa a força que eu tenho,
Disse elle : em uso a não puz,
Que tambem sobre o calvario,
Vós, Senhor meo, bom Jezus,
Nem o calvario afundastes,
Nem sovertestes a cruz.

« Porque se eu, filho do barro,
 Ser mesquinho, ou verme, ou nada,
 Tenho em mi força divina
 He pera ser empregada
 No que he mister, porque seja
 A gloria vossa exaltada. »

Assi discorria o Sancto
 No seu profundo juizo ;
 Ora descança no meio
 Das glorias do paraizo :
 Louvor a Deos ! — e com isto
 A lenda aqui finalizo.

Conto as coizas como forão,
 Não como devião ser ;
 Hum Sancto, mesmo porende
 Merece menos soffrer :
 Julgo assi ; digão-n'os sabios
 Qual he o seo parecer.

Cant'eu — sabença da terra
 Tenho por coiza ruim,
 Que serve só pera gloria,
 Que he só vangloria ; e assi
 Que como he coiza de orgulho,
 No fundo inferno tem fim !

O homem que fôr prudente
 Só pelos frades se reja ;
 Creia no Papa e nas Bullas,

E na sancta Madre Igreja :
O mais he coiza de fumo,
Não sei de que valor seja.

Que reze o sancto rozaio,
Dou de conselho tambem ;
Que assi viverá na gloria,
E vive-se lá mui bem,
Cantando hosannas eternos
Por tempos sem fim : *amen.*

NOTAS

POESIAS AMERICANAS

CACHIAS

Esta poesia é uma reproducção da que o auctor enserio na primeira edição com o titulo de *O morro do Alecrim*, do nome de João da Costa Alecrim que alli pelejou pela independencia nacional. Chamava-se então Morro da Taboca.

A poesia *O morro do Alecrim* é a seguinte :

Que monte além se eleva negrejante !
Na areia a base enterra, e o dorso ingente
De rija pedra mosqueado amostra ;
Esteril como elle é, dizer parece
Que a ira do Senhor ardendo em raios
A seve d'hartos troncos — de mil annos
Apagou, consumio n'um breve instante.

Mas não ; a rubra côr que ahi se enxerga
É sangue que correu ;

Cada pedra que hi jaz encerra a historia
 D'um bravo que morreu.
 E raios mil de guerra em morte envoltos
 Já lá do cimo agreste da montanha
 Sibilando e gemendo á funda base
 Baixarão susurrando.

É do povo o Sinai, que o nobre sangue
 Independente e forte — em lide accesa
 Na arena derramou ;
 E o filho ainda lá vai cheio de orgulho,
 Do pai beijando o sangue em largos traços
 Que a pedra conservou.

O CANTO DO GUERREIRO

Quem vibra o tacápe...

Tacápe, — arma offensiva, especie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios. A etymologia desta palavra indica que os Indios o endurecião ao fogo, como costumavão fazer aos seus arcos : *Tatá-pe* quer dizer « no fogo. »

Co'os sons do Boré

Boré, — instrumento musico de guerra ; dá apenas algumas notas, porêem mais asperas, e talvez mais fortes que as da trompa.

E o Piága se ruge
 No seu Maracá...

Piagé, *Piache*, *Piaye* ou *Piága* (que mais se conforma á nossa pronuncia) era ao mesmo tempo o sacerdote e o me-

dico, o augure e o cantor dos indigenas do Brazil e d'outras partes da America.

Os Piágas erão anachoretas austeros, que habitavão cavernas hediondas, nas quaes, sob pena de morte, não penetra-vão profanos. Vivendo rigida e sobriamente, depois de um longo e terrivel noviciado, ainda mais rigido do que a sua vida, erão os dominadores dos chefes — a baliza formidavel que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exigua sciencia daquelles homens e a tão desejada revelação dos espiritos

Hans Staden escreve *Paygi*; *Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcellos, nome que tambem lhes dá Lact na sua « Descripção das Indias occidentaes. » Lery e Danião de Góes escrevem *Pagé*; e é assim que ainda hoje se diz no Pará.

Maracá — entre os Indios, o instrumento sagrado, como o Psalterio entre os Hebreus, ou o Orgão entre os Christãos; era uma cabaça crivada, cheia de pedras ou buzios, e atravessada por um hastil ornado de pennas multi-côres, que lhe servia de cabo. O antigo viajante Roloux Baro, testemunha da veneração que os Indios lhe tributavão, chamava-o *Le diable porté dans une calebasse* « o diabo dentro d'uma cabaça. » — A esta palavra vão alguns modernos buscar a etymologia da palavra « America. »

O CANTO DO PIÁGA

Anhangá me vedava sonhar...

Anhangá — genio do mal, o mesmo que Lery chama *Aignan* e Hans Staden *Ingange*.

Manitôs ! que prodigios que vi !

Manitós — uns como penates que os Indios da America do norte veneravão. O seu desaparecimento augurava grandes calamidades ás tribus de que elles houvessem desertado.

..... O sacro instrumento

O Maracá.

O desgraça ! ó ruina ! ó Tupá

Tupá ou *Tupan* — Deus, o ente immenso, incomprehensivel e todo poderoso — o genio do bem, como *Anhangá* o do mal. É o *Orosmane* e *Arimane* dos Persas.

TABIRA

Tobajaras — o povo senhor.

Ces Tobaïares qui réclamaient l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de *seigneurs de la contrée*. — Ferdinand Denis.

« Tobajaras são os indios principaes do Brazil, e pretendem elles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomárão, o mostra ; porque *yara* quer dizer senhores, *tobá* quer dizer rosto ; e vem a dizer que são os senhores do rosto da terra, que elles tem pela fronteira do maritimo em comparação do sertão. » — Padre SIMAM DE VASCONCELLOS, Noticias do Brazil. L. 1, n. 156.

Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais euphonico, a orthographia do Padre Vasconcellos. Convem todavia confessar que se não deveria dizer *Tobajaras*, como este Chronista, mas *Tabajaras* ou *Tabaiaras*, com Ferdinand Denis, o que mais se conforma com a etymologia, « *Taba* e *Iara* ou *Yara*. » *Tabajaras* é litteralmente como se dissessemos : os senhores ou dominadores das *Aldeias*.

Por isso mesmo que os Tobajaras occupavão o littoral, é de suppôr que elles fossem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do paiz. Os conquistadores, como homens que erão, carentes das mais simples noções da agricultura, deverião de preferencia escolher as praias como mais mimosas da natureza e mais fartas, recalcando assim para o centro das matas os incolas primitivos do paiz. É isto o que sabemos da historia de todos os povos barbaros. Os Tobajaras portanto dominárão pela conquista e quadra-lhes optimamente o nome que tomárão de senhores das aldeias — de *Tabajaras*.

Potiguares lá vêm denodados

Dizem uns Potiguares ou Petiguares, outros Pitigoares. D'elles escreve o Padre Vasconcellos :

« Em segundo logar (*depois dos Tobajaras*) os Potiguares forão sempre indios de valor, e se fizerão estimar pelas armas, que por longos annos movêrão contra os Tobajaras : nas quaes tiverão encontros dignos de historia ; porêem não me posso deter em cantal-os... punhão em campo vinte até trinta mil arcos. » — Not. do Brazil. L. 1, n. 157.

O GIGANTE DE PEDRA.

Alguns dos principaes montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vem do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza: este capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portuguezes com a denominação de « frade de pedra, » que agora se chama « o gigante de pedra. » — Aquelle objecto se fez esta poesia.

. extinta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés.

Tamoyos são os primeiros habitantes do Rio. — *Pagés* são os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brazil — os mesmos a que nos « Primeiros Cantos » dei o nome de piagas.

Aos sons do murmuré.

Murémuré escreve o padre Vasconcellos nas suas « Noticias Curiosas » : collige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se servião.

Em Guanabara esplendida

Guanabara — a enseada do Rio de Janeiro. — Escreve-se indifferentemente Genabara ou Ganabara. Lery diz na sua obra « *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* » — *en ceste rivière de Ganabara*. Southey (*History of Brasil*) acrescenta em uma nota, que Nicolau Barré datava desta maneira as suas cartas : *Ad flumen Genabara in Brasilia, etc.*

O guáu cadente e vário.

Guáu — dança. « São mui dados a saltar e dansar de diferentes modos, a que chamão *guáu* em geral. » VASCONCELLOS. Noticias curiosas L. 1. — n. 143.

E das ygaras concavas.

Ygaras — são canoas, feitas de ordinario de um só toro de madeira.

Os cantos da janubia.

Janubia. — Lery escreve diversamente : *des cornets, qu'ils nomment inubia, de la grosseur et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'en bas larges d'environ un demi-pied comme un hautbois*. — *Obra cit.*, pag. 202.

LEITO DE FOLHAS VERDES.

A arasoya na cinta me apertarão.

Arasoya era o fraldão de pennas, moda entre elles. Laet chama *assoyave* a uns mantos inteiros : não sei de que mantos quier o author fallar. Hans Staden (collecção de Ternaux, pag. 108) dá o mesmo nome a uma especie de cocar preso ao pescoço, e passando além da cabeça, comquanto a este ornato Lery dê o nome de *Yenpenanby*. Quanto á arasoya, eis o que se lê na obra já citada deste author (pag. 103) : *Pour la fin de leurs esquipages, recouvrans de leurs voisins de grandes plumes d'austruches, de couleurs grises, accommodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'esparpille en rond en façon d'un petit pavillon ou d'une rose, ils en font un grand pennache, qu'ils appellent araroye : le quel estant lié sur leurs reins avec une corde de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez, etc.*

Y-JUCA-PYRAMA.

O título desta poesia, traduzido litteralmente da lingua tupi, vale tanto como se em portuguez dissessemos « o que ha de ser morto, e que é digno de ser morto. »

No meio das tabas.

Taba — aldeia de indios, composta de differentes habitações, a que chamavão *ocas*. Quando estas habitações se achavão isoladas, ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas familias, tomavão o nome de *Tejupab* ou *Tejupabus*.

São todos Tymbiras.

Tymbiras — tapuyas, que habitão o interior da provincia do Maranhão.

As armas quebrando.

Por este acto declaravão firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solemnidade quando, em uma informação ao monarcha portuguez, se occupa da alliança feita entre os missionarios por parte dos portuguezes e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.

Assola-se o tecto.

A descripção das ceremonias, com que elles usavão matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exacta, ainda que não adoptamos dos authores senão aquillo em que todos ou a maior parte concordão. Veja-se Hans Staden, cap. 28 — dos usos e costumes dos Tupinambás. — Noticia do Brazil, cap. 171 e 172. Noticias Curiosas L. 1. n. 138 e Lery cap. XV.

Entesa-se a corda da embira.

Chamava-se mussurana a corda com que se atava o prisioneiro. — « *Et une longe corde nommée massarana, avec laquelle ils les attachent (les captifs) quand ils doivent être assomés.* » (H. Staden, pag. 300.) Musarana escreve Ferdinand Denis, accrescentando que era feita da algodão. É possível que em algumas tribus fosse feita desta materia, mas convem notar que na maior parte dellas era uso fabricarem-se cordas de embira.

Adorna-se a maça com pennas gentis.

A maça do sacrificio não era o mesmo que a ordinaria, e tinha mais a differença dos ornatos que selhe juntavão. e do esmero com que era trabalhada. Lavravão e pintavão todo o punho — embagadura, como o chamavão — com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e della deixavão pendente uma borla de pennas delicadas e de côres differentes, sendo a folha ornada de mosaicos. — « Pintão (diz H. Staden, pag. 301) a maça do sacrificio, a que chamão *iverapeme*, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro : passão-lhe por cima

uma materia viscosa, e tomando depois as cascas dos ovos de um passaro chamado *Mackukawa* de côr parda escura) reduzem-n'as a pó, e com elle salpicão toda a maça. Preparada a iverapeme, e adornada de pennas, suspendem-n'a em uma cabana inhabitada, e cantão em redor della toda a noite. — Ferdinand Denis, accrescentando-lhe o artigo francez, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de páo-ferro e com mosaicos de differentes côres. Vasconcellos dá-lhe o nome de Tangapema, que é o termo do dictionario braziliانو.

Brilhante enduápe no corpo lhe cingem.

Enduápe — fraldão de pennas de que se servião os guerreiros: damos a denominação de *arasoya* a aquelles de que usavão as mulheres: « *Ils font avec des plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde qu'ils attachent au bas du dos. quand ils vont à quelque grande fête: ils ne nomment enduap.* » *H.-Staden*, Pag. 270. Vasconcellos trata do *enduápe* sem he dar nome algum especial: « Pela cintura apertão uma larga zona: desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo tragico; e de tão grande roda como é a de um ordinario chapéo de sol. » *Noticias Curiosas* L. 1 n. 129.

Sombreira-lhe a fronte gentil kanitar.

Kanitra — é o nome do pennacho ou cocar, de que usavão os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavão para alguma solemnidade, d'importancia igual a esta. — « *Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un bouquet de plumes rouges qu'ils nomment kanitare.* » (*H. Staden*). — Usão de unhas corôas a que chamão *acanyatar* (*Laet*). — Os primeiros portuguezes escreverão *acanyatar*, que litteralmente quer dizer « enfeite ou ornato da cabeça. »

MARABÁ.

Encontramos na « Chronica da Companhia » um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéa desta breve composição.

« Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamão « maraba » que quer dizer de mistura (aborrecivel entre esta gente). » VASCONCELLOS, Ch. da Comp., L. 3 n. 27.

Formoso como um beija-flôr.

Os indigenas chamavão ao beija-flôr « Coracy-aba » — « raios, » ou mais litteralmente « cabellos do sol. »

A MÃE D'AGUA.

A mãe d'agua é uma náiaide moderna, um espirito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brazil que é uma mulher formosa com longos cabellos de oiro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicavel fascinação, e voz tão harmonosa que ninguem, que a escute, resiste a tentação de se atirar ás aguas para que mais de perto a ouça e contemple. O mesmo que as serêas, tem sobre ellas a vantagem de serem creaturas de fórmãs perfectas, e dellas se distinguem em fascinarem tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz, e de attrahirem principalmente os meninos.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

Estes cantos forão extrahidos de alguns dos Historiadores portuguezes. O da Princeza Sancta — da Historia de S. Domingos por Fr. Luiz de Sousa ; o de D. João — dos Elogios latinos do Padre Antonio de Vasconcellos ; o de Gonçalo Hermiguez — da Chronica de Cister ; o de Gulnare e Mustaphá é todo phantasiado, ainda que tenha por base um facto historico ; — os escravos mouros trazidos d'Africa por Affonso V de mimo á Princeza D. Joanna, que mandou passar carta da alforria a quantos se quizerão baptizar.

Quanto aos vocabulos que emprégo, achão-se todos no Dictionario de Moraes, bem que as mais das vezes no sentido antiquado. É assim que uso de « porém, porende » em vez de « por isso ; » de « perol » em vez de « porêm. » « de ora, embora » em vez de « agora, em boa hora, » etc.

LÔA DA PRINCEZA SANCTA.

E ante os leões de Castella
Dobrada a Luza cerviz !

Figuro terem sido compostós estes cantos na primeira metade do seculo XVII : por isso alludo frequentemente ao dominio dos Felippes em Portugal.

Escusado é dizer que deveria ter sido Frei Antão dos mais teimosos macrobios que nunca existirão, para ser ainda em vida por aquelle tempo. Não se sabe de quando foi da sua morte ; mas delle diz Frei Luiz de Sousa, que em 1490 já era muito velho, e tinha administrado grandes cargos na ordem de S. Domingos, a que pertenceu.

GULNARE E MUSTAPHA.

Diz a Princeza D. Joanna :

Qu'eu tenha escravos e mouros,
Rainha de Portugal.

A Chronica de Cister tambem diz, fallando da Princeza D. Thereza, filha de Sancho-I :

« Vivendo a santa *raynha*, foy Deos servido levar para si a el-Rey seu pay, a quem succedeo no reyno dom Afonso o segundo do nome. »

« Raynha (diz Fr. Luiz de Sousa) lhe chamão as histórias antigas, que era o titulo com que então se tratavão as filhas dos reys. » — H. de S. D. — L. I. c. II.

SOLÁO DE GONÇALO HERMIGUEZ.

Então aquelle seo canto
Principiou a compôr.

É este o soláo de Gonçalo Hermiguez ; julguem os entendedoresda critica de Fr. Antão.

LENDAS DE S. GONÇALO.

Bom sancto foy Sam Gonçalo
 Pezar que foi portuguez !

Não escrevo satyras : quer isto dizer que foi tão grande sancto S. Gonçalo, que, apesar da sua nacionalidade, mesmo os seus, comquanto desprezem tudo que lhes pertence, o apregão e celebrão. É frase de todas as suas chronicas, ou antes imitação d'aquelle muito celebrado conceito de um dos seus classicos :

— « por natureza
 E constellação do clima,
 Esta gente portugueza
 O nada estrangeiro estima,
 O muito dos seus despreza. »

Bons portuguezes antigos.

Portuguez -- moeda antiga de Portugal, do valôr, creio eu, de quinhentos réis.

FIM DO 2º E ULTIMO TOMO.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO SEGUNDO TOMO

VISÕES.

A visão	5
O Vate	19
A morte prematura da II ^{ma} S ^{ra} D.....	21
A Mendiga.....	24
A Escrava.....	29
Ao Dr. J. D. Lisboa Serra.....	32
O Desterro de um pobre velho.....	35
O Orgulhoso.....	38
O Cometa	39
O Ouro.....	41
A um Menino.....	42
O Pirata	45
A Villa Maldicta.....	50
Quadras da minha vida, Recordação e desejo.....	57
Phantasmas	66
O Bardo.....	70

POEMETO.

Analia.....	75
-------------	----

POESIAS AMERICANAS.

Canção do exilio.....	87
O canto do guerreiro.....	88
O canto do piagá.....	92
O canto do indio.....	95
Cachias.....	97
Deprecação.....	98
Tabira, dedicatória aos Pernambucanos.....	100
Tabira.....	102
O gigante de Pedra.....	109
Leito de folhas verdes.....	115
Y-juca-pirama.....	116
Marabá.....	133
Canção do Tamoyo.....	135
A mangueira.....	139
A mãe d'agua.....	140

OS TYMBIRAS

POEMA AMERICANO.

Introdução.....	151
Canto 1º.....	154
Canto 2º.....	167
Canto 3º.....	182
Canto 4º.....	202

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

Lôa da Princeza Sancta.....	219
Gulnare e Mustaphá.....	236
Soláo do Senhor Rey Dom João.....	269
Soláo de Gonçalo Hermiguez.....	282
Lenda de Sam Gonçalo.....	302

NOTAS

A's poesias americanas.....	323
A's sextilhas de frei Antão.....	334



BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

Collecção in-12 a 1#000 o volume brochado

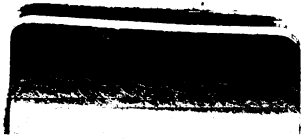
NORBERTO DE SOUZA E SILVA (J.) — O Martyrio de Tiradentes	1 v.
L. F. DA VEIGA. — Diccionario dos nomes proprios	1 v.
ALFREDO DE MUSSET. — O Segredo de Javotte	1 v.
— Contos	1 v.
— Pedro e Camilla	1 v.
PIRES DE ALMEIDA. — Martyres da vida intima	1 v.
JORGE VELHO. — Folhas silvestres	1 v.
ALBERIC SECON. — A Viscondessa Alice	1 v.
DEMOPHILO. — Catechismo Constitucional	1 v.
J. DE ALENCAR. — Til	4 v.
BERNARDO GUIMARAES. — O Indio Affonso	1 v.
BADARO. — Fantina	1 v.
DUMAS FILHO (A.) — As mulheres que matam e as mulheres que votam	1 v.
O. FEUILLET. — Julia	1 v.
— Historia de uma parisiense	1 v.
J. SANDEAU. — João de Thommeray	1 v.
FAUSTO. — Um casamento de tirar o chapéo	1 v.
— A Caça de um Baronato	1 v.
— Scenas da vida republicana	1 v.
— Um provinciano ladino	1 v.
— Dous dias de felicidade no campo	1 v.
KOCK JUNIOR. — Um marido por um pé de meia	1 v.
— O Pandego	1 v.
— O bom do Sr Leitão	1 v.
— Contos jocosos	1 v.
AUGUSTOS EMILIO ZALUAR. — Contos da Roça	2 v.
A. BELOT. — A mulher de fogo	2 v.
— e J. DAUTIN. — O Matricida	2 v.
— Dacolard e Lubin	2 v.
E. ABOUT. — O Nariz de um tabellião	1 v.
A. DUMAS FILHO — O Homem-mulher	1 v.
— Sophia Printemps	2 v.
P. DE KOCK. — Fricquette	2 v.
— Memorias	2 v.
— A Casa Pardaillon & C ^o	2 v.
A. ASSOLANT. — Confissão de um badense	1 v.
— O Dr Judassohn	1 v.
E. GABORIAU. — A vida infernal	6 v.
— A corda na garganta	6 v.
MAX-VALREY. — Martha	3 v.
P. PEVAL. — O Sobrevivente	4 v.
E. FEYDEAU. — A arte de agradar	1 v.
X. DE MONTEPIN. — O marido de Margarida	2 v.
— A Condessa de Nancy	2 v.
— O amante de Alice	2 v.
— O Bigamo	4 v.
ARSENE HOUSSAYE. — Lucia	2 v.
FERVACQUES & BACHAUMONT. — Rolande	2 v.
PHELOGELUS. — Arte de ganhar dinheiro	1 v.

- E SQUIROS (A.).** — **Historia dos Martyres da Liberdade**, vertida da lingua franceza por A. Gallo, e augmentada com episodio tirados da Historia do Brazil e da de Portugal. 2 v. in-4° enc. 10#000
br. 8#000
- FIGUIER (L.)** — **Christovão Colombo**, ou o descobrimento da America
1 v. in-4° br. 1#000
- **Depois da morte ou a vida futura**, segundo a sciencia, versão d.
Dr Ferreira de Araujo. 1 v. in-8° enc. 4#000, br. 13#000
- **As Grandes Invenções** artigas e modernas, nas sciencias, industria e artes.
A Imprensa, a Gravura, a Lithographia, a Polvora, a Bussolla, o Papel, os Relo-
gios, a Porcellana e Louçaria, o Vidro, os Oculos de ver ao longe, o Telescopio, o
Microscopio, o Barometro, o Thermometro, o Vapor, a Electricidade, as Applica-
ções da electricidade estatica, Applicações da electricidade dynamica, os diversos
systemas de illuminaçõe, os Aerostatos, Poços Artesianos, Pontes, Pensão, o
Tear, o Jacquard, a Photographia, o Estereoscopio, o Drenagem. 1 v. in-4°
ornado de 233 gravuras (ch.) 12#500
- FIX (Th.).** **Historia da Guerra do Paraguay**, traduzida por J. Fernandes
dos Reis, e annotada por ***. 1 v. enc. 5#000, br. 4#000
- GAY (Conego João Pedro).** — **Historia da Republica jesuitica do Para-
guay**, desde o descobrimento do Rio da Prata até nos dias, publicadas por
deliberação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. 1 grosso v. in-4°
enc. 10#000, br. 8#000
- LEAL (Dr Antonio Henriques).** — **Pantheon Maranhense**, ensaios biographi-
cos dos maranhenses illustres já fallecidos, 4 v. in-4°, enc. 18#000, br.. 12#000
- LISBOA (João Francisco).** — **Obras** precedidas de uma noticia biographica, pelo
Dr Antonio Henriques Leal. 4 grossos v. in-4°, enc. 26#000
br. 20#000
- **Vida do padre Antonio Vieira.** 1 v. enc. 2#500
- LISBOA (Miguel Maria), Barão de Japurá.** — **Relação de uma Viagem á
Venezuela, Nova Granada e Equador.** Nitida edição com mappas, plantas e gravu-
ras. 1 v. in-4°, enc. 7#500, br. 6#000
- MELLO E MATTOS (L. J. C. D.).** — **Paginas da Historia Constitucio-
nal do Brazil, 1840-1848.** 1 v. in-4° 7#000
- MELLO MORAES (A. J. de).** — **O Brazil Social e Politico**, ou o que
fomos e o que somos, com trechos analogos extrahidos do sermonario do famoso
politico Padre Antonio Vieira. 1 v. in-4°, br. 14#000

- **Historia do Brazil-Reino e do Brazil-Imperio**, comprehendendo : a historia circumstanciada dos ministerios, pela ordem chronologica dos gabinetes-ministeriaes, seus programmas, revoluções politicas que se deram e côres com que appareceram desde o dia 10 de Março de 1808 até 1871 ; a da conquista de Cayenna, da independencia do Brazil et das constituições politicas desde 1739 até 1834, acompanhada da lista nominal e por successão dos senadores desde a creação do Senado até o presente, e da dos Deputados, 2 v. in-folio, enc.. 17#000
br..... 15#000
O tomo II vende se separadamente, br..... 5#000
- **A Independencia e o Imperio de Brazil**, ou a Independencia comprada por dous milhões de libras esterlinas e o Imperio do Brazil com dous Imperadores no seu reconhecimento e seessão ; seguido da historia da Constituição politica, do patriarcado e da corrupção governamental ; provado com documentos authenticos. 1 v. in-4º, br..... 5#000
enc..... 6#000
- MEMORIAS do Marquez de Santa Cruz**, arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, metropolitano e primaz do Brazil. 1 v. in-4º, enc.. 4#000
br..... 3#000
- MOREIRA DE AZEVEDO (Dr.)**. — **O Rio de Janeiro**, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades, 2 v. in-4º, br. 12#000, enc.. 15#000
- **Curiosidades, Noticias e Variedades Historicas Brasileiras**. 1 v. in-8º 3#000
br..... 2#000
- **Historia Patria**. — O Brazil de 1831 a 1840. 1 grosso vol. in-4º, com sete retratos, bem encadernado..... 10#000
- NORBERTO DE S. S. (J.)**. — **Brazileiras celebres**. 1 v. in-8º, enc.. 2#000
rica enc. dourada..... 3#000
- **Historia da Conjuração Mineira**. Estudos sobre as primeiras tentativas para a Independencia Nacional, baseados em numerosos documentos impressos ou originaes, existentes em varias repartições. 1 v. in-4º, enc. 7#000, br. 6#000
- PEREIRA DA SILVA (Conselheiro J. M.)**. — **Historia da fundação do Imperio Brasileiro**. 2ª edição revista, correcta e augmentada. 3 vs in-4º..... 20#000
- **Segundo periodo do reinado de D. Pedro I do Brazil**. Narrativa historica. 1 v. in-4º, br. 5#000, enc..... 6#000
- **Discursos Parlamentares**, proferidos nas sessões de 1867-1869. 1 v. in-4º enc. 4#000, br..... 3#000

B.-L. GARNIER, Livreiro-Editor, rua do Ouvidor, 71

- **Discursos proferidos nas sessões do parlamento brasileiro de 1870 e 1871.**
1 v. in-4°, br..... 3#000
- **L'Empire du Brésil, situation sociale, politique et économique, 1 v. in-8°,**
enc. 3#000, br..... 2#000
- **Manoel de Moraes. Chronica do seculo XIV, 1 v. in-8°, enc..... 3#000**
- **Obras Litterarias e Politicas. Recordações de viagens e esboços historicos**
2 v. in-4°..... 10#000



UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - UNIV LIBS



3023400137

0 5917 3023400137